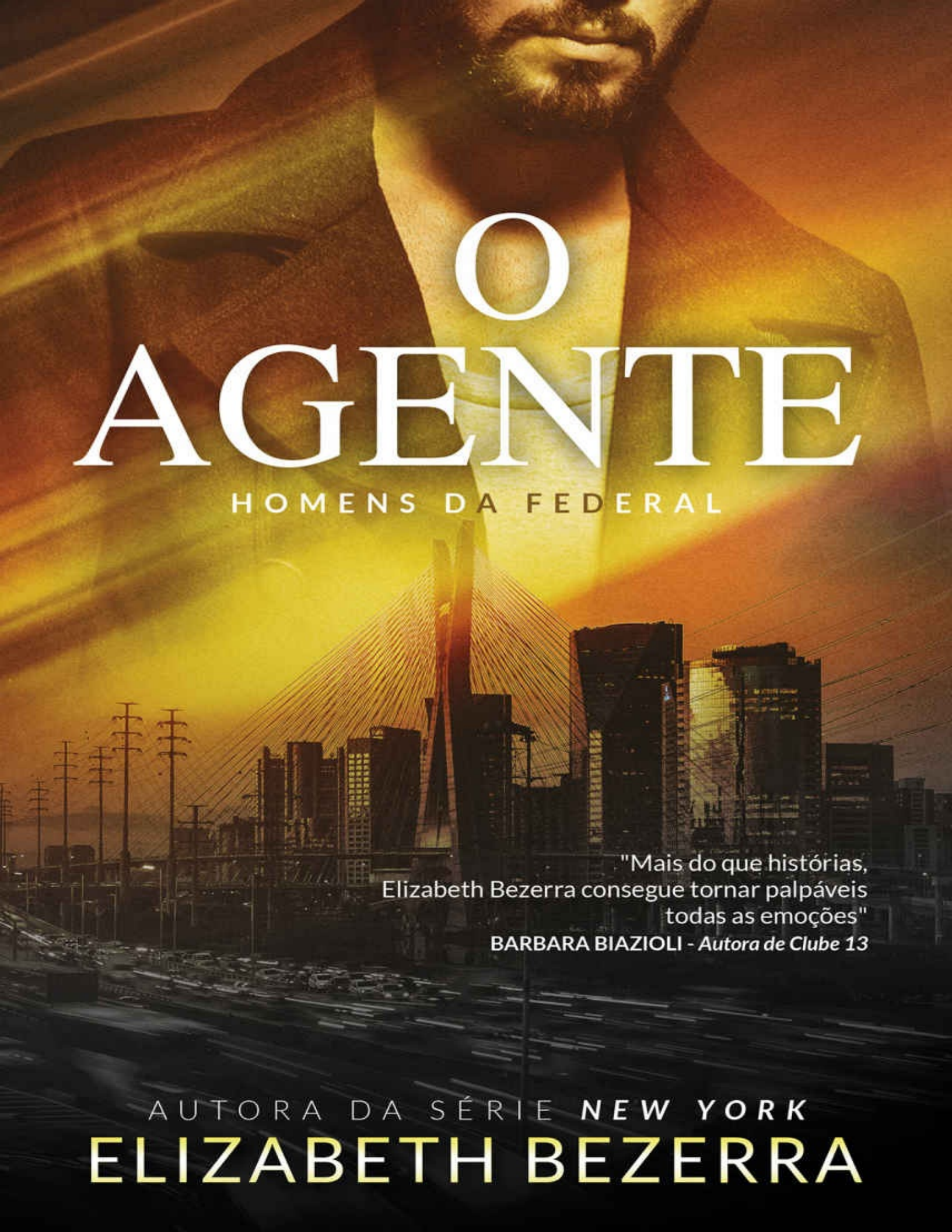




O AGENTE

HOMENS DA FEDERAL

"Mais do que histórias,
Elizabeth Bezerra consegue tornar palpáveis
todas as emoções"

BARBARA BIAZIOLI - *Autora de Clube 13*

AUTORA DA SÉRIE *NEW YORK*
ELIZABETH BEZERRA



O Agente

Homens da Federal

O Agente

Homens da Federal

Elizabeth Bezerra

Copyright © 2018 Elizabeth Bezerra

Capa:

Revisão: Lucilene Vieira e Ludmila Fukunaga

Os direitos autorais dessa história pertencem à autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução total ou parcial de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito da autora.

Nota

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora, mas acontecimentos reais e pesquisados foram usados como inspiração para a composição da história. A autora usou de licença poética para elucidar algumas situações e assim dar mais dinamismo ao livro.

Índice

[Nota](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Prólogo



Rio de Janeiro

Leonardo Valença

Eu ia mesmo fazer aquilo? Subir o morro do Juarez, no Rio de Janeiro, com as UPP's, mas não para auxiliar na recuperação de um território ocupado por traficantes e milicianos, mas para resgatar uma jovem sequestrada pelo traficante que comandava a favela?

Sim. Eu iria. Porque não havia nada que eu desprezasse mais do que o forte tentando subjugar o mais fraco, a corrupção, a desonestidade e a crueldade contra inocentes. Aquela garota tinha quase a idade da minha prima, Íris. E foi pensando nela que decidi fazer parte desse plano maluco, talvez até suicida.

Mas eu não consegui ficar indiferente à história da brasileira, Fabiana Mendes, que há um ano fugira do Morro do Juarez, rumo aos Estados Unidos, determinada a escapar dos constantes assédios do “dono do morro”, o traficante conhecido como Caveira. Só que o destino da moça não fora um conto de fadas, como ela havia sonhado. Ela acabou indo parar em uma rede criminosa que traficava mulheres e fazia exploração sexual.

Foi nos EUA que Fabiana conheceu Peter Stone, um ex-agente do FBI, que ao resgatar um dos seus melhores amigos, sequestrado pelo próprio irmão, também salvou a jovem do mesmo cativo.

Responsável pela segurança dela, Peter acabou desenvolvendo um relacionamento afetivo com ela. E era em nome desse amor que o inglês, com pinta de durão, arriscava tudo, até mesmo a própria vida, para ter de volta à

amada, que havia caído novamente nas garras do traficante.

E era a partir daí que meu envolvimento com eles começava. Ao atender ao pedido de Agatha, a esposa inglesa do meu tio, a quem eu considerava como um pai, para ajudar esse bando de malucos que, ao meu ver, não fazia a menor ideia de onde estava se metendo. Ou talvez Peter e seus amigos soubessem e fossem apenas malucos, mesmo.

— Vocês estão com um pouco de sorte — elevei a minha voz para que o grupo de quatro amigos, que discutia, tivesse a atenção em mim.

— Sorte? — Indagou Peter.

A sorte é que eu nunca tive medo de bicho papão, porque o cara conseguia ser assustador sem fazer muito esforço.

— Precisam de alguém que fale inglês e português. Precisam de alguém que os coloque na favela. Alguém da polícia que forneça informações.

Não havia possibilidade alguma de o grupo bem-intencionado — e principalmente Peter, com todo aquele tamanho —, passasse despercebido entre os moradores da favela. A palavra “gringo” gritava como em uma placa em neon na testa deles. Agradecia as boas intenções, mas eles não faziam ideia do que enfrentávamos aqui todos os dias.

— Então, estão com muita sorte — finalizei.

Porque eu era esse cara. A única chance que tinham, e com toda sinceridade, não estava sendo prepotente.

— Será muito bem recompensado por isso, Sr. Valença — disse Peter.

Eu não estava ali pela porra do dinheiro, embora Agatha tivesse avisado que rolaria uma boa recompensa. Era a merda do meu país, e se alguém tinha que limpar as sujeiras que um governo criava, éramos nós, a população.

— Não faço isso pelo dinheiro — iniciei, com dureza — O crime organizado é mais do que as pessoas acham. Há políticos envolvidos nisso até o último fio de cabelo. A moça é brasileira, e como todos nós, está sofrendo por algo que não deveria. Eu estou cansado de ver minha gente sofrer. E a cada bandido desse que coloco atrás das grades, me faz me sentir um ser humano melhor.

— Obrigado — disse Peter.

Tendo isso esclarecido, expliquei rapidamente o que eram as Unidades Pacificadoras e como iríamos nos beneficiar da invasão ao Juarez, assim como o papel de cada um dentro do plano elaborado.

— Leonardo?

Estava prestes a seguir Liam, Neil e Richard para fora do apartamento, quando Peter interrompeu meus passos ao segurar o meu ombro.

— Entendo os motivos de não querer aceitar meu dinheiro — disse ele, e

pela primeira vez desde que conhecia a muralha em forma de homem, pude notar sua fragilidade — Mas o que já fez e irá fazer por mim hoje... pelos meus amigos e principalmente por Fabiana, é algo que jamais esquecerei. Ela significa tudo para mim... E aqueles caras lá fora são mais que amigos, eles são minha família.

Eu conseguia entender a parte sobre os amigos. Eu tinha um melhor amigo dentro e fora da polícia. Tinha certeza que Henrique levaria um tiro por mim, e eu faria o mesmo por ele. Agora, em relação à mulher? Eu arriscaria tudo em nome do amor a uma pessoa?

— O que você precisar de mim — disse ele — a qualquer momento, e em qualquer situação, saiba que estarei lá por você.

Ele estendeu a mão para selarmos o acordo.

— Vou me lembrar disso — disse a ele.

Será que um dia precisaria da ajuda de Peter Stone, como hoje ele precisava de mim?

Essa era uma pergunta que somente o destino poderia responder.

Capítulo 1



Leonardo Valença

São Paulo

Assim que entrei na repartição, dezenas de cabeças se viraram para mim. Mulheres e homens, sendo héteros, homos, ou o que a pessoa decidisse ser. Não importava: eu me tornei o foco de curiosidade. É como se eu estivesse em exposição em uma vitrine de uma loja de doces e estivesse sendo degustado, lenta e descaradamente. Mas, como dizia minha querida e sarcástica avó, eu era um “tipão” que chamava a atenção por onde passava.

Foi assim no meu primeiro dia como agente, na Polícia Federal. Causei certo *frisson* nas pessoas interessadas e que não se esforçavam em esconder isso. Ah, também foi por esse motivo que deixei minha barba e cabelo crescerem, na esperança ridícula de que uma aparência mais relaxada, e nada convencional, pudesse desviar a atenção do meu rosto bonito, evitando assim, ser chacota dos agentes mais experientes e insuportáveis com quem eu tinha que conviver.

Por um tempo até que deu certo. As mulheres focadas do departamento — e graças a Deus essas eram a maioria — e profissionais o suficiente para perceber que eu era muito mais que um rostinho e um corpo malhado, levavam na esportiva e não faziam alarde sobre mim. Mas como em qualquer lugar que havia homens e mulheres trabalhando juntos, sempre tinha alguém interessado em uma boa sacanagem.

Mas, com o tempo e um comportamento puramente profissional, até as

mais descoladas aprenderam a lidar comigo, principalmente depois que deixei de ser novidade no setor. Não me lançavam mais tantos olhares cheios de segundas intenções, embora, vez ou outra, eu ainda conseguisse ouvir um suspiro ou outro às minhas costas. Meu profissionalismo, foco no trabalho e, às vezes, cara de mal-humorado que sempre fazia quando surgiam concursos como “o cara mais gato da repartição”, também me ajudaram a manter distanciamento e me salvar de situações embaraçosas e constrangedoras. No geral, eu levava uma vida calma e discreta.

Bem, até alguns dias atrás.

Tudo começou quando meu chefe jogou na minha mesa o mandado do juiz Ricardo Moraes, decretando a prisão mais esperada do país, do deputado José Gomes, envolvido no escândalo de lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, uso de documentos falsos e tráfico transacional de drogas, e uma lista extensa de acusações que estava sendo apurada pela Polícia Federal.

Muitas pessoas queriam sua cabeça, e eu fui o designado para levá-la em uma bandeja de ouro. Claro que, como um bom cidadão, tive o prazer em fazer isso. A grande parte da população acha que só existem corruptos na polícia. Eu não tenho muitos argumentos para desmistificar isso. Há alguns caras fazendo um belo trabalho para sujar a farda policial. Mas pode acreditar, ainda existem mais profissionais decentes do que os criminosos que se vendem. Se não fosse assim, esse país estaria ainda mais enfiado na lama.

Eu nunca tive o sonho de ser policial. Meu pai foi da Polícia Civil por 18 anos. Eu cresci vendo como essa vida era difícil para ele. E meu pai também não queria que eu seguisse essa carreira árdua, mesmo que sempre tenha o admirado e sentido grande orgulho dele.

Por isso fui cursar Engenharia. Eu me formei e consegui dar esse grande orgulho aos meus pais. Fora a última alegria do meu pai, antes de ele falecer. Entrei na polícia um ano depois, para honrar a sua memória.

Orgulhava-me do que fazia. E nunca poderia ter imaginado que aquelas malditas fotos tiradas de mim, levando um político corrupto à cadeia, fariam da minha vida um verdadeiro inferno, de uma hora para outra.

Apesar de ter odiado as consequências disso, não podia ficar me martirizando com isso. Nem fazia meu estilo, afirmei a mim mesmo, quando passei pela onda de risinhos, suspiros e tossidas irônicas ao seguir para a minha sala.

Sobre a mesa, ao lado do computador, estava o maldito jornal que alguém, de propósito, deixara ali.

"O Barbudo da Federal continua a conquistar milhares de corações pelo

país."

Viro a folha contra a mesa. Aquela manchete até que fora razoável, se eu fosse comparar às dezenas de matérias e especulações surgindo sobre mim na imprensa, todos os dias. Eles eram como viciados, procurando mais uma dose. Um pouco mais de sujeira debaixo da lona do circo. O palhaço pulando no palco era eu.

Bufei, indignado.

Eu já não tinha muito respeito pelos meios de comunicação, e passei a odiar a imprensa ainda mais depois que conheci certa jornalista. Assim como na polícia, na mídia existiam pessoas boas e ruins. E tive o infeliz desprazer de cruzar com alguém bem nocivo, como a jornalista Érica Gusmão.

Jornalistas como ela provavam que o importante era o furo na notícia, não importavam os meios usados para conseguir, e muito menos se a intromissão pudesse afetar meses de investigação e trabalho duro.

Ratos de esgoto!

— Hipster da Federal, me prende que sou perigosa — ouvi a voz melosa e provocativa de Henrique, ao entrar na sala que dividíamos.

Ele balançava o celular e exibia um sorriso debochado no rosto. Henrique Rodrigues é um dos amigos mais chegados que tenho dentro e principalmente fora da polícia, mas como todo mundo no departamento, não perdia a oportunidade de encher meu saco. Eu não podia culpá-lo, jamais deixaria a oportunidade escapar se o mesmo tivesse acontecido com ele.

— Barbudo da Federal, eu lavo a jato, lavo seu carro e lavo você todinho... — ele alargou o sorriso — Com a minha língua.

Tive vontade de fazê-lo engolir o celular onde ele lia a matéria, mas isso desperdiçaria meu tempo. Seria mais eficiente pegar a arma em meu coldre e mirar no filho da puta.

— Até você, Henrique? — afundei um pouco mais na cadeira e fiz uma massagem com os dedos em minha têmpora, que já dava sinais de que uma bomba atômica logo explodiria em minha cabeça.

— Veio pelos fundos de novo? — perguntou Henrique, ocupando a cadeira atrás de sua mesa.

Pelo olhar compenetrado, me pareceu que, por um momento, ele sentiu pena de mim, mas foi só ilusão mesmo. O sorriso que seguiu provava que ele era o mesmo idiota de todos os dias.

— Cara, a quantidade de mulheres que o procura só aumenta. E hoje, a prima do agente Costa mandou te entregar um bolo.

Que, obviamente, eles já deveriam ter comido antes de eu chegar. Os

desgraçados podiam zoar com minha cara, mas muitos deles se aproveitavam dos benefícios que vinham com isso.

— Seu Facebook está uma loucura, e já está conseguindo mais seguidoras no Instagram do que o Neymar.

Isso deveria ser ótimo, mas na verdade me dava vontade de desaparecer. Abrir um buraco no chão e me esconder para o resto da vida, como Bin Laden havia feito por um longo tempo.

— Vou mudar a conta para privado — disse a ele.

Levanto e afasto a cortina para olhar o movimento lá fora.

— Inferno! — vociferei, ao observar um agente falar com um trio de garotas empolgadas — Mas que porra!

Eu já vira isso antes. Na sua maioria eram juvenzinhas demais para que dêssemos alguma importância ou cogitasse olhar uma única vez. Algum agente passava um sermão nelas e facilmente as dispensava. O problema mesmo eram as "adultas" com quem eu me esbarrava, ou conseguiam furar a segurança.

Havia algumas muito bonitas, e as teria em minha cama com facilidade, mas eu achava a maioria delas, no mínimo, um pouco maluca. Essas mulheres queriam apenas os holofotes da fama momentânea que eu trazia. O real interesse em mim era serem vistas ao lado do cara mais comentado do momento.

Não que eu tivesse inicialmente sido santo o tempo todo. Aproveitei algumas oportunidades que surgiram. E eu via como uma troca justa. Mas a brincadeira deixou de ser divertida. Eu precisava de paz para manter a cabeça focada no trabalho, e havia muitas coisas a serem feitas ainda. E a maldita repercussão em torno de mim me mantinha afastado de algumas operações que considerava importantes.

— Eu estou parecendo um daqueles caras da banda que sua sobrinha gostava...

— One Direction? — disse ele, entortando os lábios com desgosto.

A sobrinha de Henrique e suas amigas adolescentes foram fascinadas por esses rapazes, por anos. Uma vez até nos obrigaram a levá-las para um show de uma banda cover. Ele queria que a sobrinha gostasse de bandas como Guns N'Roses ou Iron Maiden, mas a geração de hoje, segundo ele, não sabia curtir uma boa música.

— Agora ela curte alguns coreanos. Uns tais de Du-pop.

— É K-pop, imbecil — corriji, sentindo prazer em tirar onda dele pela primeira vez no dia.

— Tá sabendo muito dos coreanos. Sempre soube que gosta de segurar nos palitinhos. Que seja. Esqueça a minha sobrinha. Cara, você não sabe a sorte que tem — disse Henrique, empolgado. Sério, se eu tivesse um babador, ofereceria a

ele — As mulheres já caíam aos seus pés, agora elas despencam. Você deveria parar de reclamar e aproveitar tudo isso.

Uma parte de mim sabia que ele estava certo. Toda essa confusão um dia iria acabar e eu voltaria a ser apenas Leonardo Valença, um simples agente da Polícia Federal. Meus dias distribuindo senhas e selecionando a mulher que quisesse, sem muito esforço, chegaria ao fim. Mas as coisas não eram tão simples como Henrique acreditava.

Eu sabia e podia usar muito meu pau, mas como qualquer ser humano, eu tinha sentimentos. Não que me considerasse um cara romântico, à procura do amor, nada disso. Eu gosto de sexo e de caçar. Eu gosto do lance da conquista, os olhares que dizem tudo, a dança sensual que antecipa uma noite de foda suada. Eu curto todo o processo. Sexo com qualidade, mesmo que seja casual, e uma boa companhia, acima de tudo. E não um bando de desvairadas me seguindo o tempo todo, achando que sou o príncipe dos tempos modernos.

— Henrique, essa merda está muito foda — eu parecia um garotinho que acabou de sair do teste de recuperação na escola e que, em vez de ter passado o dia anterior estudando, havia desperdiçado o tempo no Xbox — Tem mais de uma semana que não sei o que é sexo, e falando sério, não vou arriscar com uma dessas doidas. Já sonhei com uma delas com o meu pau nos dentes, não de um jeito sexy. A maldita parecia um zumbi do The Walking Dead.

Como era de se esperar, Henrique caiu na risada. Outra grande frase da filosófica dona Maria, minha avó: "pimenta no cu alheio é frescor".

— Olha. É sexta-feira — fechei a cortina e voltei para a minha mesa — Eu só queria ir ao Casarão e me distrair um pouco dessa loucura que se tornou a minha vida.

O Casarão era uma casa noturna que, às vezes, frequentamos quando estamos de folga. O lugar era luxuoso e bem caro. E só temos entrada VIP, porque já fizemos alguns bicos de segurança e ajudamos o dono algumas vezes. Nada ilegal, mas isso nos garantia entrada fixa.

No entanto, só íamos de vez em quando. Para um homem solteiro, o salário que tinha na PF era muito bom, mas o Casarão era uma extravagância que não poderia arcar periodicamente. Os frequentadores de lá eram realmente alto nível.

— Estou de plantão esse fim de semana — Henrique me deu um olhar desanimado — Mas você pode passar lá, já que está "de férias".

A maioria dos meus casos e trabalhos haviam sido passados para ele ou para outro agente. Outro grande problema que essa exposição na mídia me trouxe. Era quase impossível entrar em qualquer lugar sem que me reconhecessem e pedissem para tirar fotos.

— Eu? O cara que está fugindo da metade do país, ir para uma casa noturna

cheia de gente? Passou no Narcótico e usou tudo o que havia lá? Está cheirando pedra, em vez de fumando?

Claro que o uso correto da droga não era esse. Ninguém ficava doidão cheirando pedra, você tinha que diluir e fumar. Mas era uma forma — talvez um pouco escrota — de dizermos ao outro que agia como um idiota.

— No seu lugar, seria exatamente isso que eu faria — ele resmungou — Mas, cara, você precisa mesmo se distrair e tirar essa tensão. E você já conhece metade das mulheres que frequentam o Casarão. Não é novidade para elas, não agirão como as malucas gritando por você na entrada.

Eu duvidava. As garotas do Casarão me conheciam, mas eu vinha com um bônus agora – fama. Eu queria o desafio. Queria me sentir empolgado, mas estava receoso de que lá não pudesse encontrar o que precisava.

— Vou acabar é sendo expulso de lá.

O jeito era acabar a noite com um balde de pipoca, e o mais próximo de sexo que chegaria seria vendo filmes em um site pornô.

— Sabe o que eu acho? Sua força está nessa barba e nesse cabelo — disse ele, com toda certeza do que falava — Sabe, que nem Sansão e Dalila?

Eu acho que entendi onde ele queria chegar, só não estava gostando.

— Tire essa barba, corte o cabelo e pronto, todo o poder desaparece. As pessoas te reconhecem porque é algo como uma marca.

Fazia sentido de novo, e novamente não era algo que me agradava. Gostava da minha barba, me acostumei a ela, e cortar o cabelo, nem em sonhos. Eu os tenho compridos desde meus 14 anos, quando acalentei o desejo de ser guitarrista de uma banda de rock.

— Você acha mesmo? — perguntei, coçando meu queixo barbudo — Sobre a barba?

O cabelo poderia manter preso, como sempre fazia.

Henrique deu de ombros e empurrou para mim um dos jornais em cima da pilha em minha mesa.

"O barbudo da Federal: quem é o homem que está mexendo com a cabeça das mulheres do país?"

Gemi ruidosamente antes de jogá-lo no lixo.

Tinha de admitir, a barba era minha marca.

— Pensarei sobre isso — disse a ele — Agora chega de falar sobre mim. Como anda o caso?

Henrique abandonou todo ar descontraído e debochado. Quando falávamos de trabalho, nos transformávamos em outras pessoas.

— Um novo nome foi adicionado à lista — ele destrancou a gaveta em sua mesa, de onde tirou uma pasta — Esse é um pequeno dossiê sobre o senador Luís Morais Alencar e a família dele. E pelo que estamos apurando, ele é a chave que abre muitas portas.

— Alencar é o dono da A.L. Cosmética, não é?

Henrique assentiu com a cabeça.

A A.L. Cosmética estava sendo investigada por simulações de importações e exportações, com o único propósito de receber e mandar dinheiro para fora, baixo comércio de produtos ou serviços reais, além de facilitar a entrada de drogas sintéticas no país. Quem poderia imaginar que, em alguns lotes das caixas de cosméticos de uma das empresas nacionais mais importantes, outras coisas eram transportadas?

— Luís Alencar está sujo até o pescoço — disse Henrique, enojado — Quando penso que estive o tempo todo em nossas vistas...

Eu entendo a frustração de Henrique, por termos deixado o senador passar ileso por tanto tempo. Mas investigar era como descascar uma cebola apodrecendo. Quanto mais camadas ruins você tira, mais podridão continua a surgir.

No início, a investigação contava apenas com três policiais: meu superior, Aldo Dias, Henrique e eu. E prosseguiu de forma discreta, durante vários meses. Depois de analisar milhares de operações bancárias, nós três vislumbramos um esquema de proporções gigantescas, com suspeitas crescentes sobre a implicação de altos executivos de empresas e nomes políticos de peso, citados sempre que os depoimentos dos arrependidos eram negociados.

Eram bilhões, desviados e lavados. O dinheiro provinha principalmente do tráfico de drogas, do contrabando de diamantes e do desvio de recursos públicos. De três policiais, passamos para mais quatro delegados e doze agentes.

— Ele está no radar agora. Você vai conseguir pegá-lo, Henrique.

Pensar na A.L. e no senador talvez fosse a distração que eu precisava. O problema é que havia recebido ordens para ficar alguns dias longe da ação.

Uma batida na porta nos interrompeu, e Miguel Ferreira, um agente que nem eu e Henrique gostávamos muito, surgiu à porta.

— Rodrigues? — Miguel olhou sarcasticamente para mim antes de se dirigir a Henrique — O delegado quer falar com nós dois.

Henrique voltou a trancar a pasta antes de levantar.

— Ouvi dizer que você vai virar modelo de cueca, Valença — gracejou Miguel — Isso aqui nunca foi mesmo lugar para você.

Senti uma imensa vontade de dar um belo soco na cara dele. As pessoas tendiam a achar que uma boa aparência abria todas as portas. Em alguns casos

era verdade, mas em outros casos, como o meu, só vinha para atrapalhar. E eu dei duro para provar que era mais que um rosto bonito e um corpo bem trabalhado.

— Algumas pessoas sabem e têm competência para ganhar dinheiro de forma honesta, não é, Miguel? Melhor despir a roupa do que o caráter.

Eu não possuía provas contra ele, mas sabia que fazia favores e ganhava propina aqui e outra ali. Miguel era uma das frutas podres que manchava o uniforme.

— O que você está querendo insinuar? — ele se enfureceu, caminhando até mim.

— Não faço insinuações — fiquei de pé — Estou dizendo...

Henrique se colocou no caminho entre nós dois e pôs a mão no peito de Miguel.

— Chega disso — ele empurrou o agente — O chefe quer falar com a gente. Vamos ver o que ele quer.

Antes de atravessar a porta, Henrique retornou dois passos e fez sinal para que eu me acalmasse. Normalmente, tentava ser um cara controlado e até mesmo frio para lidar com as provocações de Miguel, mas terem me "afastado" das investigações principais para o meu "próprio bem", e da operação, além de todo esse circo ao meu redor, vinha tirando minha paciência. Principalmente porque Miguel fora colocado temporariamente em meu lugar.

— Eu vou falar com o delegado sobre você retornar — informou Henrique — Enquanto isso, ignore esse idiota. Vá relaxar essa noite. É sério, Leo. Você precisa de uma folga, e eu vou precisar de você em breve.

Eu precisava manter a cabeça fria. Sair aos socos com o Ferreira não iria provar ao meu chefe que poderia voltar à ação.

— Farei o possível, Henrique — grunhi, retornando à minha cadeira.

— Não. Você fará o necessário — assegurou ele — Sempre faz.

O necessário agora era me livrar da pilha de trabalho burocrático acumulado em minha mesa.

Ir ao Casarão essa noite talvez não fosse uma má ideia.

Capítulo 2

Gisele Alencar

Fazia apenas uma semana que eu voltei ao Brasil e tudo à minha volta estava uma verdadeira loucura.

Para começar, eu nem queria estar aqui. Ignorei o quanto pude os pedidos insistentes de minha mãe para que voltasse para casa, após a conclusão do meu curso fora do país. Mas seus novos argumentos e novas súplicas foram convincentes demais para que eu conseguisse ignorar.

Além disso, não existia mais nada na Europa que pudesse me manter por lá. Até meu relacionamento, de pouco mais de um ano, fora por ladeira a baixo. No entanto, retornar ao meu verdadeiro lar não significava felicidade para mim. Estaria amargamente arrependida se meus pais realmente não precisassem de minha presença.

Minha mãe possuía sérias suspeitas de que meu pai a traía com uma jovem com idade próxima à minha. E os negócios de meu pai, como sua carreira política, pareciam estar enfrentando problemas. Meu pai garantira que a crise no casamento era uma fase que seria superada e que as desconfianças de mamãe eram descabidas. Sobre os negócios, dizia que eu não precisava preocupar minha cabeça, mesmo eu tendo cursado administração ao invés de Letras, como queria, para atender ao pedido dele. Sobre política, isso sim, eu não fazia questão de ter nenhum contato.

Através do meu pai, que é senador, conheci pessoas bastante desagradáveis. Pessoas que pensavam apenas em seu benefício próprio e que não sentiam remorso de estar prejudicando a quem deveriam estar ajudando.

Eu nunca quis que meu pai entrasse para a política. Mas sentia orgulho que ele quisesse gastar energia e tempo para ajudar o país e às pessoas que realmente necessitavam. A parte ruim era o que vinha com isso. Tínhamos um padrão de vida alto, devido às empresas da família, mas com a política e o cargo de senador do meu pai, e talvez uma possível candidatura a governador, vinham o glamour e o prestígio.

Ter de lidar com o meu rosto e meu nome nas revistas de fofocas, além dos círculos sociais, não era para mim. E foi o que me levou a ir estudar fora. Lá eu conseguia ser apenas a Gisele.

Eu sempre fui bastante tímida. Preferia livros e os meus gatos, às pessoas. E odiava os eventos sociais que eu era forçada a participar. Era um sacrifício parecer sofisticada e ter que sorrir forçadamente para as câmeras.

— Vai, Gisele! — Luana, a minha grande e a única amiga de verdade, que deixei no Brasil para estudar fora, se encontrava ajoelhada na cama, fazendo uma prece com as mãos — Você acabou de voltar. E precisa de um momento de folga e diversão, para fugir disso tudo. Vem comigo, por favor.

Ela fez aquela cara de cachorro abandonado e faminto, olhando a vitrine de padaria. Era muito difícil conseguir ignorar as loucuras de Luana, quando ela apelava para o lado sentimental e chantagista.

— Luana, minha mãe está tentando lidar com tantas coisas. E nem consegui conversar com meu pai direito, desde que cheguei. Ele está sempre rodeado dos advogados dele — tento fazer com que ela me entenda — E essa casa é um entra e sai de gente esquisita, que nem sei se voltei para o lugar certo. E ninguém me conta nada do que está acontecendo. Procuro nos jornais, mas só vejo especulações, mesmo assim, não tenho gostado do que leio. Sinto que as coisas estão se complicando.

Luana bufou e olhou de cara amarrada para mim.

— É como você disse, tudo isso não passa de especulação, Gisele. Acha mesmo que o tio Luís seria desonesto? O seu pai? — ambas chamávamos o pai da outra de tio.

Balancei a cabeça, em negativa. Eu nem poderia pensar em algo como isso, meu pai sendo corrupto.

— Ele já era rico quando virou deputado e depois senador — continuou Luana — Vocês nunca precisaram de dinheiro, minha amiga.

Talvez de dinheiro, não, mas papai sempre foi um homem ambicioso. Que pensava grandemente. Meu avô, quando vivo, sempre dizia que isso poderia ser tanto uma qualidade quanto uma maldição. A fome de poder poderia cegar as pessoas.

— E seu pai está cuidando de tudo com os advogados dele. Não há nada que você possa fazer, pelo menos, não agora — disse ela — É realmente pelos seus pais, ou Brian tem algo a ver com isso? Não é por causa dele que não quer sair um pouco de casa, para se divertir?

Quer convencer alguém a fazer o que não quer? Ou pelo menos eu? Coloque o dedo na ferida. Luana me conhece muito bem, para saber que esse seria o gatilho necessário para conseguir me abalar e sacudir um pouco. Brian era um assunto que eu queria encerrar em minha vida. Mas, sim, ele deixara meu coração abalado ao me trocar por uma modelo russa.

— Não é pelo Brian. Eu só... — respirei fundo, não querendo me lembrar da forma humilhante que ele me tratou — Não sei. Acho que não estou no clima.

— Mas você está finalmente de volta. Eu sou sua melhor amiga e estou com saudade — insistiu Luana, voltando a afinar a voz e fazer biquinho — Só

por uma ou duas horinhas, e se você não estiver se divertindo, eu juro que a gente volta.

Eu não tinha muitos amigos em São Paulo, não tão sinceros e fiéis como a Luana. E ainda havia essa nuvem negra em cima da minha família, que poderia fazer os poucos conhecidos quererem se afastar. Talvez eu não tivesse outra oportunidade no futuro, de ter apenas uma noite divertida com alguém que eu gostava.

— Tudo bem — dei-me por vencida ao me jogar na cama ao lado dela — E para qual lugar nós vamos?

Podendo soar egoísta, não dava tanta importância à situação dramática no casamento dos meus pais. Eu também achava que minha mãe andava vendo coisas onde não havia. Papai nunca se mostrou um homem mulherengo. Sobre a empresa e a política, pelo menos essa noite não havia nada que eu pudesse fazer. Não até pressionar meu pai e insistir para que ele parasse de dar tapinhas na minha bochecha e insistir que tudo estava sendo resolvido.

— No Casarão. Sempre quisemos entrar, lembra? — ela bateu palmas — Agora já temos idade suficiente. Além de entrada VIP.

O pai da Luana é contador, e o dono do Casarão é um dos clientes dele. Ela assegurou que, por causa disso, nosso acesso à casa noturna seria tranquilo e que não passaríamos pela confusão e multidão de pessoas na porta. Entraríamos por um acesso particular. O que me deixou bem mais aliviada. Alguns jornalistas vinham querendo uma exclusiva comigo, sobre as especulações que envolviam meu pai.

— Certo, então me ajude a escolher uma roupa — disse a ela, e logo estávamos conversando, animadas, sobre o lugar.

O Casarão era uma antiga mansão reformada, localizada no Itaim Bibi, em São Paulo, além de ser um dos locais mais disputados da alta sociedade paulistana.

Na época do colégio, vários amigos e conhecidos nossos falsificavam identidade para entrar. Luana e eu nunca tivemos essa coragem.

Quando chegamos lá, reservei alguns minutos para admirar o local. No andar superior havia quatro camarotes, com espaço para até 15 pessoas. No andar inferior concentrava a maior pista de dança, e circulando as paredes, alguns sofás de couro branco e mesas curvadas de vidro em frente a eles. No bar, diversas taças despontando do teto e uma estante gigante com uma incontável variedade de garrafas e bebidas. Já vi casas noturnas parecidas na Europa, e acredito que o estilo e inspiração na decoração tenham vindo de lá.

Quase uma dúzia de barman fazia mágica para os clientes. No centro do grande salão, luzes multicoloridas giravam, iluminando as pessoas que se

agitavam na pista de dança ao som de Lady Gaga.

— Vamos pegar uma bebida e tirar essa sua cara de emburrada. Você está espantando os caras mais gatos — gritou Luana, em sua invejável empolgação — Hoje nós não sairemos sozinhas daqui, meu bem.

Eu havia concordado com beber e dançar. Mas poupei o meu tempo em dizer que não estava interessada e nem pretendia sair acompanhada de algum cara gostoso, mas desconhecido. Passei da fase adolescente em que sair de uma festa sem ter ao menos beijado um garoto era sinal de fracasso. E devo dizer que, devido à minha timidez no passado, esse foi um sentimento que amarguei muitas vezes.

No entanto, entendia e agradecia a preocupação de Luana. Ela não era promíscua como aparentava, ao dizer que devíamos sair à caça de homens. Luana se preocupava comigo e com a fase difícil que venho enfrentando. Ela só queria que eu relaxasse e curtisse um pouco.

Tudo bem que eu não desejava mais complicação em minha vida nesse momento, mas não significava que eu tivesse que bancar a amiga mal-humorada, impedindo uma de nós duas de se divertir. Um pouco de música e bebida não fariam mal nenhum a mim, e eu também amo dançar, mesmo que não faça muito isso.

— Ah, Gisele. Se solta e apenas aproveita — pediu Luana — Paquerar não tem nada de mais.

Eu sabia que ela estava certa. Sempre achei a parte da sedução mais atraente do que a conquista em si, então, não seria o fim do mundo se decidisse, no decorrer da noite, apenas admirar e flertar com alguns homens bonitos, que certamente ela iria me apresentar.

— Vamos beber — sugeri a ela, e fomos para o bar.

Pedi uma batida de morango, para começar a noite. Luana foi mais corajosa e pediu logo dois *shots* de tequila. Nós bebemos, dançamos e até encontramos alguns de nossos antigos amigos. Mas a minha sorte, como tudo em minha vida, parecia estar começando a mudar.

— Oh, não, que merda! — resmunguei, baixando a cabeça, na esperança de conseguir ocultar o meu rosto das luzes piscando.

Estaquei no meio da pista, e se meus reflexos não tivessem sido mais rápidos, teria derrubado minha bebida em cima do vestido prateado de Luana.

— Olha quem está em nossa mesa — disse ela, apontando com o copo.

Em tantas boates existentes em São Paulo, a única pessoa que não queria ver em todo o planeta, escolheu justamente o mesmo lugar onde eu estava.

— Você se lembra da Érica Gusmão? — perguntou ela, indicando a loira voluptuosa em um vestido vermelho, que conversava com o pretendente de

Luana essa noite.

Como poderia esquecer a garota mais popular do colégio e que teve o prazer de fazer da minha vida escolar um inferno?

— Sabe aqueles filmes da sessão da tarde, em que a garota mais popular e malvada da escola acaba ficando feia? — questionou Luana — E a mocinha que usava aparelho nos dentes e era desengonçada retorna muito gata?

— Não sei se vi esse filme — murmurei, antes de beber metade do drinque em meu copo.

— Pois é. Você está gata, amiga, mas essa daí nunca será feia — disse Luana, com um tom de desagrado em sua voz — Bem, pelo menos não por fora. Ela agora trabalha em um jornal, sabia? E por isso se sente mais importante do que realmente é.

Eu quis desaparecer. Na verdade, sair correndo, e teria feito exatamente isso, se a saída não estivesse duas mesas após a nossa. O que me obrigaria a passar pela Érica de qualquer jeito.

— Haja com naturalidade ou a ignore — sugeriu Luana, quando voltamos a nos aproximar do nosso pequeno grupo — Talvez ela não te reconheça ou nem lembre mais de você.

Lancei a ela um olhar descrente. De todas as pessoas no Casarão, Érica seria a única que me reconheceria a quilômetros. Primeiro, que ela não se esqueceria da patinha que ela gostava de atormentar, e segundo, que deveria estar por dentro do que acontecia com meu pai. Sendo jornalista agora, tinha um prato cheio para continuar a transformar minha vida, assim como a minha noite, em um desastre.

— Olha, que surpresa! — Bingo! Érica uniu as mãos e nos brindou com um sorriso amigável, que destoava dos seus frios e bonitos olhos verdes — Luana Correia e Gisele Alencar. Quanto tempo eu não as vejo...

— Na verdade, nos encontramos na festa da... — iniciou Luana, mas a atenção de Érica se mantinha toda em mim.

— Sente-se! — Érica indicou um espaço vazio para que eu me acomodasse — Estávamos tendo um momento de nostalgia e decidimos fazer um pequeno jogo que fazíamos na escola. O que você acha, Gisele?

Érica agia exatamente como eu me lembrava dela. Como uma rainha esperando que seus súditos se curvassem às suas vontades. Era a nossa mesa, em sua maioria nossos amigos, e ela não deveria agir como se tudo girasse ao seu redor.

— Jogo? — indaguei, arqueando a sobancelha.

Ela poderia continuar linda e autoconfiante como sempre, mas eu já não era a Gisele que tremia com qualquer olhar maldoso.

— Sim, querida, como fazíamos no tempo do colégio — ela sorriu ainda mais — Você deve se lembrar.

Claro que eu não lembrava, e ela sabia disso. Tanto Luana quanto eu fazíamos parte das excluídas da escola. Eu nunca fiz parte dos populares e nunca fiz questão, na verdade. Meu único contato com algum deles era minha paixãoite pelo namorado de Érica, e claro, a própria, que adorava me perseguir, humilhar e me fazer parecer ridícula em relação a isso.

— Não é incrível? Eu realmente ia para o colégio para estudar — sorri educadamente e circulei a mesa, sentando no único lugar vazio para acomodar minhas pernas trêmulas, mas, por azar, era de frente para Érica — Diferente de algumas garotas que abriam as pernas o tempo todo para todos os garotos que cruzavam o seu caminho, mesmo já tendo um namorado.

Luana engasgou com a bebida, na falha tentativa de segurar uma risada. As outras pessoas que ouviram o que eu disse tentaram agir como se nada tivessem escutado. Érica estreitou o olhar, olhando furiosa para mim, mas rapidamente se recompôs.

— Chama-se verdade ou desafio — esclareceu ela — Como você acabou de chegar, Gisele, terá o privilégio de começar.

Eu queria dizer que aquilo era idiotice. Erámos adultos, e não um bando de adolescentes escondidos na biblioteca da escola. Também poderia mandar Érica ir à merda. Mas eu sentia que havia, ali, mais do que uma brincadeira entre velhos amigos se reencontrando.

— E eu sugiro que escolha a verdade, querida — ela se inclinou para tocar minha mão em cima da mesa, frias como a pele de uma cobra — Nós sabemos que nunca foi muito corajosa para desafios.

Não me deixei cair na armadilha que ela queria me jogar, lembrando um fato amargo de meu passado provocado por ela, ao me humilhar diante de toda a escola.

Entendi muito bem onde Érica queria chegar ou o que esperava conseguir: arrancar de mim os podres da minha família e ter uma bela matéria para estampar no jornal de quinta, no qual deveria trabalhar.

Pois eu aceitaria o desafio, mesmo que fosse algo como dançar apenas de pompom na Avenida Paulista, do que abrir meus lábios e dizer qualquer coisa a uma jornalista sensacionalista como ela. Aliás, sendo a mulher inteligente que eu acredito ser, o que tinha a fazer era me levantar e deixar que todos aproveitassem o jogo estúpido.

Mas até as mulheres inteligentes e sensatas, como eu, carregavam dentro de si um demônio vingativo. Eu queria muito, pelo menos uma vez em minha vida, fazer a Érica perder a pose.

Quem nunca desejou dar o troco e se vingar daquela vaca malvada da escola, nunca sofreu bullying como eu sofri.

— Você está muito por fora sobre a Gisele — a voz ébria de Luana veio em minha defesa — Ela estudou fora, meu amor. É uma mulher viajada e confiante, agora. Ficaré com o desafio.

O olhar sarcástico e duvidoso que Érica deu a Luana logo foi direcionado a mim.

— É mesmo, Gisele? Pensei que conseguiria arrancar uma ou duas confissões picantes de você. Então, quer mesmo o desafio?

"Eu quero que você vá para o inferno", pensei, antes de pegar o copo de Luana e virar o restante da bebida, que desceu queimando por minha garganta. O monstrinho da competição e o desejo de dar o troco falando cada vez mais alto dentro de mim.

— Sim, aceito o desafio.

Empinei o queixo, mas, por dentro, meu coração parecia pulsar tão alto como a música que o DJ executava. Luana sorriu para me encorajar e as outras pessoas a mesa me olharam, ansiosas.

— Certo — Érica passou os dedos nos cabelos alisados e olhou em volta — Estamos em uma casa noturna, então o desafio tem que ser algo empolgante. Desafio você a ficar com alguém.

Soltei o ar que havia prendido e relaxei. Isso não seria tão difícil assim. Homens não faltavam. Eu não fazia o tipo mulherão de parar o trânsito como ela, mas eu era e me sentia bonita. E nessa noite havia caprichado na maquiagem e completado o visual com um vestido curto e sexy, que Luana sugerira que eu usasse. Não possuía muito peito, mas as minhas pernas eram bonitas e elegantes. Bem, era o que o meu ex-noivo sempre dizia.

Encontrar alguém para dar uns amassos parecia uma tarefa relativamente fácil.

— Aceito! — abri um sorriso vitorioso.

Érica tinha uma ideia errada sobre mim. Morar fora e sozinha fez grande proveito à minha personalidade e confiança. Como não havia ninguém para julgar meus erros e acertos, passei a me permitir arriscar.

— Mas não qualquer homem — Érica tornou a colocar os olhos frios sobre mim, mas havia algo mais incutido neles.

Ela tramava algo, e na minha sede de provar que era corajosa e descolada, posso ter acabado cavando minha própria cova.

— Tem que ser alguém da minha escolha — o sorriso que ela deu fez meu coração voltar a acelerar — Isso é óbvio.

— Quando o milagre é demais, até o santo desconfia — murmurou Luana

ao se espremer ao meu lado.

Claro que Érica indicaria a mim o cara mais feio ou desengonçado que haveria no local. Mas não havia problema. Seria um desafio para mim e uma noite de sorte para o escolhido. E embora não tenha vindo essa noite pensando em curtir a balada dando uns amassos em alguém, daria o melhor de mim para que o felizardo tivesse uma noite satisfatória e que não me fizesse sentir muito mal por estar, de certa forma, usando-o.

— Pode escolher quem você quiser — segui os olhos dela, que olhavam em volta do salão — Desde que não tenha um par de chifres ou uma aliança no dedo.

Eu não iria ser a causadora de dor a outra mulher, para vencer o jogo contra Érica. Sei como é amarga a decepção de ser traída e trocada por outra.

Então comecei a analisar as opções mais absurdas que ela pudesse escolher. Vi em um canto da parede, na extremidade do bar, um jovem aparentemente solitário. Ele tinha um estilo desengonçado, com excesso de gel nos cabelos. Arrumava constantemente os óculos que insistiam em deslizar, enquanto mexia nas teclas do celular. Ele parecia mais perdido esta noite do que eu, durante todo meu período escolar.

— Aquele ali — apontou Érica, na mesma direção que eu encarava — Aquele é o seu alvo.

Olhei para o rapaz e sorri. Eu me senti quase como uma pessoa prestes a dar uma grande contribuição à caridade. O que ao mesmo tempo me fez me sentir mal. Não era porque o rapaz parecia totalmente deslocado, que deveria ser desprezado ou merecesse ser um brinquedo nas mãos de duas mulheres em guerra. Essa não era eu. E talvez ele até fosse um cara legal.

— Tudo bem, o juvenzinho de óculos e cara de nerd — murmurei, incerta.

— O quê? Aquela coisinha ali? — questionou Luana.

Ele era o cara mais estranho e deslocado que eu conseguia encontrar. Voltei a olhar na direção que Érica indicou. Só havia mais uma pessoa desacompanhada no bar. Como estávamos indo para mais da metade da noite, os casais já começavam a se formar ou as pessoas se reuniam em grupos.

— Não. Eu quero aquele ali — disse ela, dando-me um sorriso de orelha a orelha, e indicou um homem, aparentemente sozinho, no bar — De camisa branca e calça escura.

Meu olhar caiu sobre o homem de quem ela falava. Havia, no mínimo, umas quatro mulheres próximas a ele, tentando chamar a sua atenção, com uma dança mais sexy do que Rihanna e Shakira juntas.

— Com olhar de menino malvado — disse Érica em uma voz mansa, ao se curvar em minha direção — Ele tem um ar de quem sabe o que fazer entre

quatro paredes, não acha isso?

Fixei meu olhar nele e observei com mais atenção.

Homens de cabelos longos, mesmo que presos em um coque de samurai como ele usava, nunca foram meu fraco, mas nele parecia algo quase que obrigatório. Lembrava um viking das capas dos livros românticos, que via na banca do seu Zé, quando comprava revistas ao voltar da escola, quando adolescente.

— Por que ele? — a encarei, atônita.

Brian, meu ex-noivo, era um inglês charmoso e elegante. Algumas das minhas primas declaradamente sentiram inveja quando enviei vídeos e fotos a elas. Mas o homem que Érica queria que eu me aproximasse, ia muito além. Ele era pura sensualidade masculina. O homem mais bonito e atraente que coloquei os olhos essa noite. E existia algo nele que eu não sabia exatamente como definir. Força e magnetismo emanavam dele. E *sexy appel* deveria ser o seu nome. Definitivamente, ele não era alguém por quem a gente passasse duas vezes sem notar. Acho que nenhuma mulher seria imune.

Era *O Homem*!

— Ora, você acabou de chegar à cidade — disse Érica, com a voz inocente que eu sabia fazer parte de seu teatrinho — Considere como meu presente de boas-vindas.

Presente de boas-vindas? O que ela estava sedenta era por outra oportunidade de me humilhar. E, claro, havia mais uma vez me deixado levar pelas emoções e caído em seu jogo como uma patinha.

— Como você é um amor. Nesse caso, acho que não posso decepcioná-la — retribuí o sorriso falsamente gentil. Eu não iria me acovardar, não mesmo — Mas o que eu ganho se cumprir o desafio?

Afinal de contas, estava prestes a passar a maior vergonha da minha vida ao também ser dispensada por ele, como acontecia com as lindas mulheres que o cercavam.

— Prometo te deixar em paz por... — ela murmurou com um amplo sorriso — sei lá. Um mês?

Uma noite sendo deixada em paz por ela já era grande coisa, um mês, então...

Olho novamente para o meu alvo. Bíceps bem marcados pela camisa branca e um peitoral que indicavam que era alguém acostumado a cuidar do físico. Era musculoso, mas não tão exagerado como alguns dos bombados viciados em academia, que era a grande parte dos rapazes se exibindo na pista. Ele também era alto, concluí, quando uma garota, com quem eu havia cruzado no banheiro, parou ao lado dele. Mesmo estando um pouco inclinado sobre o balcão, notei

que passava uns bons centímetros de altura dela. E eu era quase uns dez centímetros mais alta que a garota.

Antes de retornar a minha atenção para Érica, compreendi a intenção dela. Com certeza achava que eu ainda fosse a garotinha ingênua e boba dos tempos de escola. Ela duvidava que um cara atraente como aquele pudesse olhar uma única vez para alguém como eu.

— Eu aceito — levantei, e antes de seguir em direção ao meu alvo, Luana saltou em minha direção.

Ela segurou o meu pulso e olhou na direção do homem.

— Gisele, deixa para lá. Ninguém está ligando para esse jogo adolescente mesmo.

Encarei minha amiga e fiquei desapontada pela sua falta de confiança em mim. Tudo bem que eu não fosse a mulher mais deslumbrante da balada, e que pelo menos duas das garotas desesperadas para chamar a atenção dele tivessem o corpo muito mais voluptuoso que o meu, mas eu também não era a versão ogro da Fiona.

Além disso, se quatro ou cinco mulheres bonitas não conseguiam chamar a atenção dele, certamente ele era gay. Sendo assim, poderíamos fazer um acordo divertido, eles geralmente tinham um ótimo senso de humor. Eu o livraria das mocreias ensandecidas e ele me ajudaria a ganhar aquele desafio. Ou o cara poderia ser um garoto de programa esperando uma cliente, havia muitos por ali. Nesse caso, poderíamos fazer um ótimo negócio. As opções eram inúmeras, mas eu não sairia daqui me sentindo arrasada e vencida.

— Não se preocupe comigo, Luana — tentei acalmá-la para que soltasse a minha mão — Vai ser divertido. Não posso sair daqui sem uma companhia esta noite, lembra?

Olhei novamente para o cara que agora estava meio de lado, ouvindo a ruiva que exigia atenção dele. Ele balançou a cabeça muito suavemente e voltou a atenção para a garrafa, como se fosse a coisa mais interessante na noite. Disse algo para a ruiva, que se afastou em seguida com um olhar desapontado.

Ah, ele *era* gay. Só podia. A ruiva tinha jeito de que não ligaria a mínima se precisasse pagar pelos serviços do cara. Sendo honesta, acho que eu até pagaria, dependendo de qual momento estivesse da minha vida.

— Mas, Gi, eu acho que ele é... — ela tentou voltar a segurar minha mão, mas consegui me desvencilhar antes.

Eu não era uma boa fisionomista, mas Luana parecia reconhecê-lo e ficar nervosa, então deveria ser alguém da nossa época de escola. Se bem que ele parecia bem mais velho. Com certeza não era um dos que já tivemos uma queda. Deveria fazer parte dos garotos maus. Desses aí, eu sempre mantive distância.

Ele possuía mesmo um ar perigoso.

— Vai ficar tudo bem — sorri, um pouco mais aliviada, afinal, se o cara era alguém que já conhecíamos, eliminava a possibilidade de lidar com algum maluco ou psicopata.

— Gisele...

Os protestos dela foram abafados pela música alta, quando me afastei. Não sei se foram os vários drinques que tomei, ou meu rancor pela Érica, que me davam confiança para caminhar na direção do estranho no bar, mas em pouco menos de um minuto, me vi ao lado dele.

— Uma batida de morango, por favor — disse ao barman, antes de me escorar no balcão.

Meu desafio parecia ocupado, respondendo a alguma mensagem no celular. A forma como digitava, e as rugas formando linhas de expressão em sua testa, eram um alerta de que não estava sendo uma noite agradável para ele também. Sondei-o discretamente. De perto era ainda muito mais intrigante e atraente do que eu havia notado. E ele me fazia lembrar um pouco o ator Charlie Hunnam, de um seriado que gosto muito.

Girei minha bebida sobre o balcão e me dei conta de como era estúpida. Estava claro que um homem intrigante e atraente como ele não se interessaria por mim. E lá vinha meu passado conturbado com Érica tentando baixar a minha confiança.

— Você venceu mais uma vez, Érica — murmurei, antes de entornar o meu drink — Mais uma, por favor.

Não sei dizer se foi o meu ar derrotado ao pedir a bebida ou o barulho que fiz ao bater o copo sobre o balcão, a chamar a atenção dele, mas no instante seguinte, tinha seu olhar sobre mim. Senti um calafrio varrer todo meu corpo.

— Noite difícil? — ele se inclinou para que o ouvisse, e descobri que a voz era tão sexy quanto o seu dono.

Olhei-o abertamente agora. Cabelos castanhos, olhos que possuíam uma mistura que as luzes da casa não me permitiam identificar muito bem. Possuía um rosto de queixo quadrado e uma boca bem desenhada, que exibia um sorriso sexy.

Baixei um pouquinho o olhar, para admirar os músculos bem definidos.

Deus!

Definitivamente, nada menos que uma afronta ao restante da espécie masculina.

Putá merda!

Eu estava perdida.

Capítulo 3



Leonardo Valença

Respondi ao meme que Henrique enviou sobre mim pelo WhatsApp, com um grande *foda-se!*

Nada dera muito certo essa noite. Tirar a barba realmente contribuiu para uma entrada mais discreta no Casarão, contudo, não foi o suficiente para me manter incógnito por muito tempo. A primeira pessoa desagradável com quem cruzei foi Érica, que tentou puxar assunto e insinuar uma conversa em um local mais íntimo.

É claro que eu dei um belo sorriso e uma dispensa que a deixou lívida. Mulheres como ela não aceitavam ser descartadas facilmente. Homens como eu não viam problema algum em se livrar de víboras traiçoeiras e mentirosas como ela, mesmo sendo muito gostosa.

Depois disso, e após a primeira mulher me reconhecer, fez todas as outras virem como um enxame de abelhas. Por incrível que pareça, levei quase metade da noite para tentar chegar ao bar. E já pensava em desistir da minha noitada fracassada, quando recebi a mensagem de Henrique. Depois de responder à sua provocação, percebi que uma garota, um tanto irritada, parou ao meu lado.

Guardei o telefone no bolso da calça e a olhei com curiosidade. Ela parecia inquieta, mexendo sua bebida para lá e para cá no balcão. Assim como as outras mulheres que se aproximaram, era bonita. Não no estilo gostosona. Estava mais para curvilínea. Usava um vestido preto e bem curto, quase beirando a indecência, mas por não ser tão voluptuosa, ficava mais para sensual do que vulgar.

E ela possuía belas pernas, não pude deixar de notar, ao passar o olhar rapidamente por ela.

— Uma noite ruim? — puxei assunto.

Diferente das outras mulheres, não me deu um olhar sedutor carregado de malícias e várias intenções implícitas. Ela parecia mesmo aborrecida ou entediada de estar aqui.

— Uma noite complicada, para ser honesta — disse ela — Na verdade, nem sei o que vim fazer aqui. Eu sabia que não seria uma boa ideia.

Eu podia compreender, me perguntava a mesma coisa. Havia a música, a bebida, pessoas dançando e se agarrando em cada canto possível. Eu deveria estar aproveitando a noite em um dos lugares mais badalados e agitados da cidade, na companhia de uma dessas dezenas de garotas praticamente pulando em meu colo, mas eu só conseguia me sentir entediado e aborrecido.

— Você não costuma vir aqui.

O barman apontou para minha garrafa de cerveja vazia, mas dispensei a oferta de que me servisse outra.

— Eu nunca a vi.

— É a primeira vez — ela sorriu, e, por algum motivo, o sorriso nada afetado e bastante sincero me cativou — Estive fora. Estudando. Cheguei essa semana e praticamente fui arrastada até aqui por uma amiga.

Agora fazia sentido. O fato de não se esforçar muito para chamar minha atenção. Ela não tinha a mínima ideia de quem eu era.

Ela parou de falar quando confundiu meu silêncio e olhar atento ao que dizia, com a possibilidade de que eu achasse que estivesse monopolizando a conversa. E quando desviou o olhar para tomar mais um gole de sua bebida, aproveitei para olhá-la um pouco mais. Como não olhei para nenhuma mulher essa noite.

Apreciei desde o rosto delicado aos cabelos escuros, presos em um rabo de cavalo, que batia nas costas quando se movia. O corpo, como já havia averiguado antes, era *mignon* no vestidinho sexy. Geralmente eu não olhava as de estilo “menininha”, mas essa possuía uma mistura de inocência e sensualidade.

Fiquei deliciado quando percebi suas bochechas corarem com meu olhar mais intenso. Isso causou algo em mim. Não partia para cima das tímidas. Geralmente eram mais românticas. E romantismo não era algo que procurava. Mas essa garota... Essa garota me fazia sentir algo bem próximo da euforia que eu vim buscar aqui hoje.

— Eu sou Leonardo — virei um pouco mais de lado, ficando de frente a ela, podendo assim observá-la melhor.

Deslizei minha mão pelo balcão até alcançar os seus dedos, entrelaçando-os nos meus.

— Gisele — ela respondeu, aceitando meu toque em sua mão, pequena e suave, que desapareceu na minha, muito maior. Sinto um calor me percorrer com o toque. Vejo que sua mão está um pouco gelada, apesar de o local estar quente como o inferno.

Os pelos do braço dela arrepiam um pouco, e me perguntei se sou eu a causar esse efeito. Frio e calor. Apenas sei o que ela me causa.

Soltamos a mão ao mesmo tempo. Imaginação minha, ou tivemos uma dessas reações que nem a física consegue explicar?

Foi como pura eletricidade correndo através dos nossos corpos. Vendo como ela reagiu e a forma que desviou os olhos para o copo, fixando ali o olhar, tenho a certeza de que não foi fruto apenas da minha imaginação.

Algo havia rolado.

Fui pego de surpresa com esse pensamento. Eu realmente não esperava por isso. E enquanto ela degustava de sua bebida, tentei avaliar que merda fora tudo isso.

Olhei para Gisele no exato momento em que segurou o canudo e o levou à boca. Ela passou a língua nos lábios para limpar as gotículas de bebida que haviam ficado. Esse era um jogo tão manjado, mas conseguiu o efeito que ela desejava. Nenhum homem conseguia ver uma mulher com um objeto na boca sem instantaneamente imaginar que no lugar poderia ser o seu pau.

Outro fator que me mantinha ligado nela, era que o interesse/desinteresse estava me atraindo como um imã. Os homens eram criaturas óbvias demais. Ou talvez eu fosse óbvio demais, pois bastava me ver frente a um desafio que o aceitava.

— Bem, Gisele... — me aproximei um pouco mais — o que tem tirado o sorriso do seu rosto essa noite?

Encurtei um pouco mais a distância entre nós. Tão próximos que apenas uma lufada de ar conseguiria passar.

— Ou melhor... — eu me curvei para sussurrar em seu ouvido, mas calculei mal o movimento, e isso fez com que meu rosto resvalasse levemente contra o dela.

Senti o perfume adocicado, e ele desnorteou meus sentidos por dois ou três segundos. Resisti à vontade de continuar a esfregar o meu rosto contra sua pele macia até chegar ao seu pescoço delicado, para averiguar se tinha a mesma textura e calor que o rosto me proporcionava.

— O que eu posso fazer para trazê-lo de volta? — minha voz soou mais rouca do que o habitual, isso era o efeito de Gisele sobre mim.

Deslizei minha mão lentamente pelo seu braço. Seu peito se ergueu levemente, como se ela buscasse ar. Eu também me sentia sem ar, e era intrigante que eu reagisse a ela tão tempestuosamente. Gisele deveria ser só mais uma garota bonita com quem eu havia cruzado na boate lotada. No entanto, havia alguma coisa nela que me deixava cada vez mais intrigado. Ela era diferente, e eu queria saber por que me atraía tanto.

— O que você sugere? — instigou ela.

Afastei-me o suficiente para encarar o olhar desafiador.

— Eu começaria com uma dança — abri um sorriso que não deixava dúvidas do que eu pretendia realmente — Ouvi dizer que dançar com alguém pode ser muito mais íntimo do que o próprio sexo.

Ela mordeu o lábio, e desejei cravar os meus dentes nele. Ter meus dentes e boca não apenas nos lábios, mas em cada canto atraente que eu pudesse alcançar.

— Eu pensei ter entendido que queria ouvir meus risos — tornou a passar a língua rapidamente nos lábios, e eu senti inveja desse pedaço atrevido, por um instante — E não sobre gemidos ou algo semelhante.

Sem que eu conseguisse evitar, um sorriso divertido veio ao meu rosto. Eu gostava da garota.

— Acho que eu posso garantir as duas coisas... — deslizei a mão da sua cintura, até próximo à curva dos seus seios — Antes que a noite termine, garanto que terá os dois. Por agora, vamos apenas dançar.

Embora possa ter soado bastante arrogante, e talvez eu fosse um pouco assim, Gisele não protestou quando a conduzi até a pista de dança. Passamos a nos comunicar através dos olhos. Sendo conduzidos pela atração que nenhum de nós dois poderia negar.

Quando chegamos à pista, tocava uma música lenta e romântica. Antes de colocar Gisele colada ao meu corpo, eu pude notar alguns olhares sobre nós dois, em sua maioria olhares femininos, mas, sinceramente, eu só me concentrava na jovem intrigante e misteriosa em meus braços.

No jeito que se encaixou perfeitamente em mim, como se fôssemos moldados um ao outro. O topo da cabeça apoiado em meu queixo, e eu podia sentir o perfume que vinha dos cabelos dela.

Doce e suave. Tudo nela parecia assim. Suave, delicado e sensual.

Movíamos-nos sincronizados, onde começava um, terminava o outro.

Então a música mudou para uma batida mais sensual. Eu a puxei para mais perto, se é que era possível. Cravei as mãos em sua cintura, ditando os movimentos da dança, indecente, quase que um ato sexual. Deslizávamos nossos

corpos um no outro como se tentássemos nos conhecer nesses pequenos gestos.

Virei-a de costas para mim na troca de batida da música, segurando-a firme. Meu pau raspando contra sua bunda redonda e macia, que como o restante de seu corpo, deixava-me louco.

O traseiro redondo esfregando-se contra meu pau. Toquei seu pescoço com a minha língua e desci meus dedos pelo decote do vestido. Usei todo meu pouco autocontrole para não enfiar a mão ali e puxar os seios deliciosos para fora, para que minha boca sedenta pudesse provar um pouco.

Há algumas semanas, quando eu era um simples desconhecido curtindo a noite com os amigos, seria exatamente isso que teria feito. Enfiado minha mão pelo decote, aproveitando da pista quase escura, para atiçá-la um pouco mais. Testando suavidade e formato dos seios em minhas mãos. Teria me deliciado com os gemidos prazerosos que arrancaria dela.

Apenas imaginar isso, fazia com que perdesse um pouco a cabeça. Mas eu não era mais um homem que circulava incógnito no mundo, ainda não. E a maldita jornalista deveria estar em algum lugar, me escrutinando. Por isso eu tinha que ser mais cuidadoso.

Só que a garota fazia meu pau ficar cada vez mais duro dentro da minha calça.

— Acho que você precisa se refrescar um pouco — sussurrei ao ouvido dela, antes de virá-la para mim.

— Eu preciso?

Seu rosto estava acalorado, e ela mostrava um olhar inebriado, mas também um ar divertido nos olhos.

— Tudo bem — inclinei-me e pressionei os lábios rapidamente nos dela — Nós dois precisamos.

Não era a forma que desejava beijá-la, mas se fizesse como realmente queria, seríamos presos por atentado ao pudor. Precisava mesmo de uma bebida e dar uma refreada nas coisas, antes que arrastasse Gisele para o banheiro mais próximo, em busca de sexo louco. Eu podia, como iria oferecer muito mais do que uma trepada rápida no banheiro.

De volta ao bar, embora quisesse uma cerveja, fiquei apenas no energético, pois iria dirigir. Gisele escolheu a mesma batida de morango que esteve tomando a noite toda.

Bebemos em silêncio. Como desde o momento que nos cruzamos, falámos pelo olhar. A sensualidade era pulsante, quase como uma carícia em nossas peles. Se eu a devorava com os olhos, podia dizer que Gisele me lambia como um gato no prato de leite.

Levei-a de volta à pista. Precisava tê-la em meus braços outra vez. A

música era mais agitada, mas mantive-a colada a mim.

Foda-se!

Eu a queria emaranhada em meu corpo. E a cada movimento um pouco mais ousado, conseguia visualizar nossos corpos nus, enroscados entre os lençóis. A cada música, nos provocávamos de uma forma diferente. Um querendo testar a insanidade do outro.

— Vamos sair daqui! — murmurei em seu ouvido, após ter mordiscado sua orelha.

Sua resposta foi um quase imperceptível balançar de cabeça. Segurei sua mão e a guiei para a saída, mas Gisele estacou no caminho, me fazendo parar.

— Eu preciso avisar minha amiga — disse ela, nos conduzindo a uma mesa próximo à saída.

Gisele soltou minha mão e foi em direção à garota que procurava. Ela tinha os cabelos pretos, cortados rente ao pescoço, olhos acinzentados. A forma que me olhava e balançava a cabeça diziam que estava me reconhecendo, ou tentava.

Eu não queria que ela dissesse nada a Gisele, então me desviei das duas e analisei o restante do grupo, enquanto elas trocavam algumas palavras.

Três homens, duas garotas. Ignorei os curiosos, mas foi impossível fugir do olhar irônico de Érica. Ela levantou a taça que segurava, fazendo um brinde a mim. Que ela fosse para o inferno e escrevesse o que bem entendesse no seu jornaleco. Não deixaria que ela e o circo que tentava armar em volta de mim estragassem a minha noite, principalmente meu encontro com a única mulher que despertou a minha atenção e interesse. Eu lidaria com Érica Gusmão depois. No momento, só me importava Gisele, que não demorou muito para retornar ao meu lado.

Notei uma troca de olhares entre Gisele e Érica quando passamos. Apesar de a outra ter dividido a mesma mesa em que Gisele esteve, ficou um pouco evidente a animosidade entre as duas. Gostei muito disso. Qualquer pessoa que desprezasse Érica Gusmão era muito bem-vinda.

Antes de seguir nosso caminho, puxei Gisele mais uma vez, buscando seus lábios. Era para ter sido apenas um aviso à jornalista, mas bastou tê-la em meus braços mais uma vez para o desejo furioso retornar. Fiquei meio em suspenso quando consegui afastá-la de mim. A lascívia em seus olhos fazia o sangue em minhas veias correr apressadamente.

Quente.

Enquanto eu fechava a comanda, Gisele retirava sua bolsa. Na entrada não havia a mesma fila de pessoas aguardando para entrar, de quando cheguei. As únicas pessoas que ainda insistiam em entrar eram controladas e dispensadas pelos seguranças.

— Espera! Eu tenho que fazer uma coisa — interrompi os nossos passos antes de seguirmos até meu carro, no estacionamento, e segurei o seu rosto — Algo que desejei fazer do jeito certo, a noite toda.

Tomei sua boca em um beijo, faminto e exigente. Com nossas línguas se enroscando mais, aprofundei o beijo. Gisele retribuía com a mesma ferocidade e urgência que eu sentia.

Em questão de segundos, estávamos buscando um ao outro em uma ansiedade incontrollável. Segui andando com ela grudada a mim, contorcendo-se em mim. Busquei a chave no bolso da calça e acionei o alarme para destravar e alertar onde meu carro estava, em meio ao estacionamento lotado.

Parecíamos dois gatos em uma briga erótica. Eu a conduzi em direção ao veículo assim que o encontrei. A ideia era irmos até o motel mais próximo, mas havia algo nessa garota que me levava ao limite. Abri a porta traseira e a empurrei para dentro.

Ouvi seu arfar de surpresa, seguido de uma risada nervosa. Eu ia rápido demais, mas não conseguia evitar isso. Meu pau estava cada vez mais duro. Precisava fodê-la, agora.

Com Gisele de quatro, agarrei sua bunda, empinando-a para mim. Ergui seu vestido até a cintura e soltei um gemido abafado quando vi a calcinha de renda, marcada pela excitação que provoquei nela.

Passei o dedo sobre o tecido e a observei se contorcer ao meu toque. Incitado, afastei a calcinha para o lado, deixando seu sexo exposto aos meus olhos famintos. Acaricieei mais uma vez, separando os lábios de sua boceta molhada, tocando em seguida o clitóris intumescido. Substituí meus dedos por minha boca sedenta e língua esfomeada. Quanto mais eu provava da boceta molhada, mais eu queria ter.

— Leonardo... — Gisele se contorcia e repetia meu nome, enquanto remexia o quadril de encontro à minha boca — Ah...

Transar no estacionamento não seria pior do que comê-la em algum canto escuro da casa noturna. A qualquer momento, alguém poderia aparecer e nos fotografar, e certamente a imagem teria alguma repercussão se fosse compartilhada. Mas eu não estava realmente conseguindo pensar direito. Havia tensão demais entre nós dois, para que essa possibilidade de parar ganhasse alguma força em minha cabeça. E o risco de sermos flagrados deixava tudo mais excitante.

Ignorei o alerta racional e continuei a chupá-la. Introduzi dois dedos em sua boceta molhada. Ouvia seus gemidos, quase que como um choramingar baixinho, indicando que o que eu fazia a deixava maluca.

Notei que seu orgasmo se aproximava, pela forma que o corpo

convulsionou e sua boceta molhou um pouco os meus dedos já lambuzados. Joguei o banco do motorista para frente e a deitei de bruços sobre ele. Só tive tempo de procurar e colocar o preservativo, antes de me enterrar dentro dela.

Fechei os olhos, deliciado. Porra, como era gostosa. Macia e quente, engolindo meu pau. Dei a primeira estocada, e quando ouvi Gisele voltar a gemer o meu nome, deleitei-me com o prazer que isso me provocava.

Enrolei o rabo de cavalo em meu pulso e a puxei para um beijo. Mordi seu pescoço e dei uma pequena mordida no ombro. Por algum motivo absurdo, desejava deixar minha marca nela.

— Gisele... — fui acelerando o ritmo e profundidade de minhas investidas.

Eu adorava sexo, principalmente meter em uma boceta gostosa; e Gisele não decepcionava. Ela se dava como se estivesse explorando esse caminho pela primeira vez. Completamente entregue, plena. Isso mexia com algo dentro de mim. Era puro sexo, mas havia algo diferente.

Cravei minha mão em seu quadril, inclinando-a para frente, colocando sua cabeça contra o banco inclinado, enquanto socava um pouco mais duro agora. E cada arremetida parecia que nos levava cada vez mais próximo ao que eu chamo de céu. Ou talvez fosse o inferno, de tão quente e deliciosa que sua boceta molhada me recebia.

— *Aí... Isso!* — ouvi seus gemidos quando comecei a estimular seu clitóris com os dedos — *Leo... Isso! Isso!*

Soquei mais rápido, usando o quadril para ter mais pressão. E quando a vi se entregar a um orgasmo arrebatador, deixei que o meu viesse tomar meus sentidos. Curvei-me sobre ela, gozando intensamente.

Capítulo 4

Gisele Alencar

Deveria ter sido suficiente o que fizemos no carro: apenas sexo ensandecido e nada mais. Eu já havia conseguido esfregar minha vingança na cara de Érica, e tudo que deveria fazer era agradecer ao Leonardo pelos momentos que desfrutamos e ir embora.

Mas eu não encontrei forças para me afastar e ir embora. Eu cheguei perto de conseguir entender o que um viciado sentia ao provar uma droga potente. Eu me viciiei nele na primeira dose, e queria mais.

Estava indo contra tudo que havia afirmado essa noite. E me encontrava em uma briga entre o que desejava e minha consciência acusadora.

— O que foi? — a voz dele se sobressaiu sobre a música tocando no rádio do carro, e ele desviou a mão da direção para tocar a minha.

Foi um gesto rápido, mas, de alguma forma, teve um efeito calmante sobre mim.

— O quê? — indaguei, em meio à minha confusão mental.

— Você ficou tensa.

Como um estranho, em tão pouco tempo, conseguia ver essas pequenas nuances em mim? Eu precisava ser bem clara com Brian sobre o que estava sentindo ou queria, e muitas vezes isso o aborrecia tanto, que até parei de falar.

— É só que... — como dizer para ele que não fazia a linha “garota fácil”, quando agia exatamente assim?

O carro parou no sinal, e ele virou um pouco de lado para olhar para mim.

— Eu não sou um moleque — disse ele — Somos dois adultos que tiveram um momento incrível e desejam terminar a noite assim. Não uso rótulos.

E de novo ele parecia me entender muito bem.

— Além disso, não tem nada de mais uma mulher interessante sair com um cara lindo e trepar feito uma maluca.

Chocada, minha boca abriu e fechou algumas vezes, até perceber, pelo seu sorriso, que ele me provocava.

Eu realmente não era assim. Não tão ousada, principalmente com um desconhecido. E até antes de trocar as primeiras palavras com ele, no bar, acreditei que ele fosse gay ou um garoto de programa com quem poderia fazer um acordo, em que ambos sairíamos favorecidos. Mas eu acabei transando mesmo feito uma louca em seu carro, seguindo em seguida sabe lá Deus para onde. E ao invés de estar em pânico, me vi sorrindo.

O sinal voltou a abrir, e Leonardo voltou sua atenção para a avenida.

— Relaxa, Gisele — murmurou, tocando minha mão de leve mais uma vez — Vai precisar disso.

O sorriso convencido me fez remexer no assento, e a insinuação me deixou abalada. Podia parecer absurdo, mas fora muito mais do que sexo para mim. Eu nunca me senti tão eu mesma. Leonardo fez com que eu olhasse para partes em mim que, por muito tempo, estiveram escondidas. E, de certa forma, isso me assustava. A intensidade de tudo isso me assustada.

Ele era intenso. E a sua amplitude me consumia como papel de seda jogado sobre o fogo. Ele ia do quente e selvagem, ao atencioso, em uma velocidade muito rápida. A razão me dizia que eu agia perigosamente, mas a emoção me empurrava em direção a ele. E por uma única vez em minha vida, queria me deixar levar e me entregar ao que prometia ser a noite mais intensa que já tive na vida.

Por sorte, a música foi responsável por preencher o silêncio dentro do carro. Mandeí algumas mensagens para Luana, exigindo que ela aceitasse que Gustavo — um dos nossos amigos, com quem estava trocando uns amassos — a levasse para casa quando decidisse ir embora.

No restante do caminho, eu me concentrei em observar Leonardo e na música que tocava. O trânsito estava quase livre, e um pouco mais de meia hora depois, estávamos em frente a um prédio em um bairro de classe média. Fiquei relativamente surpresa, quando ele abriu a porta para que eu saísse do carro. Esperava que nós acabássemos parando em um quarto de motel.

Não tive muito tempo para olhar em volta e nem de apreciar o apartamento dele. Desde que saímos do carro e pegamos o elevador, tinha as mãos e a boca de Leonardo em mim, quase que por toda parte. Assim que entramos, em questão de segundos nossas roupas voaram em todas as direções, enquanto nos arrastávamos até o quarto.

Vendo-o nu, eu não sabia dizer o que desejava mais: admirar a tatuagem que começava em seu braço, passando pelo peito musculoso, terminando nas costas, ou se implorava para que me levasse rapidamente para a cama.

O desejo incontável explodindo nos olhos dele decidiu por nós dois. Ele me ergueu em seus braços e me jogou suavemente sobre o colchão, pressionando os lábios nos meus. Beijando-me até que precisasse de ar para respirar.

— Um segundo — disse, ofegante, ao se afastar — Tem outra coisa que eu quero muito fazer.

Com algo bem próximo à frustração, eu observei Leonardo caminhar até o guarda-roupas. Ele vasculhou entre as gavetas e retornou com algo metálico em suas mãos.

— Sempre me dá grande prazer algemar uma bandida bonita... — ele sorriu lascivamente.

Não entendi o que ele quis dizer com aquilo, provavelmente era um desses fetiches estranhos que alguns homens costumavam ter. E Leonardo tirava a minha capacidade de raciocinar coerentemente. Eu só pensava, desejava e respirava ele. Sei que deveria agir com mais prudência e não me deixar afetar dessa forma. Afinal, nada sabia sobre ele. Mas sentia exatamente o oposto. Havia algum tipo de ligação acontecendo entre nós. Algo que nunca senti por ninguém.

— Corrigindo... — ele se arrastou de joelhos na cama, seu corpo encaixando entre as minhas pernas — você é a única mulher que me faz querer acorrentar em minha cama.

Ele pegou o meu pulso. Acariciou-o como fizera antes, na casa noturna, mas, dessa vez, depositou um beijo e mordeu suavemente, sem desviar os olhos dos meus.

Leonardo prendeu meu outro pulso na algema e a mesma contra a grade de ferro. Com os braços estendidos e imobilizados, estava completamente à mercê dele. Entregue ao que ele desejasse fazer com meu corpo. Ao mesmo tempo, nunca me senti tão feminina e poderosa.

Seus olhos, quentes como brasa, me acariciaram, ao invés de suas mãos. Eu sentia cada parte minha se acender. Mas foi o sorriso pecaminoso que me fez implorar para ter sua boca de volta à minha.

— Me beija — pedi em um tom urgente, que o fez sorrir perversamente desta vez.

Ele queria me provocar. Elevar meus sentidos.

— Não! — rejeitou categoricamente meu pedido, passando o indicador pelos meus lábios.

Enfiou o dedo em minha boca, fazendo movimentos sensuais dentro da cavidade úmida, e aguardou que eu o devorasse. Senti meu interior convulsionar, e eu voltei a ficar úmida. Ainda com seu dedo fodendo entre meus lábios, ele deslizou a língua pelo meu pescoço, ombros, e acariciou o bico dos meus seios. Chupou um, depois o outro. Prendeu um seio com a mão e se fartava com o bico do outro com a boca.

Descargas elétricas partiam de diversos pontos do meu corpo. Tentei flexionar as minhas pernas, juntando as coxas em busca de alívio, mas o corpo de Leonardo me impedia.

Ele liberou minha boca e me encarou com um olhar profundo. Levou o dedo úmido até o meu clitóris, e o toque, mesmo que delicado, fez minha visão embaçar. Eu tinha cada parte minha sensível ao seu toque. E quando Leonardo

começou a circular o dedo molhado nesse pequeno ponto tangível, gemi enlouquecidamente.

Suas mãos agarraram minhas coxas, e ele abriu ainda mais as minhas pernas. E quando se curvou entre elas, a pontinha da língua batendo no ponto nervoso, minha excitação cresceu com suas carícias atordoantes. Sua boca chupava meu clitóris com uma habilidade que me deixava fora de mim.

— Leonardo... — gemi o seu nome, minha respiração começando a ofegar.

Eu queria dizer tantas coisas. As palavras fugiam da minha cabeça, e eu era um rio caudaloso de sensações prazerosas.

Tentei puxar a algema. Queria tocar os cabelos dele, qualquer parte dele, mas tudo que fui capaz de fazer foi jogar minha cabeça para trás e continuar a gemer. Eu estava prestes a gozar mais uma vez. As pequenas ondas que vinham crescendo, a cada chupada mais forte ou carícia precisa de sua língua, me deixava mais perto do orgasmo.

Contudo, o desgraçado sabia o momento exato que iria explodir, e recuava. A tortura seguiu por minutos intermináveis.

— Me deixa gozar, Leo — implorei, sem nenhum tipo de pudor.

Se eu estivesse com as mãos soltas, teria tocado o nervo rígido e sensível que me faria explodir. Mas era ele a controlar cada partícula em mim que acendia. Não sabia se era meu corpo convulsionando que dava os sinais a ele ou se eram meus gemidos a guiá-lo. Ele parava e recomeçava no ponto certo, levando-me ao limite. Era uma tortura prazerosa, que me deixava presa entre o anseio de sua continuidade e seu fim. Ergui a cabeça e tentei encará-lo através de meu olhar distorcido.

— Leo... — tremi outra vez, quando ele chupou ao mesmo tempo em que seus dedos escorregavam para dentro de mim. Mordi meu braço, e outro gemido escapou da minha garganta.

Ele acariciou a parede rugosa dentro de mim. Encontrando o ponto exato que me proporcionava um imenso prazer. Tudo o que eu conseguia fazer era me concentrar no que Leonardo fazia comigo. Ele parecia conhecer cada pedacinho do meu corpo. Como, quando e onde deveria tocar, seja com os dedos ou com sua língua impiedosa.

— Por favor... — pranteei, fechando meus olhos — Eu não consigo mais.

Mesmo que ele quisesse ser o dono dos meus sentidos, eu achava que não possuía mais forças para suportar. Gozei intensamente na boca e nos dedos de Leonardo. Achei ter deixado meu corpo por um ou dois segundos, e ainda estava lânguida quando ele abriu a algema, libertando meus braços.

Ele beijou meus cabelos e esfregou o nariz pelo meu pescoço. Invadiu minha boca com sua língua. Senti meu gosto em seus lábios. Era excitante. De

torridamente apaixonado, ele mudou para gentil e tornou a ser apaixonado mais uma vez.

— Quero meu pau nessa boca gostosa — grunhiu ele.

Seus dedos se emaranharam em meu cabelo, e minha cabeça foi levemente afastada para trás. Eu mal tinha forças para me movimentar, mas consegui deslizar no colchão, ficando de joelhos entre suas pernas.

Engoli em seco ao observar seu pau enrijecido. Não sei se estava surpresa por ele ter entrado em mim ou se duvidava que pudesse caber em minha boca. Mas eu queria dar o mesmo prazer que Leonardo me proporcionou. Eu não era o que podia ser chamada de selvagem na cama. Sexo com antigos relacionamentos e com Brian foi bom, mas sempre considerei normal. Não era certo trazer a memória de outros homens para a cama, mas eu não conseguia deixar de comparar. Com Leonardo eu me sentia felina, sedutora e sensual, como eu nunca imaginei ser.

O que havia nesse homem que me desprendia de todas as inibições? Como ele podia chegar tão fundo em mim, se pouco, na verdade nada, sabíamos um do outro?

— Gisele... — ele passou a mão pelo meu rosto, olhando-me atentamente — Fode o meu pau!

Ele também era seco.

Dizia as mais diversas perversidades com a naturalidade de quem declama um poema. Era sujo, mas era ao mesmo tempo certo e natural, combinava com ele. Talvez porque agora eu compreendesse que sexo deveria ser assim mesmo. Sujo e quente.

Coloquei um sorriso concupiscente no rosto e toquei o seu pau. Lambi o fluído pré-sémen, enquanto observava com mais atenção. A glândula era grossa, e o tom rosa ia clareando até a base. Nunca fui do tipo que admirava essa parte do corpo masculino, mas isso em Leonardo era excitante.

Deslizei meus dedos da ponta umedecida até a base e voltei a repetir o movimento com um pouco mais de velocidade. Leonardo enrijeceu a mandíbula e impulsionou o quadril para frente.

— Na boca, Gisele! — Ele exigiu, com um olhar ardente.

Voltei a passar a língua, acariciando a ponta, e deslizei seu pau para dentro da minha boca. Leonardo cravou as mãos em meus cabelos, mas deixou que eu tivesse meu ritmo. Ele não empurrava minha cabeça ou forçava seu pau para a minha garganta, como alguns homens irritantemente faziam. Então, eu dei o melhor de mim. Engolindo o máximo que eu podia, e quando chegava ao ponto de me engasgar, usava meus lábios e língua para fazer pressão na medida certa.

— Ahhh... porra! — Sua mão tremeu em meu cabelo, e eu senti minha

excitação voltar — Delícia, pequena.

Devo confessar que sexo oral nem sempre era divertido para mim, mas Leonardo fazia com que parecesse diferente. Ele era impetuoso e me exigia a mesma intensidade. Era como se existissem duas de mim em um único corpo. Comecei a chupá-lo como se eu fosse uma estrela pornô. Bom, pelo menos do jeito que eu achava que uma rainha pornô faria.

— Não... pare... pare, querida — ele me afastou e me jogou de costas na cama — Quero gozar fodendo essa boceta.

Abri minhas pernas sem nenhum tipo de constrangimento, enquanto ele pegava o preservativo e o colocava. Fechei os olhos, embriagada, quando em uma estocada dura, Leonardo me invadiu. Eu estava ainda mais molhada, e quando ele começou a bombear para dentro e fora de mim, eu me contorci, de tão prazeroso que estava. Eu oscilava entre o desejo de que isso continuasse para sempre ou que ele me levasse a um orgasmo logo.

Leonardo agarrou minhas mãos, as levando acima da minha cabeça, usando o quadril para se impulsionar para dentro e fora de mim. Ofegante, acompanhava seu ritmo, buscando o prazer de forma desenfreada.

— Quem é você? — ele indagou, os olhos intensos fixados nos meus — O que está fazendo comigo, garota?

As sensações vinham gigantescas, para que conseguisse formular alguma resposta, se é que eu tinha alguma. Sentia que meu prazer impulsionava o dele. E quando Leonardo me beijou e me tomou mais uma vez, com irrefreável paixão e magnitude, soube, pela primeira vez, como era me sentir completa.

Um sorriso lânguido começou a se formar em meu rosto.

— Eu disse que você estaria sorrindo — destacou ele, todo orgulhoso de si mesmo.

Eu não podia me ressentir com a demonstração de arrogância masculina, mas ele trouxe mesmo um sorriso aos meus lábios.

Um sorriso e muito mais.

Despertei um pouco sobressaltada, confusa, e com a claridade do início da manhã batendo em meu rosto. Levou um instante para me situar de onde estava e com quem. E o que havia feito nas últimas horas.

Afastei os cabelos do rosto e esfreguei meus olhos, cansados e irritados, para conseguir observar melhor o homem ressonando ao meu lado. Ele estava com a cabeça apoiada no antebraço direito, o mesmo braço que tinha as tatuagens se ampliando no peito nu. Algumas eram desenhos tribais e pequenos escritos em mandarim. O braço esquerdo estava pousado em minha cintura, e o

lençol mal cobria o restante de suas pernas.

Senti minha face arder e o centro entre minhas pernas formigar, quando recordei tudo que Leonardo e eu fizemos.

Sua imagem dormindo era puramente sexy e proporcionaria uma bela pintura a um artista talentoso, o que não era o meu caso. Mas eu podia eternizar o que via, sem contar apenas com a ajuda da minha memória. Apenas uma foto em que guardasse a imagem do homem que proporcionara a mim a melhor e erótica noite da minha vida.

Com cuidado, consegui me erguer e afastar o braço dele. Meu celular, assim como minha bolsa e roupas, estava jogado em alguma parte entre a sala e o corredor, e eu fui à caça dele. Deslizei pela cama e coloquei meus pés sobre o piso gelado. Estremeci ao ficar em pé e dei uma espiada rápida pelo quarto.

O colchão box, vinho e branco, cobria toda a estrutura da cama, instalada no canto esquerdo do quarto. O guarda-roupas era todo branco, com um espelho central. Olhei para minha imagem refletida nele. Estava com os cabelos desalinhados e marcas pelo corpo. Marcas que Leonardo deixou ao me tocar ou segurar com mais paixão.

Eu também estava com os lábios levemente inchados e um olhar esgazeado, após a noite intensa. Contudo, ao me olhar no espelho, eu me sentia linda. Como uma felina ao despertar. Eu nunca tive esse lado sensual despertado com tanta intensidade.

E Leonardo, alguém a quem eu só conhecia o primeiro nome e tinha certa ideia de onde morava, fizera essa parte em mim despertar rapidamente.

De qualquer maneira, isso não deveria importar agora. Eu não podia levar isso adiante, ver isso mais do que havia sido: uma noite inesquecível e prazerosa. Minha vida estava uma verdadeira confusão. Uma confusão criada pelo meu pai, e que arrastava a mim e a minha mãe junto com ele.

Eu retornei ao Brasil em busca da verdade. Saber se papai era inocente ou realmente culpado pelos crimes aos quais estava sendo ligado. Não era justo arrastar qualquer pessoa para essa lama e desordem que poderia se transformar a minha vida.

E não queria mostrar mais de mim do que já havia feito. Era perigoso. Leonardo carregava um perigo que, cedo ou tarde, se voltaria contra mim, se continuasse a baixar minha guarda como estava fazendo.

Coloquei o vestido, a calcinha, e joguei o sutiã dentro da bolsa. Reuni minhas coisas rapidamente e retornei para o quarto. Tirei duas fotos dele. Uma apenas do rosto adormecido e de tirar o fôlego, e afastando-me um pouco da cama, tirei outra de corpo inteiro.

Não achei certo fugir sem dizer nada, então peguei uma caneta e um

panfleto que havia na bolsa para deixar um bilhete de despedida. Coloquei a mensagem no lado vazio da cama, e não resisti à tentação de passar os meus dedos suavemente nos cabelos dele, que agora estavam soltos, cobrindo uma parte do rosto. Fios macios, até os ombros, e um pouco enrolados nas pontas. Eram de um castanho bonito. Na boate pensei que fossem quase pretos, mas era porque estavam presos e havia pouca luz.

Passei novamente os dedos pelas mechas. Os cantos de seus lábios se inclinaram quase em um sorriso, como se ele apreciasse muito o meu toque. Foi muito difícil me afastar e dar o último olhar de adeus, mas eu precisava ir.

Caminhei como se sapatos de concreto tivessem sido colocados em meus pés. Cheguei ao elevador e olhei através das portas que começavam a se fechar. Desejando com todo meu coração que Leonardo surgisse para me impedir de ir embora.

As portas fecharam, e quando cheguei à rua, meus olhos ardiam. Sentia que havia deixado algo muito importante para trás. Na verdade, deixei alguém que, em apenas uma noite, havia me mudado para sempre.

Capítulo 5



Leonardo Valença

Despertei procurando o corpo macio ao lado do meu, mas o espaço ao meu lado estava vazio. Passei a mão pelo rosto e apurei os ouvidos, tentando ouvir algum barulho vindo da sala, como a TV ligada, por exemplo. Nenhum som além do habitual vindo da rua. Também não ouvi nenhum ruído vindo do banheiro. Apenas o som de carros, buzinas e tudo mais que uma cidade grande presenteava.

Sobre o lençol havia um bilhete, escrito com uma letra delicada e cursiva.

“Obrigada pela excelente noite”.

Gisele.

Obrigada pela excelente noite? Nada mais que isso? Nem um número de telefone? Quando eu conseguiria vê-la novamente, e como?

A filha da mãe traiçoeira simplesmente escapou como se não tivéssemos mais nada a dizer um ao outro. Bom, conversar não era exatamente o que eu gostaria nesse momento. Ergui a coberta e olhei para o meu pau enrijecido. Não bastasse ter tido uma noite quente com a gata fujona, eu ainda consegui ter um maldito sonho erótico com ela.

Acordei ansioso para deslizar meu pau pela boceta apertadinha e com o desejo de ter um incrível orgasmo matutino, mas agora a ideia estava descartada. Gisele fora embora e literalmente havia deixado um problema em minhas mãos.

E eu estava irritado demais para partir para o cinco contra um. Então optei

por um banho frio e tomar um café bem forte. Quanto à frustração com meu pau, eu consegui, por ora, controlar. O problema estava sendo o que acontecia em minha cabeça.

As lembranças de cada momento da noite anterior vinham me atormentar. Tudo fugira do meu habitual. Normalmente, eu só trazia ao meu apartamento mulheres com quem tinha um relacionamento mais sério, e isso não acontecia desde a faculdade. No meu trabalho, eu colecionava um ou dois inimigos pelo caminho. Algumas pessoas não gostavam do sorriso satisfeito que eu ostentava ao colocar as algemas em seus pulsos. E apesar de nunca ter recebido realmente uma ameaça, nunca estava descartada a hipótese de alguém querer revidar.

Então eu evitava levar fudas de uma noite para casa. Qualquer uma delas poderia ser uma armadilha para me encurralar ou pesquisar informações, principalmente em meio a um caso. Eu só havia quebrado essa regra duas vezes. Com Érica, e a noite passada, com Gisele.

O tempo todo, enquanto dirigia, sabia que deveria entrar em algum dos hotéis por onde passávamos, mas cada vez que olhava para a fachada de algum deles, parecia errado. Quando dei por mim, arrancávamos as nossas roupas assim que fechei a porta do meu apartamento, às minhas costas. Desse momento em diante, eu só queria foder Gisele até minhas pernas fraquejarem, e fora uma noite intensa.

Ainda conseguia lembrar o gosto dela, o cheiro dela, e o sorriso atrevido, às vezes inocente, havia se fixado em minha memória. E acima de tudo, não conseguia deixar de pensar em como ela se tornava um mistério para mim. Às vezes, entregue e atrevida; outras vezes, tímida e reservada. Uma mistura de menina e mulher. Um pequeno arco-íris após a tempestade.

Droga!

Eu não era fadado a pensamentos românticos. Uma boa foda de uma noite geralmente era suficiente. E eu deveria fazer o mesmo que Gisele. Ficar agradecido pela noite divertida e seguir meu rumo.

Eu podia tirá-la do meu sistema, como já fizera com muitas outras. Sim, era exatamente isso que eu faria.

Determinado a tirar Gisele da minha cabeça e sem ter muito sucesso com isso, decidi viajar até Araçoiaba da Serra, interior de São Paulo, para visitar a minha mãe. Ela tinha optado por uma cidade mais tranquila desde que meu pai morreu em uma missão.

Assim que cheguei ao portão, pintado de um vermelho berrante, fui recepcionado por dois Chihuahuas. Acho que essa deve ser a raça de cachorro mais barulhenta do mundo, mas minha mãe os adorava. Enquanto Lolla fazia a

linha mais carinhosa, Pluto tendia, em um primeiro momento, a bancar o desconfiado e irritadiço com as visitas indesejadas, exibindo os dentes e soltando latidos doloridos aos ouvidos.

— Leo! — ouvi o grito de minha prima se sobressair aos grunhidos dos cachorros à minha volta, quando ela surgiu na porta.

Íris pulou os degraus da entrada e percorreu o caminho de pedra que levava ao portão, correndo até mim. Eu amava minha prima como uma irmã. Ela morava com a gente desde os oito anos, que foi quando sua mãe decidiu mandá-la de Manari, uma pequena cidade em Pernambuco, a São Paulo, onde ela teria mais oportunidades de estudos e crescimento. Era a grande companhia da minha mãe, agora que eu já não podia estar por perto.

— Você não avisou que vinha, Leo — ela agarrou minha cintura, e eu passei meu braço pelos ombros dela — Eu teria feito o bolo de cenoura que você gosta. Uma receita bem *light*, que aprendi.

Depois de ter trocado de curso na faculdade por duas vezes, Íris chegou à conclusão de que gostava mesmo de cozinhar. Recentemente terminou o curso de Gastronomia, e ela e noivo, que conheceu no mesmo curso, estavam levantando capital para abrir um restaurante na cidade.

— Eu só vou embora segunda... — disse a ela, eu jamais recusaria qualquer coisa que Íris decidisse cozinhar — então você ainda pode fazer, se quiser.

Ainda com os cachorros zunindo à nossa volta, fomos em direção ao quintal nos fundos da casa, que é onde Íris disse que minha mãe estava. Cuidar do jardim e algumas atividades no clube de idosos da cidade — além dos cachorros — eram o que preenchiam boa parte do tempo livre da Dona Madalena.

— Filho! — mamãe abriu um enorme sorriso quando me viu, mas rapidamente sua expressão mudou para preocupada, quando se ergueu — Não avisou que viria. Aconteceu alguma coisa?

Era um sofrimento e motivo de grande tensão para minha mãe que eu tivesse entrado para a polícia. Então, eu sempre ligava e dava notícias de que estava bem. Eram raras as vezes em que eu aparecia sem avisar. Dei a mesma explicação vazia que dei a Íris, que estava com tempo e decidi passar o fim de semana na pacata cidade. Eu não poderia dizer que tive uma noite de sexo inesquecível com uma garota que agora se recusava a sair da minha cabeça. Minha mãe, assim como a maioria das mães, desejava ver o filho sossegado, e se possível, com uma meia dúzia de netos que ela pudesse paparicar.

Mas não era isso que passava na minha cabeça. Minha mãe quase sucumbira à dor ao perder o meu pai. Eu não queria, e não achava certo, causar a mesma dor em outra pessoa.

— Leo, você sabia que sua mãe tem um admirador nada secreto? —

perguntou Íris.

Nós estávamos na cozinha, conversando. Bom, eu mais ouvia as novidades e acontecimentos da vida delas do que falava alguma coisa. Íris desenformava o bolo de cenoura que me prometera, enquanto minha mãe finalizava a cobertura de chocolate.

— Ora, deixa disso, garota — mamãe quase derrubou a panela, com a provocação da minha prima.

— Tem, sim. Ele se chama Arnaldo — continuou Íris, fugindo da colherada que minha mãe tentou lhe dar — Eles se conheceram lá no bingo do clube.

Olhei atentamente para a minha mãe e observei-a ficar vermelha e depois se virar para o fogão, na tentativa de fugir de meu olhar inquisidor. Eu fiquei surpreso com a revelação, não posso negar. Minha mãe nunca deu sinais de que desejava voltar a ter um relacionamento afetivo. Sempre acreditei que fosse como uma dessas pessoas que amam apenas uma vez. Contudo, entendia que minha mãe tinha o direito de reconstruir sua vida.

Era difícil ver que a vida seguia seu rumo sem o meu pai, mas ela tinha o direito e merecia ser feliz outra vez. Meu pai partiu há um bom tempo. Ficar sozinha deveria ser uma questão de escolha, como eu fazia, e não algo que deveria ser enfrentado como penitência. Se esse Alberto pudesse fazer minha mãe feliz novamente, então só me restava aceitar. Eu a amava incondicionalmente e só desejava a felicidade dela.

— Eu acho que quero conhecer esse tal de Alberto — murmurei e pisquei um olho para Íris — Ter uma conversinha com ele.

Minha mãe se virou com uma velocidade admirável. Não que ela fosse uma idosa quase incapaz de se movimentar, mas os anos de sofrimento e de luto deram certa fragilidade a ela. Mas apesar das rugas precoces criadas nos cantos dos olhos e dos cabelos brancos que cobria com tinta uma vez por mês, tinha que reconhecer que minha mãe, na casa dos cinquenta anos, ainda era uma tremenda gata.

— Você não tem nada que falar com ele — disse ela, zangada, o rosado em seu rosto aumentando — Só somos parceiros no bingo. Nada mais do que isso.

Havia alguma coisa ali. Ela não ficaria tão incomodada se as insinuações de Íris fossem apenas provocações.

— Hoje é dia de bingo, não é, Íris? — sondei, já me levantando, pronto a fugir da cozinha se fosse preciso — Você podia chamar o Eduardo, e nós poderíamos dar uma passadinha lá. Ver se tenho sorte no jogo.

— Você não se atreva, Leonardo! — mamãe colocou a panela na pia de mármore, para que esfriasse, e já caminhava em minha direção — É uma coisa para a terceira idade.

— Na verdade, é aberto ao público, titia — provocou Íris — Eu vou ligar para o Edu.

Como Íris não era nada tola, saiu correndo da cozinha e deixou a mais que zangada Dona Madalena para que eu lidasse. Eu voltei a ser um garoto de dez anos endiabrado, tendo minha mãe e os cachorros dela me perseguindo pela casa. Depois de muitas risadas e alguns tabefes bem ardidados, caí com ela no sofá.

— Eu só quero que você seja feliz, Dona Madalena.

Ela me encarou com seus olhos castanhos, emocionados.

— Ah, Leonardo — afundou o rosto no meu pescoço e deixou que as emoções se manifestassem — Você é um bom filho, meu amor.

Sim, eu era, mas isso porque ela era uma grande mulher e uma excelente mãe para mim. Os valores que me passou, enquanto crescia, estavam enraizados em mim.

Nós acabamos, sim, indo ao bingo, para que eu descobrisse quem poderia ser meu futuro padasto. Eu não encurralei o cara em um canto e o crivei de perguntas, como acho que minha mãe temia que eu fizesse. Mas eu o sondei através de perguntas que pareciam evasivas, mas não eram. Com isso descobri que ele era contador. Viúvo também, com dois filhos quase da minha idade. Eu observei como Alberto se portava ao lado de minha mãe e tive que dar o braço a torcer, pois ele parecia ser um cara legal e parecia mesmo se importar com ela.

Na metade da noite, Íris e Eduardo decidiram ir a um churrasco, na casa de um amigo dele. Eu declinei o convite, decidindo voltar para a casa de minha mãe. Não tinha clima para festas, nem para as mulheres bonitas que me garantiram que teria na festa. Não quando minha cabeça estava em outro lugar. Em outra pessoa, para ser mais exato.

Acho que o que me mantinha tão ligado em Gisele, era que eu não sabia quem ela era. O seu sobrenome, onde morava ou número de telefone. Eu simplesmente não tinha como voltar a vê-la. Bom, aparentemente ela conhecia Érica, mas eu arrancaria um dos meus dedos antes de pedir qualquer informação à víbora.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Só o tempo e mergulhar no trabalho fariam com que eu esquecesse Gisele. Isso me fez pensar em Henrique, na missão que ele fora cumprir em Curitiba: prender mais um político corrupto. Quem o acompanhara nessa missão?

Mandeí uma mensagem para ele, perguntando como foram as coisas. Soube que quem o acompanhou foi o Miguel.

√√ *Você não assiste TV?*

Ele enviou uma mensagem com uma carinha aborrecida.

Para alguém cuja profissão exigia ficar ligado às notícias, eu não assistia muito. Preferia os sites seguros de notícias. A internet possuía mais flexibilidade e liberdade do que a TV aberta. Zapeei rapidamente os sites em busca de atualizações. A operação foi bem-sucedida, e diferente do que acontecera comigo, os agentes designados no caso conseguiram manter-se incógnitos. O foco estava sendo todo no deputado investigado por concessões de licenciamentos ilícitos e outras formas de desvio de dinheiro.

√√ *Eu tenho novidades. Mas falo com você no domingo à noite. Lá em casa?*

Eu não o avisei que passaria o fim de semana na casa de minha mãe. Isso me obrigaria a voltar para o meu apartamento no final do domingo à tarde, e não na segunda de manhã, como pretendia.

√√ *Compra as cervejas que eu providencio as pizzas – respondi.*

Depois de uma rápida passada em meu apartamento, liguei para o restaurante-pizzaria que costumava frequentar com Henrique e encomendei três caixas de pizzas com bordas recheadas. Ele morava em um flat, não que não pudesse pagar por algo melhor, mas ele achava mais cômodo.

Eu me espalhei pelo único sofá de dois lugares, e Henrique foi para a cama com suas latinhas de cerveja e uma caixa de pizza, depois ele fez uma atualização mais detalhada sobre a operação em Curitiba.

— A boa notícia disso tudo... — disse, de boca cheia, tomando um longo gole para ajudar a engolir o enorme pedaço de pizza que enfiara na boca — É que Dias conseguiu reintegrar você à equipe. Irá trabalhar no caso Alencar comigo.

Essa era uma distração que no momento eu precisava.

— O que aconteceu com o Ferreira?

Henrique tomou outro gole para disfarçar a tensão, mas eu notei seu pescoço enrijecer.

— Ainda temos que trabalhar juntos, mas não acredito que será por um longo tempo, principalmente depois do nosso último papo.

Joguei o pedaço de pizza em minha mão de volta à caixa e coloquei minha cerveja no chão.

— O que você fez, Henrique?

Eu não gostava nem um pouco de Miguel Ferreira, mas Henrique possuía

total antipatia por ele. O delegado errou feio ao colocar os dois para trabalharem juntos.

— Nada, mas acho que ele terá que usar um saco de gelo no olho por alguns dias — dessa vez, ele sorriu ao recordar da cena.

Eu bufei, e se tivesse um pouco mais próximo dele, teria dado um belo tabefe naquela cabeça grande.

— Você não deveria ter feito isso, embora tenha certeza de que ele mereceu.

Henrique poderia ter amargado uma suspensão ou ser enviado para trabalhar em serviços burocráticos, como acontecera comigo. E ele detestava ficar enfiado em sala administrativa de repartição além do necessário, mais do que eu.

— Ele que não deveria abrir a boca para falar merda! — Ele praticamente cuspiu a bebida ao retrucar — Até eu tenho limites.

Ferreira era uma pessoa desagradável que sabia buscar o que mais incomodava nas pessoas, para usar contra elas. Henrique era esquentadinho, mas geralmente, em missões, sabia controlar o temperamento bem melhor do que eu. Miguel deveria ter falado algo de muito grave para ele ter reagido com uma agressão física.

— O que ele disse a você?

Ele desviou o olhar de mim, amassou a latinha e pegou outra no chão.

— Deixa para lá, Leonardo — ele resmungou, mas não ergueu o olhar para me encarar — O importante é que, com isso, o chefe deseja que você volte a trabalhar comigo.

Henrique não iria me dobrar com essa conversa. Ele era o tipo que encara as pessoas nos olhos, e se estava se recusando a olhar para mim, era porque o motivo que o aborreceu e o fez cair na porrada com Miguel tinha a ver comigo.

— O que ele disse, Henrique? — insisti, com um tom mais enfático dessa vez.

— Já disse que não é nada.

— Henrique!

Nem que eu tivesse que sair aos murros com ele, descobriria a verdade.

— Se não me contar, posso falar com Miguel — sorri perversamente — Conhecendo-o bem, tenho certeza de que terá o prazer de me contar nos mínimos detalhes.

Henrique bateu a latinha na mesa de cabeceira e caminhou, nervoso, até a janela. Segurou o parapeito e olhou a cidade brilhando lá fora. Ele precisava de alguns segundos para se acalmar, então esperei, pacientemente. Quando a respiração ficou mais calma, virou para mim e cruzou os braços no peito.

— Certo. Só me prometa que não irá enlouquecer.

Eu não estava gostando nada desse pedido do Henrique, mas decidi concordar, pelo menos por enquanto.

— É sobre o seu pai.

Meu pai?

O que Miguel poderia saber sobre o meu pai, que iria me aborrecer?

Fiquei de pé e apertei os olhos ao olhar para ele.

— Você prometeu não surtar.

— Eu estou legal, Henrique, desembucha.

Mentira. Por dentro, eu era uma potente bomba-relógio.

— O que ele disse sobre o meu pai? Aliás, o que ele poderia saber sobre o meu pai? Ele trabalhava na Polícia Civil. Não tinha nada a ver com a Polícia Federal.

— Ele disse que, por acaso... — Henrique bufou, desacreditando do que o outro havia dito — Teve acesso a uma investigação que estavam fazendo sobre o seu pai. Que ele não era o herói injustiçado que você sempre pensou que ele fosse. E que havia indícios de que ele estava fazendo jogo duplo.

Eu respirei fundo e senti minhas narinas se dilatarem, enquanto abria e fechava meus punhos.

— Jogo duplo?

— É. Corroborando e passando informações para chefões do tráfico. Então, eles sabiam como a polícia iria agir e dividiam a carga. Assim, o que a polícia apreendia, não chegava nem perto do que realmente transportavam.

Isso acontecia muito. Aquelas notícias que as pessoas viam nos jornais, que a polícia havia apreendido toneladas de drogas, na verdade era para mascarar que outra grande quantidade estava chegando ao destino certo, aos chefões dos cartéis.

Senti uma pontada no estômago, como se alguém tivesse me socado com força. Eu via Henrique desfocado à minha frente. Falar sobre o meu pai era um assunto delicado. Meu pai fora um profissional impecável. Perdera a vida pelo trabalho e pelo seu país. Ele era e sempre seria um herói para mim, e não admitiria que ninguém viesse sujar a memória dele.

— Ele é um mentiroso! — avancei para Henrique, e quando cheguei perto dele, lembrei que o foco da minha raiva não era ele — Vou fazê-lo retirar tudo o que disse.

— Olha, Leo... — ele colocou a mão em meu ombro — o objetivo do Miguel era me irritar, porque você voltaria a ser meu parceiro. Mas não custa nada a gente dar uma investigada, até mesmo para esclarecer qualquer dúvida que tiver em relação ao seu pai.

Era duro demais ouvir qualquer insinuação de má conduta sobre o meu pai.

Eu entrei na polícia devido ao orgulho que sentia dele. Eu queria, de alguma forma, continuar o legado que ele havia deixado. Proteger o país e as pessoas que precisavam de ajuda. Agora, servir a lei estava no meu sangue, mas se ele não tivesse morrido em serviço, eu provavelmente estaria seguindo minha formação universitária. Não conseguia sequer imaginar que meu pai fosse um policial corrupto. Isso me destruiria por dentro.

— Leonardo, eu tenho certeza de que é tudo invenção do Miguel. Eu estou com você nessa, cara. Vamos esfregar a verdade na cara dele.

Agora eu tinha muito o que pensar. O caso do senador Alencar. As suspeitas jogadas sobre o meu pai. Se isso não fosse suficiente para tirar Gisele da minha cabeça, nada mais faria.

— Preciso ir para casa — procurei minha jaqueta no sofá e a vesti — A gente conversa sobre o senador amanhã. Preciso pensar como vou chegar às informações que Miguel disse ter visto.

Se havia mesmo alguma suspeita sobre a conduta do meu pai, provavelmente fora arquivada pela corregedoria. Eu teria acesso a essas informações, custe o que custasse.

— Preciso fazer algumas ligações.

Henrique me acompanhou até a porta, mas segurou meu braço antes que a atravessasse.

— Mantenha a cabeça fria, cara.

Assenti. Embora me sentisse corroendo por dentro, Henrique estava certo. Eu precisava manter a cabeça no lugar e tratar o assunto com frieza.

— Sabe o que eu começo a pensar, Henrique? E se a morte do meu pai não foi uma fatalidade? Se não foi mais uma operação que deu errado?

Todo policial, não importava a área, sabia que o risco de morte era alto. Antes de meu pai falecer, todas as vezes em que ele saía de casa fardado, sabíamos que havia possibilidade de ele não retornar, como realmente havia acontecido, há alguns anos. Mas eu nunca consegui aceitar a forma como ele havia morrido, embora nunca tivessem surgido indícios de que ele tenha sido executado.

— Nós vamos descobrir isso — afirmou Henrique.

Eu estava abalado, confuso e tenso. Precisava de um tempo para pensar. Mas de uma coisa tinha completa convicção agora: iria atrás da verdade, custe o que custasse.

Capítulo 6

Gisele Alencar

Meu fim de semana foi tenso. Meus pais passaram o sábado todo discutindo. Com meu pai negando à minha mãe que tinha uma amante e ela jogando na cara dele que a estava traindo. Além das tentativas de fugir de todas as perguntas que eu fazia, afirmando que eu não deveria me preocupar com nada disso.

Como eu não deveria me preocupar?

Os jornais agora faziam acusações bem sérias contra ele, que eu estava achando muito difícil de refutar. E isso me magoava muito. Eu sabia que a política era suja, mas nunca cogitei que meu pai pudesse vender sua alma.

Para tentar nos acalmar, meu pai sugeriu que passássemos o fim de semana em nossa casa de praia. Como eu estava em um processo de negação, precisava tirar minha mãe do clima pesado em nossa casa e buscava tirar Leonardo da cabeça, aceitei, achando que poderia ser uma boa ideia.

Até havia enviado uma mensagem para Luana, convidando-a para ir com a gente, mas além da ressaca ferrada que estava sentindo, o pai dela estava furioso por ela ter chegado bêbada, pela segunda vez na mesma semana, e a proibiu que atendesse o telefone, sair de casa então, nem pensar. Ele exigia que ela decidisse o que queria da vida e encarasse com seriedade a faculdade.

Mal conseguimos trocar meia dúzia de palavras, quando ele arrancou o telefone dela. Mas, no fundo, precisávamos admitir: o pai da Luana tinha toda a razão. Ela era a típica patricinha mimada. Não possuía objetivo nenhum na vida e adorava farrear e torrar o dinheiro do pai. Tirando esses pequenos defeitos que prejudicavam apenas a ela mesma, no fundo era uma pessoa legal e uma amiga fiel.

Acabei indo apenas com a minha mãe para o litoral. Bom, acontece que nossos problemas nos acompanham para onde tentamos fugir. Minha mãe continuou a discutir com meu pai, dessa vez por ligações e mensagens de voz. O pouco de paz que tive, passei pensando no Leonardo, enquanto caminhava na areia com os pés descalços. Tudo o que eu queria mesmo era voltar para o apartamento dele e me sentir reconfortada em seus braços. Cada momento que vivemos permanecia vívido em minha cabeça. Meu corpo reagia às lembranças, e as noites estavam sendo bastante difíceis.

Compareci na sede da A.L. na terça e na quarta-feira. Não sabia bem o que eu estava procurando, mas queria dar uma olhada em tudo. A secretária sempre

inventava alguma desculpa para não entregar algum documento que eu pedia. Ou estavam com os advogados da empresa, ou em um cofre que ela não conhecia a senha. Na sexta-feira à tarde, quando resolvi procurar por conta própria, fui impedida pelos seguranças e praticamente escoltada pelos advogados do meu pai até onde ele estava.

Ele ficou furioso que eu estivesse investigando e disse que me enviaria de volta à Europa, se continuasse a atrapalhar o trabalho dele e dos seus advogados. Qualquer esperança que detinha que meu pai não tivesse nada a ver com os crimes aos quais estava sendo ligado, começou a morrer. Esse não era o meu pai. O homem que me colocara em seu colo e feito curativos em meus joelhos quando aprendia a andar de bicicleta. Ele parecia um homem completamente diferente.

— Pai, no que isso irá me atingir? — perguntei a ele.

Eu possuía um cargo financeiro na AL que nem exercia oficialmente. Assinei diversos documentos que meus pais me levavam quando iam me visitar. Papai sempre dizia que não era nada importante. Ordens de pagamento para uma nova campanha. Balancetes mensais com os quais não precisava preocupar minha cabeça em analisar, já que outras pessoas, mais experientes e qualificadas, poderiam cuidar. Imóveis foram passados para mim, pois ele esteve em uma época com paranoia de que algo poderia acontecer com ele e não queria me deixar dessegurada.

Ele sempre insistia, nas poucas vezes que questionava alguma coisa, que eu deveria me preocupar apenas com os estudos, e que aquilo eram apenas formalidades. Eu deveria ter insistido, sempre que algo parecesse fora do normal. Mas, para ser mais sincera, não queria ter que ocupar a cabeça com nada daquilo. Estava bem me preocupando apenas com o meu mundinho e sensação de liberdade.

Fazia o curso que meu pai queria porque era o esperado de mim, afinal, como ele insistia em dizer: Literatura ou Filosofia não me levariam a lugar algum de destaque. E eu poderia estudar depois, como um hobby, assim que concluísse minha pós-graduação em negócios.

Estive tão ocupada, flutuando com a minha nova vida. Deliciando-me com o sentimento de liberdade, além do meu relacionamento com Brian, que em nenhum momento quis dar razão às desconfianças que vinham sempre que assinava um documento às cegas.

Mas a empresa era dos meus pais. Jamais suspeitaria, embora devesse ter suspeitado, de que meu pai pudesse estar metido com coisas ilegais. Ele era meu pai. Seu dever era proteger sua garotinha. Não era absurdo que tivesse confiado nele cegamente.

O problema era exatamente isso; eu fui uma tola ao colocar uma venda sobre os meus olhos. Quem realmente acreditaria que eu não tinha nada a ver com o que meu pai havia feito? Quando poderiam existir inúmeras assinaturas minhas provando o contrário.

— Apenas me deixe trabalhar em paz... — ele apontou os seguranças e advogados ao seu lado — Nada acontecerá com nenhum de nós. E eu tenho um plano B, caso algo saia errado.

— Como o quê? Fugir do país?

Eu não conseguia me ver como uma fugitiva.

Ele não replicou, e isso foi como uma punhalada no meu coração.

— Papai, o que você fez? — As lágrimas já desciam livres pelo meu rosto agora.

Diante da situação, me veio um real desespero. Em um momento, eu possuía a vida perfeita. Estudava na Europa e tinha um noivo que pensei ser o homem da minha vida, assim como um futuro promissor e brilhante. No momento seguinte, sou trocada por outra mulher. Descubro que meu pai pode estar envolvido com coisas ilícitas e que, em algum momento, quando a bomba explodisse, toda essa merda poderia ser jogada em minha cabeça. Todo o meu mundo estava virando de ponta-cabeça.

— Se for preciso, é exatamente isso que faremos — disse ele, em um tom exaltado — Não posso explicar nada agora, minha filha. É muito mais complicado do que você pode imaginar. Agora vá para casa e mantenha sua mãe calma, assim como você.

Estava entorpecida quando ele me levantou da cadeira e ordenou que o segurança me colocasse em um táxi. Não consegui entrar em casa, e me vi em frente a um shopping pelas proximidades. Andei sem rumo, entrando e saindo de algumas lojas, sem realmente me interessar por alguma coisa, durante o restante da tarde.

Minha cabeça dava milhões de voltas. Eu já não podia continuar me enganando. Meu pai mentiu por anos. Ele era corrupto, e tudo o que li sobre ele nos jornais estava provando ser verdade. Meu avô tinha razão. A fome de poder o transformou em um monstro.

A quem eu queria enganar? Ninguém se transformava assim. Ele apenas fora um bom ator enganando todo mundo. Até sua família. E até deveria ter a amante que minha mãe o acusava. Eu nunca conheci de verdade esse homem. E eu simplesmente não estava sabendo como lidar com isso.

Eu tinha uma grande ferida crescendo dentro do meu peito. Não poderia falar com Luana e não havia ninguém mais a quem pudesse buscar conforto.

Encarei o risoto de camarão em meu prato e notei que só havia remexido a

comida com o garfo. Não achava certo desperdiçar comida, mas não conseguia passar nada pela minha garganta. Então pedi que embrulhassem e dei para o primeiro morador de rua que encontrei.

Já escurecia, quando entrei em um táxi. O motorista deve ter me achado meio maluca, quando disse que apenas dirigisse sem rumo pela cidade, mas como o que realmente importava a ele era o valor da corrida, ficou mudo e ligou o rádio.

Foi então que, por obra do destino, coincidência ou sei lá, qualquer outra coisa inexplicável, me vi passando em frente ao Casarão.

Pedi que o motorista parasse e paguei a corrida. Não era o lugar que eu devesse estar, mas não estava ali pela dança, diversão ou bebida. Eu procurava uma pessoa.

Como era cedo, a casa não estava muito cheia. Os clientes, em sua maioria, possivelmente eram universitários da faculdade que havia nas proximidades, ou jovens sem mais nada para fazer da vida. Circulei duas vezes a pista de dança, antes de desistir de esbarrar em Leonardo. Ele não fazia o tipo que batia cartão ali. Além disso, o que diria a ele?

“Olá, sou a garota que você transou na última sexta-feira. Ah, eu me esqueci de dizer, mas sou filha do empresário e senador corrupto que vem dando o que falar nos jornais, nos últimos dias.”

Sentia tanta vergonha. Eu não era tão fútil como a Luana, afinal fui para a universidade e me dediquei aos estudos, mas precisava admitir, levava uma vida de faz de conta, bem longe do que era a realidade. Bom, eu cresci assim. Acostumada ao luxo e facilidades que o dinheiro poderia trazer, sem questionar nada. Assim como as pessoas, que viviam em lugares precários, aprendiam a viver com o que tinham.

Bolsas, roupas, viagens caras. O quanto de tudo isso viera com o dinheiro sujo? Até onde as minhas mãos estavam manchadas?

— Whisky, por favor — pedi ao barman assim que me acomodei no bar — Duplo.

Em circunstâncias normais, começaria com algo mais leve, uma bebida doce, mas nessa noite eu queria entorpecer minha mente, um pouco, pelo menos. Qualquer coisa que fizesse meu coração parar de doer.

— Aqui — o barman deslizou o copo pelo balcão e me olhou com um pouco de descrença, mas logo precisou ir atender ao pedido de duas garotas.

Revoltada que ele me julgasse pelo que escolhia para beber, tomei um longo gole que desceu queimando pela minha garganta. Se eu tinha problemas com um simples cara achando que eu era princesinha demais para virar um copo de whisky, o que faria quando os jornais me apontassem como cúmplice dos

crimes do meu pai?

Virei o restante do conteúdo do copo e pedi mais uma dose ao rapaz com olhar intrometido. Sinceramente, a típica conversa entre cliente bêbado e barman não me interessava.

— Acho melhor você ir com calma, garota.

Dos meus fios de cabelo, aos dedos dos pés, reagi à voz às minhas costas. Apesar de ter tomado o primeiro drinque bem mais rápido do que eu estava habituada, ainda não estava bêbada para criar alucinações.

— Então, nos vemos de novo — Leonardo se colocou ao meu lado — Gisele.

O que a bebida não teve o poder de fazer, Leonardo e seu sorriso sexy conseguiram. Enquanto eu o via se aproximar, sentindo o perfume cítrico invadir meus sentidos e toda a aura dele que parecia me dominar, tudo à minha volta perdeu a importância.

A música. As pessoas dançando, animadas. O burburinho ao redor de nós.

— E-eu... — gaguejei, e senti meus olhos arderem.

Também sentia uma alegria inexplicável em vê-lo. Não precisava acontecer mais nada. Apenas ficaria ali, olhando para ele, acreditando que alguma coisa em minha vida parecia real, verdadeira.

— Você fugiu de mim — ele passou a mão no meu rosto, e fechei os olhos, absorvendo a sensação — Mas eu sentia que iria te encontrar de novo, nem que tivesse que voltar aqui todos os dias.

A declaração dele só não teve mais efeito em mim do que seus lábios em minha boca, quando me puxou para os seus braços. Leonardo me embriagava mais do que uma garrafa inteira da bebida mais potente conseguiria. E quando sua língua invadiu minha boca, a minha foi de encontro a ela. Nossos corpos agiam como dois amantes que se reconheciam e passaram tempo demais longe um do outro.

Leonardo me puxou mais para junto dele, e com um gemido rouco, senti a potência de sua ereção. Ele foi me arrastando ao longo do balcão, e em instantes estava sendo comprimida contra a parede em um canto mais escuro.

— Eu pensei tanto em você, Gisele — ele murmurou, quando mordiscou meu ouvido — Não consigo arrancar você do meu sistema.

Ele também grudara em mim como uma segunda pele. Não teve um dia ou uma noite que não tenha me torturado pensando em Leonardo.

— Senti sua falta — confessei.

Essas palavras eram as mais honestas que já pronunciei na vida. Senti falta dele, do seu toque, dos seus beijos, dele enterrado em mim, fazendo-me delirar de prazer. Senti falta do abraço dele e simplesmente ficar por um tempo com a

cabeça apoiada em seu peito, deixando o cansaço e o sono nos pegar. E sentia falta de que, quando estava com Leonardo, parecia existir um mundo só nosso. Sem cobranças, sem acusações, sem corações feridos.

— Sabe quantas vezes eu me masturbei pensando em você, Gisele? — ele desceu os lábios por meu pescoço e o quadril pressionou contra mim — Todas as noites, no mínimo.

Eu cheguei bem perto de fazer isso também, mas, de alguma forma, eu só era completamente desinibida com ele.

— Leo... — estremeci, quando ele chupou meu mamilo com força, por cima da blusa de seda que eu usava — Leonardo.

Agarrei seus cabelos e ofereci meus seios um pouco mais. Ele desceu a mão pela minha coxa e segurou a parte interna do meu joelho, erguendo minha perna, que encaixou em seu quadril, apoiando-a com o braço. Minha saia subiu, me deixando praticamente despida da cintura para baixo. E apesar de estarmos em um canto mais escuro e discreto, às vezes as luzes do globo girando passavam sobre nós, mas isso não me importava. Eu mal conseguia respirar, por causa da forma que Leonardo me tocava, quiçá me preocupar que outras pessoas pudessem nos observar.

Senti a mão livre de Leonardo passar lentamente pela minha perna, até chegar à calcinha. Estremeci quando seus dedos passaram por debaixo da renda e encontram minha boceta úmida.

— Toda melada para mim — grunhiu, antes de voltar a me beijar.

Ele brincou um pouco com meu clitóris, deixando-o duro, depois enfiou dois dedos dentro de mim. Sua língua em minha boca fazia os mesmos movimentos que ele dentro de mim. Minhas pernas tremiam, e queria muito que ele me fizesse chegar logo ao orgasmo, mas esse não seria o Leonardo. Ele gostava de me levar ao limite.

Usou seus dedos encharcados, esfregando o nervo sensível, e cada vez que colocava um pouco mais de pressão, sentia contrações se formando em meu ventre. Eu me contorcia e gemia junto a ele, desavergonhadamente.

— Vamos para um lugar mais discreto — não foi uma pergunta, ele simplesmente decidiu isso.

Leonardo era assim. Queria e caçava. Desejava e tinha. Mas ele nunca me fazia sentir sufocada ou acuada com seu jeito de ser, pelo contrário. Eu ficava inexplicavelmente excitada com seu jeito dominador.

Ele soltou minha perna, que começava a ficar dormente, e me conduziu em direção aos banheiros.

Era bom que ele me segurasse pelo braço e que eu nem estivesse usando salto hoje, pois minhas pernas mal me mantinham em pé.

— Veja se tem alguém lá dentro — ele pediu, quando se escorou na parede ao lado da porta, o olhar dele queimando minha pele como um toque ardente. E antes que eu cruzasse a porta, me puxou para um beijo profundo.

Quando entrei, vi duas garotas retocando o batom e fofocando enquanto se miravam pelo espelho, então caminhei para a cabine ao lado, ao lado da única com a porta fechada. Eu estava incrédula pelo que acontecera há minutos com Leonardo, mas também ouriçada pelo que ainda poderia acontecer, se os planos dele pudessem ser colocados em prática.

Claro que eu já dei uns amassos na balada, afinal, tive um noivo, mas nunca passou de uma dança sensual e alguns beijos antes de decidirmos voltar para casa.

Ouvi as vozes das meninas se distanciando e a porta se fechar. Em seguida, um barulho de descarga veio da cabine ao lado, e a torneira da pia foi ligada. contei cerca de vinte segundos antes de pensar em sair, e levei um grande susto quando Leonardo entrou.

— Pensei que era para avisar se havia alguém aqui dentro — relembrei, começando a achar a ideia dele um pouco ousada.

Havia diversas cabines para evitar filas muito longas, mas banheiro mesmo, só tinha esse e o masculino do outro lado da pista.

— Verifiquei com a garota que saiu — ele explicou, como se não fosse nada de mais, talvez para ele realmente não fosse — Disse que minha namorada havia entrado e estava muito mal.

Eu sei que ele só me colocou naquela categoria para justificar sua entrada no banheiro feminino, mas nunca quis que algo fosse verdade, como queria ser a namorada dele.

— Nós temos um tempo — disse ele.

— Não temos tempo nenhum — retruquei.

Qual era a probabilidade de ninguém querer usar o banheiro enquanto estivéssemos ali?

Leonardo sorriu. Um sorriso de quem parecia gostar de viver perigosamente e em constante adrenalina.

— Problema resolvido — disse Leonardo, colocando o espaldar de uma cadeira contra o trinco da porta, travando-a.

Eu ficava completamente impotente quando Leonardo me olhava da forma que me encarava agora. Como se tivesse fome. Uma insaciável fome de mim. A adrenalina voltou a correr potente em mim, e quando ele me agarrou pelos braços, devorando minha boca, estava completamente entregue a ele. Como se eu fosse uma marionete e ele puxasse as cordas certas.

— Se inclina na pia — ele ordenou, me virando de costas, fazendo-me

curvar sobre o mármore gelado.

As gotículas que havia na pia molharam minha blusa, e o frio da água e do mármore, com as mãos rústicas e quentes de Leonardo, foi um contraste que me fez vibrar.

Ele subiu minha saia e afastou minha calcinha com brusquidão.

— Quero que olhe para o espelho enquanto chupo sua boceta, Gisele — ele voltou a ordenar e passou os dedos da minha boceta úmida ao meu clitóris — Quero que você se olhe sentindo prazer.

Era um pedido quase que impossível de cumprir, mas sentia tanta imperiosidade em sua voz, que não me atrevia a contradizê-lo.

Então, ele abriu um pouco mais as minhas pernas e se ajoelhou atrás de mim. Nossos olhos se cruzaram por um momento, e ele me deu um dos sorrisos que me fascinavam. Quando sua boca caiu com vontade em mim, não pude evitar emitir um grito estridente.

Ele chupava e acariciava o nervo inchado e sensível. Sentia um fio de fluído melado escorrer da minha boceta e pelas minhas pernas trêmulas.

— Porra, Gisele!

Leonardo alternava entre me chupar e me foder com os dedos, quando não fazia as duas coisas juntas. Eu rebojava em sua boca e mão, completamente vidrada e ensandecida.

— Espelho, Gisele! — Ele ordenou que eu encarasse o reflexo de nós dois quando, excitada demais, fechei os meus olhos.

Era uma tortura. Eu estava entre o prazer e a probabilidade de perder a consciência.

Eu nem havia percebido que fechei os olhos, mas Leonardo estava atento a tudo. E não podia negar, era um tesão ainda maior observar o que ele fazia comigo. Não iria demorar, logo estaria gozando loucamente.

— Aih, Leo... — agarrei forte a torneira da pia, meus olhos começando a fechar involuntariamente — Eu vou gozar.

— Espelho! — Ele tirou a boca de mim, apenas para exigir que encarasse o espelho novamente.

Logo em seguida, voltou a me dar prazer com sua boca, e as sensações, que viam em ondas, cresciam cada vez mais forte e pulsante.

Voltei a olhar para mim. Eu via de forma embaçada minhas pupilas se dilatarem e como meu rosto mudava e se contorcia. Mexi o quadril, querendo escapar das carícias dele, mas ele me mantinha firme no lugar. Era uma mistura de dor e prazer, onde o prazer ganhava.

Gemi o seu nome desesperadamente, e assim que as palavras vibraram em minha garganta, Leonardo passou a chupar meu clitóris com mais força e

vontade. O jorro veio forte, e logo estava em um orgasmo convulsivo.

Desabei sobre a pia, sentindo meu corpo amolecido. Leonardo correu as mãos por minhas pernas conforme se erguia. Sentia-me saciada e lânguida, mas o toque dele ainda mexia comigo. Ele afastou meus cabelos e beijou minha nuca. Virou-me de frente para ele, e com seus lábios ainda úmidos da minha boceta molhada, começou uma sessão de beijos sensuais.

Mentalmente, eu me sentia abalada, mas meu corpo começava a reagir aos seus beijos calorosos. Meus seios estavam pesados, e ao toque dele, ainda mais sensíveis.

— Você me deixa louco, Gisele — ele esfregou o rosto no meu, pressionando o quadril em minha barriga — Nenhuma outra mulher me deixou assim.

Seu membro duro batendo contra mim provava que o que ele dizia não era engodo. Desci minha mão pela camisa dele. Passei os meus dedos pelo abdômen definido e o ouvi gemer. Ele já abria o cinto, então deslizei facilmente minha mão para dentro da cueca, pegando seu pau enrijecido em minha mão. Senti o fluido umedecer os meus dedos e tive um desejo absurdo de provar.

Quando me inclinei para apagar minha vontade, Leonardo me fez voltar ao lugar.

— Não, querida — ele contorceu o rosto ao murmurar — Se colocar essa boca gostosa no meu pau, não duro um segundo. E eu quero foder você. Passei dias desejando comer essa boceta apertada.

Eu vibrei nos braços dele. Como eu amava essa boca desbocada.

— Então me come, Leo... — disse, em uma voz manhosa que nem eu sabia que era capaz de usar.

Ele sorriu lascivamente e me virou de volta de frente ao espelho. Ele possuía prática, ou apenas era eficiente em tudo que fazia: rapidamente rasgou a embalagem do preservativo com os dentes e cobriu seu pau.

Apoiei as palmas das mãos espalmadas na pia, e meu corpo deu um tranco para frente quando Leonardo entrou rasgando dentro de mim. Bendita boca que me fez gozar muito, alguns minutos antes, ou certamente estaria bem dolorida no dia seguinte.

— Porra, Gisele... — ele começou a se mexer lentamente, entrando e saindo de mim — Você me deixou viciado em sua boceta molhada.

Eu descobri que eu era uma dessas pessoas que gostava de ouvir sacanagem enquanto transava. Não qualquer sacanagem, mas Leonardo sabia o que dizer na hora certa para me ativar.

— Olha como é linda — ele segurou meu pescoço e me fez encarar o espelho mais uma vez.

Mesmo com nossas roupas cobrindo boa parte dos nossos corpos, era a cena mais sensual que eu já vi.

— Gostoso, não é? — disse ele, enfiando um dedo em minha boca.

Cheiro de sexo. Gosto de sexo. Provei o meu próprio sabor e respirei fundo, quando ele começou a acelerar as investidas. Sua outra mão agarrada ao meu seio e seu quadril bombeando forte. E seguia rumo ao orgasmo mais uma vez, quando ouvimos vozes do outro lado da porta e a maçaneta começou a mexer.

Ao invés de se afastar como achei que Leonardo faria, ele empurrou meu ombro para frente, fazendo com que deitasse meu tronco na pia outra vez. Ele sorriu antes de agarrar meu quadril e meter mais fundo e rápido dentro de mim.

Eu me transformei em uma verdadeira depravada. Pois quanto mais eu tinha ciência que havia pessoas do outro lado da porta, mais eu queria que ele me fizesse gozar.

— Aih... isso — gemia, sem controle — Assim Leo... assim.

Ele grunhia palavras desconexas, mas não desviava os olhos do espelho ou diminuía a velocidade. Senti que seu pau ia inchando, cada vez mais duro dentro de mim, e eu o apertava ao redor.

— Ah, porra... — ele grunhiu, minha boceta o apertando mais.

Algumas estocadas depois, eu fui acometida por outro orgasmo forte. Leonardo gozou logo em seguida. Mas nós não tínhamos tempo para curtir o momento de relaxamento pós-sexo. Ofegantes, nós tentamos ajeitar nossas roupas da melhor forma que conseguíamos. O barulho na porta estava mais constante e raivoso agora.

Leonardo me aconchegou ao peito dele, quando retirou a cadeira e dois seguranças e alguém da limpeza entravam furiosos, passando por nós.

— Desculpe — ele me abraçou mais contra ele, de forma que meu rosto ficasse protegido — Ela estava passando mal, mas agora já está tudo bem.

É claro que nenhum deles deve ter acreditado e engolido a desculpa que descaradamente Leonardo dava. O banheiro cheirava a sexo, e eles sabiam muito bem o que estávamos fazendo. Sexo no Casarão deveria rolar o tempo todo, e acho que o problema não era nem transarmos, mas termos colaborado para que uma pequena fila tivesse se formado no banheiro feminino.

Algumas garotas resmungaram quando passamos por elas, mas não soube de onde vinham os protestos, porque Leonardo continuava a me guiar escondendo meu rosto.

Eu não sei se estava sob muita pressão, mas assim que Leonardo abriu a porta que dava a uma área aberta e mais reservada, meu choro desabou alto.

— Gisele?

Ele me afastou um pouco e ergueu o meu queixo para que pudesse me

olhar. Lágrimas pesadas pareciam vir do fundo da minha alma.

— Droga! — ele passou a mão nos próprios cabelos — Droga! Droga! Porra!

Continuei a soluçar. Eu não sabia por que estava agindo tão ridiculamente, mas não conseguia evitar. Abracei Leonardo, chorando contra a camisa dele. Era tudo o que eu tinha de mais honesto e real na minha vida e, mesmo assim, não era meu.

— Desculpe, querida — ele esfregou meus cabelos — Não pensei que tudo isso pudesse te envergonhar.

Sacudi a cabeça. Nada do que acabamos de fazer me deixava envergonhada. Um pai mentiroso e bandido, sim, me deixava envergonhada.

— Foi maravilhoso... — consegui dizer, entre soluços — Não é... não é isso.

Eu queria que nós pudéssemos fugir. Ir a qualquer lugar onde nada de ruim pudesse chegar até nós. Que existisse uma ilha deserta apenas para nós dois.

— Me tira daqui — ergui meus olhos suplicantes para ele — Me tira daqui, Leonardo.

Não era apenas do Casarão que eu queria que ele me tirasse, mas de toda a merda que se transformara a minha vida.

Sem dizer nada, ele me conduziu para fora, depois para o estacionamento onde estava o seu carro. Eu já sabia mais ou menos o percurso do Casarão para o apartamento dele, então não pareceu que o caminho foi tão longo dessa vez.

Quando chegamos ao apartamento, Leonardo ainda se mantinha silencioso, mas pelo menos eu parei de chorar. Ele me beijou assim que fechou a porta. Com carinho e sensibilidade, que novamente trouxeram lágrimas aos meus olhos. Entramos em seu quarto. Ele tirou a minha roupa, depois as dele, e fomos para o banheiro.

O apartamento era confortável, mas modesto, não havia banheira, apenas um chuveiro grande. Depois de regular a água na temperatura que ele achou adequada, me levou com ele para debaixo do jato de água. Lavou meus cabelos e passou o sabonete líquido pelo meu corpo.

Eu me sentia cuidada como nunca me senti antes.

— Faz amor comigo? — pedi a ele, assim que desligou o chuveiro e me abraçou.

Não sexo explosivo, eu queria ser amada por ele.

Qualquer pessoa sabia que existia uma diferença grande entre trepar e fazer amor. Fazer amor envolvia carinho e sentimentos. É claro que nenhum de nós tinha sentimentos profundos um pelo outro. Mas poderia haver um pouco mais de carinho e delicadeza.

Leonardo olhou profundamente em meus olhos, por um tempo considerável. Eu já estava pronta para dizer que ele esquecesse tudo, quando ele me pegou em seu colo e me levou para o quarto.

Ele me beijou com doçura. E seus toques e carícias pelo meu corpo eram mais suaves. Ele me amava como se realmente sentisse algo mais profundo por mim. Como toda mulher um dia desejava ser amada. E novamente me fez esquecer o mundo horrível à minha volta.

Capítulo 7



Leonardo Valença

Ela não vai fugir!

Eu não iria deixar que Gisele saísse sorrateiramente. Não dessa vez. Não quando eu tinha tantas perguntas a fazer a ela. Não quando eu passei a porra da noite toda em claro.

— Acredito que esteja apenas indo ao banheiro — abri os olhos, quando senti a ondulação na cama aumentar — Ou, sendo otimista, indo preparar o café da manhã para nós dois.

Encarei Gisele, nua, os cabelos caindo nas costas, sentada no colchão em uma posição rija, as costas tensas, os dedos cravados no lençol, a respiração acelerada. Ela estava mesmo pensando em escapar sorrateiramente outra vez?

— Você não está fugindo — coloquei as mãos em seus ombros, e num gesto rápido trouxe-a de volta para a cama, o corpo tenso por baixo do meu — Está?

Primeiro ela me encarou com os olhos castanhos, assustados. A respiração estava ofegante e ela parecia se sentir encurralada. Afrouxei um pouco o agarre em seus braços, para que ela entendesse que não precisava ter medo de mim. Eu trabalho para servir e proteger as pessoas, e não para machucá-las. E mesmo que essa não fosse a minha vida, eu jamais faria isso, nunca encostaria um dedo em uma mulher, mesmo que me deixasse puto da vida, como Gisele fizera na última vez que fugiu de mim.

— Vai me dizer que nunca fez isso? — o medo dela foi substituído pela raiva, e eu gostava muito mais dessa reação, ela ficava absurdamente sexy quando estava nervosa — Nunca pulou da cama de uma mulher com quem

trepou a noite toda, sem olhar para trás?

Sendo honesto, eu fizera isso muitas vezes. E também já fui deixado na cama sozinho. A diferença é que, naquelas ocasiões, eu não me importei.

— Mas a gente não só trepou, não foi? Bom, pelo menos não o tempo todo — passei os meus dedos na bochecha acalorada e me delicieei com sua reação ao meu toque — A gente fez amor, lembra?

Eu achei bastante estranho o pedido dela. Ninguém nunca fizera esse pedido antes. Não da forma e intensidade que Gisele tinha feito. Como se o corpo dela estivesse congelando, como se por dentro ela estivesse morrendo lentamente.

Não sei se realmente fiz amor com ela. Eu tentei ser o mais carinhoso e atencioso possível. Em vez de palavras sujas que gostava de falar, fiquei em silêncio, deixando que minhas mãos e meu corpo falassem por mim. A droga é que isso atingira algo em mim e meio que me revirado de ponta-cabeça.

— Foi apenas sexo, Leonardo — ela remexeu o corpo, tentando escapar, mas o gesto só serviu para aproximá-la ainda mais e deixar mais alerta o meu corpo, uma parte bem específica dele — Simples assim.

— É. Sexo, sim — eu não iria pressioná-la agora — E foi bom pra cacete!

Abaixei minha cabeça, passando meu rosto pelo pescoço dela, enquanto abria suas pernas com meus joelhos e me acomodava entre elas. Inspirei fundo. Eu ficava louco com o perfume dela. Era doce, mas não do tipo enjoativo. Esse perfume ficara em meu sistema por dias. Gisele tinha ficado na minha cabeça por dias.

Afastei o meu rosto e segurei seu pescoço, fazendo com que olhasse diretamente para mim. Eu me vi mergulhar nos olhos cor de amêndoas. Profundos e que me faziam querer mergulhar mais fundo. Como um pirata que via através da névoa a ilha desconhecida, mas que não causava medo algum.

— Pode chamar o que fizemos do que quiser, Gisele — esfreguei meus lábios nos dela e a senti estremecer em meus braços — Mas nunca de apenas e simples.

Mordi seu lábio levemente antes de meter minha língua em sua boa. Enquanto algumas pessoas — na maior parte delas, mulheres — descreviam o amor como uma troca de almas, eu preferia dizer que há casais que têm uma química fodida. Eu e Gisele temos isso. E nossa química é boa para cacete, e eu pretendia vivenciar isso o tempo que durasse.

Enquanto a beijava, não de forma feroz, mas lenta e sensual, minha mão deslizava pelo seu braço, passando pela cintura e chegando ao meio de suas pernas.

— Boceta molhada — esfreguei meus dedos nela, deixando-os bastante

lambuzados — Acordou assim, ou fiz isso agora?

Enfiei dois dedos nela, e isso fez com que, ao invés de me responder, ela morderse os lábios e fechasse os olhos. Isso era sexy pra caralho.

Tirei os dedos e os levei até os seus lábios, enfiando os dois em sua boca. Tirando e colocando, simulando movimentos sexuais. Como se fosse meu pau entrando e saindo de sua boquinha gostosa.

— Esse é o gosto que você tem... o cheiro — disse, tirando os dedos de sua boca, esfregando em seus lábios, passando abaixo de suas narinas — Quando eu te toco. Quando te fodo com a minha boca.

Estudei seu rosto contorcido, as pupilas dilatadas, os lábios avermelhados. Voltei a cobrir sua boca com a minha, no mesmo beijo lânguido e sensual. Minha mão retornou entre suas coxas, mas dessa vez meus dedos brincaram com o ponto sensível que começava a endurecer ao meu toque. Gisele foi despejando os gemidos em minha boca. Devorei cada um deles com fervor.

Quando afastei minhas mãos, os olhos dela se abriram e vi o desespero passar por eles. Segurei seus joelhos e abri suas pernas, deixando-as escancaradas.

— Eu vou te chupar agora.

Notei as pupilas dilatarem, e Gisele se contorceu, as costas arqueando. Achei que ela nem se deu conta de como seu corpo reagiu, malditamente sexy.

— Até eu gozar?

A pergunta me pegou de surpresa. Um sorriso cretino veio ao meu rosto. Passei a mão suavemente por sua coxa, depois na outra. Notei sua pele arrepiar e seu corpo estremecer.

— Quer que eu te chupe até gozar? — sei que tenho um olhar arrogante ao dizer isso.

Não sei, mas tem algo em Gisele que me impelia a agir como um filho da puta cretino.

— Vai molhar a minha boca com essa bocetinha quentinha?

Enfiei dois dedos nela e usei o polegar para esfregar seu clitóris, movimentando os dedos em sincronia. Suas paredes internas fecharam em torno deles, e senti um leve pulsar.

— Ai, Leonardo... — ela murmurou entre os gemidos — Por que você fala isso?

Soquei meus dedos um pouco mais, e senti a parede rugosa em sua boceta e acariciei ali. Ela estava febril. Era a expressão mais próxima para explicá-la nesse momento.

— Porque você gosta, Gisele — afastei minha mão e deslizei sobre ela, colocando meu rosto entre suas coxas — Adora me ouvir dizer que vou chupar

você. Foder você. Virar você do avesso.

Passei minha língua da entrada molhada de sua boceta, até o clitóris inchado. Prendi o botão entre meus dentes e chupei com força. Sei que irá causar um pouquinho de dor, mas dará prazer a ela também. Dor e prazer muitas vezes andam lado a lado.

Gisele fechou as pernas em volta do meu rosto e agarrou meus cabelos com força, esfregando-se em mim. Em busca do prazer que somente eu posso dar a ela.

Normalmente eu apreciava provocá-la. Fazê-la chegar ao limite antes de deixá-la gozar. Quanto mais perto ela chegava, mais forte seria o orgasmo quando finalmente chegasse lá. Mas eu já havia acordado duro, desejando meter nela. Não dava para brincar de torturá-la, ou iria gozar apenas observando-a gozar gostoso.

— Hoje é seu dia de sorte, Gisele — dei um tapa de leve e esfreguei com a palma da mão o nervo sensível — Vou deixar que você goze logo.

Então parti para o ataque. Com minha boca, meus dedos, a minha língua. Chupando e fodendo com gosto a sua boceta molhada. Olhei para cima e vi Gisele esfregando os mamilos, como se toda a fonte de prazer que eu lhe dava acabasse ali. Peguei o meu pau, esfregando-o.

Porra, eu podia gozar assim.

Continuei a socar com meus dedos e chupar o seu clitóris enquanto masturbava meu pau. Minhas bolas já estavam bastante inchadas pela necessidade de gozar logo.

— Ai, Leo...hum... — ela gemia como uma gatinha sendo acariciada.

— Filha da puta gostosa! — Grunhi, atacando seu nervo pontudo mais uma vez.

Sentia meus dedos ficarem cada vez mais úmidos, enquanto Gisele se contorcia e soltava palavras desconexas e delirantes. Era o inferno de sexy vê-la se entregar ao orgasmo como fazia. Gozando gostoso para mim.

Eu registrava cada sinal. O ventre se comprimindo com os espasmos. A respiração ofegante. E depois de alguns segundos ela voltando, os olhos se fechando preguiçosamente.

Aproveitei desse pequeno momento de relaxamento para ir em busca do preservativo. Nenhum homem gostava da porra do preservativo, embora seja necessário, se você respeita a parceira na cama. Mas estava tão excitado que até deslizar o látex pelo meu pau causou certo frisson.

— Está cansada? — indaguei, passando os dedos pelo sorriso satisfeito.

Ela assentiu com a cabeça, e não resisti à vontade de roubar um ou dois beijos. Peguei sua mão, a levando ao clitóris.

— Cuida dele — murmurei, enfiando-me dentro dela — Deixa que do resto eu cuido.

Embora eu quisesse socar bem forte e fundo, sabia que se fizesse isso não duraria um segundo, e queria fazer Gisele gozar mais uma vez. Então enfiei e tirei lentamente, repetindo o processo constantemente.

Segurei o pescoço dela e alisei o seu queixo:

— Fala alguma coisa para mim.

Acredito que tem que ter um limite do que dizer na hora de transar. Nada de muito silencioso, mas também não precisava ser um político em dia de discurso. Mas como tudo em Gisele, eu também gostava para cacete da voz rouca que ela ficava quando a fodia.

Ela me encarou por um segundo, encabulada. Socando um pouco mais fundo, movimentei o quadril.

— Me fode — ela deixou escapar, e esse foi o limite para mim.

Soquei como se não soubesse ou pudesse fazer nada mais, além disso, na vida. Entrando e saindo.

Duro...

Gostoso...

Forte!

— Gisele!

Ela entendeu meu pedido e passou a se esfregar com mais força e velocidade. Eu sempre estive satisfeito com minha resistência física, *mas porra*, eu a vi gozar. E precisava ver mais uma vez.

— Goza para mim — grunhi, antes de morder seu mamilo — Molha meu pau com sua boceta.

Você tem que saber o que fazer e dizer na hora certa. Quando Gisele soltou o primeiro gemido estrangulado, quando seu corpo todo começou a se contorcer e sua boceta começou a pulsar forte em torno do meu pau, meu orgasmo veio, potente.

— Ah... porra. Porra! — parecia que não iria acabar nunca, sentia que minhas bolas podiam estourar na minha cabeça — Filha da puta!

Desabei sobre Gisele. Provavelmente estava esmagando-a, mas eu não tinha forças para conseguir me movimentar agora. Caralho, eu estava fodido. Não haveria uma maldita manhã que eu acordasse que não me lembrasse desse dia.

O choque dessa revelação fez com que recobrasse um pouco das minhas energias e rolasse para o lado da cama.

— Está me devendo uma, Gisele — disse, com um sorriso prepotente.

— Como? — perguntou, tentando se recuperar também.

Virei de lado, apoiando o cotovelo na cama e a cabeça em minha mão. Já a

tinha visto nua dezenas de vezes, mas sempre era um prazer ver mais uma vez.

— Aquela manhã que você foi embora — se ela pensou que iria deixar o assunto morrer, era muito inocente — Se era isso que me esperava...

Ela se cobriu com o lençol, antes de ficar na mesma posição que eu.

— Todos os homens são arrogantes como você, ou isso é uma qualidade sua?

Ela gostava de mostrar as garras, e eu amava as garras dela em minha pele.

— Essa é uma das muitas qualidades que tenho — provoqueei-a com vontade — Agora me diga, por que fugiu?

— Por que acha que eu fugi?

Era uma boa tática, escapar de uma pergunta fazendo outra.

— Por que não trepamos gostoso como agora? Tomamos banho juntos? — disse a ela, com cinismo — Por que não fiz um café para você? Não chamei um táxi e nem peguei seu telefone quando a beijei contra a porta, antes de você sair?

Ela rolou na cama, olhando para o teto, fugindo de minhas perguntas e olhar inquisidor.

— Homens... — ela respirou profundamente — Tudo o que importa é sexo. Dinheiro. Poder.

— Dinheiro é necessário para a sobrevivência — disse, pegando um pedaço do lençol, puxando-o lentamente — Devo admitir que gosto muito de sexo. Mas quanto ao poder... Bem, se for na cama, acho que sou mesmo muito controlador, às vezes.

Gisele virou a cabeça em minha direção. E lá estava aquela sombra de dor que parecia estar sufocando-a.

— Não foi isso que eu quis dizer — murmurou, fechando os olhos.

Seja o que for o que a estivesse incomodando, estava claro que não estava pronta para falar. E meu estômago escolheu essa hora para se manifestar. O que deveria ser um momento constrangedor, acabou sendo uma ótima via de escape.

— Nós já fizemos sexo matinal — disse, saltando da cama — Que tal um banho e café da manhã?

— E depois eu tenho um beijo de despedida na porta — havia um ar de pesar quando ela disse isso.

Com outra mulher talvez isso tivesse me deixado irritado. Mas eu não estava pronto para ver Gisele ir embora.

— É isso o que você deseja?

Sentia uma leve torção no estômago conforme a observava pensar. E dessa vez não era de fome. Não no sentido literal.

— Na realidade, não — ela sussurrou, depois me encarou, alarmada — Quer dizer, você deve ter milhares de coisas para fazer...

Eu tinha um compromisso importante no fim da tarde, mas seria tão breve que não haveria problema em levá-la comigo. O restante do fim de semana seria tranquilo.

— Você pode ficar — passei por cima da cama e a agarrei pela cintura — Eu quero que fique.

O sorriso foi lentamente despontando no rosto dela, até parecer iluminar o quarto inteiro. Quando é que eu parei para pensar que uma mulher ficava linda, sorrindo? Eu geralmente pensava como elas ficavam sexy em uma minissaia e um decote profundo.

— Nesse caso, eu quero muito ficar aqui — murmurou ela, pousando a mão em meu peito — Sem cobranças. Sem perguntas. Apenas nós dois passando um tempo juntos.

Não sou do tipo que gosta de ficar falando sobre a minha vida, e na minha profissão, não deveria. Então eu não podia exigir que Gisele abrisse sua alma comigo. Pelo menos por enquanto. Estava bom o lance de passarmos um tempo juntos e apenas curtir.

— Bom, então a gente anula a parte que você vai embora — murmurei, puxando-a mais para mim, até que nossos corpos nus ficaram grudados — E seguimos com o banho e café da manhã. O resto a gente improvisa.

— Eu acho perfeito.

Num movimento rápido, eu a tirei do chão e a coloquei em meu colo. A risada surpresa foi como música aos meus ouvidos, e me vi rindo também, enquanto a carregava para o banheiro.

— Perfeição é meu nome do meio.

Antes que ela pudesse pensar em protestar, cobri a boca dela com a minha.

Capítulo 8

Gisele Alencar

Leonardo me emprestou uma de suas camisas, que mais parecia um vestido em mim, enquanto eu colocava as minhas roupas em sua lavadora. Eu saía da área de serviço, quando ele surgiu vestindo apenas calça jeans, esfregando uma toalha nos cabelos. Como a área era pequena, ele teve que pressionar o quadril contra minha bunda, para jogar a toalha molhada no cesto.

Eu recordei da nossa última hora no banheiro, e meu corpo reagiu ao tê-lo tão perto. Esfreguei o pescoço e tentei regular a respiração. Senhor, eu estava me tornando uma mulher muito fácil. Bastava que ele tocasse em mim e ficasse tão próximo, que minha mente se enchia de pensamentos sensuais.

Consegui passar por ele e fui em direção à cozinha.

— O que teremos para o café da manhã?

— Café — ele me mostrou as cápsulas e a cafeteira no balcão do armário, como se apresentasse alguém — Mas se preferir, tem suco e leite na geladeira, assim como manteiga, requeijão e geleia. Tem torradas e bolachas no armário. Sirva com o que quiser.

Foi exatamente o que ele fez, abrindo e fechando portas do armário, enquanto eu olhava tudo, meio confusa. Em casa, a mesa sempre estava pronta, não importava a hora que eu levantasse. E até mesmo quando morei fora, havia uma empregada que me atendia em tudo o que precisasse. O que não parecia ser o caso de Leonardo. Embora o apartamento fosse aconchegante e limpo, não acreditava que ele tivesse uma empregada fixa, talvez uma diarista para fazer a limpeza.

Quando ele sentou e olhou para mim, estranhando que estivesse como uma estátua esquisita, parada no meio da cozinha, eu ocupei uma cadeira ao lado da dele. Peguei a embalagem de suco que ele havia colocado em cima da mesa e um prato para colocar os frios, que ainda estavam na embalagem de mercado. Era tudo tão simples, mas eu descobri que gostava dessa simplicidade.

— Você pode ao menos dizer o que faz? — indagou Leonardo.

Peguei uma torrada e passei uma boa camada de geleia de uva, antes de pensar no que responder.

— Eu me formei em administração de empresas.

Ele lançou os olhos analíticos em cima de mim, e fui impelida a desviar o olhar.

— Eu me formei em engenharia, mas...

Leonardo não terminou a frase, e levantei o olhar para encará-lo.

— Sem perguntas pessoais — disse ele em um tom defensivo — Certo.

Assenti, embora a curiosidade em conhecê-lo um pouco mais fosse grande. A mensagem era clara: para saber um pouco mais dele, eu precisava me abrir. E tudo o que eu queria era passar esse dia com ele, sem a lama em volta da minha família em meus ombros. Somente entre nós dois.

— O que você gosta de fazer, quando não está administrando empresas?

O que eu gostava de fazer? Raramente as pessoas me perguntavam isso. Geralmente apenas diziam o que esperavam de mim.

— Eu gosto de ler — respondi e bebi um gole do suco de laranja — Teve uma época que gostei de dançar.

— É mesmo? O quê?

— Não essas músicas de balada que só sacudimos o corpo, embora seja bom também — disse, empolgada — Mas amava jazz, samba e um pouco de tango.

Nossa. Fazia tanto tempo que não dançava pelo simples prazer de dançar.

— Isso explica porque você é tão boa com as pernas — ele insinuou e deu uma generosa mordida em sua torrada.

Um pouco de requeijão manchou o canto de seus lábios, onde passou a língua. O homem sabia ser sexy sem o menor esforço.

— E você? O que gosta de fazer?

— Correr. Isso me ajuda a pensar. Coloco meus fones de ouvido e posso correr, sei lá, por horas — diz ele — Quando tenho tempo, corro no Ibirapuera.

Imediatamente tenho a imagem dele correndo de peito nu, completamente suado.

— E depois são os homens que só pensam em sexo — disse ele em um tom divertido, ao flagrar meu olhar.

Senti meu rosto queimar. Eu estava sendo uma boba. Primeiro, por realmente estar pensando nele dessa forma, depois, por me deixar cair em sua provocação.

— E o que mais você gosta de fazer? — perguntei.

— Sexo.

Puro e seco.

Eu tinha de admitir, o homem era uma máquina fazendo sexo, então ele realmente tinha que gostar.

— E você?

— Sei lá — dou de ombros — Coisas normais. Ir ao teatro. Cinema.

Continuamos a conversar sobre coisas que gostávamos de fazer e nos conhecermos melhor, sem entrar em assuntos mais íntimos.

— E o que você gosta de ouvir? Não me diz que é uma dessas bandas asiáticas.

Essas bandas faziam sucesso pelo mundo e tinham chegado com muita força no Brasil.

— Não sou uma fã alucinada, mas gosto de algumas músicas.

— Bom... — ele revirou os olhos — As sobrinhas do Henrique iriam adorar você.

Diante do meu olhar interrogativo, ele explicou que Henrique era o seu melhor amigo. E que os dois trabalhavam juntos, embora não tenha falado no que eles trabalhavam. Eu não era a única a manter segredos.

— Eu aposto que você gosta de rock — terminei de tomar meu suco e começamos a tirar a mesa.

— É tão evidente assim?

— Você tem tatuagem, Leonardo — não resisti, e passei a mão nas tatuagens pelo braço dele — Não que seja uma regra. Mas as duas vezes que entrei no seu carro, só ouvi isso.

— Isso porque eu tenho um excelente gosto musical.

Enquanto ele cuidava da louça suja, eu terminava de guardar as coisas nos seus devidos lugares. Trabalhávamos juntos e em uma sintonia que parecia tão natural. E eu, por alguns segundos, imaginei como se isso fosse real em nossas vidas. Como se essa fosse a minha vida, e nunca me senti tão feliz. Apenas ouvindo Leonardo falar enquanto guardava a caixa de suco na geladeira.

— Ah, mas Dorama é legal, vai — das bandas K-pop, entramos no assunto de séries— Nós poderíamos assistir alguma. Se você não gostar, eu prometo parar de tentar convencer você.

Nós fomos para a sala, e como eu era especialista no assunto, ele deixou que escolhesse. Então começamos com *Descendents of the Sun*, uma série que retratava soldados em uma operação militar, também possuía uns toques de comédia, e achei que ele iria gostar.

Conseguimos assistir quatro episódios antes de pararmos para o almoço. O que foi um verdadeiro desafio para mim, porque não sabia nem como se fritava um ovo.

— Pensei que todas as mulheres nasciam com esse dom — disse ele, ao colocar o frango empanado na mesa — Como ter e criar os filhos.

— Isso foi machista, Leonardo! — peguei um punhado de trigo em uma vasilha e arremessei no rosto dele, mas só o atingiu do pescoço para baixo.

Ele deu um sorriso safado quando se aproximou de mim e agarrou minha cintura, me colocando na mesa.

— Deixe-me ver — disse ele, passando as mãos em minhas pernas,

erguendo a barra da camisa — Eu sou arrogante, debochado, convencido e agora, machista. Tem algo positivo que você goste?

— Hum... você sabe cozinhar — murmurei, minha respiração começando a acelerar.

Ele desviou o olhar para as minhas coxas nuas, e as mãos subiram um pouco mais.

— Só isso?

Leonardo segurou meus joelhos e afastou as minhas pernas, se colocando no meio delas.

— Você fode bem — me atrevi a dizer.

Seus olhos afogueados encontraram os meus.

— Bem?

— Tá certo — respondi, sorrindo — Fode maravilhosamente bem.

Ele me deitou contra o mármore da mesa e senti que minha pele queimava quando toquei a superfície fria.

— Nunca pensei que diria isso... — murmurou ele, erguendo a camisa até minha cintura, analisando a cueca boxer dele que eu usava — mas minhas cuecas são sexies pra caralho.

Não consegui segurar a risada. Eu me sentia tão bem com ele, tão feliz. Nunca me senti tão feliz e tão livre com alguém.

— Tudo em você é sexy, Leonardo — disse isso com toda sinceridade do meu coração — Até suas cuecas.

E nesse momento eu comecei a perceber que eu estava muito encrencada. Estava completamente seduzida por ele. Não apenas viciada no sexo. E talvez... talvez eu estivesse me apaixonando.

Isso era muito, mas muito ruim. Eu não podia lidar com um coração partido agora. Então, precisava manter em mente que Leonardo era apenas uma distração e que eu não poderia entregar meu coração a ele.

— O que você está pensando?

Ele deve ter notado a expressão em meu rosto mudar. Desfranzi a testa e voltei a me concentrar no momento.

— Eu quero você — murmurei, passando minhas pernas em volta da cintura dele, puxando-o mais para mim com os pés.

Leonardo abriu os botões da camisa, e quando meu peito ficou exposto, sua boca imediatamente foi até os meus seios. Fechei os meus olhos e curvei a coluna, me oferecendo mais a ele, enquanto meus dedos afundavam em seus cabelos. Depois de deixar os meus mamilos sensíveis, meus seios pesados, ele deixou uma trilha de beijos até chegar ao centro entre minhas pernas.

Nesse momento eu já gemia e me contorcia alucinadamente. Leonardo

agarrou meus calcanhares e apoiou minhas pernas em seus ombros. Ele me chupava do jeito que sabia que me fazia perder o rumo. O homem era um mestre na arte de usar a boca. Chupando meu clitóris, enfiando a língua em minha boceta até que eu ficasse encharcada. Mordi minha mão, evitando implorar que ele me levasse ao prazer. Eu descobri que eu era muito ansiosa em relação a isso e que Leonardo adorava me torturar.

Ele era um homem mau.

Senti meu interior ficar quente, enquanto Leonardo chupava seu picolé favorito e sacudia os dedos dentro de mim. Ficava cada vez mais molhada, e o prazer vinha em ondas estremecendo meu corpo.

— Goza para mim, linda. Deixa eu mamar nessa sua bocetinha gostosa.

Foi o suficiente para que eu agarrasse na borda da mesa e me desfizesse na boca safada de Leonardo. Gozando tanto, que toda energia que havia em mim parecia se derramar na boca dele.

— Acho que é minha vez, agora — ele disse, ficando de pé.

Ainda estava trêmula quando ele me puxou para o chão. Fiquei de joelhos enquanto ele abria os botões de sua calça, abaixava um pouco a cueca e colocava o seu pau para fora. Ele o esfregou de cima para baixo, diante de meu olhar ansioso. Lambi os lábios, esperando o momento em que ele o levaria à minha boca. Eu gostava de chupar o pau dele. De ver como o quadril dele remexia quando a cabeça de seu pau tocava em minha garganta e as obscenidades que grunhia quando ejaculava em mim.

— Quer chupar meu pau, Gisele? — a rouquidão em sua voz surgiu — Porque eu quero essa boca gostosa fodendo-o.

Assenti freneticamente. Mas Leonardo continuou a se masturbar na minha frente. Seu pau crescendo e enrijecendo, negando-me o que eu tanto desejava.

— Passa a língua — disse ele, esfregando a cabeça de seu pau em minha boca.

Coloquei a ponta da língua para fora e lambi, chupei e voltei a lamber novamente. Fui fazendo isso por toda a extensão de seu pau, ouvindo a respiração dele mudar.

— Agora chupa minhas bolas — ele ordenou.

Obedeci. Estava inteiramente submissa a ele. Tão sedenta por ter seu pau completamente em minha boca, que parecia uma andarilha, desesperada e faminta.

Ele continuou a me ditar coisas. Que eu o masturbasse com a mão enquanto continuava a chupar suas bolas. Mais firme. Mais rápido. Mais pressão.

— Agora fode ele, Gisele.

Praticamente agradeci por poder deixar livre uma das mãos quando enfiei o

seu pau em minha boca. Eu comecei a me tocar e enfiar o pau dele o mais fundo em minha garganta. A prática leva à perfeição, e eu estava ficando boa nisso. Pelo menos eu sabia analisar melhor cada gemido e grunhido de Leonardo e dava tudo de mim.

Leonardo agarrou meus cabelos e impulsionou o quadril, indo mais fundo: — Segura!

Senti meus olhos arderem e as lágrimas descerem pelo meu rosto. Quando ficou quase impossível de respirar e meu rosto vermelho demais, ele se afastou. Alisou o seu pau todo babado por minha saliva, enquanto eu tossia e recuperava a respiração. Ele repetiu isso mais algumas vezes. Cada vez eu sentia que iria desmaiar ou morrer sufocada. Mas ao invés de me sentir amedrontada ou ficar irritada com ele, sentia exatamente o contrário. Eu me sentia poderosa. Era louco e estranho, mas era assim que Leonardo me fazia sentir.

— Filha da puta, gostosa! — ele me fez perder o ar novamente antes de se afastar — Levanta!

Eu não possuía forças nem para piscar, então ele me ajudou a ficar de pé. Ele me virou de costas bruscamente, e meus peitos foram pressionados na mesa fria.

— Abre as pernas!

Depois que fui estudar fora, gostei de vestir a camisa de que era uma mulher independente e dona de mim. Mas, pelo menos no sexo, e com Leonardo, gostava de ser submissa. E me enchia de tesão que ele não pedisse as coisas, mas ordenasse. Que me conduzisse e não me deixasse levar. Mas por mais livre que eu pudesse ser, na cama o homem tinha que ser o dominante. E Leonardo não era o tipo que pedia “por favor”. Ele seguia seus instintos, e os instintos dele me conduziam ao extremo prazer.

Ouvi o barulho da embalagem sendo rasgada e espalmei as mãos na mesa.

— Ahh... — seu pau entrou rasgando em minha boceta, mas ao invés de repeli-lo, ela ficou mais molhada, e a sensação prazerosa fez os pelos em minha pele eriçarem.

Fiquei nas pontas dos pés, e cada vez que Leonardo arremetia em mim, meu corpo saltava para frente, na mesa.

— Isso, gostosa — ele agarrou firme minha cintura e continuou a meter forte — Empina essa bunda pra mim.

Suas bolas batiam em mim, e em alguns momentos eu sentia como se ele fosse me partir em duas. As ondulações de prazer indo e voltando.

— Ahh, fode, Leo... — gemia e pranteava por mais — Fode!

Eu empinava em direção a ele, e Leonardo me socava fundo. Bateu com as duas mãos em minha bunda, causando ardência e tesão ao mesmo tempo. Depois

ele abriu as nádegas e senti um dos seus dedos passar em meu ânus, a pontinha fazendo pressão para entrar. Estremeci, pois eu não sabia que essa parte em mim pudesse ser tão sensível ao toque. Nunca fiz sexo anal. Tinha medo, mas com Leonardo eu acho que era capaz de qualquer coisa. Enfrentar qualquer desafio que ele quisesse.

— Aposto que esse cu ainda é virgem — ele provocou e enfiou o dedo completamente em mim.

Minha boceta agarrou ainda mais em seu pau, e a sensação de prazer em mim se intensificou. Ele se inclinou sobre minhas costas e mordeu meu ombro. Alternava a atenção entre seu dedo no meu ânus e seu pau em minha boceta. Em poucos minutos eu estava gozando, alucinada.

Não demorou muito tempo para que ele me seguisse.

Às 20h, saímos do apartamento dele e fomos a um bar, onde Leonardo tinha um compromisso marcado. Eu quis ficar no apartamento, o esperando, mas ele insistiu que eu fosse junto. Acho que temia que eu voltasse a fugir.

Eu vesti a mesma roupa de quando cheguei, na noite anterior, mas pelo menos estavam limpas e passadas, porém não possuía nada de maquiagem na bolsa, além de um batom vermelho, e Leonardo afirmou que eu ficava ainda mais linda assim.

O bar tinha um ambiente meio escuro e havia um cara no fundo, tocando violão. O garçom nos levou a uma mesa, onde fizemos o pedido. Sentia que Leonardo parecia tenso, então o deixei quieto com seus pensamentos e passei a observar o lugar e as poucas pessoas que havia.

Quando comecei a ficar incomodada com o silêncio, vi o garçom conduzir um homem barrigudo e barbudo à nossa mesa. Ele era negro e usava o cabelo raspado. Possuía um ar carrancudo, mas apesar disso, não senti mais nada de desagradável nele, apenas parecia ser um homem sério.

— O que você me pediu — ele deslizou um pacote em direção a Leonardo, depois me cumprimentou com um olhar.

Leonardo empurrou um pacote um pouco menor em direção ao homem, que o guardou no bolso da jaqueta antes de sentar. Eu comecei a ficar alarmada. No que Leonardo poderia estar envolvido? O que o homem entregara a ele naquele pacote?

Senti meu coração afundar no peito. Se fosse alguma coisa ilegal, seria mais uma decepção difícil de suportar.

Será que todos os homens em minha vida tinham desvios de caráter?

Sentindo que eu havia mudado, Leonardo alisou minha perna até achar minha mão debaixo da mesa.

— Tem certeza de que quer mexer nisso mesmo, rapaz? — O homem perguntou.

Leonardo assentiu, e o maxilar ficou rijo.

— Preciso saber a verdade.

Ele estava investigando algo?

Isso, por ora, me deixou um pouco mais relaxada, embora seja lá o que ele estivesse procurando, parecia ser uma coisa perigosa. Eu não queria que ele se machucasse.

O homem tomou o copo de cerveja, que o garçom colocou para ele, em um único gole e se levantou, despedindo-se de nós. E eu nem sabia como ele se chamava. Tão rápido ele chegou, ele saiu.

— Isso foi estranho, né? — Leonardo sorriu, afastando um pouco a tensão que havia sido instalada em mim.

— Para dizer a verdade, foi, sim.

Tomei um pequeno gole da minha cerveja, enquanto Leonardo parecia brincar com o lacre do envelope.

— Meu pai era policial — ele disse, pegando-me de surpresa — Faleceu em serviço.

Estendi minha mão para tocar a dele: — Sinto muito.

Um longo silêncio nos seguiu. Os únicos sons eram do violão e o murmúrio das pessoas em volta.

— Soube, há pouco tempo, que ele esteve sendo investigado, mas acabaram arquivando o processo.

Eu sabia mais do que ninguém como nossos pais podiam nos decepcionar e magoar com isso.

— Às vezes, os nossos pais não são quem imaginamos — murmurei, no intuito de confortá-lo.

Leonardo me olhou rispidamente. Era a primeira vez que me encarava assim.

— Meu pai não era corrupto! — Ele praticamente cuspiu as palavras — E eu vou provar.

Estava claro que esse era um assunto delicado para ele. Da mesma forma que aceitar que meu pai era corrupto era dolorido para mim. Bom, pelo menos ele ainda continha a esperança de que seu pai pudesse ter sido um homem de bem, eu já não tinha a mesma sorte.

— Claro que vai — sussurrei.

Ficamos por quase uma hora tentando curtir o bar, até que decidimos retornar ao apartamento dele. Nós pedimos pizza e continuamos nossa maratona de DOTS. Perto da meia-noite, voltamos para o quarto.

— Nossa! Não vou poder andar bem, nem falar — levei a mão à garganta irritada — Terá alguma coisa que poderei fazer quando eu for embora?

Rolei de cima dele e deitei ao seu lado, sorrindo como uma boba.

— Pensar em mim — disse ele — E lembrar que ninguém te fode tão gostoso.

Eram dois fatos incontestáveis. Pensar em Leonardo seria algo inevitável, e ninguém nunca me fodeu do jeito que ele fazia. De corpo, coração e mente.

Eu passei algumas partes da madrugada olhando para o teto e pensando. Dentro de algumas horas, ou no mais tardar segunda de manhã, teria que deixar o Leo e voltar para casa. Meu conto de fadas estava chegando ao fim, mas eu não queria que acabasse. Mas não dava para acreditar que qualquer relação entre nós pudesse ter algum futuro.

Ele parecia um justiceiro querendo limpar a imagem do pai dele. Como reagiria, ao saber que meu pai era um empresário e político corrupto? E que poderia ter dezenas de provas contra mim. Então eu só tinha mais algumas horas, um dia, no máximo, e iria aproveitar cada minuto. Guardando memórias, para quando meu mundo desabasse.

Leonardo não estava brincando quando disse que adorava correr. Nós levantamos cedo — sob meus protestos, que fique claro — para correr no Ibirapuera. Claro que ter um dos seus calções amarrado à minha cintura com cadarço, uma camiseta gigante e o tênis que nadava em meus pés, não contribuíram em nada com o esporte. Eu estava e me sentia ridícula, mas ele dizia o contrário, e até olhava feio para alguns homens, afirmando que olhavam com segundas intenções para mim.

— Não, Leo. Chega! — avisei, parando de correr, apoiando as mãos no joelho, tentando regular a respiração acelerada — Sou mais do tipo que frequenta a academia e caminha na esteira elétrica.

Sentei na grama de frente ao lago e olhei suplicante para ele, que não tinha uma única gota de suor escorrendo pelo rosto, apenas o peito estava levemente umedecido, quase não dava para notar. Tudo bem que ele estivesse correndo em um ritmo menos acelerado do que estava acostumado, para me acompanhar, mas não era justo que eu parecesse suar como uma porca e ele continuasse seco e lindo.

— É assim que mantém esse corpo gostoso? — Ele entregou a garrafa de água, que bebi avidamente.

— Isso se chama genética — ou deveria ser o sangue ruim do meu pai — E acho que sorte.

— Correr é uma questão de costume — disse ele, bebendo o restinho da água que deixei — Logo você acostuma.

Ele disse isso como se houvesse um futuro entre nós. Como se dias como esse pudessem se repetir. Isso fez abrir uma pequena ferida em meu peito. Cada momento com ele era maravilhoso, mas cada hora que passávamos juntos também significava que estávamos mais perto do fim. Era uma felicidade agri-doce.

Eu espantei todos os pensamentos melancólicos e mudei de assunto, dizendo a Leonardo que estava com fome. Nós achamos um lugar próximo para tomar café da manhã. Um Food Truck de comida natural.

Voltamos para o apartamento. Enquanto eu tomava banho, Leonardo começou a analisar os documentos contidos no envelope. Ele era uma das pessoas que desconectava do mundo quando estava trabalhando. Como eu não sabia cozinhar, fui para a rua comprar comida. Eu havia visto uma churrascaria ali perto, e pedi duas refeições para viagem. Quando retornei, ele já estava no banho e logo depois se juntou a mim, à mesa.

Passava do fim da tarde, quando acordei, sobressaltada. Tínhamos dormido no sofá, vendo TV. Estiquei a mão e peguei meu celular de cima da mesinha. Eu estava totalmente sem bateria.

— Que horas são? — Leonardo esfregou o rosto e acariciou minha cintura.

— Não sei, estou sem bateria. Você tem um carregador?

— Não para iPhone — ele se espreguiçou e saiu do sofá — Mas a gente pode sair para comprar. Tem um shopping aqui perto.

Sorri, olhando cuidadosamente para ele.

— E você não está contando os minutos para que eu vá embora?

Ele enrugou a testa, depois sorriu do jeito safado que eu gostava.

— Por que eu deveria? — estendeu as mãos para mim, e quando as agarrei ele me puxou para os seus braços — Tenho sexo bom a hora que eu quiser. Acho que vou te amarrar na cama e fazer de você minha escrava sexual. O que acha?

Ele afagou minha bunda, e meu corpo reagiu como sempre reagia aos toques de Leonardo.

— Acho uma excelente ideia, mas...

Ele segurou meu rosto e afagou minha bochecha.

— É sério. Fica — murmurou ele — Até amanhã de manhã, pelo menos.

Eu queria muito ficar. Na verdade, eu não queria nunca ter que ir embora. Se meses atrás uma cigana tivesse lido a minha mão, e dissesse que no meu caminho cruzaria um homem lindo e sedutor, que se infiltraria em meu coração, mesmo sabendo bem pouco sobre a vida dele, ou praticamente nada, eu me veria tão apaixonada, diria que ela era completamente louca. Mas aqui estava eu. Em

frente a esse quase estranho, que mesmo também sabendo tão pouco de mim, parecia me entender e conhecer melhor do que qualquer pessoa que eu conhecesse.

— Eu tenho mesmo que voltar para casa. Avisei à minha mãe que passaria a noite de ontem fora — tento explicar a ele sem revelar muito — Mas ela está com a cabeça cheia de problemas, e o casamento dos meus pais não anda bem. Eu preciso voltar e ver como ela está.

Leonardo não pareceu feliz, mas aceitou.

— Certo, mas dessa vez me deixa seu telefone — ele resmungou.

Não podia fazer isso, não podia mesmo.

— E se eu for até lá e voltar? — indaguei, tentando desviar o assunto.

— Isso seria ótimo — ele me pegou no colo e fomos assim em direção ao quarto — Mas ainda quero o seu telefone...

Abafei o que ele dizia quando cobri os seus lábios com os meus. Foi o suficiente para que ele esquecesse o assunto no momento. Não era apenas eu que esquecia do resto do mundo quando estávamos nos braços um do outro.

Ele quis me levar para casa, mas insisti que me deixasse em um táxi. Acabei mesmo dando meu número a ele. Poderia ter inventado um número, mas não queria mentir e esconder mais coisas dele. Se algo tinha a nos separar, que fosse a verdade em relação à minha vida.

— Senhorita Gisele — a governanta veio ao meu encontro assim que abri a porta — Graças a Deus, chegou. Tentei falar com a senhorita a tarde toda.

Senti que toda a cor fugia de mim.

Ainda não! Eu só queria mais uma noite tranquila com Leonardo. Será que até isso o egoísmo do meu pai tiraria de mim?

— O que aconteceu, Rosana?

— A sua mãe, senhorita — ela torceu as mãos, nervosa — Hoje uma moça apareceu aqui com um bebê, as duas discutiram muito. Depois sua mãe subiu para o quarto, disse que tinha dor de cabeça e não queria almoçar. No fim da tarde eu fui atrás, para perguntar se queria um chá ou outro remédio, e a encontrei na cama.

Fechei os meus olhos para tentar conter as lágrimas, mas elas foram inevitáveis.

— O frasco de calmante estava vazio e havia alguns comprimidos sobre a cama, eu não sei dizer ao certo quantos ela tomou.

— Onde ela está? — fui em direção à escada.

— Eu chamei a ambulância. Como não consegui localizar a senhorita e nem

o Dr. Alencar, pedi que uma das empregadas fosse com ela até o hospital — ela explicou — Achei melhor ficar aqui, esperando ou tentando falar com um de vocês.

Respirei fundo para tentar encontrar um pouco de calma.

— Você fez bem, Rosana — falei para ela — Conseguiu falar com meu pai?

Ela negou com a cabeça. Claro que não. Ele tinha coisas mais importantes, do que se preocupar com a esposa e a filha. Pedi que Rosana informasse o hospital para o qual minha mãe foi levada, e fui direto para lá.

Capítulo 9



Leonardo Valença

Eu tinha muitas coisas para pensar, como as dúvidas sobre a carreira do meu pai e voltar à ativa para investigar casos com Henrique. Na manhã seguinte, ele me colocaria a par de todas as sujeiras que ele descobriu, com a ajuda de Miguel, em volta do senador Luís Alencar. Sim, eu tinha muito que ocupar a minha mente. Mas assim que deixei Gisele no carro, boa parte da minha concentração e atenção ficaram voltadas para ela. A garota misteriosa, que passara o fim de semana comigo e que se fixou em minha cabeça como nenhuma outra havia conseguido.

Talvez fosse essa onda de mistério em torno dela que me mantivesse atraído. Afinal, tudo o que eu sabia sobre ela era o primeiro nome, que me deixava louco na cama, que curti coisas orientais e os pais passavam por uma crise.

Não é verdade. Eu sabia que gostava do som da risada dela, do seu atrevimento, de como sabia dosar sensualidade e um sorriso doce. Eu gostava de conversar coisas sem importância com ela. Sem dúvida alguma eu gostava muito de transar com ela, mas também gostava de ficar apenas na cama, passando o tempo.

Ou seja... Eu estava ferrado.

Porque é impossível aceitar que esse poderia ter sido nosso último encontro. Nosso último momento juntos. Precisava ter um pouco mais. Descobrir cada segredo que tentava esconder de mim.

Será que era casada ou tinha algum relacionamento?

Porque era óbvio que Gisele estava ocultando alguma coisa.

E eu já estava indo para a terceira tentativa de ligação para ela, quando meu telefone tocou.

— Leonardo?

— Oi, Henrique.

— Preciso que você fique pronto e uniformizado em meia hora — ele disse apressadamente — Recebemos uma ligação anônima de que Alencar pretende fugir do país. Vamos encurralá-lo com o que temos. Deve ser suficiente.

— Me dê vinte minutos — respondi, buscando meu uniforme.

Henrique desligou, e comecei a trocar de roupa. Era incomum eu receber chamadas como essas, principalmente em dias de folga. Normalmente as apreensões eram bem analisadas e programadas. Mas também não era incomum, ainda mais se o suspeito pudesse ter oportunidade de escapar entre os nossos dedos a qualquer momento.

O problema era que estive a semana toda em busca de contatos e informações que me ajudassem a ter algum rumo sobre o meu pai, que havia deixado para estudar o caso Alencar quando retornasse às investigações. Eu gostava de olhar na cara do bandido sabendo exatamente o tipo de pessoa que estava prendendo.

Às 21h20 da noite, eu, Henrique e mais alguns agentes da equipe tática seguimos para o Aeroporto Internacional de Guarulhos, onde iríamos impedir que o empresário e senador Luís Moraes Alencar entrasse em um avião, com destino a algum lugar em torno das Ilhas Cayman.

— Quem deu o alerta, Henrique? — perguntei, assim que me acomodei ao lado dele no carro oficial.

— A Sra. Alencar.

Não era muito comum que as mulheres denunciassem os seus cônjuges, ex-mulheres, sim, esposas, quase nunca.

— E acha que pode acreditar nela? — agarrei o apoio na porta, quando ele fez uma curva mais acentuada — Pode ser uma armadilha.

— O Alencar está tendo problemas no casamento — esclareceu Henrique.

Mas isso era um fato público, já que alguns meios se preocupavam mais com o escândalo no casamento do senador, do que com os milhões que ele e membros de seu partido desviaram em propinas, fora a empresa que estava sob investigação.

— Uma mulher traída... — ele não precisou concluir.

Não acho que uma mulher traída seja capaz de qualquer coisa, mas uma mulher ferida daria um tiro em si mesma para fazer a outra parte sofrer. Mas de um homem que não valorizava a própria família, não havia muito o que esperar.

— Ok, pessoal, nós iremos fazer uma ação limpa — o subdelegado alertou quando nos reunimos no aeroporto — Pegamos o Alencar, saímos pela saída privativa e o levamos. Com o mínimo de alarde possível. Deixaremos que a bomba estoure quando ele já estiver em nossa custódia.

Assentimos e cada um tomou sua posição. Segui com Henrique e infelizmente Miguel, do qual nós não tínhamos conseguido nos livrar.

Fui o primeiro a avistar o senador Alencar, caminhando tranquilamente, o rosto parecia tão inocente como o de um bebê recém-nascido, mas sua ficha criminal era mais suja que uma fralda cheia de merda.

Fiz um sinal para que Henrique e Miguel me seguissem silenciosamente.

— Senador Alencar?

Ele estava ao lado de uma jovem loira, voluptuosa. No início das investigações, quando o nome do senador começou a surgir em alguns casos, eu havia visto algumas fotos da esposa dele em eventos políticos e apenas uma da filha. A jovem pendurada no braço dele, com certeza, não era a Sra. Alencar. E mesmo que na foto antiga que tinha visto da filha dele, ela estivesse com metade do rosto oculto, os cabelos da jovem eram castanhos.

— Sim. Algum problema, Federais? — ele abriu um presunçoso sorriso — Soube que teve um problema com meu voo.

Eu sempre senti um grande desprezo por pessoas como ele. Que tiveram todas as oportunidades na vida. Uma boa casa, família, estudos, viagens. Uma vida que muitas pessoas têm que batalhar muito para conseguir e outras apenas sonham. Uma vida que manchavam, porque simplesmente queriam mais dinheiro e mais poder. Não importava que estivessem fodendo com o país. Com um povo sofrido que, mesmo sendo maltratado anos e anos por governos corruptos, continuavam a acreditar que um dia as coisas poderiam ficar melhores.

Eu desprezava homens como o senador Alencar. Contudo, nesse momento, sentia algo mais. Uma espécie de familiaridade com ele. Alguma ligação que eu não conseguia explicar.

— O senhor está preso, senador — Henrique começou a dizer, quando meu silêncio se prolongou — Responde inicialmente por quatro crimes na Justiça Federal...

Ouvi Henrique enunciar os delitos e direitos do senador, enquanto Miguel, sob os protestos dele e o olhar assustado da amante do senador, passava as algemas em seus pulsos. Rompi o transe em que eu me encontrava e segui meus companheiros até a saída.

Usamos uma saída particular para escoltar Alencar até a delegacia. Chegando lá, o deixamos aos cuidados dos nossos superiores. O senador não

estava nada contente por termos recusado cada tentativa de suborno que nos ofereceu, e bufando, ameaçou destruir a carreira de todos nós.

— O que aconteceu com você, Leonardo?

Feito o trabalho, solicitei que Henrique me desse uma carona de volta para casa. A bomba logo iria explodir, e não queria que nenhuma equipe da imprensa me visualizasse no local. O burburinho em volta de mim estava começando a arrefecer, e não desejava ser destaque nos principais jornais mais uma vez.

— Do que você está falando? — tentei me fazer de desentendido.

— Você paralisou lá.

— Eu não paralisei — retruquei, mas precisava admitir que Henrique estava certo.

— Leonardo!

Eu meio que congelei no lugar quando me vi frente a frente com Alencar. A grande merda de tudo isso é que não havia nenhuma explicação plausível para minha reação. Foi como um pressentimento, que algo bem ruim estivesse para acontecer. O que mais uma vez não fazia sentido. Minha única ligação com o senador eram as investigações sobre ele.

— Certo. Não sei explicar, está bem? Algo parecia errado. Fora do lugar. Como uma peça que não sei onde devo encaixar.

— É porque você meio que caiu às cegas nisso. Logo se familiariza com o caso.

Balancei a cabeça, negando. Eu já participei de operações que não tive nada a ver com as investigações do caso. Às vezes você é escalado apenas para dar suporte.

— Não é só isso — refutei sua sugestão — É como se tivesse algum fio solto. Alguma coisa que eu estou deixando passar. Senti como se conhecesse o senador, embora, pessoalmente, seja a primeira vez que eu o vi. É algo mais... eu não sei.

— Bem, você esteve afastado. E você gosta de estudar cada caso minuciosamente. Talvez seja isso que esteja te incomodando — disse ele, tentando encontrar uma explicação lógica para o meu breve momento de blackout — E também tem esse lance em relação ao seu pai.

Talvez Henrique tivesse razão. Entre voltar ao que realmente gosto de fazer no trabalho e as mentiras contadas sobre meu pai, havia Gisele, que surgiu em minha vida e balançou um pouco mais o meu mundo.

— Mas não se preocupe, teremos tempo de estudar cada sujeira que o senador tentou colocar debaixo do tapete. O importante foi que impedimos que ele fugisse — continuou Henrique — E sobre o seu pai, vamos descobrir o que houve.

Continuamos o restante da viagem em silêncio. Henrique sabia quando eu precisava do meu tempo para meditar. Em outra ocasião eu teria chegado e esquadrinhado cada informação que conseguisse do senador, mas dessa vez fui direto para o quarto, em direção ao guarda-roupas para pegar o envelope que Silvio havia me dado. Dos dezoito anos do meu pai na polícia, Silvio foi seu parceiro por oito. E assim foi, até alguns meses antes de ele falecer.

O dossiê continha os últimos trabalhos do meu pai. E que ele vinha há quatro meses investigando um novo cartel de tráfico, no qual parecia estar envolvido antes de morrer. Como ele faleceu antes que a corregedoria averiguasse isso, arquivaram a abertura do processo em prol dos 18 anos de trabalho limpo que ele prestou.

Isso que não entrava em minha cabeça, não se encaixava. Foram 18 anos trabalhando impecavelmente. Por que, somente naqueles meses, eles colocaram em dúvida a probidade de meu pai?

Li pela centésima vez cada folha do relatório. Roberto Torres era o investigador com quem meu pai começara a trabalhar. Lembrava vagamente dele. Havia participado do velório e prestado uma linda homenagem ao meu pai, destacando como ele era honesto, eficiente e que a polícia perdia um grande homem. Também tinha feito algumas ligações para minha mãe e feito uma ou duas visitas antes de ela decidir se mudar para o interior de São Paulo. Pensando bem, foi quando as visitas começaram que ela sugeriu isso. Na época, acreditei que as lembranças que meu pai deixou em nossa antiga casa eram duras demais para que ela suportasse.

E se não fosse apenas isso? Acho que preciso fazer uma nova visita à minha mãe e iniciar minhas investigações a partir de Roberto Torres.

Estava muito tarde para falar com minha mãe na noite anterior, então, a primeira coisa que fiz, após ter me arrumado para o trabalho no dia seguinte, foi ligar para ela. Como era uma pessoa matutina, sabia que às 7h já estava de pé, iniciando as tarefas de casa.

— Oi, filho — A voz animada soou assim que atendeu — Está tudo bem?

Não era a conversa que deveríamos ter por telefone, mas eu só conseguiria visitá-la no próximo fim de semana, talvez nem isso.

— Estou bem, mamãe — não tenho tempo e nem vontade de ruminar o assunto, então vou direto ao ponto: — O que você sabe sobre Roberto Torres?

Pelo silêncio que seguiu, devo tê-la pegado de surpresa. Ouvi um longo suspiro e o som de um móvel sendo arrastado no chão.

— Trabalhava com seu pai, na polícia.

— Mas o papai estava trabalhando ao lado do Silvio por mais de oito anos — disse a ela — Por que, de repente, mudou?

— Para que você quer mexer nessa história, Leonardo?

Não podia afirmar sem estar olhando para ela, mas mamãe parecia levemente alterada.

— Porque havia uma investigação sobre o meu pai, e eu quero tirar isso a limpo.

Minha mãe amou, ou ainda amava o meu pai. Eu tinha certeza que, assim como eu, ela iria desejar que qualquer mancha na reputação dele fosse tirada a limpo. Deveria estar indignada.

— Ele disse que seria arquivado.

— Você sabia disso? — senti como se ela tivesse me dado um tapa no rosto — Por que escondeu isso de mim?

Mais um longo silêncio, que começava a fazer o meu sangue ferver.

— Está arquivado, não está? Por que jogar essa merda na sua cabeça? Sabemos que seu pai era um homem honrado. Isso é o que importa.

— Não! Não é, mamãe! — esbravejei, perdendo o controle.

“Às vezes, os nossos pais não são quem imaginamos.” As palavras de Gisele me vieram à cabeça.

Minha mãe escondeu algo importante de mim, e havia uma probabilidade de meu pai não ser quem eu sempre imaginei que fosse. Meu herói de farda.

— O que Roberto Torres queria com você, quando papai morreu?

Eu acabara de me formar e estava prestes a abrir uma empresa de engenharia com alguns amigos da faculdade, quando meu pai faleceu. Minha vida virou de cabeça para baixo e perdi o meu rumo. Entre ajudar minha mãe com a venda da casa, mudança para outra cidade e tentar superar minha dor, prestei concurso para a PF. Em nenhum momento enxerguei que o policial bonzinho, parceiro do meu pai, pudesse querer algo mais do que dar conforto à viúva de seu amigo.

— Ele queria prestar condolências...

— Mentira, mãe — a interrompi — Eu sei que é mentira. Vai me dizer, ou vou precisar descobrir sozinho?

Ao invés de obter uma resposta, ouvi seu pranto do outro lado da linha. Partia meu coração ser o causador de suas lágrimas, mas eu não podia mais recuar.

— Por favor, meu filho... — os soluços a impediram de continuar por um momento — Não remexe nisso... Eu já perdi o seu pai. Não vou suportar perder você.

— O que você sabe, mãe?

— Eu não sei de nada, Leonardo! — ela berrou, e perder o controle era algo muito atípico de minha mãe — Proíbo você de remexer nessa história. Está ouvindo? Eu te proíbo, Leonardo.

Havia muita merda escondida, e pela reação de minha mãe, estava indo no caminho certo. Era Roberto Torres que eu deveria começar a investigar.

— Nós nos falamos depois — disse a ela, antes de desligar.

Ouvi alguns de seus chamados quando tirei o telefone do ouvido. Não adiantaria pedir que minha mãe falasse alguma coisa por telefone, precisava falar com ela olhando olho no olho. Ela podia ter escondido a informação sobre a possível investigação sobre o meu pai, mas não conseguiria mentir olhando para mim. Por enquanto, o que eu tinha era suficiente.

Olhei para a hora, no celular. Eu tinha que sair imediatamente, para não chegar ao trabalho atrasado. Isso me impedia de conseguir ligar para Gisele. De qualquer forma, era cedo demais, e eu também não queria bancar o desesperado grudento.

Enviei uma mensagem, explicando que precisei resolver um problema ontem à noite. Minha preocupação era que ela tivesse voltado, como prometeu, e não ter me encontrado no apartamento.

— Mais um safado na cadeia — José, o porteiro do meu prédio, ergueu o jornal para mim quando saí do elevador — Agora duvido que ele fique. Gente rica nunca fica presa, né?

O que eu poderia dizer a ele? Era a vergonhosa realidade do nosso país. Nós os prendemos, e as brechas nas leis os deixavam novamente livres. Cadeia mesmo era para pobre. Os presídios estavam cheios deles.

— Esperamos que a justiça continue a fazer isso, seu José — disse a ele, antes de seguir meu caminho — Justiça.

Dessa vez nossa ação foi rápida e limpa, as nossas identidades mantidas em sigilo, então não tive olhares ou risinhos enquanto me dirigia ao cubículo de sala que dividia com meu parceiro.

Destranquei a gaveta para pegar a cópia do dossiê sobre Alencar, que Henrique me entregou. Mal havia passado da primeira folha, quando ele entrou.

— O delegado está chamando a gente — disse ele, da porta.

Miguel já estava na sala de Dias, contando sua versão de como ele passara as algemas no senador Alencar. Claro que ele não deve ter dito que perguntou ao senador de quanto era o valor que estava disposto a nos oferecer para facilitar sua fuga.

“Foi só uma brincadeira.” Dissera a mim e a Henrique depois, mas eu tinha certeza que se não fôssemos nós dois naquele carro, Miguel teria ponderado na proposta milionária e suja. Eu não confiava em Miguel, e apesar

de não ter nenhuma prova contra ele, cada dia mais ao seu lado fazia minhas desconfianças crescerem.

— Que bom que já chegou, Leonardo — disse Dias, quando me avistou parado atrás de Henrique — Eu quero que façam uma varredura na casa de Alencar.

Ele apagou a bituca de cigarro, jogando-a no cinzeiro e acendendo outro em seguida.

— Quero que seja minucioso, Henrique — fez uma pausa para soltar uma baforada e continuou a dar suas instruções: — Peguem documentos, computadores e tudo que vocês acharem importante. Estamos apenas aguardando a ordem do juiz.

Ele me encarou, e já soube pelo seu olhar que minha missão era outra.

— O Alencar está tentando fugir disso. Jogando muitas coisas na esposa e boa parte delas na filha — disse ele para mim — Quero que me traga Flávia Alencar e Gisele Alencar para darem depoimento. Uma delas terá que abrir o bico.

Foi como se eu atravessasse a rua distraidamente e um caminhão tivesse se chocado contra mim. Ele dissera mesmo *Gisele Alencar*?

— Como, senhor? — perguntei, atordoado.

Ele me olhou com surpresa. Puxou um longo trago, depois olhou sem paciência entre mim e Miguel. O filho da puta deve ter tentado falar algo de mim antes que entrasse na sala do Dias.

— Que você traga a esposa do senador e a filha...

— Não. Digo, o nome dela — pigarreei e me obriguei a manter a mente limpa — Da filha.

— Gisele Moraes de Alencar — repetiu ele, e com muito esforço continuei em pé no mesmo lugar.

Por dentro eu me revirava inteiro.

Certo. Gisele era um nome bastante comum. Isso era uma fodida coincidência, mas apenas isso. Gisele Alencar não tinha nada a ver com Gisele... Eu não sabia o caralho do sobrenome dela.

Cacete, eu passei o fim de semana todo com a garota e não sabia a porra do sobrenome dela.

É só uma coincidência. Dizia a mim mesmo, tentando controlar meu estômago embrulhado.

— Leonardo?

Encarei o meu chefe.

— Acha que pode fazer isso? — indagou ele, antes de indicar Miguel com o olhar — O Ferreira...

— Eu estou bem — afirmei a ele — Vou cuidar disso, delegado.

Eu não estava nada bem. Queria retornar à minha sala e vasculhar as fotos entre os documentos na pasta.

— Miguel vai te auxiliar.

Rangi os dentes, mas não estava em uma situação que pudesse recusar. Eu já dera motivos suficientes para que meu chefe quisesse ter comigo uma conversa particular. E acabei de ser reintegrado ao caso, não queria que ele sentisse que agiu precipitadamente em me ter de volta à ação.

— Delegado? — uma agente feminina bateu e entrou na sala — O juiz expediu o mandado de busca.

Ela entregou o documento a ele, que por sua vez, após o examinar, entregou a Henrique.

— Ao trabalho, rapazes.

Droga. Eu não teria tempo de ir até minha sala. Uma equipe já deveria estar a caminho para fazer a varredura na casa de Alencar, e em breve ele e os advogados ficariam sabendo, se é que já não fizeram uma limpa na casa.

Eu também não queria puxar assunto com Henrique, com Miguel dentro do carro. Detestava o Ferreira, mas era obrigado a admitir que ele era esperto. Qualquer informação que ele pudesse sondar sobre mim, a usaria contra mim. Sendo do trabalho ou não. Afinal, foi ele quem abriu meus olhos em relação ao meu pai. E não foi porque ele era um grande amigo. O que Miguel queria era me aborrecer.

Com o trânsito infernal de São Paulo, mesmo tendo acesso rápido, levaríamos, no mínimo, quase duas horas para chegar à casa dos Alencar. Ouvi muito pouco do que Henrique e Miguel conversavam. Meus pensamentos estavam em cada momento que tive com Gisele.

Tinha que ser a merda de uma coincidência, meu coração gritava.

Capítulo 10

Gisele Alencar

Eu tive uma noite infernal, mas a pior parte já havia passado, pelo menos assim eu acreditava.

Encontrei minha mãe consciente em seu quarto de hospital. Ela alegou firmemente que só havia exagerado nos comprimidos e não teve a intenção de se suicidar. Preferi acreditar que ela dizia a verdade.

Fizeram uma lavagem estomacal, e o médico preferiu deixá-la em observação pelo resto da noite. Saímos bem cedo do hospital, pois mamãe alegava não suportar nem mais um minuto ali. Liguei para Rosana e pedi que nosso motorista viesse nos buscar. Ela nos esperava na porta, e com um leve movimento de cabeça, respondeu à minha pergunta silenciosa, se meu pai tinha retornado as ligações dela.

Eu havia ligado da recepção do hospital, porque na pressa de sair de casa, esqueci novamente o carregador do celular. Assim como Rosana, minhas tentativas de falar com papai foram frustradas.

Onde ele teria se enfiado? Ou o pior: o que estava fazendo, e com quem?

— O Pedro irá te levar para o quarto — informei à minha mãe, assim que o motorista a tirou da cadeira de rodas — Rosana deixou tudo preparado para recebê-la.

Entre vigiar minha mãe dormindo e atender aos pedidos dela quando acordava no meio da noite, eu pensava em Leonardo. Ele deveria estar muito zangado por não ter voltado e nem avisado que não poderia ir. Talvez fosse melhor assim. Isso só poderia ser um aviso de que eu estava sonhando acordada.

— Eu não estou inválida, Gisele — disse minha mãe, ficando de pé — Eu preciso falar com você.

Apesar de ter a pele um pouco acinzentada e suas mãos um pouco trêmulas, enquanto a retorcia, a voz dela possuía surpreendente firmeza.

— Venha comigo até o escritório.

Dispensei Rosana e Pedro para cuidarem de seus afazeres e acompanhei minha mãe até o escritório do meu pai. Esse era um lugar proibido desde que eu era criança. Era como um santuário para meu pai.

— Luís tem uma amante. — disse ela, ao ocupar a cadeira dele.

Abri minha boca, mas antes que pudesse emitir até mesmo um suspiro, mamãe ergueu a mão, fazendo com que eu ficasse calada.

— Antes que você diga que é coisa da minha cabeça, a jovem esteve aqui

ontem pela manhã, com o filho dela... — Os lábios de minha mãe tremeram, e vi seus olhos se encherem de lágrimas — Ou deles, como ela prefere ostentar.

Rosana falara sobre a visita, e aquela conclusão chegara à minha cabeça. O que eu não quis foi acreditar, como todo o resto envolvendo meu pai.

De quantas formas diferentes uma pessoa é capaz de nos decepcionar?

— Ele sempre quis um menino... — disse ela, mais para si mesma, mas aquilo foi como uma punhalada em meu peito — Seu pai abandonou a gente, Gisele.

Ela escondeu o rosto nas mãos e chorou, baixinho. Eu preferia mil vezes que mamãe estivesse gritando e atirando as coisas, como das outras vezes. E me sentia igualmente arrasada e impotente.

— Mas não foi para contar isso que eu chamei você — ela secou os olhos e me encarou com tristeza e vergonha — Seu pai andou fazendo coisas que não deveria. Muitas coisas, aliás.

— Você estava ciente de tudo?

Ela baixou o olhar, mexendo com o esmalte nas unhas.

— Não julgue antes de saber tudo — voltou a me olhar, um pouco petulante dessa vez — As empresas não iam bem desde o tempo do seu avô. A crise pegou a gente também. Seu pai devia muito.

Fiquei de pé, não conseguindo ouvir calada tudo aquilo.

— Então ele entrou para a política... — cuspi as palavras como se elas fossem veneno saindo da minha boca — E depois cometeu todo tipo de crime. Como aceitou isso, mamãe?

— Eu pensava em você. O que seria de nós duas? Da nossa família? — embora eu detectasse a angústia na voz dela, não era o suficiente para aceitar o caminho que meus pais escolheram — Não sei fazer nada além de ser mãe e esposa. Passei toda a minha vida em função de seu pai, depois de vocês dois. E o que aconteceria com você, filha? Iria para um colégio público? Teria de dar adeus a todos os planos que sonhei para você.

— Eu preferia mil vezes uma escola pública e uma vida modesta do que carregar a vergonha que tenho agora. Como você não viu que tudo isso era errado, mamãe?

— Como você não via? — Ela me devolveu a pergunta — Seu pai me dizia que estava tudo bem. Que sabia o que estava fazendo. Que eram medidas provisórias. E que eu deveria confiar nele. Ele era o meu marido. Só queria cuidar da esposa e da filha.

— Bom, pelo visto ele mentiu! — Não consegui evitar me exaltar com ela — Mentiu o tempo todo e nos deixou sozinhas para enfrentar tudo isso. Você pode ser presa, mamãe.

— Eu sei... — disse ela, em tom lamentoso.

— Ele disse que poderia fugir, e deve ter feito isso — minha mente começou a trabalhar rapidamente — Fugiu com a amante e nos deixou sozinhas.

Ele abandonou a esposa e a filha, para que limpassem sozinhas toda a sujeira que ele deixou para trás.

— Eu sei...

Eu queria sacudi-la e dizer que ela não tinha a mínima ideia do que poderia acontecer, mas eu precisava manter a cabeça fria e fazer com que ela me contasse tudo o que ela sabia. Todas as ações criminosas do meu pai. Talvez, se colaborássemos com a justiça, delatando todos os envolvidos, conseguíssemos sair o menos prejudicadas possível dessa situação.

— Até onde você está envolvida? — voltei a me sentar — Até onde *eu* estou envolvida, mamãe?

Ela não conseguia me encarar, e eu ficava cada vez mais nervosa. Eu tinha que encarar os fatos: minha vida estava completamente arruinada.

— Assinei muitas coisas — disse ela, com a voz trêmula — Não sei o que era tudo.

— Assim como eu fiz.

— Não, filha! — Ela negou enfaticamente com a cabeça — Fiz seu pai prometer que não comprometeria você em nada. Você só assinou escrituras de algumas propriedades e movimentação de uma conta fora do país, caso um dia...

— Ah, mamãe! — a interrompi, exaltada.

Eu deveria contestar a ingenuidade dela, mas também tinha preferido, mesmo que inconscientemente, fechar os meus olhos. Propriedades e dinheiro em algum paraíso fiscal, provenientes de forma ilícita, me tornavam tão criminosa quanto o meu pai. Talvez em um grau menos elevado, se conseguisse provar que fui apenas usada como laranja pelo meu próprio pai, mas quem acreditaria nisso se ele não dissesse com os seus próprios lábios? E nesse momento ele deveria estar bem longe, curtindo a liberdade com sua amante.

— Precisamos de um advogado — informei a ela — Nenhum que tenha trabalhado com o papai. Talvez o pai da Luana possa nos ajudar. E também precisamos ir à polícia.

Minha mãe engoliu um soluço, mas assentiu.

— Éramos nós que deveríamos estar com ele agora — ela se lamentou — Como ele fez isso com a gente, Gisele?

— Sua preocupação não é que ele seja um criminoso — revoltei-me com ela — Mas que ele tenha fugido com a amante?

Diante das minhas palavras duras, mas necessárias, ela voltou a chorar.

— O que nossos amigos vão dizer...

Pessoas como os meus pais não tinham amigos, e sim aliados, e claro que cada um deles saltaria do barco quando ele começasse a afundar. Eu não conseguia compreender como ela não via a real gravidade da situação. Não importava o que as pessoas pudessem pensar de nós, mas sim o que elas fariam. Virariam as costas no momento que mais precisaríamos delas. E não poderíamos culpar ninguém. Quem gostaria de ter o nome envolvido com uma família, cujo nome chafurdava na lama?

Infelizmente essa pergunta ainda não seria respondida. Rosana entrou no escritório, ainda mais pálida do que minha mãe quando a tirei do hospital.

— Senhorita Gisele?

Imaginei que fosse algo relacionado ao meu pai. Talvez a consciência tivesse falado com ele, e entrou em contato. Levantei rapidamente e arrastei Rosana para fora.

— Meu pai ligou? — indaguei, assim que fechei a porta.

— Não, senhorita... — ela parecia atordoada — É a polícia. Dizem que têm um mandado para entrar.

Senti minhas pernas vacilarem, e Rosana segurou o meu braço. Apoiei minhas costas na parede para me manter em pé.

— E tem mais uma coisa... — murmurou, olhando para o chão — O Sr. Alencar está no jornal. Diz que ele foi preso ontem à noite, tentando sair do país.

Dizem que quando a gente passa por uma experiência de quase morte, o nosso espírito é capaz de sair do corpo por um momento. Eu me senti exatamente assim, como se minha alma estivesse abandonando meu corpo e ficasse apenas uma casca vazia.

— Senhorita Gisele...

Voltei ao meu estado consciente. Perder a cabeça e me desesperar não adiantariam de nada. Eu tinha de enfrentar a realidade.

— Onde eles estão?

— Na porta. Pedro e o Pereira estão falando com eles, mas é a polícia e dizem que vão entrar.

— Se eles têm um mandado, podem fazer isso — disse a ela, e seguimos em direção à sala onde um grupo de policiais entrava.

Rapidamente se espalharam pela casa. O segurança e o motorista vieram até mim, tentando se desculpar. Não lembro exatamente o que disse a eles. Algo como: não era culpa deles e que podiam retornar aos seus trabalhos.

— Senhora Alencar? — um agente federal, carrancudo, veio até mim com um papel nas mãos.

— Gisele Alencar — respondi, quando me entregou a folha — Sou a filha da Sra. Alencar.

— Temos um mandado de busca e...

O agente, o qual não lembro o nome, explicou rapidamente o que estavam fazendo em minha casa e que eles iriam revirá-la de cima a baixo, em busca de provas que incriminassem o meu pai, e que eu, ou qualquer pessoa da casa, estávamos impedidos de tentar obstruir o trabalho da polícia. Eu só conseguia olhar para a pilha de jornal que meu pai assinava, em cima da mesa de jantar.

Ele estampava a primeira capa, com um resumo dos seus crimes e a matéria completa na página 2.

— Gisele? — virei para minha mãe, que vinha do escritório — O que está acontecendo? Quem são esses homens?

— São da polícia — caminhei até ela e entreguei o jornal, mantendo o mandado comigo — Papai foi preso.

Eu vi um vislumbre de alívio passando pelo rosto dela. De certa forma, era bom que meu pai estivesse preso e não fugitivo. Ele poderia confessar que minha mãe e eu fomos apenas um brinquedo nas mãos dele. Ele nos devia isso, depois de tudo o que fez.

Eu acabava de sair do meu quarto, onde alguns oficiais reviravam tudo. Duvidava que meu pai tivesse deixado alguma prova incriminatória ali, mas os oficiais estavam apenas fazendo o trabalho deles.

— A senhora Alencar disse que não é para deixar os senhores entrarem — ouvi uma discussão entre uma das empregadas e o agente no corredor.

— Desculpe, senhora, mas sua patroa não tem o poder de decidir nada — disse ele, afastando-a bruscamente para que pudesse entrar.

A mulher se desequilibrou e bateu com as costas na parede.

— O senhor precisa ser tão rude? — olhei ferozmente para ele, antes de me colocar ao lado dela.

Ele me olhou de cima a baixo e, diferente dos demais agentes rondando pela casa, eu não gostei nada da forma como me encarava.

— Srta. Alencar, eu presumo.

— Sim — empinei o queixo.

— Acho melhor você descer, o agente Valença quer trocar algumas palavras com você.

Ignorei o olhar debochado que ele me dava e verifiquei se a empregada estava bem, antes de dispensá-la e seguir para o andar de baixo. A cada minuto, tendo minha casa, o lar onde cresci e morei até a fase adulta, ser invadida e revirada, causava mais dor e tristeza em mim.

— Não podem fazer isso! — ouvi minha mãe berrar assim que cheguei ao topo da escada — Quero falar com o meu advogado.

— Senhora, eu já disse que pode falar com seu advogado... — ouvi o agente falar.

Caminhei rapidamente até eles, no fim da escada. O mulato alto e musculoso parecia estar perdendo a pouca paciência com ela, e eu conhecia minha mãe o suficiente para saber que conseguia ser especialista nisso.

— Mamãe, eles só estão fazendo o trabalho deles — disse, ao me colocar ao seu lado — Já conversamos sobre isso.

Dificultar o trabalho da polícia não iria nos ajudar em nada.

— Senhorita Alencar, certo? Sou o agente Rodrigues e aquele é o agente Valença — ele deu um sorriso amigável e apontou para alguém às minhas costas — E eu dizia à sua mãe que...

Enquanto ele falava, senti o olhar sobre mim. E senti como se um arrepio intenso varresse a minha pele, ao mesmo tempo em que parecia que minhas costas pegavam fogo. Não era bem uma sensação física. Estava mais para um pressentimento forte de que, assim que eu me virasse, toda a minha vida iria mudar.

— Esses homens não têm um pinga de respeito por duas mulheres indefesas... — ouvia o lamentar de minha mãe se distanciar, como um sussurro baixinho, conforme eu me virava.

Foi como se a sala, de repente, tivesse ficado silenciosa. Como se as pessoas à minha volta congelassem no lugar. E então eu encontrei seu olhar. Tão surpreso e estarecido como o meu.

Dei dois passos vacilantes em direção a ele. Próximo à janela, segurando um porta-retratos em suas mãos. Eu conhecia aquela foto. Nela estavam eu e meus pais em uma viagem de férias, há três anos.

— Gisele? — disse ele, friamente.

Ao mesmo tempo em que meu coração se alegrava em vê-lo, em tê-lo a poucos metros de mim, a gravidade e realidade da situação caíram sobre mim como um meteoro, destruindo tudo. Meus olhos o varreram, do uniforme escuro até o olhar de desprezo sobre mim.

Leonardo era da polícia, e eu era nada mais que a filha de um bandido.

— Leonardo... — balbucieei, fracamente. Sentindo meu coração começar a se partir.

Capítulo 11



Leonardo Valença

A fotografia que encontrei ao lado de outras, em uma prateleira, era prova suficiente de que meus pesadelos estavam apenas começando. Mas só quando ouvi a voz da mulher de costas para mim — voz que eu reconheceria mesmo que passassem cem anos — tive a certeza de uma coisa: *estava caminhando diretamente para os portões do inferno.*

— Gisele? — rangi os dentes ao vê-la se aproximar abatida e um pouco vacilante.

A minha Gisele?

Gisele Moraes Alencar, para ser mais exato, e a filha do homem que eu tinha, com toda satisfação, escoltado até a cadeia, eram a mesma pessoa. Aquilo só poderia ser um pesadelo ou uma artimanha muito engenhosa.

— Eles são uns brutamontes insensíveis, minha filha — a mulher voltou a se lamuriar, alheia ao que acontecia entre eu e sua filha, ao que acontecera entre a gente — E aquele lá em cima teve a audácia de dizer que foram eles que prenderam o seu pai, e agora dizem que nós duas...

Apesar do tagarelar irritante da mulher, não conseguia desviar meu olhar de Gisele. Parte de mim queria encurtar a pequena distância que nos separava. Pressioná-la contra a parede e enterrar os meus dedos nos cabelos macios. Grudar os lábios tentadores nos meus e dizer o quanto o breve momento que passamos separados, me fez pensar e desejá-la enlouquecidamente.

Eu queria segurar a sua mão e fugirmos para o mais longe possível de toda essa merda caindo em nossas cabeças. Em contrapartida, raiva e desconfiança

começavam a me rondar.

— Leonardo — a ouvi balbuciar, enquanto olhava, aterrorizada, para mim.

— Você sabia? — indaguei friamente.

Gisele estacou no lugar, os olhos pareciam ainda mais confusos do que antes, quando nossos olhares se encontraram, aos nos reconhecermos.

— Como? — voltou a balbuciar, com a voz frágil.

— Tudo isso aqui — olhei em volta, os homens entrando e saindo — Sobre mim?

Peças de um quebra-cabeças começavam a se formar em minha mente. Nosso primeiro encontro na boate. O olhar entre Érica e Gisele. A pouca informação que me deu e o mistério que fazia em torno de si mesma.

— Você sabia quem eu era, o tempo todo? — grunhi, como um animal ferido sendo açoitado — Sabia aquele dia, no Casarão? Sabia que eu era da Polícia Federal e que estávamos investigando as sujeiras do seu pai?

As peças se interligavam e encaixavam perfeitamente. E cada vez que eu ligava uma coisa na outra, a raiva começava a ferver dentro de mim. Fora do meu estado normal, caminhei duramente até ela, segurando firme seus braços, puxando-a para mim.

— Há quanto tempo Gusmão e você planejaram isso? — meus dedos cravaram com mais força em sua pele, e ouvi um pequeno gemido escapar de seus lábios — O que ela te ofereceu em troca, para me fazer de idiota?

Encarei firmemente a maldita mulher que se atrevera a brincar comigo. Eu deveria ter desconfiado que, sendo conhecida de Érica, Gisele deveria ter ligações sujas com a jornalista inescrupulosa. Eu fui usado uma vez pela jornalista, e caí no mesmo jogo mais uma vez.

Não podia ter sido mais estúpido!

A compreensão caiu sobre mim com a força de um trem descarrilhado.

— Leonardo... eu. — oscilei quando vi as lágrimas saltarem dos olhos marejados, mas me mantive firme, não iria me deixar ser enganado por elas, mais uma vez — Não foi assim.

Outro soluço escapou de sua garganta, e Gisele abaixou a cabeça, os cabelos caindo em seu rosto, enquanto seu corpo tremia contra o meu. Respirei fundo e fechei os olhos. Eu me negava a deixar que o teatro dela tivesse o poder de me iludir mais uma vez. Porque era isso que Gisele era, uma excelente atriz.

— Leonardo? — Henrique se materializou à minha frente, e quando o encarei, me deparei com seu olhar confuso — O que está acontecendo?

Soltei Gisele com brusquidão, e se Henrique não estivesse perto o suficiente para ampará-la pela cintura, ela teria se desestabilizado. Fiquei irritado comigo mesmo. Não sou do tipo que usa força física contra o mais fraco, principalmente

se tratando de uma mulher. Mas Gisele tinha a capacidade incrível de tirar o meu rumo e de me enlouquecer.

— Escolte as duas para a delegacia — disse a Henrique e coloquei ainda mais distância entre mim e Gisele.

Eu não conseguia ficar totalmente imune aos olhos tristes dela e ao rosto retorcido de angústia, coberto de lágrimas, mas não conseguia deixar de acreditar que eram apenas mais uma artimanha para me fazer passar por idiota.

Precisava pensar mais friamente sobre tudo. O que Gisele realmente queria e quais as informações que conseguiu levar a Érica, nas vezes em que estive em meu apartamento?

— Cara, o que está acontecendo? — insistiu Henrique.

Ele não era burro, e já havia concluído que havia algo mais na forma que me portei com Gisele. Eu estava ferrado se isso chegasse ao conhecimento do meu chefe.

Porra! Eu tinha fodido dezenas de vezes a filha do homem que eu estava investigando. Um político poderoso e corrupto. Se essa informação caísse no conhecimento público, seria muito pior do que ter o meu rosto estampando nas capas de revistas como o “Hipster da Federal”. Toda a minha carreira poderia estar em risco, porque não fui capaz de pensar sem o meu pau. Porque eu trepei com Gisele de todas as maneiras possíveis. E para piorar, se fosse honesto comigo mesmo, desejava continuar trepando.

Meu desejo por ela não diminuiu em nada, pelo contrário. Vendo Henrique a amparando pela cintura, as mãos tocando-a mesmo que sobre a roupa, fazia com que me sentisse um primata rondando a fêmea, pronto para mostrar ao rival a quem ela pertencia de verdade. O que era uma grande loucura. A última coisa que passava pela cabeça de Henrique era uma disputa territorial.

Mas que droga!

A minha vida estava toda fodida, e eu só conseguia pensar com o meu pau.

— O Dias está esperando por elas — respondi a ele, desviando-me de sua pergunta.

Henrique era meu melhor amigo, parceiro dentro e fora da Polícia Federal, mas eu precisava entender a merda toda que era aquilo antes de poder dizer alguma coisa a ele. Além disso, havia outros agentes entrando e saindo da casa, sem contar Miguel no andar de cima, que adoraria afundar minha carreira de vez.

— Cara, você precisa...

— Faça a porra do seu trabalho, Henrique! — esbravejei. Eu queria socar alguma coisa, e se ele continuasse a me pressionar, seria meu alvo mais próximo — Santos?

Chamei um agente que descia a escada.

— Ajude o Rodrigues a escoltar as senhoras — olhei para Gisele, que se desvencilhou de Henrique para caminhar até mim — O delegado espera por elas.

Encarei Gisele, mesmo não querendo fazer isso. Eu sabia que depois que ela cruzasse a porta, nossos caminhos não tinham como se cruzar novamente. Ela seria investigada e possivelmente até condenada e presa. Estávamos em lados diferentes.

— Não vou sem dizer que...

Olhei-a friamente. Duramente e com uma fúria que a fez congelar no lugar.

— Não há nada que eu queira ouvir de você agora — a interrompi, com a irritação evidente em cada palavra — Não a conheço. Nunca a vi. Agora saia do meu caminho. Tenho muita merda do seu pai para tirar de baixo do tapete.

Eu a assisti se encolher e achei ter visto algo como dor passar pelo seu rosto, e desviei meu olhar. Sufoquei a angústia que começava a dar sinais em meu peito. Não iria cair no seu jogo e me deixar levar pelo olhar inocente que acreditei existir nela.

Gisele era muito pior do que o pai dela. Fria e calculista, capaz de ir até as últimas consequências para conseguir o que queria.

— Tudo bem. — disse Henrique — A gente conversa depois, Leonardo.

Ele não iria deixar o assunto passar. Mas no momento eu precisava esfriar a cabeça, e enquanto tivesse Gisele tão próxima a mim, seria impossível conseguir fazer isso. Eu ia da atração que sentia por ela à raiva, por ter tentado fazer de mim um fantoche, ou seja lá o que ela, o pai dela e Érica haviam planejado.

Eu ainda estava desnorteado. Assim que coloquei os pés nessa casa, senti que havia alguma coisa errada, além dos crimes que fomos ali investigar. E, acima de tudo, não conseguia entender como pude ter sido tão cego. Tudo sempre esteve diante dos meus olhos. E eu não conseguira enxergar nada.

Que porra era essa?!

Soquei a parede ao meu lado, quando vi Gisele se afastar. Estava tudo fodido. Era o fim da linha para nós dois.

O que eu fizera com a droga da minha vida?

Cada vez que eu pensava em Gisele, lembrava do nosso beijo de despedida quando a deixei no táxi, na promessa que voltaria ao meu apartamento. Como eu vacilei em algemar o pai dela. Que ela mentiu em relação a tudo. A merda toda interligava e meu cérebro parecia ferver em minha cabeça.

— Já olhamos em cada buraco — Miguel se juntou a mim no escritório do senador — É claro que o Alencar não deixou nada comprometedor antes de

tentar escapar. Só encontramos documentos sem importância.

Claro que nenhum de nós esperava encontrar alguma coisa na mansão do senador, mas as pessoas poderiam ser relapsas, e se algo tivesse escapado ou deixado para trás, cabia a nós conseguir encontrar.

Nas quase quatro horas seguintes, fiquei ligado no automático, tentando me manter focado em descobrir alguma prova contra o senador. Com a minha supervisão e auxílio de Miguel, vasculhamos em cada canto que conseguíamos encontrar. Estava tudo limpo.

— Vamos olhar mais uma vez — fechei a gaveta que um dos agentes deixou vazia e encarei o olhar descontente de Miguel.

— Pelo amor de Deus, Leonardo! — Ele se mostrou irritado mais do que o normal — Já olhamos a porra toda. Acho que teremos mais sucesso na casa da amante dele. Se bem que, a essa altura, ele já limpou lá também

Toquei minha arma na cintura e olhei duramente para ele. Eu não iria atirar no imbecil, não recebi treinamento para baleiar um colega em serviço, mas ele não precisava saber que eu não era tão louco. Mas sem o Henrique colocando panos quentes entre nós dois, as coisas poderiam ficar feias.

Miguel não gostava nada da confiança e autoridade que o delegado Dias colocava sobre mim. Ele sempre teve despeito que os casos mais importantes fossem colocados em nossas mãos, e estava ciente de que só havia sido inserido nesse porque eu precisei me manter afastado, até que a loucura em volta de mim diminuísse um pouco.

— Vamos olhar tudo mais uma vez.

— Faça o que você quiser — ele saiu resmungando, ao ver minha determinação.

Decidi ignorar o rompante de Miguel e orientei o restante da equipe para fazermos mais uma busca minuciosa. A verdade é que eu não estava cem por cento, e sabia que isso poderia afetar meu trabalho. Então eu preferia errar pelo excesso de cuidado.

— Muito bem, pessoal — disse ao restante da equipe na sala — Vamos olhar mais uma vez e depois todos estão dispensados. Fizeram um excelente trabalho até aqui, mas sabemos que podemos fazer ainda melhor.

Ao contrário do meu companheiro na supervisão, ninguém parecia contrariado, e rapidamente cada um retornou à busca. O olhar de Miguel sobre mim era glacial e carregado de ódio. Estava me fodendo para ele e a raiva espumando por sua boca. Tinha coisas mais importantes para pensar do que a inveja que ele mal conseguia disfarçar.

Nesse momento, Gisele e a mãe estariam sendo interrogadas. Nenhuma informação sobre nós havia sido vazada, ou meu telefone teria tocado com um

chefe raivoso do outro lado da linha. Eu precisava descobrir qual era o plano dela e como iria sair da armadilha que havia me colocado.

Será que pretendia me chantagear, para que eu desse fim às provas que conseguimos contra o seu pai? E onde exatamente Érica Gusmão entrava nessa jogada?

Eu não podia ficar fazendo suposições em minha cabeça. Precisava ir até a delegacia e confrontar Gisele em busca da verdade. E também precisava contar a Henrique o que tinha acontecido.

Deitei com o inimigo e poderia morrer na minha própria cama.

Capítulo 12

Gisele Alencar

Já não suportava mais ter que responder sempre as mesmas perguntas. Sabia que elas se repetiam com o intuito de me contradizer, e algumas vezes isso realmente acontecia. Não porque estava tentando esconder algo, como acusou o investigador que fazia o papel de policial malvado. Eu não possuía informação alguma a dar, simplesmente porque passei todo esse tempo no escuro, sem saber em que merdas sujas meu pai, e provavelmente minha mãe, haviam se enfiado. Entrava em contradição, e toda minha confusão mental também se devia a Leonardo.

Eu não conseguia parar de pensar nele e em todas as acusações que me fez.

Merda! Não conseguia acreditar que ele era um dos agentes federais que colocou meu pai atrás das grades. Isso só podia ser um maldito pesadelo, e por mais que eu me esforçasse para tentar sair dele, cada minuto que passava o tornava mais real.

Minha mente estava confusa e meu coração dilacerado. Se antes eu tive receio de que os crimes do meu pai poderiam me afastar de Leonardo, agora a certeza chegava a me roubar o ar.

Um policial e a filha de um criminoso. Isso só era bonito nos filmes ou em um bom romance policial.

Qualquer esperança que nutria, de poder abrir meu coração a ele, de provar que eu era inocente, que se ele sentisse um terço do que eu sentia por ele, poderíamos enfrentar tudo e seguir em frente, feneceu quando seu olhar, carregado de ódio e desprezo, caiu sobre mim.

Como Leonardo podia acreditar que eu havia arquitetado um plano tão imoral para me aproximar dele? Como ele podia acreditar que cada momento que passamos juntos, cada beijo, cada abraço, cada momento que me entreguei a ele, foram apenas mentiras?

Eu me doeie a ele, entreguei meu corpo e coração, como nunca havia feito a ninguém. Eu nunca me vi tão apaixonada e caído tão rapidamente como aconteceu com Leonardo. E nunca meu coração pareceu tão ferido. Nem mesmo por Brian, de quem eu fui noiva.

— Senhorita Alencar... — o delegado Dias chamou novamente minha atenção — Como disse antes, se colaborar com a polícia, isso será considerado futuramente.

Olhei para ele, apoiado em um armário de ferro. Ele era robusto e possuía

praticamente todos os fios de cabelo grisalhos. Não chegava a ter um rosto bonito, mas o porte imperioso dava a ele certo charme. Fazia o papel do policial agradável, no falso intuito de me deixar menos nervosa.

— Sr. Delegado, eu garanto que quero ajudar... — comecei a falar, mas a risada debochada do investigador com cara de poucos amigos fez com que me calasse.

Nervosa, apertei minhas mãos trêmulas e olhei na direção do agente Rodrigues, próximo à janela. Somente há algumas horas que nossos caminhos haviam se cruzado, mas eu sentia que ele era a única pessoa, nessa sala sufocante, com quem eu teria alguma chance.

— Ouça, senhorita Alencar — o policial desagradável, que passou o interrogatório todo me rondando e intimidando, inclinou-se às minhas costas — Já encontramos muita sujeira do senador. Vamos descobrir mais, e quando ele cair, levará você com ele. Então eu acho melhor começar a abrir a boca.

Engoli em seco e olhei para o delegado.

— Eu só sei da conta fora do país. Dos imóveis colocados em meu nome e dos documentos frios que assinei sem saber o que eram — eu precisava tanto que acreditassem em mim — Sei que é difícil de acreditar, mas meu pai não nasceu um bandido e nunca tive motivos para desconfiar dele. Deveria ter percebido que as coisas não estavam corretas, mas nem desconfiei.

Eu já fizera o mesmo discurso durante todo o interrogatório. Nem o investigador Oliveira e o Delegado Dias demonstravam acreditar em mim.

Voltei a olhar para Henrique, era o único que não sabia decifrar o que pensava. Poderia também achar que eu fosse uma mentirosa patológica, mas não demonstrava isso em seu olhar. Aliás, eu não enxergava nada no olhar dele. E me perguntava se não era uma artimanha ensaiada deles para me deixar mais confusa.

O telefone na mesa tocou, me fazendo sobressaltar. O delegado Dias trocou meia dúzia de palavras com a pessoa do outro lado da linha, mas mantinha um olhar descontente sobre mim. Ele chamou o investigador Oliveira para um canto e trocaram algumas palavras áspers.

— Bom, senhorita Alencar... — iniciou o delegado, colocando-se ao meu lado — Teremos a presença do seu advogado.

Olhei confusamente para cada um deles.

— Eu não tenho um advogado — murmurei, confusa.

— Parece que agora tem.

Antes que eu pudesse contradizer a afirmação dele, um homem de terno entrou na sala. Eu o reconheci como um dos advogados que estavam com o meu pai quando fui escoltada para fora da A.L, quando decidi investigar por conta

própria.

Ele trocou algumas palavras profissionais, mas com leve tom mordaz, com os policiais, e logo em seguida fomos deixados sozinhos.

— Eu não chamei você — disse, assim que o vi se acomodar na cadeira ao meu lado.

— Seu pai chamou — disse ele — Sou o Dr. Franco. Cuidarei dos seus interesses legais daqui por diante.

Eu não sabia se ficava aliviada ou preocupada que meu pai tivesse enviado esse homem para me defender. O que eu tinha certeza era que eu não gostava dele e que não queria que me defendesse de nada.

— O que você pode ter dito aqui, será negado devido à grande pressão psicológica que vem sofrendo, sem a presença de um representante legal — disse ele, colocando uma pasta preta elegante em cima da mesa, e tirou um envelope pardo de dentro dela — Esta será sua declaração oficial.

Retirei as folhas com as mãos trêmulas. Corri os olhos rapidamente por cada uma. Parte do documento consistia no que eu já havia falado para a polícia, eu me declarava inocente. Sendo meu maior crime vindo da sonegação de impostos, derivado das vendas de alguns imóveis. E provinha daí a conta aberta em meu nome, fora do país.

Em relação a notas frias e documentos suspeitos, fora nada mais do que um golpe de um dos diretores financeiros que vinha roubando a empresa, há anos.

— Isso não é verdade — enojada, empurrei o envelope em direção a ele, sem conseguir continuar a acompanhar toda a mentira que lia.

Talvez algumas semanas antes tivesse conseguido acreditar na suposta defesa de meu pai, mas não agora. Não quando meus olhos foram abertos para seus negócios ilícitos.

— E quanto às drogas? Lavagem de dinheiro? O contrabando? Chantagens?

Havia inúmeras outras acusações que li nos jornais e que o delegado e o investigador confirmaram durante o interrogatório.

— Senhorita Alencar, suas declarações de hoje são produzidas sem contraditório, portanto, não podem ser qualificadas como atos de prova — disse ele, com um olhar quase que impaciente focado em mim — Eu irei requerer esclarecimentos e a renovação das mesmas.

Ele me explicou brevemente que minha declaração estava na fase inquisitória, e não na fase judiciária.

“O que se faz no inquérito são meros atos de investigação, cuja função endoprocudimental os limita a servir como base para as decisões interlocutórias da investigação, como prisões cautelares, quebra de sigilo bancário, interceptações telefônicas, e por aí. Que tecnicamente os elementos de inquérito

não são ‘provas’ e, portanto, não servem para legitimar uma condenação. Ademais, posteriormente em juízo, as tais ‘provas’ (rectius atos de investigação) não serão ‘repetidas’, senão ‘produzidas’. Portanto, a validade é somente para análise da justa causa e cautelares pré-jogo.”

— Vá para casa e estude sua declaração. Logo irei entrar em contato, para orientá-la melhor — seu tom de voz foi caindo para um sussurro quase inaudível: — Aqui não é o melhor lugar para essa conversa.

Nenhum lugar seria ideal para essa conversa. Ele me devolveu o envelope e decidi pegá-lo de volta, primeiro porque queria ler novamente com mais calma, e segundo, porque pretendia entregar uma cópia para um advogado da minha confiança. E em terceiro lugar, estava atordoada demais para conseguir pensar em qualquer argumento contra ele.

Havia sido um dia exaustivo. Minha mente estava esgotada e o coração batia dolorido em meu peito.

— Eu posso ver o meu pai?

— O caso dele é bem mais delicado que o seu — disse ele, ficando de pé, fechando a pasta em cima da mesa — Apesar de o juiz federal Antônio Melo ter autorizado a transferência do senador da prisão da Polícia Federal para o CMP em Curitiba, meu escritório já está cuidando de tudo. Acho que agora não é um bom momento para que o veja, mas avisarei à senhorita quando...

Ele não estava entendendo. Eu não queria dar boas notícias do meu estado físico e psicológico ao meu pai, queria confrontá-lo. Tentar entender o porquê de tudo isso.

— Eu quero falar com o meu pai! — tentei soar o mais firme possível, para que ele entendesse que eu não mudaria de ideia — Se não pode me ajudar, verei quem pode. O delegado Dias está bem interessado...

— Verei o que posso fazer — ele me interrompeu, claramente descontente com minha parcela de rebeldia — Espere aqui que eu já volto.

Dois longos minutos se passaram quando, inquieta, decidi levantar da cadeira, ainda sentindo as pernas fracas. Olhei pela centésima vez ao redor. Eu não gostava dessa sala, escura e fria. E eu nunca seria capaz de apagar de minhas memórias as horas terríveis que passei nela. Mesmo agora, sozinha, causava-me arrepios e medo.

Continuei andando, tentando evitar que a sensação claustrofóbica me impulsionasse a sair correndo. Inspirando e expirando enquanto caminhava em círculos.

— Senhorita Alencar? — a voz do advogado me fez sobressaltar e olhar, assustada, para a porta — Você pode vir. Consegui cinco minutos, antes de seu pai ser transferido.

Cinco minutos?

Tinha tantas perguntas a fazer a ele, que acreditava precisar de outra vida para conseguir todas as respostas.

— Tudo bem — disse a ele, acompanhando-o para fora.

Estava tão nervosa e ansiosa para ver e falar com o meu pai, que via as pessoas e os corredores por onde passava praticamente como borrões. E me surpreendeu que nós tivéssemos parado em frente a uma sala, e não a uma cela, como imaginei.

Um policial se afastou e abriu a porta antes de dizer: — Cinco minutos.

Assenti, mas estaquei na entrada por alguns segundos, até sentir uma mão em minhas costas, provavelmente do advogado Franco, me encorajando a entrar.

Avistei meu pai na extremidade da sala, as mãos no bolso, olhando através de uma janela minúscula.

— Pai?

Ele ficou algum tempo parado, de costas para mim, e quando se virou para me encarar, pude notar uma parcela de dor em seus olhos, que logo foi substituída por uma máscara de tranquilidade.

— Por que, papai? — balbuciei, dando passos vacilantes até ele — Por que você fez tudo isso?

— Inicialmente, desespero — disse ele, encurtando a distância entre nós — Depois ganância. Desejo de poder e...

Ele olhou para a porta aberta. Tive a sensação de que recebia algum aviso vindo do lado de fora, e quando me virei para onde ele olhava, o advogado tinha um olhar indecifrável sobre nós dois.

— Mas eu lamento muito ter envolvido você e sua mãe em tudo — disse ele, admitindo isso pela primeira vez desde que esse inferno começou, sentia que ele estava sendo sincero — Darei um jeito de tirar vocês de tudo isso.

— Pai, você tem que dizer toda a verdade — agarrei as mãos dele, implorando — Contar tudo e denunciar todos os envolvidos. O delegado disse que...

— Minha filha! — ele soltou uma de suas mãos e passou em meu rosto — Você não tem ideia com quais pessoas eu lidei. Mesmo que eu quisesse... — seu tom de voz foi diminuindo, até que apenas eu conseguisse ouvir, provavelmente preocupado de que houvesse escutas na sala, que estava quase certa que sim — Ouça, filha, eu fui muito estúpido. Um ganancioso manipulável, apenas mais uma peça de um jogo. Falar só irá piorar as coisas, principalmente para você e sua mãe que estão aí fora, desprotegidas. Por isso que nesse momento você tem que ficar quieta.

— Mas, papai...

Ele me puxou para um abraço apertado, me fazendo calar.

— Mais um minuto — o guarda disse, da porta.

Eu fui até meu pai em busca de respostas, mas me sentia cada vez mais confusa. De quem meu pai estava falando e quais os perigos que minha mãe e eu estávamos enfrentando?

— Eu fui um péssimo homem e um pai igualmente vergonhoso — disse ele, em meu ouvido — Se algo me acontecer...

Senti meus olhos marejarem.

— Papai...

Ele se transformara em alguém de quem eu deveria me envergonhar, mas ele também era meu pai. E eu o amava, mesmo depois das escolhas erradas que fez. Eu queria que ele se redimisse, pagasse pelos seus crimes e reconstruísse sua vida sendo um homem de bem.

— Se você os tiver em suas mãos, nada poderão fazer — disse, tão baixinho que quase não consegui compreender.

— Quem são eles? — sussurrei de volta.

— BRX-25AL — sussurrou em meu ouvido — Lembre-se disso. BRX-25AL.

— Eu não...

— Acabou a visita — disse o guarda em tom imperioso, entrando na sala para separar nós dois.

O homem agarrou os meus braços, forçando-me em direção à porta. Não chegou a me machucar fisicamente, no entanto, estava longe de ser gentil.

— Papai! — chamei mais uma vez, antes de ver a porta se fechar e o contato visual com meu pai ser interrompido.

O Dr. Franco me conduziu pelo caminho de volta.

— O que ele disse a você?

Nada do que esse advogado pudesse dizer me convenceria de que ele era alguém confiável. Eu não gostava dele, e nesse caso preferia me deixar guiar pelo meu sexto sentido.

— Que sentia muito e que o senhor irá ajudar a provar minha inocência.

Não era a completa verdade, mas também não era de tudo mentira.

Claro que ele não pareceu acreditar em mim, mas no momento não havia muito que fazer.

— Certo, conversaremos depois. Agora vou levar a senhorita para casa.

— E a minha mãe? — indaguei, buscando alguma forma de me desvencilhar dele.

— Já foi orientada — disse ele, passando a mão em meus ombros, conforme avançávamos em direção à saída — Deve estar a caminho de casa

agora.

Além do incômodo que sua proximidade me despertava, sentia que tudo estava prestes a piorar.

E só piorou quando, acompanhada do advogado, meu olhar cruzou com o de Leonardo, que entrava. Senti um breve contentamento ao vê-lo, mas a alegria rapidamente foi apagada pelo olhar frio que ele me deu.

Por um momento, acreditei que viria em minha direção, mas seu olhar caiu no braço do Dr. Franco, me amparando, e vi seus punhos fecharem rigidamente. Então Henrique sussurrou algo ao ouvido dele e o arrastou pelo corredor inverso de onde eu saía. Vi os dois desaparecerem ao entrarem em uma sala, e não consegui evitar ter um sentimento de abandono.

Quis me esquivar da oferta do Dr. Franco para me levar embora, mas quando chegamos à rua, fomos cercados por alguns repórteres de TV e todos os meios possíveis de mídia. Diversos flashes explodiram em meu rosto. Foi como se as portas do inferno tivessem sido abertas e a orla de demônios avançasse sobre mim, desejando um pedaço da minha alma.

Nunca me senti tão sozinha e indefesa, mesmo tendo os braços do Dr. Franco em volta de mim. Os braços que eu realmente queria me protegendo, eram os do homem que não suportava ficar mais do que alguns segundos olhando dentro dos meus olhos.

Lágrimas banharam meu rosto. E não eram devido aos repórteres agressivos, como urubus rodeando a carniça. Eu chorava porque era Leonardo a pisotear meu coração. E eu nem ao menos podia culpá-lo. Mesmo as acusações que me fez sendo equivocadas, o restante da podridão em minha vida era real.

O Dr. Franco me deixou em casa, com a promessa que iria entrar em contato em breve. Eu estava cansada demais, sequer para pensar em contradizê-lo. As últimas 24 horas foram horríveis, e eu só queira deitar em minha cama e nunca mais ter que levantar dela. Mas não seria agora que eu teria alguns minutos de paz. Assim que entrei, encontrei Luana e minha mãe esperando por mim.

— Gisele — Luana me dirigiu um olhar de pena e me abraçou forte quando me aproximei — Soube do que aconteceu. Eu sinto muito.

Senti meus olhos umedecerem e liberei o soluço preso em minha garganta. Luana sempre foi minha melhor amiga e esteve comigo em todos os momentos — que acreditei serem terríveis — mas nada em meu passado se comparava ao que estou vivendo agora. Eu fico tocada que, mesmo diante de todas as coisas que devem ter saído na imprensa sobre mim e meu pai, ela continuasse a ser minha amiga.

— Eu não sei o que fazer, Luana — murmurei, entre os soluços — Eu estou tão perdida.

Essa palavra, “perdida”, definia muito bem como eu estava. Por um lado, meu maior desejo era ir ao apartamento de Leonardo e dizer tudo o que estava em meu coração. Fazer com que ele entendesse que fora uma coincidência assustadora, ou o destino brincando com nós dois, que eu não era e nunca fui mentirosa, principalmente em tudo que sentia e demonstrava sentir por ele. Por outro lado, a razão me dizia que era melhor assim. O lance entre nós nunca daria certo, mesmo se ele não fosse da polícia. Era melhor terminar com o que tínhamos, enquanto era pura atração física poderosa.

Sim, o que eu sentia ao lado dele, e com ele, eu nunca senti por outra pessoa, mas quanto mais rápido isso acabasse, mas rapidamente conseguiria tirá-lo da minha cabeça. E eu poderia ter cada momento que compartilhamos como doces lembranças.

— Eu estou aqui — Luana se afastou, segurando meu rosto — E não vou sair do seu lado. Eu sei que você é inocente, Gi. E que é uma pessoa boa. Vou ajudá-la no que precisar.

Era muito bom contar com a confiança e apoio de alguém que eu amava. Luana era como uma irmã para mim, e saber que sempre estaria ao meu lado me tocava profundamente.

— Eu já disse para ela, minha filha, que está tudo sob controle — ouvi minha mãe dizer e afastei Luana para poder encará-la.

Minha mãe estava tão calma e serena como eu jamais conseguiria me sentir, e isso, de alguma forma, me deixou furiosa.

— Tudo sob controle? — eu era a filha e, no entanto, parecia a única a ser racional e ter maturidade — Estivemos horas na delegacia prestando depoimento, mamãe. Onde há controle nisso?

Ela deu de ombros e se encolheu no lugar.

— O assistente do Dr. Franco disse que seu pai cuidaria de tudo — disse ela — Veja, no fim das contas ele entendeu que a família é tudo o que importa. Ele não ia fugir com a amante. Só estava levando-a para um lugar onde não nos incomodasse mais.

Como ela conseguia viver nesse mundo que havia construído em volta de si mesma, quando tudo à nossa volta parecia ruir?

Mas eu não tinha tempo e ânimo para pensar na cabeça oca da minha mãe.

— Luana, você disse que gostaria de me ajudar — disse a ela, que confirmou rapidamente com a cabeça — Eu sei que seu pai é contador, mas ele deve conhecer advogados bons e honestos.

— Nós já temos advogados, Gisele! — Rebateu minha mãe — Deixe que

seu pai cuide do assunto.

— Só que eu não confio neles. E a última vez que deixei que papai cuidasse das coisas, ele nos trouxe até aqui — disse com calma, mas firmemente, voltando minha atenção para Luana — Falaria com o seu pai sobre isso?

— Meu pai adora você, Gisele — confortou-me Luana — Eu tenho certeza de que ele irá ajudar. Vou para casa esperar por ele e te mando notícias. Vá descansar, porque você parece exausta.

Estava realmente sentindo o mundo pesar sobre mim. Só tive forças para acompanhar Luana até a porta, onde nos despedimos com um abraço apertado. Eu ignorei os protestos da minha mãe, quando passei pela sala.

Assim que entrei no quarto, procurei um bloco de papel e uma caneta, escrevendo o que meu pai havia sussurrado para mim. Não consegui anotá-las no carro, pois o Dr. Franco ficou o tempo todo atento a mim.

BRX-25AL.

O que esse conjunto de números e letras queria dizer?

Deixei o bilhete sobre a cabeceira e fui para o banheiro. Passei longos minutos debaixo do jato de água, na esperança de que aliviasse um pouco da tensão instalada em meus ombros. Mas só o que consegui foi ficar mais desperta para os meus problemas.

No escuro em meu quarto, meus pensamentos iam dos momentos maravilhosos que tive com Leonardo, desde o Casarão até quando saí do apartamento dele, sem saber que aquele seria nosso fim.

Não conseguia impedir que meu coração sangrasse em meu peito. Tentava convencer a mim mesma de que isso era completamente irracional. Tivemos momentos intensos juntos, mas foram apenas isso, momentos.

Não era como se estivesse enlouquecidamente apaixonada.

Eu não estava. Estava?

Quanto tempo levava para uma pessoa se apaixonar? Certamente não podia ser um pouco mais de duas semanas. Mas Leonardo me marcou, e tentar tirá-lo de dentro de mim estava custando algumas lágrimas sofridas.

Capítulo 13



Leonardo Valença

Sempre que eu olhava para Gisele, sentia uma fúria descomunal crescer dentro de mim. E não foi diferente quando a encontrei na delegacia. E minha irritação não melhorou em nada, quando um homem, até que bem-apeado, manteve as mãos sobre ela, como se tivesse todo o direito de estar ali.

Caralho, a mulher deveria ter a boceta de ouro, porque não era possível que em meio a tanta bagunça se formando em torno de nós, eu estivesse preocupado mesmo em quem a mantinha nos braços. Eu deveria ganhar o prêmio de pessoa mais estúpida do mundo.

A minha sorte, ou azar — ainda não havia definido — era que Henrique me conhecia o suficiente para saber quando eu estava muito perto de perder a cabeça e me arrastou para bem longe de Gisele.

— Então? — indagou, ao entrarmos em uma sala vazia — Desembucha logo, Leonardo.

Andei da porta até a única janela, na outra extremidade da sala, e fiz o caminho de volta. Eu precisava me acalmar e pensar em como falar sobre Gisele com ele.

— Por que está agindo como um idiota, desde que chegou à casa do senador?

Fechei os olhos, comprimindo o dorso do nariz. Henrique era meu amigo e eu sabia que podia, como deveria, confiar nele.

— Eu já a conhecia — soltei de vez.

— Conhecia quem?

— Sério, Henrique? — retruquei, sem paciência.

Ele soltou um ruidoso assovio antes de puxar uma cadeira, virando-a ao contrário para se sentar.

— E quando você diz conhecer, não está falando no sentido bíblico, certo?

Apoiei minhas costas contra a parede. Independente de Gisele ser a filha de um homem pelo qual eu nutria um profundo desprezo, queria que o que rolou entre a gente tivesse sido apenas isso, uma boa foda.

Como dizer a ele que fodi com ela de quase todas as formas que poderia imaginar?

— Sim — respondi, e ele arregalou os olhos antes de soltar um xingamento — Passamos quase todo o fim de semana transando, e antes disso...

— Caralho, Leonardo! Que puta cagada! — Henrique ficou de pé, e parecia tão puto que não seria surpresa alguma se desferisse um soco bem dado em meu queixo, que acho que eu merecia — Onde você estava com a cabeça, cara?

— Eu não sabia quem ela era até hoje, porra!

— Por que você enfia esse pau em tudo que é buraco, sem se interessar de quem é a dona da boceta com quem passa algumas horas?

Ok. Estava convicto de que Gisele se aliou a Gusmão para chegar a mim e tentar me usar de algum jeito, mas me deixou puto a forma que Henrique falou dela. Era como saber que sua mãe era uma vagabunda, mas não admitir que os garotos da escola falassem mal dela.

— Fala direito, Henrique — adverti, abrindo e fechando meus punhos — Eu estou te contando porque é como um irmão para mim.

— Cara, sua carreira vai para a lama se isso chegar aos ouvidos do Dias ou de qualquer outro superior — ele falou, zangado — Você está fodendo com a filha de um suspeito, isso se ela não estiver mesmo envolvida em tudo isso.

— Estava — o corrigi, sem muita convicção — Estava fodendo.

— Não foi o que pareceu na casa dela — resmungou ele — Nem há cinco minutos, quando cruzamos com ela e o advogado.

Advogado?

— O cara é advogado dela?

Henrique esfregou o rosto, depois me olhou como se eu fosse um completo imbecil.

— Vai ter crise de ciúmes agora, Leo? — perguntou, debochado, mas ele estava mesmo é furioso comigo — Sério, você não tem problema algum aqui, além de pensar com o seu pau, vinte e quatro horas por dia?

— Vá se foder, Henrique!

Eu não iria admitir para ele, mas era bem verdade que, no fundo, tinha sentido um pouco de ciúmes de Gisele com o almofadinho.

Ficamos por um longo e tenso momento apenas encarando um ao outro. Eu entendia que Henrique estivesse puto comigo. No lugar dele, provavelmente estaria agindo muito pior. Não era apenas a minha carreira em jogo, mas toda a credibilidade das investigações.

— Você acompanhou o interrogatório dela?

— Sim.

— E?

— Ela não disse nada sobre você — informou ele, reafirmando as minhas suspeitas.

Se Gisele tivesse aberto o bico sobre nós, eu não estaria aqui, tendo essa conversa tensa com Henrique.

— Eu não entendo — falei, mais para comigo mesmo do que com ele — O que ela está querendo?

Não fazia sentido para mim, e eu odiava caminhar no escuro.

— Vamos falar com o Dias e ver se conseguimos dispensa por hoje — disse Henrique, ao chegar à porta — Quero que você me conte tudo isso em detalhes.

Henrique podia estar bem chateado com o meu “*deslize*”, mas era a única pessoa que confiava para me ajudar a sair dessa roubada.

Depois de algumas latas de cerveja e um resumo da minha história com Gisele, Henrique estava um pouco mais calmo e solidário com meu dilema. Ele entendeu que me encontrava nessa enrascada, não porque não sabia como manter meu pau dentro das calças, mas porque eu havia caído na cilada da maldita mulher.

— Primeiro aquela jornalista gostosa — disse ele, se referindo a Érica Gusmão — Agora a filha do senador. Poxa, Leo, você tem mesmo o dedo podre para mulheres.

Eu não queria pensar na Érica e em como ela agiu como uma vaca. A mulher que mantinha meus pensamentos em uma completa bagunça se chamava Gisele Alencar.

— O que acontece agora? — Henrique esvaziou a latinha de cerveja e a amassou, arremessando-a no lixo — Sabe que se isso vazar...

— Eu preciso colocá-la contra a parede e investigar o que ela estava planejando comigo.

— Sinceramente? Por tudo o que você me disse, eu não acredito que ela teve algum plano obscuro — Henrique era a última pessoa que eu esperava defendendo Gisele — Acho que, como você, ela foi surpreendida pelo acaso.

— Depois sou eu que penso com a cabeça do meu pau — ri ironicamente

— Cai na real, Henrique. Filha de peixe... Além disso, eu a vi conversando com a Érica.

— Sim, mas vindo daquela mulher pode ser qualquer coisa — ele retrucou — E sobre o pai dela, tenho uma leve desconfiança de que ela caiu de paraquedas nisso.

Encarei-o, atônito. Enquanto eu tinha um temperamento um pouquinho mais estourado, Henrique procurava agir e pensar mais friamente. Ele deveria estar usando tudo o que investigamos em relação ao senador e usar contra a filha dele, e não o contrário.

— Veja o caso do seu pai, por exemplo, Leo — grunhi quando ele colocou o dedo nessa ferida — Você sempre achou que o conhecesse, mas está preparado para o pior? E se ele mudou de time no último momento?

Se meu pai realmente abandonou todos os seus princípios, para se vender para o crime, seria a maior decepção da minha vida, a queda de um herói. Doeria tanto, ou muito mais, que a morte dele. Mas se meu pai me enganou por tanto tempo, fingindo o que não era, o mesmo poderia ter ocorrido com o pai de Gisele?

Não. Eu não queria acreditar nisso. Ir por esse caminho só serviria para tentar justificar como Gisele foi ardilosa e manipuladora. Ela escondera sua identidade e tudo sobre ela, de forma calculada e fria. Eu não iria cair naqueles falsos olhos inocentes outra vez.

— Não consigo ser tão crédulo como você — disse a ele — E sobre meu pai, vou saber a verdade, sendo ela decepcionante ou não. Eu quero trocar umas palavras com Roberto Torres.

— O último parceiro do seu pai?

Assenti calmamente com a cabeça.

— Não acha melhor investigar em silêncio?

— Sabe o que acontece quando se mexe no vespeiro? — indaguei, mas não aguardei sua resposta — Vou apenas deixar que ele saiba que estou interessado no caso do meu pai. E se ele tiver alguma coisa a ver com a morte dele, vai querer dar um jeito de encobrir qualquer falha que tenha deixado pelo caminho. E aí que irei pegá-lo.

— Só toma cuidado, Leonardo — alertou ele — Agora me conta o que exatamente está pensando em fazer.

A Toca da Raposa era um bar tipo pub, que ficava a duas ruas da delegacia onde Torres trabalhava. Grande parte dos policiais frequentava a Raposa após o expediente, e eu sabia que o encontraria ali — pois Silvio, o primeiro parceiro do

meu pai, avisou o momento que Torres deu por encerrado o seu dia.

A claridade da rua, com o ambiente mais escuro do bar, fez meus olhos perderem o foco por dois ou três segundos. Quando o desconforto passou, dei uma boa olhada pelo local. Havia mesas quadradas e cadeiras com estofamento em couro preto espalhadas pelo salão. Alguns policiais fardados estavam tomando café e comendo alguma coisa, outros à paisana, conversando com alguns ainda em serviço, enquanto tiravam seu momento de descanso. Encontrei Roberto Torres próximo ao balcão do bar. Estava com mais três homens. Eles olhavam a TV presa a um suporte na parede e pareciam discutir alguma coisa sobre futebol e o campeonato Estadual.

— Sr. Torres? — ele não me viu me aproximar, então a surpresa que rapidamente passou em seus olhos foi genuína.

Logo ele se recompôs e me dirigiu um sorriso amigável, que contra a minha vontade, eu retribuí. Sempre teve algo nele que eu não gostava muito. Como se o sorriso sempre tão gentil, não passasse de uma máscara.

— Olha só se não é o pequeno Valença. — disse ele, cordialmente, dando dois tapinhas em meu ombro — Bom, não tão pequeno assim. Você parece maior desde a última vez que o vi. Anda malhando muito?

Desde criança praticava algum esporte. Lutas marciais, box, um pouco de futebol, além de correr e frequentar o ginásio da polícia, então meu físico vinha mais de anos me exercitando do que gastando energia em uma academia.

— Não mais do que o normal — apoiei o meu braço no balcão, simulando uma descontração que estava muito longe de sentir — Duas cervejas, por favor — pedi ao bartender.

Roberto pegou a cerveja que empurrei em direção a ele e me avaliou por alguns segundos. Eu nunca tentei qualquer aproximação com ele quando meu pai morreu, e ele ficou rodeando minha mãe antes de ela se mudar. Depois, trabalhávamos em áreas completamente diferentes na polícia, para tentarmos sustentar uma amizade. Era natural que ele ficasse curioso com minha presença ali. Mas eu queria mais do que isso. Queria que ele se sentisse acuado.

— O que o agente mais famoso da Federal faz por essas bandas? — indagou ele.

Tomei um longo gole da bebida, fazendo a expectativa em volta da pergunta dele aumentar.

— Eu soube que meu pai estava sendo investigado antes de morrer... — disse calmamente, enquanto girava a garrafa no balcão.

— Esquece isso, rapaz — disse ele, em um tom autoritário — Nada foi comprovado e isso já foi arquivado. Deixa a memória do seu pai como está.

Apertei a garrafa fortemente, e tive a sensação que, na tentativa de controlar

minha ira, eu poderia quebrá-la com meus dedos.

— É em memória do meu pai que não vou deixar essa mancha em aberto — virei para ele com um olhar determinado — Você foi o último parceiro dele. Lembra-se de algo que possa ter relevância?

Roberto me encarou com cara de poucos amigos. O sorriso amigável desapareceu de seu rosto, e por um instante, parecia que eu poderia ver quem ele realmente era, por trás daquela pose de moço bonzinho.

— Escuta um conselho — ele tirou a carteira do bolso — É melhor não mexer no que está quieto, ou poderá sair machucado.

Sorri cinicamente e dei um longo gole em minha cerveja.

— Ou eu posso machucar algumas pessoas — disse calmamente — Você não acha?

— Faça o que acha que deve fazer, *filho* — a forma que me chamou fez com que eu enrijecesse o maxilar, rangendo os meus dentes. Ele não podia usar esse tipo de tratamento comigo, principalmente quando o gesto carinhoso era tão falso como o sorriso que costumava ostentar — Tudo o que eu sabia, compartilhei com os responsáveis durante as investigações, antes de elas serem encerradas. Infelizmente não posso te ajudar nisso.

Assenti com a cabeça. Não porque acreditava nele, mas porque o meu recado havia sido dado. Agora era seguir observando-o e esperar que ele desse um passo em falso.

— Eu vou descobrir quem traiu o meu pai e usou essas acusações falsas contra ele — virei o restante da bebida em minha boca e bati a garrafa no balcão — E quando isso acontecer, ele irá se arrepender de ter se metido com a família Valença.

Roberto tirou algumas notas e as jogou sobre o balcão.

— E a sua mãe? Ainda mora no interior, não é? — disse ele, trazendo no rosto um sorriso gentil — Deve continuar linda, como sempre foi.

Cerrei os meus punhos com força, ao ouvi-lo se atrever a falar dela.

— Bom, a cerveja é por minha conta — disse ele — Foi bom te ver, filho.

Observei-o sair com uma imensa vontade de segui-lo até a rua e socar o rosto cínico, até fazê-lo me contar a verdade. Mas as coisas não funcionavam dessa forma. A hora de expressar com meus punhos, tudo o que eu pensava sobre ele, um dia chegaria. E quando esse dia chegasse, ninguém seria capaz de me segurar.

— Então? — perguntou Henrique, quando me joguei no banco ao lado do motorista — Como foi?

Eu havia pedido que ele me esperasse no carro dele e que eu fosse sozinho ter o primeiro contato com Torres. Eu não queria que Roberto soubesse que

Henrique estava me ajudando a investigar. O intuito era dizer: eu estou de olho e vou descobrir o que você tem a ver em relação ao meu pai.

— Eu dei meu recado — murmurei, minha mente analisando tudo o que aconteceu, nos pouco mais de quinze minutos que estive no Bar da Raposa.

— O que vamos fazer agora?

— Você, eu não sei — disse a ele — Eu vou falar com a senhorita Alencar.

— Porra, Leonardo! — ouvi Henrique bramir — Você não está fodido o suficiente?

Na verdade, foi a última coisa que realmente prestei atenção durante o discurso dele. Estava concentrado demais pensando no que diria a ela. Também em como reagiria ao vê-la.

“Preciso falar com você.”

Enviei a primeira mensagem. Curto e seco. Sabia que era um risco fazer isso. O seu celular podia estar sendo grampeado, mas era um risco que eu tinha de correr. Não havia outro jeito de falar com ela. Eu não podia simplesmente aparecer na casa dela, quando estava cercada por repórteres intrometidos, ávidos por uma boa capa de jornal.

“Leonardo?”

Recebi apenas a indagação do meu nome em resposta. Estaria surpresa com minha tentativa de aproximação?

“Venha sozinha e despiste esses abrutes na sua porta.”

Enviei outra mensagem. Nesse ponto, Henrique já desistira de falar comigo. Minha atenção estava a quilômetros do carro.

“Onde?”

“No meu apartamento.”

Era o local mais seguro para poder nos vermos naquela situação.

“Apareça e não tente jogar comigo!”

O carro parou em um sinal vermelho, e finalmente olhei para Henrique, que me encarava como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Eu preciso falar com ela, porra!

— Você precisa, ou você quer?

Era uma boa pergunta, que eu não sabia responder. Só sabia de uma coisa. Precisava ver Gisele, ainda hoje. E que ela cumprisse a promessa e aparecesse, porque senão mandaria tudo ao inferno e a procuraria na sua mansão. Não importavam as consequências dessa loucura.

Capítulo 14

Gisele Alencar

Minhas mãos, e acho que meu corpo todo, tremia, após receber a última mensagem de Leonardo. Eu ainda não conseguia acreditar que entrou em contato. A última vez que o vi, estava furioso comigo, vi isso no seu olhar. E a dor em meu peito, pelas coisas entre nós ter terminado de forma tão ríspida, continuava latejante.

Eu tinha medo de vê-lo, mas uma parte ansiava por isso também. Precisava esclarecer as coisas, e pelo teor do seu convite para que eu fosse ao apartamento dele, deveria significar isso.

Respirei fundo, ordenei que meu coração se acalmasse e levantei da cama. Caminhei até a janela e olhei ao redor da casa, ao afastar as cortinas brancas.

Havia alguns homens conversando em grupos de três ou quatro pessoas, e outros caminhando em frente à casa. Fechei a cortina rapidamente, temendo que algum deles conseguisse me ver. Se bem que talvez fosse interessante para o meu plano se algum deles me visse.

Para sair de casa sem ser percebida ou seguida, eu precisaria usar um plano eficaz que os enganasse. Então liguei para Luana, que era a única pessoa que eu sabia que poderia confiar. E eu nem contei a ela ainda o que Leonardo fazia para viver, mas aquele também não era o momento para isso. Só avisei que precisava sair de casa e contava com seu apoio para despistar as pessoas lá fora.

— Ah, traga dois bonés do seu pai — disse, antes que ela desligasse — Aqueles que ele usa para jogar golfe aos domingos.

Gastei mais tempo olhando para o guarda-roupas, pensando no que vestir, do que gastei no banho. Estava em dúvida entre um vestido preto e sensual e um conjunto elegante. Então percebi que Leonardo pouco estaria se importando com a minha aparência. Calça jeans e uma camiseta seriam o mais prático e ideal. No entanto, minhas mãos foram em direção ao vestido preto. Fechei os meus olhos, fazendo careta, e puxei o cabide do armário.

— Então o plano é você sair no meu carro e eu sair no seu? — indagou Luana, quando chegou.

— E você tem que colocar a minha roupa — indiquei as peças em cima da cama — Eu já apareci na janela usando-as. Então, quando você sair com o carro, usando o boné, vão achar que sou eu. Enquanto partem para cima de você, eu saio no seu carro.

— Garota, você pensou em tudo isso sozinha? — indagou Luana, tirando o

vestido.

— É preciso ser mais inteligente que eles.

— Bom, para ir se encontrar com aquele bonitão e ter uma transa inesquecível, tudo vale a pena.

— Não estou indo ver o Leonardo para ir para a cama com ele, Luana — embora eu quisesse, devo admitir — Nós temos assuntos mais sérios para resolver, e eu te conto quando puder.

A Luana vivia em um mundo protegido e cor de rosa. O mesmo mundo que um dia eu estive.

— É sobre o fato de ele ser policial? — indagou ela.

— Você sabia?

— Eu tentei te dizer aquele dia, na boate.

— Ai meu Deus, Luana! — exasperei-me, desejando estrangulá-la — Sabe a grande confusão que eu me meti por isso? O Leonardo foi um dos agentes que prendeu o meu pai.

Ela se encolheu diante de minhas palavras duras, e passei os dedos pelos cabelos, decidida a me acalmar um pouco. Não podia descontar minhas frustrações em minha amiga, ainda mais por ela ser a única a ficar ao meu lado e ajudar em tudo.

— Eu nunca imaginei que seu pai seria mesmo preso — justificou Luana — E que seria Leonardo a fazer isso. E nem que você se envolveria tanto. Pensei que seria só uma curtição de uma noite. Ele é um gato, mas nunca fez o seu tipo.

Isso era verdade. Acho que se Érica não tivesse me provocado e instigado para falar com Leonardo, eu nunca teria me aproximado dele.

— Bem, não adianta pensar sobre isso agora — disse, colocando o boné, e ela fez o mesmo ao terminar de prender seus cabelos — Espero que dê certo — disse a ela e pego a minha bolsa em cima da cama — Luana, obrigada por tudo, novamente.

— Você é minha amiga, Gisele — disse ela, em um tom emocionado — Amiga de verdade, que nem o tempo ou a distância podem separar. Vou ajudar você em qualquer coisa que precisar.

Demos um longo abraço quando saímos do meu quarto. Se existia alguma coisa verdadeira em meu mundo bagunçado, era meu carinho por Luana. Eu sempre estaria para ela, como sabia que ela sempre estaria para mim, pois como ela mesma havia afirmado, éramos amigas de verdade.

— Ah, meu pai disse que vem amanhã cedo — disse ela, quando descemos a escada — Está falando com alguns amigos. Acho que algum deles poderá ajudar você.

Essa notícia me deixou um pouco animada. Eu não confiava no Dr. Franco,

e depois que meu pai havia me passado aquele código estranho, que tenho a certeza de que seu advogado não tinha conhecimento, confio nele menos ainda. Eu queria dividir esse fardo com Leonardo, sondar o que ele achava de tudo isso, mas enquanto ele me achasse uma mentirosa sem escrúpulos, era melhor manter a informação comigo, até saber o momento certo de usá-la.

Eu me despedi de Luana e aguardei no carro dela até vê-la sair com o meu. Como suspeitei, os jornalistas sabiam qual era o meu carro e foram na direção dela como abutres. Senti pena da Luana, e esperava que nada de ruim acontecesse com ela durante a breve perseguição. Logo ela iria parar em um posto de gasolina e tirar o boné, fazendo os fotógrafos irritantes verem como fizeram papel de idiotas.

Saio logo em seguida. Havia alguns homens e duas mulheres na rua, mas como estavam a pé e ainda empolgados achando que era eu dirigindo meu carro, não deram importância a mim. Por via das dúvidas, dirigi até o shopping mais próximo, onde deixei o carro de Luana e pedi um motorista no aplicativo do Uber.

Quase duas horas depois, estava parada em frente ao prédio de Leonardo, ainda indecisa se deveria subir ou não. Ah, eu queria vê-lo. Queria muito, mas não sei se suportaria seu olhar de ódio mais uma vez.

Só que eu não poderia ficar parada como uma estátua, na calçada. Respirei fundo, algo que vinha fazendo muito. Respirar fundo e tentar me convencer de que tudo ficaria bem.

O porteiro já me conhecia das visitas que fiz, então apenas fez uma chamada pelo interfone, para verificar se Leonardo estava mesmo no prédio e aguardando por mim. Fui autorizada a subir. Minhas pernas pareciam cada vez mais fracas, e sentia que nunca conseguiria fazê-las parar de tremer. Quando eu desci no andar de Leonardo, ele já me esperava na porta.

Ele tinha mesmo que estar sem camisa?

Seus cabelos estavam soltos, caindo pelo rosto e ombros. Eu me lembrei de como gostava de enfiar os meus dedos entre eles enquanto gozava.

Pare com isso!

Afugentei os pensamentos impróprios e decidi focar minha atenção no rosto de Leonardo. Ele me olhou de cima a baixo. Aquele olhar quente que sempre me fazia parecer queimar por dentro. Mas a apreciação do meu vestido ou do meu corpo delineado pela vestimenta logo passou, e em seu rosto surgiu uma carranca feroz.

— Entre. — ordenou, e foi tudo o que disse antes de me dar as costas.

Meus olhos marejaram e me obriguei a ver que eu estava sendo boba. O que Leonardo era para mim? Um cara que trepou comigo — maravilhosamente, não

posso negar — mas que não se importava nem um pouco pelos meus sentimentos. Deveria mesmo deixar que meu coração doesse tanto pela rejeição dele?

Eu deveria ter mais amor próprio!

Entrei e dei uma rápida olhada pela sala. Uma camisa jogada em uma poltrona. Latinhãs de cerveja vazias jogadas sobre a mesa de centro. Um cinzeiro que nunca observei ali — ou se havia, não dei a devida importância — e um cheiro de cravo impregnado no ar.

Olhei para Leonardo, parado contra a janela entreaberta. O céu saía daquele tom alaranjado de fim de tarde, e o dia logo começaria a virar noite. E como ele estava contra a claridade, mal conseguia ver o seu rosto, mas notei a ponta acesa do cigarro indo em direção à sua boca.

— Você fuma?

Aquilo não combinava com ele, que sempre parecia tão atlético e cuidava bem do físico. Ele corria todas as manhãs.

— Isso não é da sua conta.

A simples e grosseira resposta me fez perceber que nossa conversa estava bem longe de ser pacífica.

Ele soltou a fumaça como se me desafiasse com isso. Pressionou a ponta do cigarro contra o parapeito da janela e o jogou em direção ao cinzeiro, que da distância que ele estava, errou, mas isso não pareceu incomodá-lo.

Claro. O que incomodaria o todo poderoso Leonardo Valença, agente da Polícia Federal? Era só isso, e assim que eu conseguia vê-lo agora. Nada do cara divertido e sexy com quem passei o fim de semana mais inesquecível da minha vida.

— Não é da minha conta — respondi, agressiva — Só acho que não combina com você.

— Ah, e você me conhece bem... — disse ele, se aproximando de mim — para saber o que combina comigo.

A cada passo predador que ele dava em direção a mim, eu recuava dois, até me ver pressionada contra a parede. Os olhos duros de Leonardo estavam cravados nos meus, e seu corpo tão colado a mim que sentia dificuldade em respirar. Ele era como um felino, reivindicando sua presa — eu.

— Riu bastante às minhas costas, vendo como eu era babaca?

O hálito dele tocando meus lábios era morno, e eu senti um leve cheiro de cravo provocado pelo cigarro. Consegui erguer minha mão para empurrá-lo no peito, mas isso foi um erro terrível. Sentir o calor da pele dele fez com que flashes de nós dois juntos, nus e suados, espocassem em minha cabeça.

— Não...

Eu queria dizer que nunca pensei isso ou ri dele, mas sua proximidade fazia com que as palavras não chegassem à minha boca. O calor que vinha dele fazia meu corpo arder como se eu tivesse febre, e minha mente parecia incapaz de pensar com clareza.

— Eu queria saber se cada orgasmo que te dei era fingimento. — disse ele, em tom rouco e sexy — Se cada vez que estremeceu com meus beijos foi atuação.

Ele passou a mão em meus lábios, e seu toque fez meus joelhos fraquejarem mais um pouco, por sorte eu estava apoiada contra a parede, tentando me equilibrar.

Inalei seu perfume, misturado ao cheiro de cravo que vinha de sua boca. Ficar tão perto de Leonardo me deixava fraca. Se ele arrancasse meu vestido e me fodesse contra a parede, eu não iria lutar.

Que se danasse meu amor próprio. Meu corpo sedento por ele não sabia o que era isso.

— Foi?

Ele segurou meu pescoço e olhou fundo, dentro dos meus olhos. Não era nem perto algo agressivo, como alguém que nos flagrasse assim poderia pensar. Seu polegar fazia carícias em minha pele, mas o agarre era firme. Fechei os olhos, me sentindo tonta com uma miríade de sensações varrendo meu corpo, do couro cabeludo às pontas dos dedos dos pés.

— Não. — sussurrei.

Eu nunca fingi ou simulei nada, como não fazia agora.

— Eu lamento — disse ele, em um tom e olhar arrogantes ao se afastar de mim — Você não merecia nenhum dos orgasmos que te dei.

Eu me senti como uma criança esquecida em uma praça, quando ele se afastou. Sozinha e abandonada.

Por que eu insistia em ser tão tola e permitia que Leonardo tivesse tanto poder sobre mim? Estava claro em seu olhar altivo, que só tinha intenção de me humilhar.

— Onde você e a Érica queriam chegar ao se aproximarem de mim?

Levou alguns segundos para eu conseguir ligar Érica Gusmão a nós dois.

— Eu não tenho nada a ver com a Érica. E odeio aquela mulher.

— Vocês se conhecem. Não pode negar.

— Estudamos juntas no colegial — tento começar a esclarecer a confusão, ou conclusões precipitadas que ele havia tirado — Ela era uma cadela na época.

— Ela ainda é uma cadela.

— Bom. Parece que você a conhece bem, também. — indaguei, desgostosa — Transou com ela?

— É. Eu trepei.

— Você sempre tem que ser tão rude, Leonardo?

Eu não sabia se estava incomodada com o linguajar sujo dele, que achava sexy na cama, ou se estava fervendo de ciúmes em saber que o pau dele já esteve dentro daquela mulher.

— Por quê? — ele sorriu, debochado, como só ele conseguia ser, um sorriso irônico que malditamente o deixava ainda mais lindo — Prefere almofadinhas de terno, como o seu advogado?

Antes de conhecer Leonardo, eu preferia. Um cara todo alinhado, vestindo ternos caros. Mas um cara assim não me tratava na cama como Leonardo me tratava e nem me fazia me sentir tão mulher.

Aquele ditado, pelo menos comigo, se provava certo: as mulheres preferiam os cafajestes.

— Ele é advogado do meu pai, não meu.

— Eu estou me fodendo para o que ele é para você e seu pai — disse ele, dessa vez muito irritado — Eu quero saber o que você e a Érica planejaram contra mim. Porque nada vai me convencer de que as duas não estão tramando para o meu lado.

— Então não há nada para eu fazer aqui — disse, no mesmo tom irritado — Eu já disse que não planejei nada. Eu não sabia que você era da polícia.

Ele encurtou novamente a distância entre nós.

— Então você me garante que não se aproximou de mim sem segundas intenções e que Érica não tem nada a ver com isso?

Mordi os lábios, nervosa. Eu podia não ter me aproximado dele com um plano mirabolante de destruí-lo, como ele estava convicto a acreditar, mas tinha, sim, me aproximado por causa de Érica. Nós tínhamos feito uma aposta.

— Você não consegue mentir tão bem assim — disse ele, em um tom duro.

Formei todo um discurso para explicar a ele o que aconteceu naquela noite, quando o telefone em minha bolsa começou a tocar. E persistiu, mesmo eu estando determinada a ignorar.

— Atende essa porra! — rugiu ele — Pode ser o babaca do seu advogado.

Como ele era autoritário quando queria. E desejava não atender, apenas para contrariá-lo. Como eu podia, um dia, ter achado que erámos perfeitos um para o outro? Leonardo não passava de um grande grosso, e babaca.

— Atende logo!

Só porque o som também estava me tirando do sério, decidi vasculhar em minha bolsa e atender. Assim que peguei o aparelho, visualizei a ligação da minha mãe. Ela estava dormindo em seu quarto, quando saí de casa, ou pelo menos achei que estivesse.

— Mãe?

— Gisele, onde você está? — sua voz estava trêmula, e ela parecia muito, muito nervosa.

— O seu pai... — as lágrimas abafaram um pouco o que ela queria me dizer, mas minha mente entendeu a pior parte — ... você tem que vir para casa.

Minhas pernas vacilaram, e se Leonardo não tivesse me segurado pelos braços, teria me estatelado no chão.

— Gisele? — a voz dessa vez soou suave, mas eu estava aérea demais para absorver que ele me tratava com gentileza.

Fiquei em pânico, tentando me separar dele.

— Eu tenho que ir — consegui me soltar e caminhar, desnorreada, até a porta — O meu pai...

Um soluço escapou pela minha boca, e logo um choro convulsivo fazia meu corpo tremer.

— Espera! — Ele caminhou até a poltrona onde havia uma camisa — Não pode sair assim.

Leonardo olhou em todas as direções da sala, enquanto vestia a camisa. Acho que procurava os sapatos, perdidos em algum canto.

— Eu... eu não posso — murmurei, saindo correndo do apartamento dele.

Capítulo 15



Leonardo Valença

Tive que ir até a cozinha onde deixei meus sapatos. Não levei um minuto para ir e voltar, mas foi tempo suficiente para Gisele ter saído correndo.

Sério. Eu nem sabia por que deveria ficar preocupado com ela, mas eu fiquei, ao ver como reagiu ao telefonema que recebeu.

Segurei os sapatos com uma mão e com a outra peguei as minhas chaves e celular, depois corri apressadamente até o elevador. Consegui avistar seu rosto banhado de lágrimas, carregado de desespero e dor, antes das portas se fecharem.

Com as chaves presas em minha boca e meu celular em minha axila, eu calcei um sapato e fui saltitando em direção à escada. Estava a caminho de calçar o outro sapato, quando meu celular vibrou e acabou escorregando, até cair com um baque no chão.

— Droga! — enfiei o sapato no pé e peguei o aparelho que continuava a tocar.

— Leonardo? — Era Henrique na linha — Você ainda está em casa?

— Não — saltei dois degraus de uma vez — Quer dizer, sim, mais ou menos. Olha, Henrique...

— Aconteceu uma coisa estranha — ele me interrompeu — O senador Alencar morreu.

Estaquei no lugar, depois saí tropeçando os degraus que faltavam para terminar aquele andar.

— O que você disse?

— O avião que estava levando o senador e dois agentes da polícia, caiu —

disse ele com pesar, claramente lamentando a perda dos policiais — Não houve sobreviventes.

Agora compreendia a forma que Gisele reagiu ao telefonema da mãe dela. Ela chegou a balbuciar algo sobre o pai, mas parecia tão alterada que pouco consegui entender.

— Foi criminoso?

— Ainda não sabemos — informou ele — O Dias está chamando a gente agora.

Desisti da escada e fui em direção ao elevador e selecionei a garagem. Dificilmente eu conseguiria alcançar a Gisele agora. E se alcançasse, o que eu diria?

Que sentia muito pela morte do pai dela?

Seria mentira. Mas mesmo o cara sendo um bandido de colarinho branco, era o pai dela e ela devia amá-lo. Eu vi a dor e tristeza estampadas em seu rosto. E sabia muito bem como era perder alguém que se ama.

Inferno!

Por que eu me preocupava com ela?, tornei a me perguntar. A garota era problema, e ainda não estava convencido de que não estivesse envolvida com Érica, em algum esquema sórdido contra mim. Ela nem conseguira olhar em meus olhos e negar.

Eu precisava parar de pensar em Gisele e apenas tentar descobrir o que Érica queria de mim, porque eu sabia que ela buscava alguma coisa.

Uma coisa era certa: sendo Gisele inocente ou não, a jornalista a usou para me alcançar.

Minha vida estava ficando cada vez mais complicada. De um lado, todas as possíveis mentiras envolvendo meu pai e Roberto Torres, que eu havia atizado e que agora ficaria atento a mim. Do outro lado, Gisele, mulher que eu tinha uma relação de desejo e ódio. E eu não sabia dizer qual dos dois sentimentos era mais forte. Porque eu sentia uma raiva profunda dela, mas os poucos minutos que a tive em meu apartamento, imprensada contra a parede, o corpo tão colado ao meu, a boca tão próxima à minha, meu corpo reagiu.

Sim. Eu a desejava, e desejava muito. Essa merda toda estava me enlouquecendo. Eu não podia ser maluco por uma mulher que possuía o poder de foder com a minha vida. Com toda a minha carreira impecável na polícia.

Tire-a de sua cabeça, Leonardo! Ordenei a mim mesmo.

Tire-a da sua pele.

Do seu sistema.

Eu precisava focar no trabalho, e era exatamente isso que faria. A morte inesperada do senador Alencar poderia nos levar para uma outra linha de

investigação. Eu tinha que manter minhas energias nisso.

Quando cheguei à sala do delegado Dias, tanto Henrique como Miguel já estavam por lá.

— Que bom que chegou, Leonardo — disse Dias, quando entrei — Acho que Henrique já adiantou o assunto, ou no mínimo viu a chamada pela TV.

Na verdade, eu vi um resumo especulativo em alguns sites de notícias, sempre que parava em algum sinal vermelho a caminho dali. O pouco que apurei era que o avião que transportava o senador Alencar, até o Paraná, caiu cerca de meia hora após a decolagem.

— Sinto muito pelos policiais — disse ao meu superior.

O rosto dele ficou levemente sombrio, mas rapidamente voltou para um ar controlado.

— Duas perdas lastimáveis — disse ele — Mas em nossa profissão, sabemos que tudo pode acontecer. Nem sempre é uma bala que nos atinge.

O delegado não estava sendo frio. Essa era nossa realidade. Corríamos riscos todos os dias, dentro e fora do trabalho.

— O que o senhor acha sobre isso? Alguém tentou calá-lo? — indaguei.

Dias coçou o queixo e tirou um cigarro do maço, acendendo-o. Isso me fez lembrar Gisele e sua surpresa ao me pegar fumando.

Eu coloquei o primeiro cigarro na boca aos 15 anos. Tive um bom pai, mas ele era exigente em relação à minha educação e esportes que eu deveria praticar. Como filho de um policial, tinha que ser um exemplo no condomínio onde morávamos. E aos 15 anos, eu era um adolescente normal, que às vezes sentia certa necessidade de me rebelar. Eu não bebia ou me metia com drogas, mas o cigarro foi um escape, já que meu pai também fumava e achava que ele não possuía moral alguma contra isso.

Mas ao contrário de ficar zangado comigo, ele se mostrou decepcionado quando me pegou fumando, com pouco mais de dezesseis anos.

“Garoto, veja os meus erros e aprenda com eles, faça diferente de mim”, dissera ele.

Nunca mais fumei perto dele e parei totalmente quando ele faleceu. Só voltei a colocar o maldito cigarro na boca porque Gisele me desestabilizava. Eu precisava de algo para acalmar minha fúria. Geralmente sexo ajudava em momentos de tensão. O problema era que eu queria sexo com ela. A única mulher com quem não poderia ter.

— Estava dizendo aos seus parceiros que Alencar teve uma conversa com a filha — continuou o delegado — Não captamos nada de importante. Só pedia

perdão a ela e que tomasse cuidado.

— Podia ter sido um aviso? — indagou Henrique — O senhor acha que ela pode ser inocente, como afirmou no depoimento dela?

Soltei uma risada sarcástica para ele, e Henrique me fuzilou com o olhar.

— As merdas que Alencar se meteu são bem maiores das que envolveu a filha...

Sim, o pai de Gisele estava sendo ligado ao tráfico de drogas, envolvimento com crime organizado e lavagem de dinheiro, entre outras coisas em sua longa lista.

— Então alguém, ou algumas pessoas, podem ter desejado silenciá-lo — reforçou Henrique — Acha que foi criminoso?

Não seria nenhuma surpresa que isso tivesse acontecido. Se o senador estivesse apenas um pouco arrependido, pessoas poderosas poderiam cair com ele. Costumamos pensar que apenas aquele cara, vindo da favela, segurando uma metralhadora, era culpado pelo comércio ilegal de entorpecentes. Mas havia muita gente nos bastidores envolvida. De policiais, aos bandidos de colarinho branco, disfarçados de bons políticos, empresários, e até religiosos. Era uma lista tão grande, que o cidadão comum ficaria horrorizado em saber como esse mundo rodava de verdade. Por isso que era tão difícil combater o crime. Os bandidos de verdade estavam lá em cima.

— Delegado? — A porta foi aberta e um agente surgiu — O carro da senhora Alencar acabou de ser perseguido e alvejado na proximidade.

— Gisele... — murmurei, encarando Henrique.

Ele ergueu a mão em um pedido silencioso, para que eu mantivesse a calma.

Porra! Como eu seria capaz de manter a calma?

— O que exatamente aconteceu? — Dias fez a pergunta presa em minha garganta.

— Tudo leva a crer que foi uma tentativa de assalto — disse o agente — — O motorista morreu no ato, mas a senhora Alencar chegou com vida ao hospital.

— E a filha dela? — não consegui evitar fazer a pergunta, e ouvi um leve engasgar vindo de Henrique.

Estava vacilando, podia perceber no olhar de alerta de Henrique, mas não conseguia evitar. Uma grande pressão parecia ter se instalado em meu peito, e eu precisava me livrar dela para conseguir voltar a respirar.

— Não estava com ela, pelo que soubemos.

Eu respirei, aliviado. Só que saber que Gisele não estava no carro não me deixava mais calmo. Ela saía atordoada do meu apartamento. Então estava andando por aí, sozinha e desprotegida.

Porra!

— Vá até onde aconteceu o ataque, Muniz, e descubra tudo o que puder antes que a imprensa chegue, tentando contaminar a cena e fazer daquilo lá um inferno — disse Dias — Miguel, você vem comigo até o hospital. Leonardo e Henrique, vocês vão até a casa da Srta. Alencar e fiquem ao lado dela, até se precisar ir ao banheiro.

— Certo, Senhor. — disse Henrique.

Eu precisava ir até Gisele, para conferir se pelo menos fisicamente ela estava bem, mas havia outra parte de mim que fugia disso. Não sabia como iria reagir perto dela. Os poucos minutos que passamos em meu apartamento foi um sinal muito claro, que me tornava completamente irracional ao lado dela.

Mas que inferno!

As coisas sempre poderiam piorar um pouco mais.

Os repórteres que estiveram fazendo campana na frente da casa dela já não estavam por lá. Com a queda do avião onde o senador estava e o ataque ao carro da senhora Alencar, eles tinham lugares muito mais interessantes para estar. Outras pessoas para atormentar. E mesmo que alguém tivesse ficado por ali, nossa presença na residência agora podia ser justificada.

Fomos atendidos por uma empregada, que nos guiou até onde Gisele se encontrava. Ela estava na sala, buscando informações sobre a mãe com a governanta.

— Senhorita Alencar? — chamou Henrique.

Gisele virou rapidamente ao ter reconhecido a voz dele. Depois os olhos vermelhos e rosto pálido, marcados pelo sofrimento, caíram em mim. A imagem me fez sentir como se tivesse levado um murro na base do estômago.

Eu não queria me sensibilizar com ela, mas a merda é que eu não conseguia evitar.

— Leonardo... — se dirigiu a mim como um animalzinho ferido, que eu sentia que precisava cuidar — O que faz aqui?

Caralho! Não seria nada fácil. Embora eu ainda estivesse possesso com ela, Gisele era um ser humano, e via-se claramente que tinha sentimentos profundos pelo pai — mesmo que ele tivesse sido um bandido — ainda assim, era o pai dela.

Mesmo com raiva, não podia ignorar como estava sofrendo, e agora eu teria que dizer que ela poderia perder sua mãe também, e que se estivéssemos certos, ela poderia ser o próximo alvo.

— Meu pai está morto, Leonardo — disse, em um tom de dor — Mas eu

acho que isso você já deve saber agora.

— Sim, já sabemos — confirmei e olhei para Henrique em busca de ajuda. Mas que merda! Por que ele não dizia alguma coisa?

— Olha, eu não quero brigar — a voz dela vacilou e veio acompanhada de um soluço. Rapidamente tentou colher as lágrimas caindo de seus olhos — Direi tudo o que querem saber depois, mas já devo adiantar que não sei absolutamente de nada.

Ela parecia tão frágil e perdida, que me fez aproximar alguns passos dela.

— Não viemos interrogá-la — informou Henrique.

E enquanto me aproximava desse bichinho assustado, tudo o que eu pensava era em poder puxá-la para os meus braços e secar cada lágrima manchando o rosto dela.

— Eu preciso encontrar minha mãe — disse ela, se curvando para pegar sua bolsa — Deve estar confusa e...

Quando tentou passar por nós, segurei o braço dela. Seus olhos piscaram, surpresos, quando encontraram os meus, e não me contive ao puxá-la para mim.

Olhei para Henrique, mas não havia julgamento e nem condenação em seu olhar. Ele entendia a delicadeza do momento. Eu estava apenas sendo humano — garanti a mim mesmo.

— É sobre ela que precisamos falar com você — murmurei, apertando-a mais entre os meus braços — Ela sofreu um assalto.

Por enquanto iríamos manter essa história.

— O quê? Quando cheguei aqui, ela já tinha saído — Gisele se contorceu em meus braços, mas não deixei que se afastasse de mim — Ela está bem? Por favor, diga que ela está bem. Por favor, Leonardo...

— Foi levada para o Albert Einstein — disse a ela — Ainda não sabemos a gravidade.

— Eu quero vê-la — implorou ela, ao desabar em meu peito — Me leve até ela...

Seu pranto sentido foi intenso o suficiente até para desestabilizar Henrique, que por um momento, fugiu do meu olhar, o que dirá o que fez comigo. Eu via a profundidade de sua alma partida, e isso estava acabando comigo.

Como era possível odiar e se preocupar tanto com uma pessoa?

— Tudo bem — engoli o nó em minha garganta — Vai ficar tudo bem. Eu estou bem aqui.

E novamente eu estava cavando a minha própria cova, mas não podia fazer nada contra isso.

Começávamos, assim, essa espécie de amor bandido entre mim e ela.

Capítulo 16

Gisele Alencar

Estava me sentindo anestesiada. Falar, caminhar, respirar, tornaram-se ações automáticas, e eu só não ainda desabei completamente porque Leonardo me mantinha acolhida a ele. Bom, inicialmente ele tentou — me consolar de alguma forma —, pelo menos até um pouco antes de sairmos de casa antes, e de Henrique dar a ele um olhar de advertência, sugerindo baixinho que dirigisse até o hospital e que me deixasse com ele, no banco de trás.

“Cara, pega leve”. O ouvi dizer ao amigo, quando Leonardo quis se esquivar de sua sugestão. Eu não compreendi muito bem o alerta de Henrique, o que o *“pega leve”* queria dizer, assim como também não entendi Leonardo estar sendo tão gentil comigo, quando ele deixara muito claro que me desprezava.

No entanto, isso não importava agora. Mesmo não estando em seus braços, como estive há pouco, e desejando continuar assim, apenas saber que estava tão próximo a mim e poder olhar rapidamente em seus olhos pelo espelho retrovisor, quando nossos olhares se cruzavam, me davam a sensação de conforto e segurança.

Como era de se esperar, a entrada do hospital estava um verdadeiro furdução, com repórteres querendo uma declaração minha. Vários deles gritaram várias perguntas, mas uma delas se destacava: se eu acreditava que a queda do avião onde estava meu pai e o ataque ao carro da minha mãe foram tentativas de assassinato.

Leonardo me puxou para perto dele, e com Henrique, fez um escudo em volta de mim, para me proteger enquanto entrávamos. Sinceramente, eu não pensei nessas possibilidades, e agora me perguntava se a imprensa tinha razão.

Fragmentos da minha última conversa com meu pai vieram à minha cabeça.

...você não tem ideia com quais pessoas eu lidei...

...eu fui apenas mais uma peça do jogo...

...você tem que ficar quieta...

...Se algo me acontecer...

...Se você os tiver em suas mãos, nada poderão fazer.

Quem são eles? A quem meu pai se referia? De quem ele parecia ter tanto medo? E por que quiseram calá-lo?

Minha mãe deveria ter as respostas, ou eles achavam que ela tinha. Esses fragmentos rodavam minha cabeça em todo o tempo de espera, enquanto aguardava a cirurgia dela. A única informação que tive de uma enfermeira, era

que estavam operando-a para retirar a bala da cabeça.

Um tiro na cabeça, com clara intenção de matar. O Delegado Dias disse que os assaltos hoje em dia estavam cada vez mais violentos e que os bandidos atiravam na vítima, reagindo ou não. Mas o tempo em que sou obrigada a esperar que minha mãe sobreviva à cirurgia, me fazia pensar, e diversas teorias passavam em minha cabeça.

— Você acredita no que os repórteres falaram quando chegamos? — perguntei a Leonardo, quando ele surgiu e me entregou um copo de café — Que quiseram eliminar os meus pais?

Meu corpo estremeceu quando fiz a pergunta.

Leonardo se apoiou na parede ao meu lado e olhou para onde Henrique trocava algumas palavras com o Delegado Dias e o outro agente que também esteve em minha casa, investigando.

Ele mexeu os braços, depois os cruzou como se não soubesse o que fazer com as mãos. Desde que me conduziram a uma cadeia — de onde me levantava sempre que ficava agitada — ele não havia me tocado mais, não da forma que eu desejava. Abraçando-me e sussurrando que esse pesadelo iria acabar.

Olhei rapidamente para o policial ao lado de Henrique, que não tirou mais os olhos de nós dois assim que nos viu chegar. Eu não sabia dizer se senti antagonismo rolando entre ele e Leonardo, ou se estava tensa demais e imaginando coisas. Parecia que eu estava começando a ficar paranoica.

— Eu prefiro não dar nenhuma resposta por enquanto — respondeu Leonardo, seco, mas as últimas palavras ganharam certa suavidade — Tome o seu café. Vai precisar de energia.

Cheguei a abrir a boca para argumentar, mas a enfermeira que falara comigo brevemente, sobre o estado de minha mãe, ressurgiu ao lado de uma mulher que deduzi ser a médica responsável pela cirurgia.

Eu me aproximei delas e senti os policiais atrás de mim. Senti uma mão em meu ombro, e quando inclinei a cabeça brevemente, decepcionada, vi que se tratava de Henrique. Mas eu não podia ficar pensando em meus sentimentos e em meu coração, que pareciam andar em uma montanha-russa. O importante agora era saber como minha mãe estava.

— Sou a Dra. Suzana Rios, a cirurgiã responsável pela Sra. Alencar. — disse ela, estendendo a mão para mim, apertando-a em seguida — Como já devem ter adiantado, o projétil que atingiu a sua mãe perfurou o crânio e ela teve uma ferida penetrante.

Eu tentava acompanhar as explicações dela, mas só conseguia imaginar minha mãe com um olhar assustado, tendo uma arma apontada para a cabeça dela. Era pior do que me ver em meio a um pesadelo.

— Isso quer dizer que o projétil entrou, mas não saiu. Fizemos ressuscitação agressiva no momento de sua chegada ao hospital — continuou ela com as explicações — Conseguimos manter a pressão arterial e oxigenação, e fizemos tomografia de emergência no cérebro, que depois de obtida, nos levou a decidir prosseguir com o tratamento cirúrgico da ferida.

— Mas ela está bem? — indaguei, completamente perdida no mar de informações médicas.

— Veja bem. Devido ao hematoma confirmado pela tomografia computadorizada, uma craniectomia de emergência e evacuação do coágulo foi realizada — notava que ela tentava ser o mais leiga possível, mas eu estava em um ponto de tensão e ansiedade tão grande, que seria impossível compreender algo bem simples, como somar dois mais dois. — Isso a fez entrar em estado de coma. Foi a pressão elevada dentro do crânio que nos levou à craniectomia, um procedimento no qual uma porção do crânio é removida temporariamente.

Eu soltei um grito assustado quando ela disse isso. Desta vez foi a mão de Leonardo em minhas costas. Podia soar absurdo dizer isso, mas eu conhecia o toque dele.

— A questão primordial torna-se o aumento da pressão de dentro do crânio. Quando o projétil em si passa pelo cérebro, há não apenas a lesão pela penetração direta do cérebro, mas também pela transmissão de uma onda de pressão de alta velocidade que viaja através do tecido cerebral — disse a médica — Ambos, sangramento e danos causados como resultado da onda de pressão, causam inchaço cerebral, que também pode levar à morte.

Eu me sentia tonta e meu estômago se contorcia agressivamente.

— Ela lutou até aqui, Srta. Alencar — dessa vez a voz dela tinha um tom mais gentil e menos profissional — Tenhamos fé que continue lutando.

— E depois que ela acordar, doutora? — O policial de quem Leonardo parecia não gostar muito bem se pronunciou — Estará bem para pegarmos o depoimento dela?

Senti os dedos de Leonardo, que antes deslizavam por minhas costas, se fecharem em um punho. Eu não consegui me virar para o homem insensível que estava apenas preocupado com o caso dele, sem se importar com a senhora presa a uma cama de hospital, lutando para continuar respirando, e nem que a mulher fosse minha mãe.

Mas Leonardo, apoiado pelo Delegado Dias e Henrique, chamaram a atenção dele, de que aquele não era o momento para uma pergunta como essa. Contudo, embora meus motivos fossem outros, precisava saber como minha mãe ficaria depois, se saísse do coma.

— Mas ela ficará bem — balbuciei, apreensiva —, depois que sair do

coma?

Eu precisava ter fé e acreditar que minha mãe sairia dessa. Era tudo o que me restava.

E a Dra. Rios explicou que o projétil danificou o hemisfério esquerdo do cérebro da minha mãe. Isso poderia causar perda de fala ou compreensão da linguagem, além de muitas outras funções, como cognição, memória e visão, que são controladas por ambos os lados do cérebro.

O dano a um hemisfério pode deixar uma pessoa deficiente, mas ainda capaz de realizar estas funções em algum nível, dependendo de como foram danificadas. Depois disso, a abrangência e a agilidade da recuperação dependeria de quanto tecido foi lesionado, o grau de inchaço e a pressão dentro da cabeça durante a fase crítica, bem como as consequências funcionais dos danos. E que uma reabilitação intensiva poderia ser necessária para ajudá-la a recuperar algumas das suas funções, ou para adaptar-se a déficits permanentes. A recuperação neurológica poderia ser medida em termos de vários meses, ou até mesmo anos.

— Senhorita Gisele, dois agentes da polícia ficarão com você e outro na UTI onde está a sua mãe — Dias me entregou um cartão — Sei que não irá sair daqui tão cedo. Se sentir-se coagida ou notar qualquer anormalidade, comunique a um dos policiais e envie uma mensagem a mim.

Coloquei o cartão na minha bolsa. Iria anotar o número no celular mais tarde. E quando percebi que Leonardo e seus parceiros de trabalho se preparavam para ir embora, uma nova espécie de pânico se abateu sobre mim. Busquei a cadeira mais próxima e apertei minha bolsa contra o peito, enquanto lágrimas pesadas, e que já nem fazia questão de esconder, deslizavam, pesadas, por minhas bochechas.

Não conseguia ver a expressão nos olhos dele, já que os meus próprios estavam embaçados, apenas o observei se afastar para um canto, com outros membros de sua equipe e o delegado.

Também não ouvia o que conversavam. Entendia que deveria tentar ser forte, mas me sentia frágil, me sentia cansada e completamente perdida.

— Gisele? — ergui a cabeça, encontrando Henrique inclinado sobre mim — Eu ficarei aqui com você. Tem alguém, algum parente ou amigo que queira chamar?

Passei as costas das mãos em meu rosto rapidamente e tentei controlar minhas lágrimas. Avistei o delegado e o policial saindo, mas Leonardo estava parado no meio do corredor, me encarando.

Não me deparar com o brilho de ódio no olhar dele aqueceu um pouquinho meu coração. É claro que não era um sinal de bandeira branca entre nós. Ele

devia era sentir pena de mim. Não era o sentimento que eu gostaria que ele nutrisse, mas era melhor que o rancor de quando descobriu quem eu era.

Consigo sorrir para ele, em agradecimento por ter estado comigo até ali, e sabia, embora tenha certeza que nunca iria admitir, que foi ele a dar um jeito para que Henrique ficasse comigo.

O nosso caso era muito complicado. Mesmo que não existisse esse desentendimento entre nós e que meu envolvimento com Érica ainda estivesse mal esclarecido, Leonardo não podia fazer demonstrações públicas de afeto, muito menos na presença de seu superior. Mesmo com meu pai morto, o caso não seria encerrado facilmente. Eu ainda era a filha do homem que eles investigavam.

Eu o vi assentir e se afastar. O buraco em meu coração dedicado a ele aumentou e sangrou um pouco mais. Meu coração parecia um queijo suíço: um buraco dedicado a meu pai, um à minha mãe e outro a Leonardo. Eu acho que nunca iria conseguir fazê-lo ficar normal novamente.

— Gisele? — Henrique pigarreou e chamou minha atenção para ele.

— Sim, claro — procurei o telefone na bolsa — Minha amiga Luana. Você poderia falar com ela?

Se eu tivesse que explicar a Luana tudo o que aconteceu — embora nesse momento ela devesse ter conhecimento de alguma coisa — eu simplesmente iria desabar.

— Certo — disse, ao se levantar — Eu ligo para ela.

Quando ele saiu de perto de mim para fazer a ligação, dois policiais se colocaram em posição ao meu lado. Eu ergui meus pés em cima da cadeira e abracei meus joelhos, escondendo o rosto sobre eles. Meus ombros sacudindo enquanto eu soluçava e parecia que não conseguiria parar de chorar nunca.

Foi assim que Luana me encontrou, quando chegou ao hospital. E meu pranto conseguiu ser ainda mais intenso quando ela me deu o abraço que eu precisava.

Eu sabia que, em algum momento, precisaria falar com o Delegado Dias. Mas a polícia estava permitindo que eu tivesse um momento para me recuperar. Como se cuidar do funeral do meu pai e fazer vigília no hospital, na esperança de que minha mãe acordasse do coma, fosse algo fácil de tentar lidar. Eu nunca me recuperaria desses dias tenebrosos.

Os dois policiais continuaram a fazer minha escolta. Tanto no hospital como nas poucas vezes em que ia para casa, sendo obrigada por Luana e aconselhada pela equipe médica. E eu me sentia grata, pois não saberia lidar com

a imprensa me rodeando.

O Dr. Franco quis trocar algumas palavras comigo, mas eu me recusei a falar com aquele homem, pelo menos por ora. Henrique, que esteve comigo até Luana chegar, apareceu umas três vezes no hospital, nos dias seguintes. Eu sempre esperava ver Leonardo, mas isso não aconteceu. Lamentava, na verdade sentia muito, mas conseguia entender, ou pelo menos tentava.

O pai de Luana me ajudou com as questões burocráticas em relação ao funeral do meu pai. Não que houvesse um corpo inteiro para velar, e o velório não passaria de algumas horas.

Consegui que apenas a família — no caso, eu — amigos íntimos — no caso, Luana e o pai dela — alguns funcionários, como minha governanta, tivessem permissão de entrar. Meus tios e primos distantes, que moravam fora do país, não conseguiriam chegar a tempo, e mesmo que conseguissem, tenho dúvidas se realmente viriam.

Por motivos óbvios, o caixão ficou lacrado. Eu aguentei o tempo que pude, até pedir ao pai de Luana que corresse com o enterro. Eu tinha alguns sentimentos contraditórios em relação ao meu pai. Sentimento de perda, tristeza em saber que nunca mais poderia abraçá-lo de novo, decepção e raiva por ter nos colocado nessa situação.

Além do desespero, por ele ter partido me deixando sozinha, mesmo que racionalmente soubesse que o “acidente” não tivesse sido culpa dele.

Chegamos ao cemitério. O cortejo foi difícil, mas eu tinha certeza de que o momento em que o caixão desceria à cova seria bem pior. Queria ter minha mãe ao meu lado, mas soando cruel, sabia que tê-la ao meu lado seria ainda pior. Eu teria de me mostrar forte, por nós duas. E sinceramente, e de forma bem egoísta, eu não conseguia ser. Estava no meu limite, e era Luana que me amparava enquanto eu caminhava.

Quem me dera se nunca tivesse colocado meus pés naquele avião que me trouxe de volta ao Brasil. Não que fosse mudar alguma coisa, mas pelo menos eu não teria conhecido Leonardo. Eu não teria conhecido o céu, antes de ser atirada ao inferno como uma pecadora.

Depois que o padre terminou suas palavras fúnebres, as pessoas presentes foram jogando punhados de terra sobre o caixão. Eu não conseguia fazer isso. Eu nem conseguia chorar. Não pelo meu pai.

Alisei os braços, sentindo frio, enquanto via o caixão começar a ser coberto. Uma sensação inexplicável me deixava inquieta. Olhei para os lados e depois para trás, como se pudesse encontrar o que me incomodava.

— O que foi, Gi? — Luana passou a mão pelo meu ombro.

Olhei novamente para trás, de onde a sensação vinha um pouco mais forte.

Mas eu só via árvores e outros túmulos bem cuidados.

— Sinto como se... — não era uma sensação ruim, mas me inquietava — Alguém estivesse me observando.

Luana olhou em todas as direções, inclusive para trás onde eu olhava, com os olhos arregalados. Eu havia compartilhado com ela, e com seu pai, a desconfiança de que meus pais pudessem ter sofrido um atentado.

— Você só está cansada, Gisele — murmurou Luana, querendo me tranquilizar, mas sua voz trêmula não negava que estava em pânico de que pudéssemos sofrer um ataque no cemitério.

— Você tem razão — concordei, não querendo deixá-la paranoica, já me sentia por nós duas — Vamos embora.

Eu não iria esperar o caixão ser completamente coberto para sair dali. Eu aguentei o suficiente. Luana me amparou novamente, e com Antônio do meu outro lado, partimos.

Capítulo 17



Leonardo Valença

Mesmo tendo a certeza de que agia como um estúpido e que iria brevemente me arrepender, não consegui virar as costas, deixando Gisele sozinha. Então, quando me afastei em um canto com o Dias, sugeri que deixasse um de nós fazendo companhia a ela.

O desgraçado do Miguel foi o primeiro a se oferecer. O que me fez ferver de raiva por dentro. O cretino não podia se ver diante de uma mulher bonita, para que ele ficasse todo olhar e sorrisos. E eu quase deixei bem claro o que pensava e onde Miguel poderia enfiar suas boas intenções, se Henrique mais uma vez não tivesse tomado a minha frente e se oferecido para ficar com Gisele, pelo menos até a chegada de alguém que pudesse dar o apoio emocional que ela precisaria, nas horas seguintes. E como foram dois votos contra um, o delegado acabou aceitando a sugestão de que Henrique ficasse.

Deixei que o delegado e Miguel seguissem na frente, para que eu pudesse olhar para Gisele pela última vez. Senti uma mistura de ciúmes e inveja, ao observar Henrique ao lado dela. Fazendo o que eu, em uma situação diferente, deveria fazer. Dar o apoio que Gisele precisava. Mas não era uma situação diferente. Não adiantava ficar imaginando o que nunca iria acontecer.

Henrique disse algo a ela, que assentiu, e seu olhar veio em direção a mim. Recebi um sorriso tímido em agradecimento, e foi como ver um pouquinho de sol surgindo entre nuvens pesadas. Reagi do único jeito que poderia: eu fui embora. Dessa vez, sem olhar para trás.

Encontrei o delegado ao telefone, mas ele já encerrava a ligação quando me

aproximei. Miguel já fora dispensado, ou enviado a alguma tarefa.

— Eu tenho uma reunião com o secretário de Segurança Pública — disse Dias, nada contente com o compromisso de última hora — Miguel foi falar com os peritos responsáveis pela queda do avião onde estava o senador. Eu quero que você verifique o caso da senhora Alencar. Espero os relatórios na minha mesa, amanhã cedo.

Acatei a ordem dada, mas eu preferia que Henrique tivesse ido verificar como seguiam as investigações em relação ao avião, ao invés de Miguel, mas também não abria mão que ele tivesse ficado com Gisele. E lá estava ela de novo, fazendo um belo emaranhado na minha vida pessoal e profissional.

Eu não consegui nenhuma informação de alguma relevância ao sondar os peritos que cuidavam do caso da mãe de Gisele. Tudo levava a crer que fora mesmo uma tentativa de assalto, seguida de uma morte, com a outra vítima em estado grave.

Contudo, apesar de os “assaltantes” terem levado a bolsa e as joias que a senhora Alencar usava no dia, dando a entender que fora apenas mais um assalto, entre tantos outros que aconteciam diariamente na cidade, resultando em um final violento, eu não conseguia tirar da cabeça que foi nada menos do que uma tentativa de execução. E era exatamente essa desconfiança que descrevia no relatório que entregaria ao delegado Dias.

Estava concentrado nisso, quando a campainha tocou por voltas das 23h30. Era Henrique em uma roupa casual, que indicava que havia passado em casa antes de vir para o meu apartamento.

— Você a deixou com quem? — perguntei, afastando-me um pouco para que ele entrasse.

— Boa noite para você também — gracejou ele ao entrar e se jogar na poltrona mais próxima — Meu dia foi tenso e minha noite está uma bosta.

Henrique me deu um sorriso debochado, que eu não gostei. Meu dia havia sido péssimo e a noite estava indo para o mesmo caminho. Eu passei vários minutos convencendo a mim mesmo que ir até o hospital, onde sabia que encontraria Gisele, era uma ideia absurda. E não estava nada contente de meu lado racional ter conseguido vencer essa guerra, não precisava dos deboches dele para encerrar a noite.

— Então? — perguntei, voltando para o meu lugar no sofá, oposto de onde ele estava.

— A deixei com uma amiga — ele balançou o pé que estava sobre o braço da poltrona — Bonita, mas uma patricinha cabeça de vento. Mas parece que o

pai dela iria chegar mais tarde, acho que deve tomar o controle de tudo. Sabe, ainda tem o velório do pai de Gisele e essas coisas.

Uma parte da pressão em meu peito começou a diminuir. Eu só estava preocupado com ela porque qualquer pessoa ficaria. Era uma pessoa vivendo um momento difícil — procurei me convencer ao afirmar isso.

— O que você está fazendo? — indagou ele, quando notou meu notebook ligado.

— Dias pediu que Miguel fosse até os peritos responsáveis pela investigação do avião. E que eu verificasse o assalto da Sra. Alencar.

— O delegado podia ter esperado que eu verificasse isso amanhã, ao invés de mandar o imprestável do Miguel — disse ele, claramente descontente da missão ter sido delegada a Ferreira — E você? O que descobriu?

Dei de ombros, mas entreguei o computador a ele.

—Vão tratar como um assalto. Uma funcionária afirmou que ela usava joias quando saiu, que não estavam com ela quando a socorreram. E de acordo com as testemunhas, interceptaram o carro quando parou no sinal vermelho, foi tudo muito rápido — expliquei, mesmo ele lendo rapidamente o que descrevi no relatório — Atiraram no motorista à queima-roupa e depois na Sra. Alencar. Ninguém viu o rosto dos atacantes, porque estavam mascarados. E a placa da moto era fria^[1].

Com o relatório, anexeí as fotos do interior e exterior do carro. Henrique passou por cada uma delas em silêncio.

— O que você acha? — sondou ele.

— O avião do senador caiu e no mesmo dia a mulher dele é assaltada, e por muito pouco, assassinada — disse a ele — Não acredito em coincidências. Queriam calá-lo e tinham certeza que ela também sabia algumas coisas e poderia jogar a merda no ventilador.

— Isso quer dizer que a filha deles também corre perigo.

Eu não quis dizer isso a Gisele quando ela me perguntou. Ela já possuía coisas demais para lidar naquele momento, mas Henrique estava coberto de razão. Possivelmente Gisele seria o próximo alvo. E a sensação que me dava ao refletir sobre isso, não me agradava nem um pouco.

— Precisamos fazer com que ela fale tudo o que sabe.

— Sinceramente, Leonardo, eu acho que ela não sabe mesmo de nada — disse ele, reafirmando o que sempre suspeitou — Acho que o pai dela tentou protegê-la, mantendo-a fora das coisas mais sórdidas.

Também pensei muito sobre o assunto. Sobre Gisele ser inocente, como afirmou em seu depoimento. Mas como ela não poderia ter notado? E por que

seu envolvimento com Érica Gusmão?

— Se isso for verdade... — o que ainda duvidava — a põe em um risco ainda maior, pois não sabemos o que as pessoas por trás disso querem tanto esconder.

Nós continuamos a discutir nossas teorias até o avanço da madrugada e Henrique decidir ir embora. Fui para a cama analisando todos os pontos que provavam que Gisele não tinha nada a ver com os crimes do senador e os que indicavam que ela não passava de uma mentirosa manipuladora. Tudo o que consegui foi dormir com a dúvida pairando em minha cabeça.

O delegado não estava com uma cara muito animada, quando entramos na sala dele, e o atraso de Miguel para a reunião só o deixou mais puto com todo mundo.

— Agora que o Sr. Ferreira descobriu o caminho do trabalho, podemos iniciar nossa reunião? — se olhar pudesse ser comparado a armas de fogo, o do delegado era uma metralhadora mirando para todos os lados — Eu tive uma reunião exaustiva com o secretário de Segurança Pública, ontem. Precisamos agir com cautela e manter as investigações ainda mais sigilosas possíveis. Portanto, a equipe nesse caso será reduzida. Vocês serão os cabeças, e exatamente tudo deve ser imediatamente reportado a mim e eu decido o que fazer com essas informações.

Estávamos cercados por diversos outros casos. O pai de Gisele não era o único político e empresário na mira da Polícia Federal, havia outras pessoas caindo, mas parecia que ele estava mais do que disposto a colaborar e soltar alguns nomes importantes que tentava se proteger. Por isso ele foi eliminado.

Isso me faz lembrar o caso de Eliseu Correia, candidato à presidência, morto em 2014, também por uma queda do jato particular. As pesquisas diziam que ele era um candidato que vinha crescendo na corrida presidencial, por isso foi um tanto estranho para muitas pessoas o acidente ocorrido. Ainda mais que O Speed Sensor da aeronave havia sido desligado, e a PF investigava se foi intencional ou não, sendo a primeira hipótese a mais provável. Tudo indicava que o avião foi preparado para cair, o que caracterizava sabotagem e homicídio culposo, ou doloso. Casos bem similares que poderiam envolver muitas pessoas poderosas no governo. Por esse e outros detalhes, que eu não acreditava que o suposto assalto de Flávia Alencar fora apenas isso, um assalto.

No fim, é tudo política.

— O que você levantou, Miguel? — indagou o delegado, antes mesmo de o agente colocar o relatório na mesa dele.

— Falha mecânica — disse ele.

Dias folheou as páginas rapidamente, antes de me encarar.

— E o que você conseguiu, Leonardo?

Meu relatório já estava com ele, mas o delegado queria uma versão resumida.

— A imprensa está no pé do Secretário — disse ele, com ar desgostoso — Isso significa que tenho os meus superiores no meu calcanhar.

A imprensa queria respostas e uma grande merda para estampar em suas matérias, e a população esperava que, com o pouco recurso que tínhamos, fizéssemos mágica.

— Policiais ficarão no quarto da Sra. Alencar até que ela acorde e possa falar com a gente — disse o delegado — Outros ficarão na casa de Gisele Alencar, fazendo a proteção dela. Nada pode acontecer a essa moça, por isso vocês três farão revezamento, para que ela nunca fique sozinha.

A ordem me pegou como um soco no estômago. Eu pensava em ficar distante de Gisele o mais longe possível, e não ficar bancando a babá dela várias horas por dia, em uma investigação que poderia durar meses.

— Mas, delegado, somos agentes de inteligência, e não...

— Eu só confio em vocês, Leonardo! — Dias me interrompeu — Qual é o real problema?

Tenso, eu me remexi na cadeira.

— É, qual o problema, Valença? — Miguel perguntou — A moça é educada e extremamente bonita. Está com medo de não resistir aos encantos dela? Porque eu não vejo nenhum problema nisso. Quem sabe um pouco de carinho e alguns beijos a façam abrir a boca.

Pulei da cadeira e cerrei o meu punho. Há muito tempo venho desejando arrancar alguns dentes desse idiota. Contudo, Henrique me impediu de avançar, colocando a mão em meu peito.

— Deixa o babaca para lá — sussurrou, para que só eu pudesse ouvir.

— Chega, vocês dois! — vociferou o delegado — Não são mais nenhuma criança. E você, Miguel, está proibido de qualquer ousadia com a moça. Ela está sob a proteção de vocês. Fui claro?

Nós três assentimos. Henrique deu um olhar de advertência para mim, e Miguel sorriu, debochado. Aquilo iria ser um verdadeiro inferno. Como eu conseguiria manter escondido que já havia transado com Gisele? E o pior de tudo, como ia conseguir manter oculto, até mesmo dela, que ainda queria foder com ela, mais do que já quis qualquer coisa em minha vida?

Eu ainda podia estar puto da vida com ela, mas não podia negar que ela era gostosa pra cacete. E a atração que me despertava era inegável, meu pau ficava

animado dentro das calças quando eu me lembrava de como erámos quentes e compatíveis na cama.

Que porra! Eu estava fodido!

Voltamos para minha sala, e eu não havia me acalmado nem um pouco do que precisava. Havia muitos detalhes para pensar e um planejamento de como revezar nossos horários em relação à Gisele para fazer.

— Qual é o seu problema com a garota? — indagou Henrique, fechando a porta, apoiando as costas contra ela, enquanto cruzava os braços.

— Qual é o meu problema? — desacreditava que ele ousasse perguntar isso — Você é jovem demais para estar ficando senil, Henrique.

— Corta essa, Leo. Já sei que vocês tiveram um lance, parece que foi bom pra caralho, mas acabou — disse ele — Acabou, não acabou? Ou você se importa mais com ela do que admite? Porque, se for isso, a gente tem um problema sério.

Eu me apoiei na mesa e segurei a borda com força.

— O Dias deixou bem claro que não podemos ficar rodeando a garota.

Eu não sou o tipo que rodeia. Eu vou lá e fodo.

— Só fiquei irritado com o Miguel — já que não estava a fim de ficar analisando meu relacionamento com Gisele, se é que poderia denominar assim, joguei o motivo da minha raiva para o outro agente.

— Ele só quer ficar provocando você — disse Henrique — E se ficar caindo na pilha dele, vai acabar falando o que não deve.

O problema era que, apesar da proibição do delegado para que não nos envolvêssemos com Gisele Alencar, eu tinha certeza que Miguel faria exatamente isso, se tivesse a certeza que iria me irritar. Eu nunca entendi por que ele me odiava tanto, ao ponto de fazer sempre o possível para dificultar meu trabalho.

— Você está certo — admiti, circulando a mesa até ocupar meu lugar — E como o Dias disse, não somos mais crianças. Deixe que o Miguel morda o próprio rabo.

Se Henrique ficou convencido de minhas palavras, ele não deixou explícito. O importante era que eu acreditasse e levasse adiante meu próprio discurso.

Eu soube, por Henrique, o horário e local onde seriam enterrados os restos

mortais do pai de Gisele. Ele e mais dois policiais civis foram designados para a segurança dela, que, por enquanto, ainda não sabia que sua vida estava prestes a mudar um pouco mais.

Não havia motivo algum para estar ali, olhando-a de longe. Não consegui evitar, sabia que precisava estar ali de alguma maneira, mesmo que escondido, observando a dor atravessar o seu rosto a cada etapa do enterro.

Vi sua melhor amiga e um senhor, que deveria ser o pai dela, amparando-a. E desejei que os braços que a circulavam e a mantinham firme fossem os meus. Eu quis não ter que me esconder quando ela pareceu sentir minha presença e olhou diretamente para onde eu estava escondido, entre uma árvore e um túmulo. Não podia permitir que Gisele percebesse essa fraqueza em mim.

E essa deveria ser a última vez que eu me permitia olhá-la como estava fazendo. Sendo completamente honesto comigo e com os meus sentimentos, já não dava mais para mentir ou negar. A garota se infiltrou em mim. Acho que sentia mais do que apenas puro desejo, o sentimento era mais angustiante. Gisele me marcou de uma forma inexplicável, mas eu precisava dar adeus a tudo isso.

Agora ela não era apenas a filha do senador que eu conduzi à prisão. Ela era uma possível testemunha que eu deveria proteger, quiçá com a minha vida.

Tornando-se, assim, tão ou mais proibida que antes.

Capítulo 18

Gisele Alencar

Depois do enterro, eu queria ir direto para o hospital ficar perto da minha mãe, mas o agente Rodrigues e o outro agente que eu não gostava muito, avisaram que precisavam falar comigo. Então pedi que o tio Antônio me deixasse em casa — e após garantir a Luana que ficaria bem e que descansaria após os policiais irem — a convenci a ir embora com o pai dela.

Desde que ela soube do ocorrido com os meus pais, se tornou todo meu suporte. Luana e o pai dela fizeram todas as ações necessárias para que meu pai tivesse um velório e enterro decentes. Não sei se teria suportado um terço dos últimos dias sem o apoio deles. Por isso sabia que os dois precisavam descansar.

Pedi que Rosana preparasse café, chá e algo de comer para oferecer aos policiais. Eu os guiei até a sala e ofereci o sofá para que se sentassem, mas eles preferiram ficar em pé.

— Bom, o senhor disse que precisava falar comigo, Agente Rodrigues — alisei a saia do meu vestido preto antes de me acomodar no sofá, ao contrário deles eu precisava me sentar — Suponho que seja para pegar meu depoimento.

— Faremos isso — disse ele — Sobre o depoimento. Mas a razão desse encontro é outra. Peço apenas que aguarde mais alguns minutos para que meu parceiro se junte a nós.

Eu sabia que ele se referia a Leonardo. Foi impossível não ficar nervosa ou não me sentir ansiosa, em revê-lo após três dias.

O agente Ferreira ficou andando pela sala, mexendo em uma coisa aqui, outra ali. Às vezes olhava algum porta-retratos, em outras, mexia em algum objeto de decoração. Já Henrique manteve-se praticamente imóvel, os olhos sempre focados em mim. Podia perceber certo interesse. Não malicioso, como o outro agente me olhava.

Será que Leonardo falou algo sobre nós a ele? Via-se que eram bem amigos. Sim, ele me falou no apartamento sobre Henrique e as sobrinhas dele. Era como um irmão. Estava claro que ele sabia de tudo.

Senti minhas bochechas queimarem, e foi um alívio quando Rosana apareceu com o carrinho e as bandejas. Homens geralmente gostavam de se mostrar um para os outros, e eu não tinha ideia do que Leonardo contara para o melhor amigo dele.

Estava servindo uma xícara de chá, quando a campainha soou e logo depois ele surgiu na sala, acompanhado de uma empregada. Usava uma roupa toda

preta. Os cabelos, como de costume, presos em um coque meio bagunçado. Eu percebi que a barba começava a crescer e ele já ostentava um charmoso cavanhaque.

Usava óculos escuros que o deixavam absurdamente sexy. E ao tirá-los, os olhos castanhos esverdeados caíram diretamente em mim. Senti como se gasolina tivesse sido jogada em meu corpo, depois ateado fogo em mim.

— Leonardo, nós só estávamos esperando você chegar — disse Henrique, dando espaço para que ele se colocasse ao lado dele — Miguel?

Não sei o que o outro agente respondeu ao ter a atenção chamada. Toda minha concentração estava em Leonardo e a constatação de como sentira falta dele. Saudade apenas de navegar nas sensações que ele causava em mim.

Prazer. Medo. Dor. Tristeza.

— Quer dizer alguma coisa, Leonardo? — O agente Ferreira perguntou a ele, e meio que senti uma pontada de provocação em seu modo de falar.

Leonardo desviou os olhos confusos de mim e os direcionou ao agente desagradável. Parecia que esses poucos segundos, que passamos olhando um para o outro, foram tão intensos para ele como foram para mim. Ou talvez fosse apenas minha alma romântica, vendo coisas onde não havia.

— Senhorita Alencar... — iniciou ele, frio e bastante formal — Apesar de as investigações apontarem que, tanto a queda do avião onde seu pai estava, como o assalto que vitimou sua mãe, tenham sido casos isolados, há uma grande possibilidade de que eles estejam conectados.

Ainda bem que eu já estava sentada, porque parecia que não sentia parte alguma do meu corpo.

— Foi o que o repórter disse — disse a ele, minhas palavras saindo trêmulas, apesar dos meus esforços para que saíssem firmes.

— Se estiverem mesmo ligados — disse Henrique — Alguém quis calar o senador e a sua mãe. É possível que achem que você tem algumas informações ou provas contra eles.

— Mas eu já disse que não sei de nada — disse a ele — Passei anos fora do país. Eu não tenho a mínima ideia de com quem meu pai se relacionava. E o pior que fiz foi assinar alguns documentos, sem nunca ter questionado nada. Eu não sei de nada!

Eu queria tanto que eles dois acreditassem em mim, como Luana e o pai dela acreditavam.

— Talvez, conscientemente, não — continuou Henrique — Mas você pode ter visto ou ouvido conversas que não deveria. E essas pessoas podem tentar calá-la. Tem certeza de que nunca percebeu nada? Realmente não sabe de nada? Senhorita, é de suma importância que seja honesta com a gente. É a sua vida e a

da sua mãe em jogo agora.

— Eu não sei de nada — balbuciei.

Eles achavam que eu sabia de alguma coisa. Mas eu não sabia de nada. Bom, não era totalmente verdade. BRX-25AL foi o código que meu pai me passou. Se eu descobrisse o que esse código queria dizer, eu poderia saber quem poderia tentar me atacar.

Deveria dizer algo a eles? Ao Leonardo, quando ainda acreditava que eu era tão desonesta quanto meu pai? E o que a polícia faria com a informação? Usaria ao meu favor ou contra mim?

Não. Por enquanto, até que pelo menos eu soubesse o peso da informação em minhas mãos, o código ficaria comigo.

— De qualquer forma, a senhorita não pode ficar desprotegida — disse Leonardo — Três policiais farão a ronda lá fora. Um aqui dentro. E sempre terá um de nós com você.

Meu queixo literalmente caiu quando ele fez a revelação.

— Vocês serão meus guarda-costas? — perguntei, os meus olhos atônitos indo de Leonardo a Henrique.

— Mais ou menos isso — respondeu Henrique — Nós cuidaremos para que você fique segura.

Virei em direção a Leonardo. Ele não parecia nada feliz com a tarefa imposta a ele.

— Por quanto tempo?

— Pelo tempo que for necessário — disse ele, em um tom ríspido — Olha só, protegendo você, nós colocamos a operação e até mesmo nossa vida em risco. Então esperamos que você colabore.

Mordi os lábios, porque eu queria dar uma resposta bem à altura a ele. Eu não era burra e nem idiota. Muito menos uma garotinha mimada como ele queria dar a entender. E Leonardo sabia disso. O tempo que passamos juntos deve ter revelado ao menos um pouco de como realmente sou.

— Eu não quero colocar a vida de ninguém em risco — respirei fundo e fiz o possível para me manter calma — Podem me explicar, exatamente, como as coisas devem ser?

Enquanto Henrique narrava como seria a minha vida dentro de casa, fora dela, as normas de segurança que teria que seguir e quais as pessoas que ficariam comigo 24h por dia, estudava Leonardo com atenção.

Sua postura rígida e olhar de poucos amigos. Olhos ferozes que facilmente assustariam qualquer desavisado a cruzar seu caminho. Eu não conseguia deixar de me sentir atraída por todo esse magnetismo dele.

Os homens que conheci e convivi eram educados demais, certinhos demais,

controlados demais. Leonardo emitia uma força bruta e esmagadora que às vezes parecia me intimidar, não de um jeito ruim. Era difícil explicar, o que eu tinha certeza era que nunca conheci alguém como ele.

— Você entendeu? — indagou Henrique. Pisquei os meus olhos e forcei-me a olhar para ele.

Na realidade, não prestei atenção em metade do que ele disse. Senti minhas bochechas arderem ao ver-me constatando isso. Sempre que Leonardo estava por perto, minha atenção ficava nele. Era vergonhoso admitir que eu parecesse uma maluca obcecada, mas também era algo que eu não conseguia evitar. Estava apaixonada por ele, e ter que passar todos esses dias ao seu lado seria uma tortura que eu não sei se conseguiria suportar.

— Gisele? — reforçou Henrique.

— Entendi. Seguir todas as orientações que me derem — assenti, balançando a cabeça de maneira nada convincente — E quando isso começa?

— Já começou — disse Leonardo.

Eu havia acabado de enterrar o meu pai, mas não poderia me jogar à dor do luto, vendo os meus dias passarem pela janela. E a primeira medida foi ter uma reunião com o Dr. Franco, dispensando-o de qualquer serviço em relação à minha família e negócios do meu pai.

“Menina mimada”, dissera ele, com um olhar feroz. “Você vai se arrepender.”

“Quem irá se arrepender é você, se não levar essa bunda para fora daqui”, dissera Henrique, que como havia alertado, sempre teria um deles comigo, fazendo minha proteção.

Em outro momento eu teria ficado incomodada por ele intervir e me ajudar como se eu fosse uma donzela precisando ser resgatada. Mas, sinceramente, estava esgotada por ter que lidar com tantas coisas em um curto espaço de tempo.

Então, quando o advogado arrumou a gravata e saiu soltando fumaça pelo nariz, apenas sorri, agradecida, para Henrique. Eu tenho certeza de que Leonardo teria feito pior se estivesse ali. Com certeza ele teria agarrado a gravata do homem insolente e o colocado para fora de com jeito nada delicado de ser.

Após isso, liguei para o tio Antônio e pedi que marcasse uma reunião com o advogado que ele indicou, assim que fosse possível. E depois disso fui ao hospital, para ficar com minha mãe. Eu não conseguia segurar a emoção sempre que a via. Independentemente de suas escolhas erradas ao lado do meu pai, ainda era minha mãe, e eu a amava.

Depois de algumas horas, Henrique me convenceu a sair para comer e voltar para casa para descansar. Ele foi embora por volta das oito da noite, e no lugar dele ficou o agente Ferreira. Desse eu não gostava muito, então após o jantar, fiquei em meu quarto tentando desvendar o que era o código BRX-25AL. Eu acreditava que conseguiria alguma resposta na A.L. E agora, que nem o meu pai ou o advogado dele podiam me impedir de investigar, seria minha primeira ação no dia seguinte.

Não fora uma noite muito fácil. A maior parte dela eu passei revirando na cama, e quando finalmente consegui fechar os olhos, tive sonhos estranhos, com letras e números. Eu estava presa em um imenso labirinto, e para tentar encontrar a saída, precisava decifrar o que eles queriam dizer.

Acordei ainda meio atordoada. Nem mesmo um banho quente me ajudou a relaxar. Vesti um terninho discreto, de terno e saia, risca de giz. Sentia o estômago oco, então resolvi pular o café. E eu ainda não me acostumei a ter alguém sempre às minhas costas para qualquer lugar que eu fosse. Por isso levei um baita susto quando senti alguém agarrar o meu ombro, quando cheguei à porta.

— Aonde você pensa que vai? — estremeci, não sei se pelo susto, por reconhecer a voz ou porque ele estava me tocando.

Virei lentamente para encarar Leonardo. Engoli em seco quando ele se aproximou um pouco mais. O perfume meio amadeirado deixou-me meio tonteada, fazendo minha pulsação acelerar um pouco mais.

— Eu... — segurei com mais força a alça da minha bolsa.

— Qual a parte que não pode sair sozinha que você não entendeu, Gisele?

Leonardo se aproximou um pouco mais. Eu me vi com as costas pressionadas contra a parede, meus olhos fixos na boca dele, que se movimentava incrivelmente sexy enquanto ele falava. Tudo nele eu achava incrivelmente sensual. Sorri, ao pensar em como eu parecia patética. Como uma adolescente boba, apaixonada pelo professor inalcançável.

— Acha engraçado? — ele ergueu um braço, colocando a mão na parede, ao lado da minha cabeça.

Eu deveria me sentir acuada, mas sentia exatamente o oposto disso. Perto dele, meu corpo reagia como se tivesse vontade própria. Era fácil esquecer, por alguns minutos, que eu tinha a vida toda bagunçada, principalmente quando ele me tocava, como agora. Os dedos deslizando do meu queixo para a minha boca. Correndo pelos meus lábios, fazendo minha pele se arrepiar.

— Não está rindo mais — murmurou ele, o corpo colado ao meu, a

respiração tão acelerada quanto a minha.

— Eu... — lambi meus lábios secos, e o gesto fez com que Leonardo soltasse um gemido rouco.

Sua outra mão pousou na parede do outro lado da minha cabeça. Estava presa como um camundongo em uma ratoeira. A diferença era que eu não fazia esforço algum para escapar. Pelo contrário, meu corpo delirava em tê-lo tão próximo a mim.

Ergui minhas mãos e as apoiei na camiseta preta que ele usava, sob a jaqueta igualmente escura. Leonardo possuía esse ar rebelde, meio perigoso, que me fascinava.

Por que meninas se interessavam pelos garotos maus?

Só que eu não era mais uma menina, e Leonardo, apesar de toda a pose de bad boy, não era um garoto. Ambos brincávamos com fogo, mas nesse momento, nenhum de nós dois se importava com isso. Bem, eu não me importava. Não mesmo.

— Gisele... — ele só disse isso, apenas meu nome, com um tom de advertência.

Sua barba acariciou minha bochecha, quando seu rosto deslizou pelo meu. Ah, e o perfume? Tudo em Leonardo me deixava zozza e ao mesmo tempo completamente ciente dele.

Ele segurou o meu rosto. Eu via o calor ali. A mesma chama de desejo que ardia em mim, brilhando nos olhos dele. Por um momento, senti aquele Leonardo do fim de semana que passamos juntos. Leve, apaixonado, feliz por estar comigo.

— Droga! — ele xingou baixinho, dando as costas para mim.

Os ombros estavam tensos, e até cheguei a erguer minha mão em direção a ele, mas me acovardei. Tínhamos muito que conversar, muito a esclarecer antes de permitir que a atração que sentíamos um pelo outro nos governasse.

— Para onde você estava indo?

Seus olhos eram frios ao me encarar agora. Com Leonardo, era tudo oito ou oitenta. Íamos do fogo ao gelo em questão de minutos.

— Vou até a A.L — disse a ele, usando a alça da minha bolsa para mascarar minhas mãos trêmulas — Quero ver o que eu consigo descobrir.

Ele me encarou firmemente. Às vezes eu não conseguia desvendar o que se passava através dos olhos dele.

— Não tem nada o que você possa fazer lá. Está embargada, e todos os documentos importantes foram confiscados pela polícia.

— Eu quero falar com algumas pessoas — insisti, irredutível — A secretária do meu pai, por exemplo. Talvez alguém tenha algo para me dizer.

— Deixe as investigações com quem realmente sabe fazer isso — declarou ele, tão determinado a me impedir de ir até a empresa, como eu estava em ir — Ou você sabe de alguma coisa que não quis nos contar?

Apertei a alça da bolsa com mais força, mas não recuei meu olhar. Leonardo era esperto e sabia me ler como ninguém.

— Eu só não quero ficar parada. Vai me enlouquecer — empinei o queixo ao enfrentá-lo — Por acaso estou sob prisão domiciliar?

— Já explicamos que está sob proteção da justiça...

— Então, nesse caso, posso ir e vir quando quiser — o desafiei, começando a sentir a adrenalina correr pelas minhas veias — Você que me siga. É o seu trabalho, não é?

O seu maxilar enrijeceu e os olhos escureceram ao caminhar até mim. Praticamente fiquei nas pontas dos pés quando ele segurou firme os meus braços, puxando-me para ele.

— Não sou seu cachorrinho adestrado que você estala os dedos e obedeço.

Jamais pensei algo como isso. E ao mesmo tempo em que o jeito dominador dele me deixava atraída — porque eu tinha que vergonhosamente admitir isso a mim mesma — também sentia uma profunda necessidade de me rebelar.

— Bem, estamos em um impasse — disse a ele — Porque, a menos que me algeme na cama, vou sair por aquela porta, com ou sem você.

Não foi uma boa ideia citar cama e algemas na mesma frase. Isso me fez lembrar a primeira vez que estive no apartamento dele. Das algemas e toda a nossa noite intensa.

— Maldita mulher! — Ele urrou, antes de me soltar.

Eu ganhei aquela batalha, mas sentia como se a tivesse perdido. Pois, durante todo o caminho, a única coisa que recebi de Leonardo foram olhares hostis. E embora eu não quisesse admitir, isso me magoava.

Por que eu me apaixonei justamente por um bruto estúpido? Às vezes, eu achava que tinha uma grande propensão ao masoquismo.

Como ele já havia alertado, não encontrei nada de importante na sala do meu pai.

— Papai tinha um cofre, não é mesmo? — perguntei à mulher que foi secretária do meu pai.

— O que o senador não tirou — disse Tatiana — a polícia levou, quando esteve aqui.

Olhei para Leonardo, parado contra a parede, próximo à porta, os braços cruzados, sustentando um belo sorriso de “eu te avisei”, que preferi ignorar. O mesmo não aconteceu com Tatiana, que o retribuiu com um sorriso, encantada.

Sério isso? Todas as mulheres tinham mesmo que ficar derretidas por ele?

Estudei Tatiana atentamente, enquanto ela encarava Leonardo, toda derretida. Ela era bem mais velha que eu. Por volta dos quarenta anos, mas era uma mulher bem atraente e muito bonita. Papai vivia rodeado de mulheres bonitas. Os homens sabiam ser bem cretinos e idiotas.

— Você deve ter estado por dentro de muitas coisas erradas que papai estava fazendo, não? — minha indagação teve o poder de trazer sua atenção de volta para mim, e vi com prazer o sorriso sedutor, direcionado a Leonardo, morrer.

Ela pareceu desconcertada, mas após respirar fundo, a pose profissional que deveria ter mantido, retornou.

— Eu fazia o que me orientavam a fazer — murmurou ela — Tudo o que sei já disse à polícia, no acordo que fiz com eles.

Claro que ela fizera um acordo para abrir a boca. E eu não podia sequer tentar julgá-la. Se eu soubesse de algo mais concreto do que tinha, também usaria para tirar a mim e a minha mãe dessa confusão. Não era exatamente isso que eu estava fazendo agora? Tentando arrecadar provas?

A verdade era que a corda sempre estourava no lado mais fraco, e era natural que Tatiana estivesse apenas querendo se proteger.

— O que acontece agora com a empresa?

— O Dr. Franco disse...

— O Dr. Franco não representa mais a minha família e a empresa Alencar — disse a ela, que me encarou com uma surpresa genuína.

— Isso é uma surpresa — afirmou Tatiana — Mas, se me permite dizer, fez a coisa certa.

— Não gostava dele, Tatiana?

— Nem dele e nem dos outros que andavam com ele. Viviam cercando o seu pai e...

— Quais outros? — foi Leonardo a fazer a pergunta antes de mim, o sorriso sexy apagado do seu rosto.

— Homens esquisitos. Faziam as reuniões sempre perto de eu encerrar o meu dia. Às portas fechadas, e nunca soube o que era dito aqui dentro — disse ela — Também não me interessava. O senador dizia que o quanto menos eu soubesse, era melhor para mim.

E assim como eu, mas por motivos completamente diferentes, Tatiana preferiu tapar os olhos.

— Você não disse nada disso em seu depoimento — disse Leonardo, em um tom seco.

Tatiana olhou para o chão. As mãos retorciam uma na outra. Senti que havia alguma coisa ali.

— Fiquei com medo. E depois do que aconteceu ao senador, ainda tenho, na verdade.

Não podia culpá-la. Eu não tive conhecimento de nada daquilo, e minha vida estava em risco também.

— Se for honesta dessa vez e colaborar, podemos proteger você — garantiu Leonardo — Acha que pode fazer algum retrato falado? — indagou Leonardo.

— Acho que sim — murmurou Tatiana — Talvez eu possa tentar.

Leonardo tirou o telefone do bolso da jaqueta, e já estava discando quando disse a ela: — Isso ficará em sigilo. Não diremos a fonte até o momento necessário e que seja seguro para você.

Ele saiu, fechando a porta. Não pude deixar de perceber como o traseiro dele ficava bonito no jeans escuro, e quando olhei para Tatiana, que praticamente suspirava ao vê-lo sair, soube que tinha pensado o mesmo que eu.

— Tatiana? — chamei a atenção dela. Nunca confessaria isso, mas me irritava bastante presenciar outras mulheres babando por onde Leonardo passava. Descobri que eu tendia a ser um pouco possessiva e ciumenta — Providencie as outras pastas que te pedi.

— Sim, senhorita.

Enquanto Leonardo e um rapaz, que chegou quase uma hora depois, mantinham as atenções em Tatiana, meu foco ficou inteiramente na pasta que ela havia entregado.

Conferi a documentação do Cessna 182, pertencente ao meu pai. Não havia nada que o ligasse a BRX-25AL. Assim como as escrituras de apartamentos e salas comerciais. Poderia ser uma caixa postal, um depósito, senha de algum cofre. Existiam milhares de possibilidades. E todas essas possibilidades me deixavam frustrada.

Por volta do meio-dia, tanto Leonardo quanto eu tínhamos encerrado nosso “trabalho” na A.L. Bom, ele tivera mais sorte, pois conseguira arrancar alguma coisa de Tatiana. Eu continuava no mesmo buraco escuro, de quando saímos de casa.

Passei no hospital para visitar minha mãe. Nenhuma mudança em seu quadro. Às vezes eu queria ficar só lá, sentada ao lado dela, segurando sua mão. Mas seguir em frente, em busca da verdade, era algo que precisava fazer por ela.

— Quer que a leve a um restaurante?

Afastei as mãos do rosto e abri os olhos, ao ouvir a pergunta de Leonardo. Eu havia entrado e me encolhido no banco do carro assim que entramos. Não estava disposta a discutir com ele, por isso decidi que me manter afastada era o melhor a fazer.

— Joana já deve estar cuidando disso — respondi, esfregando os dedos na

têmpora, onde uma dor de cabeça iniciara — Mas obrigada pela preocupação comigo.

— Não estou preocupado — disse ele — Garantir que esteja alimentada e não morra de fome faz parte do meu trabalho.

Era um sorriso que via nos lábios dele? Estava me provocando? Se divertindo comigo?

— Você é sempre tão gentil, Leonardo — resmunguei.

— Você não gosta de gentileza — disse ele, olhando rapidamente para mim, antes de voltar a se concentrar na direção.

— Toda mulher aprecia gentileza.

— Então, corrigindo... — disse ele — você não merece gentileza.

Às vezes eu o odiava.

— Ah, não?

Saímos da avenida mais movimentada, e ele seguiu por uma rua mais calma, onde em seguida estacionou.

— Eu posso ter sido obrigado a vigiar você — disse ele — Mas não esqueci que pode ter tido alguma relação com Érica Gusmão.

Bufei e tirei o cinto que parecia me sufocar.

— Quer saber mesmo o que aconteceu?

— Você pode ser mentirosa, mas não é burra.

Eu podia ter sido cega e confiado em meu pai fielmente, mas mentirosa eu nunca fui.

— Eu tinha acabado de terminar um noivado, antes de voltar ao Brasil — decidi relatar do início — E minha mãe insistia para que eu voltasse para casa.

— Você foi noiva? — Ele parecia incomodado com isso, mas devia ser minha mania de ver coisas onde não existiam, principalmente quando essas coisas se relacionavam com Leonardo.

— Isso importa?

— Merda nenhuma — cuspiu ele.

Talvez eu não estivesse imaginando coisas. O que me deu grande prazer constatar isso.

— Como eu dizia, não estava em uma fase muito boa. Naquele dia, a Luana me convenceu a ir à boate. Eu nem imaginava que a Érica estaria lá.

Eu não podia dizer que me arrependia de ter ido ao Casarão, naquele dia, porque foi lá que conheci Leonardo. E apesar de praticamente vivermos em cabo de guerra agora, nada apagaria os momentos maravilhosos que tive com ele. E que gostaria de vivenciar tudo de novo.

— Eu já disse a você. Fizemos o colegial juntas — relembrar essa parte do meu passado não era legal, mas era importante para que ele me entendesse e

principalmente acreditasse em mim — Érica não foi nada legal comigo naquela época. Eu meio que...

Mordi os lábios e olhei para os meus dedos, envergonhada.

— Sentia uma paixonite pelo namorado dela, e sempre usou isso para me humilhar. Bom, se você não gosta de Érica Gusmão, posso garantir a você que meus sentimentos por ela eram verdadeiros.

— Odeia ela até onde é conveniente. Não pensou duas vezes em se aliar a ela para chegar até mim — disse ele, amargo — O inimigo do meu inimigo é meu amigo.

A única coisa boa no desprezo que Leonardo sentia por Érica, era que ele não voltaria a cair nos encantos da loira. Só de pensar nos dois juntos, rolando suados na cama dele, fazia meu sangue ferver. Sabia que não poderia ficar com Leonardo. Nosso conto de fadas não terminaria com o final feliz, mas não conseguia aceitar que ele acabasse com uma bruxa como ela.

— Já disse que não é nada disso — olhei-o firmemente — Quer dizer, a gente armou para você. Na verdade, Érica armou e eu só caí como uma idiota.

— Santa Gisele.

— A gente fez uma aposta. Eu ficaria com qualquer cara que ela escolhesse, e ela me deixaria em paz por um tempo — após dizer isso, percebi como aquilo foi ridículo desde o início — Com tudo o que estava sendo dito sobre o meu pai, a última coisa que eu precisava era Érica Gusmão me rondando, escrevendo calúnias no seu jornal. Então aceitei.

Ele me encarou, incrédulo. Era mesmo difícil acreditar que eu fui tão tola.

— Então era só uma transa barata com o primeiro babaca que encontrasse, sem nada de mais? — Ele perguntou, sarcasticamente — Acha que sou tão idiota a ponto de acreditar que as duas não planejavam nada?

— Ela, eu não sei. Mas eu não tinha nada na cabeça além de vencer a aposta idiota. Até pensei que você fosse gay, ou um garoto de programa. Iria oferecer uma boa grana para me ajudar.

Não sei se o choquei ou se apenas tentava assimilar tudo o que falei, mas um silêncio incômodo caiu sobre nós.

— Acredita em mim agora? — arrisquei-me a perguntar.

Ele me encarou por um tempo. Os olhos me avaliando.

— Preciso pensar.

Se eu ousei pensar que, após finalmente ter esclarecido tudo a Leonardo, ele me puxaria para seu colo e nos beijaríamos apaixonadamente, fazendo promessas de amor, significaria que eu era uma grande tola.

Mas, sim, foi exatamente isso que eu imaginei.

Pessoas apaixonadas tendiam a serem estúpidas.

Gisele apaixonada era uma completa imbecil.

Capítulo 19



Leonardo Valença

Pensar em Gisele como a culpada era com um escudo para continuar a me afastar dela. Afinal, eu não poderia ter qualquer sentimento, ou me sentir atraído, por alguém que eu acreditasse desprezar tanto. Começar a acreditar que ela poderia ser inocente em tudo, e que era mesmo a garota que me mostrou em cada vez que estivemos juntos, faziam com que as coisas se complicassem mais.

— Leonardo? — direcionei a minha atenção para Henrique, que me chamava — Onde seus pensamentos estavam?

— No Torres — menti, usando-o para fugir dos questionamentos que viria se eu confessasse que estava pensando em Gisele — Acha que esse cara pode mesmo nos ajudar?

Nós estávamos indo de encontro a um policial fora da ativa e que fazia trabalhos de investigação particular. Por mais que eu quisesse, não tinha como vigiar Torres 24h por dia. E para saber o que ele fizera no passado, eu precisava saber o que ele andava aprontando hoje.

— É a melhor, se não a única opção que temos agora.

Chegamos a um prédio antigo, próximo à República. Não havia ao menos uma área de recepção na entrada. O escritório do cara ficava no segundo andar, no final do corredor, e só havia outra sala que tirava cópias e vendia atestados e possivelmente outros documentos falsos. Havia muitos desses pela cidade, e como no momento nem eu e Henrique estávamos lá a cunho profissional, dessa vez o estabelecimento iria ter um pouquinho de sorte, por enquanto.

— E aí, Castor — Henrique cumprimentou o homem bigodudo, que se

levantou ao entrarmos — Esse é o amigo de quem te falei.

Ele indicou as cadeiras lascadas para que nos sentássemos, mas eu optei por continuar em pé.

— Trouxe o dinheiro?

O encarei firmemente por um tempo, antes de tirar o pacote de dentro da minha jaqueta e colocar sobre a mesa.

— Um terço do que Henrique e eu combinamos, para começar — disse a ele, e antes que se adiantasse para pegar o pacote, olhei duramente em seus olhos — Nem sonhe em tentar me fazer de idiota. Caço você até no inferno, se for preciso.

Depois de entregar o dinheiro e dizer a Castor os serviços que esperava dele, e me recusar de me juntar a Henrique para encontrar alguma de suas “amigas”, retornei ao meu apartamento.

Por volta das dez horas, me questionava se deveria ter recusado mesmo o convite de Henrique. Tentei me distrair com a TV, li e reli arquivos que pudessem me dar uma nova direção nas investigações e tentei ver o tempo passar olhando bobagens na internet. Nada desviava minha atenção do que Gisele poderia estar fazendo agora, e principalmente com Miguel fungando no cangote dela. E como acabamos por optar por trocar de turnos a cada dois dias, isso significava que só a veria daqui a duas noites.

Mas isso não me impedia de averiguar como as coisas na mansão Alencar estariam. Ignorando os avisos que meu lado racional me fazia, peguei o celular no sofá e disquei o número de Gisele. Eu só queria ter a certeza de que ela estava bem, afinal, isso fazia parte do meu trabalho. Foi o que tentei me convencer, enquanto esperava a ligação ser atendida.

— Leonardo?

Ouvir a voz receosa dela cutucou algo em mim. Respirei fundo e reforcei a ideia de que só estava cuidando do meu trabalho, e não fazendo mais um dos inúmeros erros que venho cometendo desde que a conheci.

— Você está em casa?

— Estou... — ouvi alguns ruídos ao telefone e o som de algo batendo — Algum problema? A minha mãe...

— Não! — apressei-me em dizer, para que ela não ficasse ainda mais preocupada — Eu só queria saber como as coisas estão. Se você está bem. Isso faz parte do meu trabalho, Gisele.

Houve um desconfortável silêncio entre nós.

— Trabalho? — indagou ela, como se desacreditasse de minha justificativa. Como poderia culpá-la? Nem eu mesmo acreditava no que eu dizia.

— Sim, faz parte do meu trabalho — insisti, desconfortável — Saber como

você está.

— E por que não perguntou ao seu amigo, como Henrique faz?

— Está falando do Miguel? Ele não é meu amigo — disse a última frase com bastante desgosto — Onde ele está? Aliás, onde você está?

O suspiro que deu não passou despercebido a mim. Ela estava aborrecida, bom, eu não estava muito diferente.

— No meu quarto — disse ela — E o agente Ferreira está na sala, acho que vendo TV.

— Vendo TV? — indaguei, incrédulo — O idiota deveria estar na porta do seu quarto, montando guarda.

Não que eu gostasse de saber que Miguel estaria na porta do quarto dela, com apenas a madeira fina os separando. Mas se eu estivesse lá, montaria guarda no corredor e ficaria atento a qualquer movimento lá fora.

— Que exagero, Leonardo — disse Gisele — Há policiais fazendo rondas lá fora. Se alguém tentasse entrar eles veriam, não?

Ela tinha razão, mas eu não me garantiria apenas com os homens fazendo guarda. Eu a vigiaria de perto.

Inspirei fundo, buscando manter a calma.

— O que está fazendo, acordada até agora?

— Eu... hum... — ela parecia nervosa, e isso me deixou em alerta — Estava vendo algumas coisas na internet.

Provavelmente bobagens e especulações da mídia sobre os pais dela.

— Não precisa ficar lendo esse lixo. Sabe que muito do que dizem dos seus pais são especulações, ou apenas parte da verdade.

— Eu sei, mas não estava vendo isso. Sobre os meus pais. Estava fazendo algumas pesquisas.

— Pesquisas? — indaguei, ficando alerta — Há algo que gostaria de me contar, Gisele?

Outro silêncio, um pouco mais prolongado dessa vez. Ouvi sua respiração descompassada, e imaginava que ela estava em uma briga interna com si mesma.

— Gisele, sabe que só posso te ajudar se for sincera comigo.

— Eu sou sincera com você — rebateu ela — Mas você não acredita. Serei sempre uma mentirosa, não é mesmo?

Para falar a verdade, eu já não acreditava que ela estivesse mentindo. Nem em relação ao seu não envolvimento nas coisas sujas e erradas do pai dela, como em seja lá o que Érica tenha aprontado. Mas eu não podia dizer isso. Eu precisava manter essa parede que nos separava.

— Acreditou em mim, quando disse que não sabia nada sobre o que Érica poderia estar armando?

— Eu disse que estava pensando sobre isso — resmunguei, na verdade esperava ganhar tempo com isso.

Ver se o lance entre a gente esfriava.

— Então eu não tenho mais nada para te dizer... — disse ela, com raiva — além de que, se descobrir a verdade de alguma forma, e você irá descobrir, será muito difícil perdoar e confiar em você, Leonardo.

Após disparar isso, ela desligou. Olhei incrédulo para a tela do celular. A garota me tirava do sério quando agia assim, afrontosa. Estava prestes a retornar a ligação, quando meu bom senso venceu a batalha. Era melhor que nossa “relação” continuasse assim, em um pé de guerra.

E em vez de retornar a ligação para Gisele, para dizer o quanto ela me deixava puto e excitado, pois minha vontade era jogá-la sobre meus joelhos e dar umas belas palmadas em seu traseiro macio, liguei para Miguel. Já que não podia me concentrar no tesão que a maldita despertava em mim, focaria na raiva que sentia por ele.

— O que pensa que está fazendo, vendo TV? — mal esperei que a ligação fosse atendida — É assim que cuida do seu trabalho?

— E você pensa que é o quê? — rebateu Miguel, no mesmo tom irritado — O meu chefe?

— Aposto que o Dias ficará muito satisfeito em saber como conduz seu trabalho.

— Vá se foder, Leonardo! — urrou ele — Quem disse que estava vendo TV?

Ele baixou o som, mas o filme que via entrou em uma cena de ação violenta, e eu consegui ouvir muito bem o barulho de gritos e tiros antes disso.

— Não foram os caras lá fora. Não são dedos-duros como você — disse ele — Ah, já sei. Foi a princesinha gostosa.

— Não fala assim — senti meus dentes rangerem ao dizer — É Srta. Alencar para você.

— Por quê? — desdenhou ele — Tanto você como Henrique a chamam de Gisele. O que há entre vocês? Digo, entre você e a Srta. Alencar. Já comeu ela, ou assim como eu, morre de vontade?

A sorte de Miguel é que ele estava a quilômetros de mim, caso contrário, faria que engolisse todos os dentes.

— Isso não é da sua conta!

— É da minha conta, se eu tiver que falar para o delegado que o agente preferido dele anda transando com a possível testemunha de um dos seus casos.

Filho da puta desgraçado. Eu tinha que manter a calma. Dias não era o tipo de cara que se influenciava por intrigas entre os agentes, mas levantar suspeita

sobre minha relação com Gisele poderia fazer com que novamente eu fosse afastado das investigações. E ficava óbvio que era isso que Miguel gostaria.

— Você diz ao Dias o que você quiser, Miguel — murmurei, com uma calma que impressionou até a mim — Só faça seu trabalho direito.

— Faremos um acordo, Leonardo. Se você não teve ou não tem interesse nela, pretendo ignorar isso — disse ele — Mas você sabe que estou interessado. Sempre gostei das patricinhas e como elas gemem como puta na cama comigo. Eu finjo que não sei nada sobre vocês e recebo a mesma gentileza sua.

— Vá. Se. Foder!

Miguel riu, e a fúria dentro de mim ganhou proporções violentas. Encerrei a ligação e joguei o telefone longe.

Maldito Ferreira!

Maldita Gisele!

Maldita raiva que eu estava sentindo.

Eu seria expulso da Polícia Federal antes de permitir que Miguel colocasse as mãos sujas sobre Gisele.

Capítulo 20

Roberto Torres

Assim que o filho do Valença saiu do bar, eu soube que precisava agir. Precisava estar a um passo à frente, se quisesse tirá-lo do meu caminho como havia feito com o pai dele. E Pedro chegara muito mais perto de descobrir as pessoas com quem eu fazia negócios, do que Leonardo em saber se tivera algo a ver com o assassinato de seu pai.

Tinha percorrido um longo caminho para conquistar o que conquistei, colocado minha carreira na polícia e meu pescoço em risco muitas vezes, para ter meu envolvimento com o maior cartel de drogas da cidade revelado por um garoto imbecil, lamentando a morte do pai. Um homem que fora idealista demais, seguindo um sistema falido.

Eu não era burro, e entendi o recado. O fedelho apareceu para me dar um aviso: ele estaria na minha cola. Mas eu tinha algo que ainda faltava em Leonardo, malandragem e uns bons anos de carreira. Encontraria uma forma de tirar o garoto do meu caminho, e se não conseguisse de mãos limpas, teria que dar o mesmo fim a ele que dei ao seu pai.

Por enquanto, me manteria ainda mais atento a cada passo que dava e faria exatamente o que Leonardo pretendia comigo, investigar sobre sua vida e vigiar suas ações para decidir onde e quando atacar. E já sabia por onde começar. Ou com quem deveria começar.

As mulheres eram o tipo certo de pessoa para conseguir informações necessárias. Não as agentes federais. Essas eram mais espertas e difíceis de dobrar. Precisava de alguém mais maleável, que se encantaria com palavras bonitas e um sorriso fácil.

Mulheres com um tipo de vida mais difícil. Que bastasse levar a um lugar bonito, com boa comida e muita bebida, isso fazia com que abrisse a boca rapidamente.

Mas eu não queria apenas respostas para algumas perguntas, eu queria uma aliada. Alguém que vigiasse Leonardo sem ao menos saber que fazia isso. E para esse tipo de confiança, sem levantar suspeitas, precisaria bancar por um tempo o cara romântico e interessado. Por isso tinha como companhia a faxineira que trabalhava na mesma delegacia que Leonardo. Mulher que eu teria que aturar essa e outras noites também.

Josefa era faladeira (algo bom para o que eu planejava), mas, por outro lado, algo que detestava em uma mulher. E eu já precisava fingir por ela uma

atração que eu não tinha e um interesse forçado.

Sorri falsamente quando ela rodopiou ao ritmo da música, e tentei não calcular por quanto tempo mais precisaria suportar manter-me ao lado dela. Enfim, a maldita música acabou e puxei Josefa de volta para a nossa mesa, antes que ela sugerisse continuar a dançar.

Pedi mais duas garrafas de cerveja ao garçom quando sentamos e fiquei atento para nunca deixar o copo dela vazio demais. Eu nunca esvaziava minhas garrafas quando fingia encher o meu copo, e quando ela se distraía com alguma coisa, trocava minha garrafa cheia pela vazia dela.

Assim me mantive sóbrio e a mulher sempre animada. Mas eu não podia exagerar. Eu a queria solta, e não em coma alcoólico para que tivesse que carregá-la.

— Fale mais sobre o seu trabalho. — incentivei, acompanhado de um sorriso amigável — Eu sempre tive curiosidade de como as coisas funcionam na Polícia Federal.

Ela enrugou ainda mais a testa já enrugada e ficou pensativa por um tempo.

A mulher podia ser humilde, mas não era totalmente burra, isso eu já havia notado. Deveria ter recebido um bom treinamento sobre manter a boca fechada em relação ao trabalho. Mas eu não estava interessado em nenhuma investigação sigilosa dos agentes federais, meu único alvo se chamava Leonardo Valença.

— Claro, nada que seja comprometedor — disse, erguendo as mãos — É que deve ser bem diferente de onde trabalho, na seguradora. Sabe, o ambiente. Deve ser sempre corrido e tenso. Com agentes agitados e nervosos o tempo todo.

Enchi o copo dela, quase vazio, de cerveja e propositalmente ignorei o meu copo.

— As pessoas, na maioria das vezes, são legais.

— Mas nos últimos dias deve ter sido bastante agitado, né? — insisti, quando ela bebeu metade do copo e olhou distraidamente para onde as pessoas dançavam.

Por que a classe baixa gostava tanto de dançar? Qual o motivo que viam para se sentirem tão felizes?

Josefa, por exemplo. Dava duro das 8h às 17h, ganhava um salário de merda e ainda por cima era vista como se não fosse ninguém, o que realmente não era, e sim apenas mais uma coitada que eu sentia mais desprezo do que pena.

— Sabe, meu amigo, que também trabalha lá, falou sobre aquele bonitão que apareceu no jornal... — continuei a falar, esperando que ela estivesse prestando atenção em mim — Que há muitas mulheres atrás dele. Uma loucura.

— Ah, você fala do Leonardo?

— Isso. Acho que é esse mesmo.

Ela suspirou, depois abriu um sorriso. Os dentes amarelados me causaram tanta repulsa, que tive que recorrer à minha bebida para amenizar o enjoo.

— Mulheres, homens... jovens, maduras, gente de tudo que é jeito. Também, o homem é um tipão. Mas ele sempre chamou atenção por lá. Tem sempre alguma mulher suspirando no corredor, falando nos vestiários, na pausa para o café. Basta ele passar e...

Josefa se abanou com as mãos, possivelmente imitando o que todas aquelas mulheres desavergonhadas faziam. Eu não podia negar que Leonardo era bem-apegoado. Seu pai também fora assim, arrancando suspiros por onde ele passava. Mas o pai dele nunca teve olhos para outra mulher que não fosse a esposa.

Por muito tempo, achei que Pedro fosse um grande babaca por dispensar as mulheres que caíam em seu colo, mas quando conheci sua mulher, entendi por que não tinha olhos para outras mulheres.

Eu percebi no que Madalena era diferente das outras mulheres com quem eu estava acostumado: o jeito que ela olhava para Pedro. E eu queria alguém que me olhasse assim. Com amor e adoração. Sendo honesto, eu queria que Madalena me olhasse assim, de forma tão apaixonada.

Foi essa fixação por ela, a cada encontro casual ou não, que fez com que eu me infiltrasse nessa vida criminosa. Inicialmente só pretendia criar uma armadilha para Pedro. O convenci que a melhor forma de investigar o novo cartel de tráfico era fingir fazer jogo duplo. E armei para que, no final, fosse considerado corrupto na polícia e um traidor para os traficantes. Eu não apertei o gatilho que acertou o peito dele, mas eu o levei para a cova dos leões.

Depois de ter Pedro fora da jogada, teria o caminho livre para o coração de Madalena. Mas o chefe do tráfico fizera uma proposta irrecusável para mim. Meus planos com Madalena tiveram que ficar de fora por um tempo. Era o período que eu precisava para levantar uma pequena fortuna e dar a vida que ela merecia. A vida que o imprestável do marido dela nunca conseguiu dar.

Mas eu nunca consegui a atenção dela, que foi embora para o interior. E meus negócios com o crime organizado exigiram mais de mim. Deixei Madalena de lado por um tempo, mas ainda tinha a intenção de conquistá-la. Já havia conseguido muito mais do que imaginava. Iria sair da polícia e me afastar do cartel também. Fora da polícia, eu não era alguém interessante para eles. E ambos tínhamos nos beneficiado com esse negócio, por anos. Eu só precisava colocar outra pessoa no meu lugar.

Mas, para isso, era necessário me livrar de Leonardo. Ele seria tão parecido com o pai na personalidade, como na aparência? Qual era o seu ponto

fraco? Uma garota? Ou sua mãe e prima, que foi criada com ele?

Eu precisava descobrir isso. Fosse através de uma mulher, na família ou na profissão, eu o teria nas mãos e o derrubaria antes que ele pensasse em fazer o mesmo comigo.

— Mas um cara assim, tão boa pinta... — disse, de forma casual — deve ser um chato convencido, não é mesmo?

— Claro que não! — Josefa rapidamente veio em sua defesa — Tanto ele como o amigo dele, o Henrique, são boas pessoas. Aliás, aquele também é lindo feito o diabo.

Estiquei a mão sobre a mesa para pegar a dela: — Mais do que eu?

O rosto ficando vermelho indicou que eu falei a coisa certa.

— Você é um homem interessante — murmurou ela — Eles são rapazes. Eu já tenho 47. Eles são quase como filhos.

A vida dura e falta de tempo para cuidar de si mesma faziam com que ela parecesse ter bem mais que seus 47 anos, mas claro que eu afirmei o contrário.

— Sabe, eles são um dos poucos que me chamam pelo nome. Que sempre têm um sorriso — disse Josefa, orgulhosa de ter a atenção de dois rapazes que considerava importantes — São muito gente boa.

Uma coisa conveniente para quem trabalha em serviços como o dela, é que as outras pessoas muitas vezes as tratavam como invisíveis. Aprendi essa dura lição quando estava sendo investigado por Pedro.

Eles iam e viam, circulavam pelos corredores e salas, ouvindo tudo. Por isso Josefa seria a minha melhor fonte para descobrir algumas coisas sobre Leonardo. Claro, teria que vê-la por um longo tempo. Continuar bancando o pretendente interessado, mas todo o desperdício de tempo valeria a pena. Ele estava mexendo com quem e no que não devia. E eu farei o que for preciso para tirar Valença de uma vez por todas do meu radar.

— Vamos dançar, Jô — levantei, estendendo minha mão a ela — Eu amo essa música.

Capítulo 21



Leonardo Valença

Engoli dois goles fumegantes de café, antes de levar a xícara à pia. Eu sempre tomava assim, bem quente, até minha língua já havia se acostumado à alta temperatura.

Liguei a torneira e deixei que a água limpa se misturasse ao restante do café na xícara. Nesse momento, meu telefone tocou em cima da mesa. Apesar da tela rachada, devido ao meu acesso de fúria na noite anterior, consegui identificar a chamada de minha mãe.

— Filho?

Eu poderia alertá-la de que era um pouco cedo demais para que entrasse em contato, mas, assim como eu, dona Madalena começava suas atividades ao clarear do dia.

— Oi, mamãe.

— Filho, está tudo bem com você?

A pergunta me deixou cismado. Geralmente ela só me procurava para saber quando iria fazer uma visita.

— Sim. Estou bem — coloquei no alto-falante e fui para o meu quarto — E a senhora?

Primeiro ouvi os latido dos cachorros, depois o barulho de plástico, seguido de grãos caindo sobre uma vasilha. Deveria estar colocando ração para Lolla e Pluto.

— Eu tive um sonho muito ruim essa noite — disse ela, com aquela conhecida preocupação de mãe — Com você. Havia muito sangue...

Ela parou de falar, e dei esse tempo para que se acalmasse. Sonhos ruins comigo aconteciam desde que entrei para a polícia. O mesmo acontecia quando meu pai era vivo, principalmente algumas semanas antes de ele ser morto.

— Está tomando cuidado?

Esfreguei os olhos antes de responder a ela. Eu sempre tomava cuidado, mas nada nessa profissão era garantido. Veja o que aconteceu com os dois agentes escoltando o senador Alencar. Morreram vítimas da queda do avião que os transportavam.

— Estou, mamãe. Você sabe que eu sempre me cuido.

Ela resmungou algo com minha resposta, mas sabia que não adiantaria argumentar contra. Assim como meu pai, via os riscos da profissão como uma coisa normal.

— E quando você vem me visitar?

Agora, sim, uma pergunta no limite da normalidade.

— As coisas andam... — coloquei o telefone na cama e aproveitei as mãos livres para tirar a camisa suada da corrida que fiz — um pouco complicadas aqui.

Ela ficou novamente em silêncio. Aproveitei para tirar o tênis e o restante das minhas roupas.

— Mãe... Você amava o meu pai?

— Que pergunta é essa, Leonardo? — ela me chamava de Leonardo quando ficava brava — Claro que amei o seu pai... acho que...

Ainda amava, concluí em pensamento, quando a voz dela falhou.

— Isso é por causa do Alberto? — perguntou, receosa.

— Não. Desejo que seja feliz novamente, mãe — estava sendo completamente sincero — É que... você continuaria amando o papai, mesmo se ele tivesse feito alguma coisa errada... Se ele tivesse mudado?

Junto com os pesadelos de minha mãe, surgiram inúmeras discussões entre os meus pais. Na época, eu havia ignorado. Eu acabara de me formar e estava prestes a abrir uma empresa com meus colegas de faculdade. Depois da morte dele, pensar sobre isso, o motivo de todas as brigas, ficou irrelevante.

— Pedro sempre foi um ótimo pai e um excelente marido.

— Eu... É só que... E se ele não fosse exatamente como pensávamos?

— Por que isso agora? Você não está mexendo naquela história, não é, filho? — indagou ela, angustiada — Se estiver, tem que parar com isso. Nada trará seu pai de volta.

Fiquei puto da vida em ouvir isso dela.

— Mas vai limpar o seu nome. E eu quero saber a verdade — digo, rispidamente — E não seria perigoso se me contasse o que sabe.

— Já disse que... que não sei nada — a sua voz falhou e seu desespero era quase palpável — Por favor, meu filho. Esqueça isso.

Respirei fundo. Não queria brigar com ela, mas não iria retroceder.

— Não vou desistir.

Ouvi seu choro. Partia meu coração, mas me manteria firme.

— Eu vou rezar por você. Cuide-se — disse ela, antes de desligar — Eu te amo, filho.

— Também te amo, mãe.

Entrei no banheiro e liguei o chuveiro. Enquanto a água caía pelo meu rosto, eu meditava. Se minha mãe estava tão assustada e incomodada que eu investigasse sobre a morte do meu pai, era porque sabia que havia algo sujo ali. Algo sujo o suficiente para colocar minha vida em risco e assustá-la.

Eu estava no caminho certo, e iria até o fim.

Eu estava envolto em uma pilha de casos novos e antigos sobre a minha mesa. Nossa Força Tarefa foi iniciada em março de 2014, e cumpriu até agora mais de mil mandados de busca e apreensão^[2], prisão temporária, preventiva e de condução coercitiva, em busca de apurar um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou bilhões de reais em propina, considerada pela PF como a maior investigação de corrupção da história do país. E isso significava que ainda tínhamos muito trabalho pela frente.

E eu ainda tinha que equilibrar e dividir meu tempo na missão de proteger Gisele e investigar sobre Roberto Torres, o cretino que, tinha absoluta certeza, havia armado para cima do meu pai.

E essas duas pessoas não saíam da minha cabeça por motivos diferentes. Eu estava pensando sobre eles, quando Henrique entrou na sala que dividíamos. Ele carregava um jornal e um copo descartável com café. O periódico, ele jogou sobre a minha mesa antes de sentar na cadeira à minha frente e tomar um gole do líquido escuro e fumegante.

— Já leu as notícias de hoje? — indagou Henrique.

Eu até passei em uma banca de jornal que havia perto de casa, mas deixei-o no carro quando desci.

— O ex-governador Carvalho foi solto. É impressionante que fazemos toda uma operação para angariar provas e laçar esses safados, e vem um filho da puta — disse ele, fazendo aspas — nesse caso, “filha da puta”, e os solta.

Eu entendia muito bem a indignação dele. Cada bandido de colarinho branco, que conseguíamos levar para trás das grades, era considerado uma vitória. Cada vez que um deles conseguia liberdade provisória, era como um

chute no estômago e motivo de frustração.

— Tenho esperança de que ele voltará a ocupar uma cela — disse a ele e aponte a pilha de documentos em cima da mesa — E bandidos como ele e trabalho para conduzi-los à cadeia é o que não nos faltam.

O jogo era assim; um dia você perde e no outro você ganha. A gente precisava continuar a acreditar, porque as pessoas precisavam disso. Mesmo que parecesse uma guerra vencida.

— Você tem razão — disse ele, olhando para a própria mesa, cheia de coisas empilhadas— Eu vou analisar novamente aquelas escutas.

Ele terminou o café, amassou o copo vazio e arremessou na lixeira, antes de se levantar. No metade do caminho até sua mesa, ele parou.

— Sabe que vou para a casa da Gisele amanhã, né?

Meu corpo se retesou ao ouvi-lo citá-la. Mas não o encarei ou dei qualquer sinal — tentei, pelo menos — de que isso me inquietava.

— Eu acompanho a escala — murmurei, fingindo atenção no documento que olhava, quando na verdade não conseguia decifrar uma única palavra.

— E você tem algo a dizer? — questionou ele, acho que senti um leve tom de divertimento em sua voz — Digo, a ela.

Encarei Henrique e constatei que ele estava mesmo se divertindo com a situação.

— Você é um babaca, né? — Henrique tinha muita sorte de considerá-lo um irmão; babaca, mas um irmão, ou já teria arrancado alguns dentes dele.

— Não consigo evitar — ele ergueu as mãos em sinal defensivo — É que você sempre cuspiu que não procurava relacionamento sério. E veja agora. Está de quatro pela garota. Ridiculamente apaixonado.

— Eu só transei com ela — bufei e fiquei de pé — Amor não tem nada com isso.

— Não me lembro de ter falado de amor — o sorriso dele se alargou ainda mais — Eu disse paixão. São duas coisas completamente diferentes.

Mas que droga! Eu não estava apaixonado ou amando Gisele. Apenas tivemos uma coisa intensa. Isso às vezes acontece. Você encontra aquela pessoa que tem muita química com você, fodem até não poder mais, e quando a aventura romântica acaba, cada um vai para um canto. O problema é que eu não tinha como me livrar dela, mesmo que eu quisesse.

Esfreguei meu rosto, buscando me acalmar.

— O que o leva a achar que estou apaixonado por ela? — indaguei, com ironia — O fato de estar puto por ela ter me colocado em uma enrascada com a Érica?

Henrique se escorou em sua mesa, apoiando ambas as mãos contra a quina,

ainda se divertindo com o meu dilema.

— Posso enumerar vários motivos, mas vou destacar só um — disse ele, sorrindo — Esteve no velório do pai dela, o tempo todo escondido como um cachorrinho que caiu da mudança.

Eu nem podia usar a desculpa que estava apenas preocupado com a segurança dela, porque Henrique e outros policiais estavam lá, cuidando de tudo.

— Aonde você quer chegar com tudo isso, Henrique? — perguntei, impaciente.

— Que o quanto antes você admitir que gosta da garota, mais rápido conseguirá resolver esse dilema.

Admitir sentir algo, ou não por Gisele, não me ajudava em nada, só me colocaria em uma enrascada ainda maior. Porque, a partir do momento que eu admitisse isso, não permitiria que ninguém tocasse nela, e não falo apenas no sentido sexual.

— As coisas não são tão fáceis assim.

— Mas ficarão piores se vocês ficarem nesse romance proibido, de Romeu e Julieta — ele estava sério agora — Não deu certo nem na literatura. Sério, Leo. Pense no assunto e resolva isso. Eu vou ficar do seu lado, não importa a sua decisão.

E ele precisou me deixar completamente irritado, só para me dizer que continuaria ao meu lado, sendo meu amigo e parceiro, não importasse a merda que eu viesse a fazer.

— Um dia eu irei fazer essas mesmas perguntas sobre uma garota a você — falei, com humor — Só vou esperar.

Henrique bufou e mostrou o dedo do meio para mim. Eu comecei a rir, e estava pronto para continuar a provocação, quando vi um movimento na porta. Era uma das senhoras da limpeza que passava por nossa sala todos os dias.

— Vocês parecem felizes — disse Josefa, da porta.

Notei o material de limpeza com ela e deduzi que tentaria limpar nossa sala desorganizada.

— Bom dia, Jô. Não, é só o Henrique sendo o babaca de sempre — recebi um papel amassado na cabeça quando disse isso — Você quer que a gente saia, para fazer seu serviço?

— Não precisa — ela sorriu, ficando vermelha — Vou ficar praticamente invisível.

Após isso, cada um ocupou-se com suas tarefas. Bom, eu ao menos tentei. E embora o que Henrique despejou sobre mim tenha ficado fervilhando em minha cabeça, pelo restante do dia, não tocamos mais no assunto. Ali não era lugar para falar sobre isso.

Mas eu não conseguia parar de refletir e me perguntar: Qual era a intensidade dos meus sentimentos em relação a Gisele Alencar?

Era apenas atração, como eu insistia em acreditar, ou existia algo mais? Algo que eu me recusava a admitir.

Estava fisicamente cansado e mentalmente esgotado. Tudo o que eu queria era um banho relaxante e algumas horas em frente à TV, tentando me distrair com alguma coisa que não me fizesse pensar em Gisele. Mas assim que saí do elevador, em direção ao meu apartamento, a pessoa parada em minha porta me fez ver que não seria possível.

— O que você faz aqui? — fiquei tão tenso que senti meus dentes trincarem ao perguntar.

A pergunta certa era: como Érica conseguira subir?

Ela abriu um sorriso que uma vez eu havia achado sexy e que hoje via apenas como cínico e dissimulado.

— Quero falar com você.

— Claro que quer — ironizei.

Eu não queria essa rata no meu apartamento, mas sabia que, cedo ou tarde, ela iria me procurar.

Conheci Érica Gusmão quase dois anos atrás, quando Henrique e eu fomos integrados à operação iniciada pelo Delegado Donati e autorizada pelo juiz Melo. Estávamos empolgados por fazer parte de algo tão grande e importante. Assim como Gisele, a conheci no Casarão, quando estava fazendo um bico de segurança. Eu não sabia que ela era uma jornalista, mas ela fizera seu dever de casa e sabia muito bem quem eu era, mesmo antes de meu rosto aparecer na mídia prendendo um político corrupto.

Eu podia odiá-la agora, mas não dava para negar que era bonita e possuía um corpo que a maioria dos homens ficava de pau duro ao olhar. E comigo não fora diferente. A ordinária passara a noite toda se exibindo com as amigas, para mim. Lançando olhares cheios de intenções, fazendo danças sensuais muito próximas à perversão.

E eu era um homem solteiro, cheio de empolgação pelo trabalho e muito tesão pelo corpo. Fodi com ela no vestiário dos empregados, quando sorrateiramente fora me procurar. E a cretina era fogosa, pelo menos foi assim que pensei naquela noite. Eu não sabia que era apenas um truque para chegar ao meu apartamento, quando insistiu que ainda não estava saciada e queria mais, naquela noite.

Fui burro, mas estava naquela onda de que tudo parecia perfeito na minha

vida. Tinha um trabalho que me desafiava e uma mulher gostosa querendo pular em minha cama. Levá-la ao meu apartamento foi uma decisão que se mostrou imensamente errada quando, alguns dias depois, durante a madrugada, a flagrei revirando meu quarto quando acreditou que eu estivesse dormindo.

O sexo havia sido bom, não vou negar, mas tudo que a maldita queria comigo era encontrar informações sigilosas para colocar em seu jornal. E a ordinária ainda sugeriu, após eu a ter colocado na parede, que eu poderia ganhar uma boa grana se nos tornássemos amantes e eu passasse a ela os furos que precisava.

Eu a escorecei, de calcinha e sutiã, do meu apartamento, jogando o vestido, a bolsa e os sapatos aos pés dela (diante de seu olhar atônito) ao fechar a porta.

Nas semanas e meses seguintes, Érica tornou a me procurar. Tentou ser sedutora e novamente me atrair com dinheiro. Eu a ameacei, dizendo que abriria uma medida cautelar para finalmente me deixar em paz. E havia conseguido, até a noite que conheci Gisele.

Passei esbarrando rudemente contra ela e abri a porta: — Entre.

Seja qual for o teor da nossa conversa, era melhor que a tivéssemos na privacidade de meu apartamento.

Assim que ela atravessou a porta, eu a fechei e a empurrei contra a madeira. Ela me deu um olhar surpreso, e logo sua expressão mudou para um ar mais sensual.

Eu me aproximei mais dela. Passei as minhas mãos pelos ombros, pelos seios cobertos pelo vestido de linho que usava, e as descí lentamente por sua barriga. E quando segurei firme em sua cintura, notei sua respiração acelerar, e ela emitiu um gritinho de surpresa e empolgação ao virá-la de costas, pressionando-a contra a porta. Escorreguei minhas mãos por suas costas, quadril, nádegas e pela extensão de suas pernas, começando por suas coxas.

— Leonardo... — ela gemeu, e vi seus olhos brilhando de excitação quando me ergui e a virei de frente para mim outra vez — Senti saudades suas — ela ronronou — Foi o melhor sexo da minha vida.

Mordendo os lábios, ela apoiou as mãos sobre meu peito. Agarrei seus pulsos e afastei suas mãos de mim com rispidez e coloquei distância entre nós.

— Sem escutas — murmurei, deixando claro que o único motivo de tê-la tocado foi para me prevenir de que estivesse gravando nossa conversa — Deixe-me ver sua bolsa.

Minha declaração e meu olhar de desprezo foram um tremendo balde de água fria sobre ela, pude perceber, e gostei de tê-la excitado um pouco, apenas para ver o ar de frustração e raiva em seu rosto.

— Você é um babaca — ela resmungou, estendendo a bolsa para mim.

Sorri cinicamente e passei a vasculhar a bolsa dela. Estava limpo.

— Já me chamaram de coisas piores — devolvi a bolsa, mas fiquei com seu celular — Isso não vai ferir o meu ego e nem ajudar você em nada.

Desliguei o aparelho, mantendo-o comigo.

— Mas, se quer saber... Você foi uma boa transa, mas não a melhor da minha vida.

Ela bufou, depois sorriu com deboche.

— E quem foi a melhor? — homens podiam ser criaturas competitivas, mas as mulheres... — A patinha da Gisele?

— Devo admitir que sim.

Não queria ou deveria falar sobre minhas intimidades com Gisele a Érica. Mas tinha certeza de que ela ser comparada a outra mulher seria algo que a deixaria furiosa. A mulher era confiante demais. E eu também queria — mesmo que não soubesse ao certo por que fazia isso — dar essa revanche a Gisele.

Lembrei-me do que ela disse sobre a adolescência das duas. Que foi apaixonada pelo namorado de Érica na época e que a mesma usava isso para humilhá-la.

O jogo virou, não foi mesmo?

— Sabe, ela é toda delicada, mas na cama... — passei a língua pelo meu lábio e mordi — Parece uma estrela pornô. Estou bastante viciado naquela boceta.

Vi que a desestabilizei, quando sua mão veio em direção ao meu rosto. Agarrei o seu pulso alguns centímetros antes de atingir minha face. Enquanto Érica bufava, eu sorria.

— Não tente isso de novo — disse, duro — Não bato em mulheres, mas não tenho tanta consideração com cobras.

Eu me afastei, porque realmente nunca levantei as mãos para uma mulher e não admitia que qualquer homem fizesse isso. Mas eu também me conhecia. Estava no limite com Érica, e se ela continuasse a pressionar, poderia perder a cabeça.

— Agora diga o que quer aqui.

— Sabe, eu não entendo por que ficou tão bravo na época e por que ainda está — disse ela, também recuperando o controle e frieza, enquanto caminhava até o sofá — Você também faz o que for necessário pelo seu trabalho. Faria qualquer coisa por uma boa informação.

Ri de seu cinismo. Eu era, sim, bom no que fazia, e iria até as últimas consequências para conseguir uma informação que importasse, mas eu não venderia meu corpo ou a minha alma. Tudo tinha um limite.

— Diga logo o que você quer.

Ela sentou, cruzando as pernas. O vestido subiu até as coxas bem torneadas e bronzeadas. Era gostosa, eu tinha que admitir. Afinal, sou homem, e nós primeiramente nos deixamos levar pelo visual. Mas era uma beleza fria, que não me impulsionava a seguir adiante. Além da aversão que sentia por ela.

— Muito bem — disse ela — Eu tenho algo que te interessa, e você pode conseguir coisas que preciso.

Então era isso. A cadela iria me chantagear.

— Nada vindo de você pode me interessar — retruquei.

Ela balançou a cabeça e estalou a língua, como uma mãe chamando a atenção de um menino levado.

— Acho que está muito errado. Já que está com meu celular, pode ligá-lo e ver as lindas fotos que tenho em minha galeria.

Eu queria mesmo era fazer o que fiz da última vez que ela esteve aqui. Arrastá-la para fora e bater a porta em sua cara cínica. Mas era a vez de Érica mover as peças do jogo.

Voltei a ligar o celular, e assim que ela passou a senha, destravei e acessei a galeria de fotos. Tinha uma pasta com o meu nome e dezenas de fotos minhas e de...

Gisele!

Nós dois transando no carro, no estacionamento do Casarão. Fotos de Gisele entrando no banheiro feminino. Fotos minhas entrando no banheiro depois dela. Os dois saindo juntos. Fotos dela saindo do meu prédio e o beijo que dei nela quando a coloquei no táxi, para ir embora.

As mais comprometedoras, claro, eram as que transávamos dentro do carro, no estacionamento da casa noturna. Érica estava lá, naquele dia, e a desgraçada havia tirado fotos nossas.

— Gisele sabia disso?

Esse era o plano delas? Pegar-me como um idiota? Érica conseguiria o que queria de mim, e Gisele, em contrapartida, se livraria da perseguição dela?

Não. Eu já não conseguia acreditar que Gisele participasse de algo tão sujo.

— A patinha? Ela só foi um meio para chegar até você — riu sarcasticamente, como se eu tivesse falado o maior absurdo do mundo — Tive um pouco de receio que tivesse visto essa euforia toda sobre você na internet, mas ela esteve fora e nunca foi de ligar para essas coisas. E você mudou o visual. Então, vi ali uma grande oportunidade. Fizemos um jogo, e ela caiu. O resto foi com vocês dois.

Érica fez uma pausa, alisando os cabelos claros.

— Eu quase não acreditei quando os segui até o estacionamento — continuou ela — Claro que, conhecendo você, sabia que a levaria para o motel

mais próximo, mas ela... — ela respirou fundo — Deu para você como a vadia que sempre soube que era. Aquela cara de santinha nunca me enganou.

Ela poderia dizer dezenas de ofensas e atrocidades de Gisele, que não estava praticamente ouvindo nada. Minha mente trabalhava na confirmação, que no fundo eu já tinha certeza, mas não quis admitir, que Gisele havia caído no jogo de Érica, tão inocente quanto eu. A única coisa que fizemos foi nos entregar à atração que explodiu entre nós.

Foi como gasolina e fogo.

— Então, você tem duas escolhas — murmurou ela, com um sorriso vitorioso no rosto, voltando a chamar minha atenção — Ser generoso comigo e passar as informações exclusivas que eu preciso... ou ter suas fotos vazadas em alguns sites pela internet.

Ela deslizou as mãos no ar, elucidando a cena.

— Agente da Federal e filha de senador corrupto tendo um caso — sorriu, debochada, para mim — Digno de enredo de novela das oito, não acha?

Eu apertei tanto o aparelho, que sentia que poderia quebrá-lo apenas com a força dos meus dedos. Respirei fundo e repetidamente, buscando me controlar.

A porra estava toda fodida.

Eu sabia que me envolver com Gisele, mesmo que inicialmente sem ter a menor ideia de quem ela era, me colocaria em problemas, mas não pensei que pudesse ir tão longe. Há pouco tempo, meu grande receio era que meu chefe descobrisse que eu fui para a cama com ela, várias vezes. Agora eu corria o risco que o país inteiro descobrisse e voltasse a ser o centro das atenções, mas agora de uma forma completamente fodida.

— Eu vi que você ficou surpreso — disse ela, ao se levantar — O arrogante Leonardo Valença sem palavras.

Foda-se!

Eu iria matar essa desgraçada.

— Vou dar um dia para digerir tudo isso — Érica caminhou até mim, mas diante de meu olhar raivoso, teve a inteligência de manter certa distância — Eu não quero seu mal, Leonardo. Quero a sua ajuda. E vou conseguir, por bem ou por mal.

Ela tirou um cartão da bolsa e o colocou sobre a mesinha da sala, depois esticou a mão, pedindo de volta o telefone.

— Você pode me ligar ou enviar uma mensagem quando se decidir, e claro, para eu enviar essas lindas fotos.

Eu não falava, não respirava, sequer me movia. Se tentasse qualquer uma dessas coisas, perderia o meu controle e torceria o pescoço de Érica, até ter o seu corpo sem vida aos meus pés. E eu estava muito, muito perto de realmente

cometer um assassinato.

Em minha névoa de fúria, vi apenas seu borrão passar ao meu lado, após pegar o aparelho de minhas mãos.

Não sei em que momento eu acabei no sofá, mas minhas pernas trêmulas agradeceram. Apoiei meus cotovelos nas pernas e esfreguei meu rosto com as mãos.

O que eu iria fazer? Que porra eu iria fazer agora?

Peguei o meu celular e liguei para a única pessoa que confiava em relação a isso.

— Henrique? — chamei assim que ele atendeu — Preciso falar com você.

Completamente perdido no que deveria fazer e malditamente preso nas mãos da filha da puta da Érica.

Droga!

Eu. Estava. Fodido.

Capítulo 22

Gisele Alencar

Passo algumas horas, todas as manhãs, com minha mãe, pelo menos uma hora nas visitas da tarde, e sempre que possível, aparecia nos horários da noite também. Às vezes, revezava com Rosana, pois ela insistia que eu precisava descansar.

Eu precisava mais do que descansar, precisava descobrir o que significava o código que meu pai havia deixado. Precisava falar com o novo advogado. Precisava falar outra vez com a polícia. Eu precisava continuar a ser forte por nós duas, mas estava sendo muito difícil segurar a barra.

Tinha o apoio de Luana e as orientações do pai dela. Mas, no fundo, todas as noites, quando ia para debaixo das cobertas, eu me sentia sozinha. E sentia muita falta de Leonardo.

Eu odiava brigar com ele, como fiz ontem à noite, mas ele me deixava confusa e irritada. Ele me odiava, mas não escondia o ciúme que sentia de mim com o agente Ferreira. Ele me queria, mas me evitava. Quanto tempo mais eu conseguiria suportar, ser desejada e desprezada na mesma proporção?

E, acima de tudo, por que isso me importava?

Eu acabara de enterrar meu pai, minha mãe estava entre a vida e a morte no hospital e pendia um processo criminal em minha cabeça. Motivos suficientes para ignorar Leonardo, exatamente do jeito que ele fazia comigo.

Só que o coração não é racional, e apesar de todos os motivos que enumerei para tentar fazer com que meu coração entendesse que estava sendo masoquista, aqui estava eu, tendo boa parte da minha cabeça sendo ocupada por ele.

— Que tipo de música você gosta de ouvir? — Miguel entrou no escritório de meu pai, onde eu passei a última hora.

Estive procurando entre os livros dele alguma informação, que me ajudasse a identificar o código.

— Como?

— Que tipo de música você gosta? — repetiu ele, entrando um pouco mais — Sertanejo? Samba? Forró? Eu conheço alguns bares legais na cidade, pensei em te levar.

A minha boca abriu, surpresa. Eu já notara seus olhares de apreciação para mim. Uma mulher sente quando está sendo cortejada. Ele não foi agressivo ou avançou o sinal, mas a forma que me encarava, sempre que estávamos no mesmo ambiente, era muito clara.

— O meu pai morreu — disse a ele, ainda sem acreditar que tivesse feito um convite como aquele — E minha mãe está no hospital.

Fiquei ainda mais chocada por ele não aparentar nenhum desconforto com as observações que eu fazia.

— E você é um agente designado para me proteger.

A essa altura do campeonato, eu já começava a acreditar que estavam mais ali para me vigiar do que realmente proteger.

— Exatamente por tudo isso que eu acho que você precisa relaxar — disse ele, dando de ombros — Ou está no hospital, ou está aqui, andando para lá e para cá, como um fantasma.

Estava, na verdade, revistando toda a minha casa — tentando não levantar suspeitas — em busca de algo que me ajudasse.

— Eu não estou te convidando para um baile funk, garota — ele parecia zangado agora — Só estou sendo gentil, oferecendo boa comida e alguns momentos para você relaxar.

Sorri, sem humor, e dei as costas a ele para guardar o livro que segurava, de volta à estante.

— Agradeço a preocupação — disse, esperando que ele entendesse a deixa e me deixasse em paz — Mas vou ter que declinar. Talvez, quando a minha vida não for mais essa merda que você presencia todos os dias.

O Leonardo podia ser um grande ogro-babaca às vezes, mas ele nunca seria tão indelicado e egoísta como Miguel me mostrava ser.

Voltei minha atenção para a última fileira de livros. Meus olhos passando em cada página que eu abria, mas a minha mente focada em Leo. Depois que o agente Ferreira terminasse seu turno, Henrique ocuparia o lugar dele por dois dias. Eu só veria Leonardo após isso.

Era a primeira vez que eu voltava do hospital tão abalada. Olhar para o rosto da minha mãe, ver todos os aparelhos ligados a ela e não ver seu progresso, estava acabando comigo.

Tudo o que eu queria ao chegar em casa era cair na minha cama e ficar lá por toda a eternidade, mas isso era algo que eu não poderia. Então apenas joguei minha bolsa sobre o sofá e fiz o mesmo com o meu corpo em seguida. Fechei os olhos e tentei, por um momento, não pensar em nada.

Senti a ondulação no sofá ao meu lado. Não precisava abrir os meus olhos para saber de quem se tratava. Ele esteve a manhã toda comigo.

— Gisele?

Quando meus olhos cansados e pesados de tantas lágrimas que já verti se

abriram, encontrei o rosto amigável de Henrique.

— Eu sei que está sendo muito difícil para você... — ele começou a dizer, e meu corpo ficou tenso.

Por favor, Henrique, não!

Ele era um dos poucos, se não único policial, com quem eu me sentia confortável em ficar perto. Nunca me olhou com malícia ou com julgamento. E mesmo sendo um devaneio tolo da minha cabeça, e de saber que assim que todo esse inferno acabasse seguiríamos caminhos diferentes, eu gostava de pensar que estávamos nos tornando amigos.

Se ele viesse com alguma proposta, como Miguel Ferreira havia feito no dia anterior, partiria meu coração. E não conseguiria ter meu coração partido novamente, em um espaço tão curto de tempo.

— Com o que houve com o seu pai, a sua mãe, você sabe... — continuou — O Leonardo.

Ele deslizou a mão no sofá, como se tivesse a intenção de tocar a minha. Mas acho que o desconforto evidente em meu rosto o fez desistir.

— Leonardo e eu...

— Eu sei o que rola entre vocês — Henrique me interrompeu — Ou o que rolou. O que eu quero dizer, é que entendo ter muita pressão na sua cabeça. Mas para ajudar você, preciso que nos ajude. Sei que é pedir demais nesse momento, mas se puder começar a pensar no assunto...

Imediatamente eu pensei no maldito código. Em entregá-lo a Henrique e deixar que ele cuidasse de tudo para mim. De finalmente tirar esse peso dos meus ombros e me permitir vivenciar o luto e a preocupação com a minha mãe. Cheguei a abrir os lábios para dizer, mas alguma coisa me segurou.

— Sei que passou os últimos anos fora, mas veio durante as férias e comemorações de fim de ano. Além disso, seu pai foi muitas vezes te visitar — disse ele. Eu não estava surpresa de que ele tivesse essas informações, provavelmente sabiam muita coisa da minha vida, devido às investigações — Se conseguir lembrar de alguma coisa, qualquer coisa importante, ou mesmo que não achar tão importante, poderá ajudar muito no seu caso. Quanto mais rápido seu nome sair da lista dos investigados, mais rápido você e...

Claro que eu desejo limpar o meu nome. Não existe nada no mundo que eu deseje mais. Mas isso não faria que Leonardo corresse para os meus braços. Eu precisava começar a ser realista. Ele estava lutando para limpar o nome do pai, tinha ideias enraizadas sobre decência e moral. Mesmo eu sendo inocente e conseguindo provar isso, ainda seria a filha de um corrupto. Isso não era algo que eu conseguiria mudar, mesmo que desejasse muito.

— Eu vou tentar — sobre isso eu estava sendo absolutamente sincera —

Vou procurar...

Minhas palavras foram interrompidas por Rosana, que surgiu na sala, nervosa.

— Teve uma pequena confusão lá fora — disse ela, quando conseguiu minha atenção — Aquela jovem estava lá fora, exigindo falar com a senhorita. Como há alguns jornalistas na rua e ela está com o bebê, achei apropriado permitir a entrada, mas a deixei na cozinha.

Levei um tempo para entender do que a governanta estava falando e de quem.

A jovem só poderia ser a amante do meu pai, e o bebê...

— Agiu corretamente, Rosana — disse a ela — Me dê um minuto e peça que ela entre.

Eu respirei fundo e passei minhas mãos trêmulas e suadas na calça jeans. Obriguei minhas pernas a me obedecerem e manterem-se firmes, quando me ergui. Henrique também ficou de pé atrás de mim e senti sua mão sobre minhas costas, me dando apoio.

No instante seguinte, a jovem que causou tanto sofrimento à minha mãe entrou na sala, acompanhada de Rosana. Ela era loira platinada, alguns centímetros mais alta do que eu, e sem dúvida alguma, muito bonita. O pouco que me atrevi a pesquisar sobre ela, soube que é um ano mais nova do que eu e que começava a carreira de modelo quando conheceu o meu pai, no ano anterior.

Desviei o olhar do rosto bem maquiado dela e me concentrei no bebê em seus braços. Ele estava todo embrulhado, e o pouco que vi foi um tufão ruivo aparecendo entre a manta que o envolvia.

Ruivo?

Quando a jovem percebeu meu olhar atento e curioso sobre o bebê, escondeu-o ainda mais de mim.

— Olá — iniciou ela — Sinto pelo que aconteceu ao Luís. E sobre a sua mãe também.

Ouvi-la falar de forma tão íntima do meu pai causou aversão em mim, mas ela trazer a minha mãe para essa conversa me revoltou.

— O que você quer? — fui direto ao assunto.

— Seu pai e eu estávamos apaixonados... — disse ela.

Soltei uma risada, que não sabia se era de nervoso ou de raiva.

Eu não era preconceituosa. Acreditava que mulheres mais novas poderiam se apaixonar por homens muito mais velhos, ou o inverso. Eu já vi muito isso acontecer, principalmente na Europa. Mas os relacionamentos que vi iniciaram de uma forma correta, sem causar sofrimento a ninguém. E, além disso, meu pai nunca foi uma pessoa muito afetuosa, que demonstrava abertamente seus

sentimentos, nem mesmo para a esposa e a filha. E não achava que dinheiro, carros, joias caras, eram sinônimos de afeto e carinho. Ele era um homem bonito, mas também reservado e frio. O que ele tinha com as amantes era pura troca de interesses. E eu não conseguia sentir dessa mulher que ela realmente o amasse, não como minha mãe o amou a vida inteira.

— Nós íamos embora juntos — disse ela, empinando o queixo, rebatendo meu sorriso descrente — Estávamos juntos no aeroporto, quando Luís foi preso.

Isso eu não tinha como rebater, era a verdade. Mas o Dr. Franco havia me falado, no breve momento que conversamos do caminho da delegacia até a minha casa, que o plano do meu pai era simplesmente se livrar da garota, encontrando um lugar para que ela ficasse. Eu não sabia no que eu poderia acreditar a essas alturas. Não quando papai nadou em mentiras por tanto tempo.

— Você ainda não disse o que quer.

Ela ajeitou o bebê no colo, tentando equilibrar o peso. Eu poderia convidá-la a se sentar, mas ela não era uma visita desejada e queria que nossa conversa fosse a mais breve possível.

— Como estava dizendo, estávamos juntos no aeroporto, e a polícia levou tudo o que tínhamos — disse ela — As passagens, as malas, dinheiro, tudo. Eu estou na casa de uma amiga, mas não posso ficar lá por mais tempo.

Abri e fechei a boca, surpresa. Ela não estava sugerindo vir para cá morar comigo, estava?

Jamais concordaria com isso, e mesmo que cogitasse aceitar, seria como a morte para minha mãe, acordar e descobrir que a mulher, que havia destruído seu casamento, estava morando em sua casa.

Eu nunca perdoaria um homem que mentisse e me traísse de forma tão vil, mas a minha mãe veio de uma geração diferente, de uma classe social que aceitava e sofria calada para manter a imagem de um lar feliz. Não aceitava isso, mas tentava entender.

Agora, uma coisa era aceitar todos os casos do meu pai, que deveriam ter ficado mais evidentes para ela depois que fui embora. Outra coisa era engolir a mulher que significou um risco real. O sonho de papai sempre foi ter um menino, algo que minha mãe nunca conseguiu dar a ele. Essa mulher tinha esfregado essa possibilidade em sua cara.

— Você não vai ficar aqui! — esbravejei.

— Não quero isso. Eu tenho lido os jornais — ela olhou em volta da sala — Acho que nem você ficará por muito tempo.

Ainda não sabia o que iria acontecer. Como dispensei o Dr. Franco, precisava das orientações do advogado novo.

— Eu vou retornar à Brasília, para ficar com os meus pais — continuou ela

— Mas eu quero recomeçar e não ter que depender deles. Preciso de ajuda. Junior é seu irmão...

— É? — a interrompi, descrente.

— Eu tenho certeza de que seu pai iria querer que nos amparasse.

Finalmente as cartas foram colocadas na mesa. Dinheiro era o que ela viera procurar.

— Se você anda acompanhando os jornais — eu disse, de forma irônica —, deve saber que as contas e bens do papai estão congelados.

E mesmo que não houvesse essa restrição da justiça, eu levaria tempo para administrar a questão da herança, se é que sobraria alguma coisa. Teria que ser feito um inventário e todas essas coisas burocráticas.

Mas eu possuía uma conta bancária onde papai enviava dinheiro para mim, todos os meses. E como não tinha gastos, como moradia e faculdade, praticamente não mexi na conta. Acontece que futuramente eu poderia precisar do que havia no banco para reconstruir minha vida.

— Você deve ter alguma coisa — insistiu ela — É seu irmão.

Encarei a criança. Independente da verdade, não merecia a mãe que tinha e nem o pai, seja lá quem ele realmente fosse. Voltei ao sofá, em busca da minha bolsa. Retirei o talão de cheques e uma caneta de dentro dela.

Fiz um cheque de cinco mil e entreguei a ela, que pelo visto, após olhar, não ficou muito contente com o valor. Eu fazia isso pela criança, mas de jeito nenhum passaria a vida toda sustentando essa mulher. Por agora, eu só queria me livrar da presença dela.

— É suficiente, por enquanto — disse ela, guardando o cheque na bolsa do bebê.

Estava pronta para colocá-la em seu devido lugar, quando Henrique saiu de trás de mim e foi em direção a ela.

— Você sabe que um exame de DNA resolve, né? — A pergunta era para mim, mas era para ela que ele olhava feio.

— O q-que você tá querendo insinuar? — Gaguejou ela.

— Não insinuo, moça — disse ele, a voz muito calma, mas ameaçadora — Agora saia daqui, antes que eu esqueça a criança em seu colo e a bote para correr sem um centavo no bolso.

A ameaça pareceu surtir efeito, pois no momento seguinte, ela caminhava apressadamente até a saída.

Escondi o rosto nas minhas mãos e fiz um exercício de respiração, tentando me acalmar. Eu sentia muita vergonha por Henrique ter presenciado tudo isso.

— Gisele?

Ergui meus olhos marejados até ele.

— O que eu disse sobre o DNA é verdade.

— Eu sei.

— Então, por que deu dinheiro a ela? — Ele parecia não compreender, nem eu mesma me compreendia.

— O menino não tem culpa de nada. E até saber a verdade, não me sentiria bem sabendo que podia ajudar, mas não fiz isso.

Além disso, meu pai já havia prejudicado inocentes demais. E o garoto, sendo meu irmão ou não, não pediu para vir a esse mundo cruel.

— Eu tenho um encontro com meu novo advogado em dois dias — expliquei a ele — Vou pedir que me oriente sobre isso.

Henrique me deu aquele olhar, que às vezes eu não conseguia identificar o que estava imaginando.

— Você é uma pessoa boa — disse ele — No seu lugar... se fosse meu pai, a minha mãe...

Ele não precisou concluir. Acho que em uma situação diferente, talvez eu tivesse sido mais indiferente, quem sabe.

Mas tinha tanta coisa na minha cabeça. Tantas coisas para tentar resolver. Por exemplo, deveria ir até o quarto dos meus pais e fazer uma busca minuciosa, à procura de algo que me ajudasse com o código. Só que agora eu não conseguia pensar sobre isso. Minhas energias, pelo menos por hoje, se esgotaram.

— Rosana cuidará do almoço para você — disse, ao me levantar — Sinto muito, mas acho que não serei uma boa companhia hoje. Eu vou subir, e talvez a gente possa se ver no jantar.

Ele assentiu, e mesmo afirmando que não era preciso, me acompanhou até o meu quarto.

Eu só consegui trocar a calça jeans e camiseta que usava por uma camisola preta, antes de cair na cama, completamente exausta.

Capítulo 23



Leonardo Valença

Eu já havia visto as fotos que Érica enviou, após minha mensagem a ela, uma dezena de vezes. Ainda estava muito puto, quando Henrique chegou ao meu apartamento, mas poder desabafar com alguém me deixou menos agitado. Ele não ficou surpreso em relação à chantagem de Érica. Ele possuía um sexto sentido em relação às pessoas, e não gostava nem um pouco da jornalista inescrupulosa.

— O que você irá fazer agora?

Acendi um cigarro. Eu precisava largar essa merda antes que ficasse impossível abandonar o vício mais uma vez. Acontece que eu estava tenso. Literalmente perto de explodir.

— Pensei que você pudesse me dizer isso — murmurei, indo em direção à janela, de onde observei as luzes da cidade.

Parecia que estrelas haviam caído do céu. São Paulo era uma cidade muito bonita à noite, pelo menos ao redor de onde eu morava.

— Acho que você deve dar a Érica o que ela quer.

Eu acabara de dar uma longa tragada quando ele disse isso, e me engasguei com a fumaça, começando a tossir.

— Você só pode estar maluco, Henrique!

Amassei a ponta do cigarro na madeira da janela e o joguei no cinzeiro, quando voltei para o sofá onde meu amigo insano estava.

— E colocar em risco toda a operação? — indaguei, incrédulo — Não vou ser chantageado por ela e nem por ninguém.

Ele se inclinou para frente antes de começar a falar e juntou as mãos. Ele sempre fazia isso quando algum plano maluco surgia em sua cabeça.

— O que a gente precisa agora é de tempo — disse ele — Não precisa dizer nada que comprometa a operação. Solta algumas notícias que daríamos à imprensa, de qualquer forma. Ela quer exclusividade, não é?

— Qual a parte do “eu não vou ser chantageado” você não entendeu?

Eu preferia ser exposto. Perder meu cargo. Fazer malabarismo no semáforo do que ser chantageado por Érica ou qualquer pessoa. Eu nunca teria paz e sempre teria que fazer alguma coisa que ela desejasse. Esse inferno não terminaria nunca.

— Você não está sendo racional, Leonardo — insistiu Henrique — Estou dizendo para inicialmente dar um pouco do que ela quer, até acharmos uma forma de virar o jogo contra ela.

— E se o Dias descobrir? — tentei fazer com que ele pensasse com racionalidade — Já é ruim o suficiente que ele descubra sobre Gisele. Agora imagina quando descobrir que vazei notícias importantes para uma jornalista sem caráter.

Se meu caso com Gisele não fosse suficiente para me fazer perder o emprego, vaziar informações sigilosas seria, com toda certeza. E eu até poderia ser processado.

— Eu já disse, nada de muito importante. Nada que não fosse sair na imprensa — disse ele — Érica só vai ter o privilégio de receber antes. Escuta, faz o que estou falando e da jornalista eu cuido.

Eu estava em uma encruzilhada. Por um lado, não queria ceder à pressão de Érica, ia contra tudo o que eu acreditava. Por outro lado, se ela vazasse as fotos que tinha de mim e de Gisele, isso me afastaria do caso. Consequentemente, me afastaria dela também. E agora que eu sabia que ela era inocente de tudo, não podia deixar isso acontecer.

Sim, inocente de tudo, porque não acreditava que ela tivesse qualquer envolvimento nas sujeiras de seu pai, por isso temia mais ainda pela segurança dela. Eu simplesmente não conseguiria ficar longe, recebendo migalhas de informações vindas de Henrique.

— O que você irá fazer, Henrique?

Ele sorriu cinicamente, antes de responder:

— Logo você saberá — o cara era completamente maluco, porque estava nos seus olhos sua empolgação, com seja lá que plano sórdido que maquinava em sua cabeça — Me dê alguns dias.

— Eu não quero que você se prejudique por minha causa.

— Sei bem o que fazer, não se preocupe — garantiu ele — E agora, eu

posso ver as fotos?

De jeito nenhum eu iria permitir que Henrique ou qualquer outro cara visse as partes íntimas de Gisele.

— Claro que não! — falei alto, zangado — Não é a porra de uma pornografia.

A desgraçada da Érica que pegou um dos melhores momentos entre mim e Gisele, para tentar transformar em algo sujo.

— Tá legal — ele ergueu as mãos em sinal de paz.

Ele olhou para o relógio em seu pulso, antes de caminhar até a porta. Era o seu turno para fazer a segurança de Gisele.

— Bom, eu tenho que ir agora. Atualizo você depois.

Passava das dez, e eu já havia circulado cada metro quadrado do apartamento. Eu só conseguia pensar em uma pessoa.

Gisele.

No trabalho foi um pouco mais fácil tentar ignorar isso, mas agora sentia que as paredes me sufocavam. Eu precisava vê-la e esclarecer tudo com ela. Na verdade, eu devia um pedido de desculpas, e não conseguiria um minuto de paz até fazer isso. Então, colocando a razão de lado, enviei uma mensagem a Henrique, avisando que estava indo para lá.

Os dois policiais, que faziam a segurança em volta da casa, não demonstraram qualquer surpresa em me ver ali, e agi com a mais absoluta naturalidade.

— Estava contando quantas horas mais iria levar até aparecer — disse Henrique assim que entrei, exibindo um sorriso irritante e convencido.

Apenas ignorei o deboche dele e pedi que me dissesse onde Gisele estava.

— Olha só... — ele colocou a mão em meu peito, impedindo-me de chegar à escada — O dia dela foi difícil, hoje. Carla Borges esteve aqui.

Carla Borges. Tentei buscar na memória de onde já havia escutado esse nome.

— A amante do senador?

— A mesma — confirmou Henrique — Eu sei que a sua garota gosta de provar que é durona, mas acho que isso foi a gota d'água.

— Ela não é minha garota.

Henrique revirou os olhos; a minha declaração não enganava ninguém.

— Veio com o bebê que, francamente, duvido muito que seja do senador — continuou ele — Mas ela arrancou uma boa grana da Gisele. Então, seja lá o que você tenha que falar para ela, seja gentil.

Gentil?

O que Henrique achava que eu era? Melhor: desde quando ele virou o protetor número um de Gisele?

— Saia da minha frente, Henrique.

Ele não se moveu um milímetro para fora do meu caminho, mas cruzou os braços, me olhando seriamente.

— Sério, isso? — indaguei e soltei um suspiro derrotado ao perceber a determinação em seus olhos — Eu só quero pedir desculpas, está bem?

Fiquei um pouco sem jeito. Desde a faculdade, talvez antes disso, que não lidava com um irmão protetor de alguma namorada. E Henrique estava agindo exatamente assim. Um irmão mais velho, tentando impedir que a irmãzinha tivesse o coração partido por um idiota qualquer, e como ele tinha duas irmãs, experiência no assunto era o que não faltava.

— Humm... Vai se rastejar — Ele abriu um sorriso animado e saiu do caminho para que eu passasse — Por que não me disse antes?

Se eu não ignorasse 90% das babaquices do Henrique, nossa amizade não teria durado um ano. Mas eu não estava aqui para pensar o quanto meu melhor amigo conseguia ser idiota.

Parei em frente ao quarto dela. Sabia que era aquele, por causa da revista que fizemos no dia que descobri de quem ela era filha.

— Entre — ouvi o sussurro baixinho, após ter dado duas batidas na porta — Não precisava vir buscar a bandeja, Rosana, eu levaria depois.

Fiquei um instante a observá-la. Estava sentada na cama, de pernas cruzadas. Usava uma camisola preta e os cabelos estavam soltos, caindo sobre os ombros, e mechas cobriam seu rosto, voltado para o notebook em seu colo. Foi por isso que não havia notado minha presença ainda e tinha me confundido com a empregada.

— Gisele?

Ela se assustou ao me ver e bateu com força a tampa do computador, colocando-o atrás das costas. Ficou óbvio que a assustei, mas achei a reação exagerada demais.

— Assustei você? — indaguei baixinho, fechando a porta atrás de mim.

— O... Q-que você faz aqui? — confusão passou pelo semblante dela, e logo a expressão mudou para assustada — A minha mãe?

— Não. Até onde sabemos, ela está bem.

Vejo-a soltar o ar, aliviada.

— O que você via no computador?

— Nada. O mesmo de sempre — disse, saindo da cama, indo em direção a uma das janelas do quarto. — Coisas sobre os meus pais.

Caminhei até ela, parando às suas costas. Ela estava tensa e mentindo. Mas

no momento eu não podia fazer nada além de lhe dar um pouco de tempo. Afinal, não podia culpá-la por não conseguir confiar em mim. Eu a havia julgado e condenado sem direito a defesa. Estive cego de raiva e decepção.

— Não me respondeu. O que faz aqui?

A brisa que vinha da janela fazia com que mechas do cabelo dela tremulassem. Isso fazia com que o perfume doce chegasse às minhas narinas. Eu me aproximei mais um pouco, meu corpo pressionando o dela, sentindo seu calor. Notei quando seus ombros ficaram ainda mais tensos e a respiração mais pesada.

Afastei os cabelos de seu pescoço e suavemente corri os meus dedos por ele, até chegar à curva da orelha. A cada toque, seu corpo reagia. O meu corpo reagia.

— Leonardo... — ela murmurou baixinho.

— Eu tentei ficar longe, droga! — virei-a de frente para mim, colando-a contra a cortina e parede atrás dela — Só que eu não consegui.

Tomei sua boca em um beijo, desesperado e faminto. Pressionando-a mais, querendo fundir meu corpo com o dela através desse beijo. Minhas mãos saudosas buscaram cada curva de seu corpo.

Quando pressionei meu pau contra ela, Gisele soltou um gemido febril e seu corpo vacilou em meus braços. Segurei-a pela cintura, e quando, sôfregos, afastamos nossos lábios, apoiei minha testa na dela. Eu vim conversar e pedir desculpas, mas bastou um segundo ao lado dela para que esquecesse qualquer pensamento racional. E eu nem podia culpar os vários dias sem sexo, porque com nós dois sempre foi assim. Pegávamos fogo perto um do outro.

— Não foi isso que vim fazer aqui — sussurrei, tentando encontrar forças para me afastar dela — A gente precisa conversar. Sobre a Érica.

Bastou que eu citasse o nome dela para Gisele enrijecer e me afastar, empurrando meu corpo para longe dela.

— Você a viu?

Eu não sabia dizer se a vermelhidão no rosto dela era devido à excitação ou à raiva.

— Esteve no meu apartamento ontem e confessou que você não se uniu a ela para armar contra mim — tentei decifrar o efeito de minhas palavras nos olhos castanhos, mas só recebi um olhar frio — Eu te devo desculpas.

— Ah, ela contou a verdade — Gisele balançou a cabeça e apontou contra o próprio peito — Porque a minha palavra não era suficiente.

Eu sabia que não seria fácil.

— Eu já sabia que você não tinha nada com aquela mulher, além de um passado amargo, tá bom?

— Como eu vou saber? — ela riu sarcasticamente — Acho que quem não pode acreditar em sua palavra agora sou eu.

— Porra, Gisele! — berrei, exasperado, passando as mãos nos cabelos — Fez uma aposta com ela. Você mesmo confessou. Eu me enganei e pedi desculpas.

— Pediu desculpas? Disse que iria se desculpar.

— Não é a mesma coisa?

A mulher sabia me fazer ferver por dentro. Em milhares de formas diferentes.

— Não! — O grito veio seguido de um soluço. No momento seguinte, ela estava sentada na cama, de costas para mim. Em um choro silencioso que me desestabilizou.

Lembrei-me do que Henrique havia falado. Sobre o dia difícil que tivera hoje. Aliás, todos os últimos dias dela estavam sendo tensos.

— Me desculpa — caminhei até a cama, mas quando a vi se encolher com a minha aproximação, eu parei — Eu realmente acreditava em você antes de Érica aparecer. Não apenas sobre ela, mas sobre tudo.

O choro se intensificou. E pela primeira vez na vida, me vi perdido, sem saber o que fazer.

— Gisele... — toquei seus cabelos.

Ao observá-la, fragilizada e perdida, sentia como se uma estaca afiada estivesse sendo enfiada em meu peito.

— Eu quero... eu quero ficar sozinha.

Tentar afastar Gisele, por todas as complicações que nossa história trazia, era muito difícil, mas ser repellido por ela doía insuportavelmente. Mas eu a havia decepcionado, e se tivesse que rastejar por ela, como Henrique sugeriu, não me importaria nem um pouco.

— Eu vou — inclinei-me sobre ela, beijando suavemente sua cabeça — Mas você sabe que eu vou voltar.

Caminhei como um condenado à morte até a porta.

— Pelo seu trabalho? — ouvi sua indagação sussurrada, quando toquei a maçaneta.

— Por você — respondi, antes de sair.

Eu a observei caminhar entre as mesas, em seu vestido vermelho sexy. Andar confiante e sorriso vitorioso nos lábios. Sorriso que, muito em breve, eu teria enorme prazer em desmanchar. Mas, por enquanto, as peças do jogo

estavam se movendo a favor dela.

— É sempre um prazer te ver, Leonardo — disse Érica, ao se acomodar em uma cadeira em frente a mim.

Eu havia escolhido um café discreto para nos encontrarmos, duas horas antes de seguir para a casa de Gisele. Um lugar público e que me impedisse de avançar sobre ela e torcer seu pescoço como eu desejava.

— É sempre um desprazer respirar o mesmo ar que você.

— Ai... — ela levou a mão ao peito — Tão rancoroso. Trate apenas como negócios. Eu estive pensando no que me disse. Acho que deveria me agradecer, no final de tudo. Eu fui quase como um cupido.

O garçom se aproximou da nossa mesa, e isso me poupou de lhe dar uma resposta ácida. Érica pediu um cappuccino, e recusei novamente a sugestão do garçom.

— O que você tem para mim? — indagou ela, quando o homem se afastou.

Odiava ter de fazer aquilo, mas Henrique precisava de tempo, para fazer seja lá o que fosse que estivesse passando em sua cabeça maluca.

— Eick Finkler Barreto — deslizei o envelope em cima da mesa, em direção a ela — Corrupção e lavagem de dinheiro.

— Ele já saiu duas vezes na Forbes — disse ela, pegando o envelope — Vocês o pegaram ontem. Já está em todos os jornais. Do que isso me vale?

— Os detalhes. Olha só, eu odeio ter que fazer isso — disse a ela, já no limite da minha paciência — Mas você não pode chegar com uma bomba de informação, ou o delegado vai saber que tem alguém passando informações. Por enquanto, é isso ou nada.

Eu queria muito que Érica recusasse e jogasse a merda toda no ventilador. Doía menos ser exonerado do que ter meu caráter corrompido.

— Acho que você tem razão — disse ela — Por enquanto, isso serve. Ainda sairei na frente.

Ela bisbilhotava o conteúdo no envelope, se divertindo como uma criança no parque de diversões. E para quem arquitetou um plano vil contra mim, eu estava achando fácil demais a forma que lidou com a informação que eu havia trazido. Principalmente que o mesmo dossiê seria publicado em um ou dois dias, e que se ela não fosse rápida, a informação não teria a menor serventia.

Mas eu não podia ficar pensando nas maquinações de Érica nesse momento. Outros problemas ocupavam minha cabeça.

— E aí, como foi? — Henrique me interpelou na porta, assim que cheguei à casa de Gisele.

— Tudo certo — disse a ele — E esse é o problema.

Henrique cruzou o braço e coçou o queixo. Esperávamos que eu levasse alguns minutos para convencer Érica a ir com calma.

— Se ela estiver arquitetando mais alguma coisa, eu vou descobrir — disse ele — Mantenha o foco nas suas coisas.

— E a Gisele?

Estava ansioso para vê-la. Conversar com ela e tentar convencê-la de que não fora a minha conversa com Érica a mudar minha cabeça. Ela, sozinha, conseguiu isso. O problema era que parecia que levei tempo demais para admitir isso.

— No quarto, se arrumando — informou Henrique — Vai para o hospital ver a mãe, depois tem hora marcada com o advogado dela.

Assenti. Depois de trocar mais algumas informações com Henrique, segui em direção ao segundo andar. Em direção à mulher que transformava minha vida em inferno e paraíso ao mesmo tempo.

Capítulo 24

Gisele Alencar

Eu não preguei o olho a noite toda. Assim que Leonardo saiu, o arrependimento por ter o mandado embora se abateu sobre mim, mas eu não podia perdoá-lo tão facilmente, embora quisesse.

Ah, e como eu queria.

Por diversas vezes me vi com o celular na mão, escrevendo mensagens que nunca cheguei a enviar. O que precisava ser dito entre nós deveria ser feito olho no olho. E bom, eu teria dois dias pela frente para tentar uma conversa que nos levaria a algum entendimento.

E depois de pensar e repensar a noite toda, enquanto rolava na cama pensando nele, cheguei à conclusão de que não importava se ele acreditou em mim após a confissão de Érica, ou antes. O importante era que ele acreditava, e eu não tinha muitas pessoas do meu lado, no momento.

Nas pesquisas que fiz, tentando encontrar alguma informação da pista que meu pai deixou, bati o olho em algumas matérias que falavam sobre ele e insinuações sobre mim. As pessoas — pelo menos quem redigiu a matéria — não me viam com bons olhos.

Então, apesar de um lado meu querer, não podia bancar a orgulhosa. Mesmo que romanticamente não tivesse um relacionamento com Leonardo, profissionalmente talvez ele pudesse me ajudar.

E para piorar, o relógio corria contra mim, eu precisava descobrir onde a pista poderia me levar e esperar que ela ajudasse a limpar o meu nome.

Já que brincar de Sherlock Holmes não estava me levando a lugar algum, precisava ter a cabeça fria e pensar com racionalidade. Por isso encontraria o advogado que o pai de Luana me indicou e veria o que ele tinha para me dizer. Depois tentaria ter uma conversa fria e civilizada com Leonardo.

Respirei fundo e olhei-me no espelho. Havia conseguido disfarçar um pouco as olheiras, causadas pelas noites mal dormidas, com maquiagem, mas a imagem refletida estava muito longe da garota feliz e radiante, que eu fui nos últimos momentos felizes com Leonardo.

— Tudo bem — sussurrei para a garota triste me encarando, pelo espelho — Vai ficar tudo bem.

Talvez, se eu comesse a repetir isso com mais vigor, as coisas poderiam começar a ficar bem. Os otimistas não diziam que éramos aquilo que pensávamos?

Eu encontrei Leonardo e Henrique conversando, quando parei na escada. Estava longe para ouvir o que diziam, mas não foi exatamente isso que importou. O meu coração simplesmente acelerou ao vê-lo. E eu tive um enorme desejo de que as coisas entre nós tivessem sido diferentes. Mais normais. Que fosse apenas aquela Gisele de antes, conhecendo um cara legal. Levando uma vida simples.

Eles se despediram. O olhar de Leonardo caiu sobre mim, e ele parou de caminhar. Eu estava completamente atordoada. Os pés pareciam ter perdido a capacidade de se mover, além das minhas pernas fracas.

— Você está bem? — Ele caminhou até o início da escada.

Assenti levemente com a cabeça, analisando-o agora mais de perto. Os cabelos estavam presos no coque estilo samurai, mas ele fizera a barba. Também usava uma roupa mais descontraída do que a camisa preta e a calça escura que geralmente usava. Ficava lindo de azul claro.

— Quer ir até o hospital agora?

Desci os lances finais da escada, ficando frente a frente com ele.

— Sim... — senti a afirmação sair como uma lixa em minha garganta seca — Por favor.

Esperei que ele me desse as costas e partisse na frente, mas, para a minha surpresa e deleite, sua mão buscou a minha, mas o repeli, caminhando na frente.

Ouvi sua respiração descontente atrás de mim, mas com grande esforço, decidi ignorar.

Ah, pobre coração estúpido!

Partimos no carro dele. A música tocando baixinho foi o único som durante o caminho até o hospital, mas isso não me incomodou. Ter apenas a presença de Leonardo sempre me fazia me sentir em paz e em segurança.

Chegamos menos de uma hora depois. Leonardo deu a volta no carro e abriu a porta para que eu descesse. Apreciei o gesto gentil, mas não retribuí com um sorriso, como ele esperava. E quando sua mão novamente tentou segurar a minha, me afastei. Sabia que, com o toque, faíscas correriam por todo o meu corpo e eu fraquejaria.

Notei, pela carranca em seu rosto, que se chateou, talvez tenha até ficado magoado. E doía mais em mim dar esse gelo em Leonardo, do que nele, em recebê-lo.

Por que eu fazia isso? Podíamos tentar fingir, mas a atração que sentíamos um pelo outro nunca seria algo fácil de se ignorar.

Estava sendo uma mulher decidida, ou uma tola? Por que tudo relacionado a Leonardo era tão complicado?

— Gisele... — ele me puxou para um canto discreto no estacionamento,

onde estaríamos protegidos por uma pilastra — Por que está fazendo isso?

— Fazendo o quê?

— Não me deixa tocar em você — seu corpo pressionou mais o meu.

E novamente senti dificuldade em respirar.

— Não deixa eu me aproximar — minhas costas de chocaram contra a pilastra, e em seguida, o rosto dele estava deslizando do meu rosto para o meu pescoço, fazendo com que toda a minha pele se arrepiasse — Está fugindo e se recusando a me perdoar.

Sua cabeça se ergueu e o olhar voltou a se fixar nos meus, o desejo estampado nele era genuíno. Aquele desejo que mesmo quando ele estivera com raiva de mim, Leonardo não conseguira esconder. O desejo que eu mesma sentia.

— Eu errei, Gi.

Gi? Ele nunca havia me chamado assim antes.

— Mas eu estou arrependido, caramba.

O problema era que eu jamais fui capaz de rejeitar o Leonardo, quando estava agindo como um babaca desconfiado comigo. Como eu conseguiria manter distância, quando ele agia, carinhosamente? Quando praticamente implorava para que o perdoasse.

— Aqui não é lugar para essa conversa — murmurei, conseguindo, não sei como, escapar dele — Veremos isso depois.

Mal dei alguns passos vacilantes, em direção à entrada do hospital, quando senti a mão dele em meu braço. Parou alguns centímetros de mim, o suficiente para que eu tivesse completa consciência da presença dele.

— Você quer que eu me ajoelhe? — O tom saiu sussurrado, pessoas caminhavam próximas a nós — Quer me ver de joelhos, Gisele?

Ainda não chamávamos atenção, mas se não nos afastássemos logo, isso, com certeza, começaria a acontecer.

E se tivesse um fotógrafo em algum lugar escondido?

Leonardo deveria ter perdido completamente a cabeça. E eu sabia que ele era maluco o suficiente para cumprir o que havia me perguntado, se ajoelharia em busca de que eu o desculpasse.

— Leonardo... a... gente conversa depois — gaguejei, insistindo, temerosa que algo tolo e emocional piorasse ainda mais nossa situação.

Eu não conseguia pensar na possibilidade de tê-lo afastado de mim. Nem antes e nem agora.

— Por favor... — pedi mais uma vez.

Não que ele tenha gostado, mas aceitou o que sugeri, voltando a me soltar.

— Conversaremos no almoço — disse ele.

Um Leonardo humilde era bem interessante de se ver.

Seguimos para dentro do hospital. Dessa vez lado a lado, as mãos separadas, caindo ao lado do corpo. Bom, as minhas estavam agarradas à alça da bolsa, como se delas eu pudesse tirar a força que eu precisava.

Antes que eu tivesse permissão de ver a minha mãe, uma enfermeira disse que a médica queria falar comigo. Fiquei imediatamente alarmada, receando receber péssimas notícias.

— Está tudo bem — Leonardo sussurrou, quando a enfermeira se afastou, e me levou até a cadeira mais próxima — Não há nada que se preocupar.

— Você acha?

— Claro que sim — ele passou a mão em meu rosto.

Foi como se um cobertor quentinho tivesse envolvido meu coração. Queria poder me jogar nos braços dele e sentir seu abraço forte, mas mesmo que tivesse coragem para tal, esse não era o local.

— Senhorita Alencar? — Chamou a Dra. Rios.

Pulei da cadeira eu fui em direção a ela.

— Como está a minha mãe?

Mesmo eu não querendo ser tão pessimista, não consegui evitar esperar uma notícia ruim.

— Ela abriu os olhos hoje — disse ela — Por alguns segundos, apenas, mas está começando a reagir melhor. Vamos estubar ^[3]ainda hoje, mas ela permanecerá na UTI por enquanto.

Senti as minhas pernas vacilarem, assim como o braço de Leonardo me envolvendo. A médica olhou de mim para ele com um olhar curioso, mas, sinceramente, eu não me importava com o que ela estivesse pensando. Recebi uma boa notícia e tinha Leonardo comigo, me apoiando.

— E eu posso vê-la?

Ela assentiu, e seguimos para a UTI. Quando chegamos ao local para higienização e vestimenta apropriada, virei para Leonardo, para avisar que poderia dar uma volta enquanto eu passava um tempo com a minha mãe. Geralmente era o que Henrique e Miguel faziam. Afinal, havia um policial no corredor e estava segura no hospital. Mas, para minha surpresa, ele foi em direção à pia, onde começou a lavar as mãos.

Eu só me dei conta de como eram solitárias as visitas que fazia à minha mãe, quando Leonardo se colocou ao meu lado, na cama hospitalar. Segurando a minha mão enquanto eu segurava a mão dela.

Mamãe ainda parecia frágil, como da última vez que a vi, mas já estar respirando sozinha parecia um bom sinal. Eu esperava que tudo agora começasse a ficar melhor.

— Acho que podemos ir — sussurrei a Leonardo, algum tempo depois.

Eu tinha uma reunião com o meu novo advogado, após o almoço. Mas antes disso, queria conversar com o Leo. Eu sugeri uma cantina italiana para irmos, que servia uma boa comida e possuía um clima aconchegante.

Embora houvesse entre nós uma sensação de intimidade, desde que deixamos minha casa, que se intensificara no hospital, não trocamos mais do que poucas palavras.

— Desejam beber algo? — sondou a garçonete, quando entreguei o cardápio a ela.

— Eu quero um Chianti — eu precisava muito de uma taça de vinho — E berinjala alla milanese.

Após Leonardo fazer o pedido dele, sua atenção ficou focada em mim. Eu me sentia nervosa, pois tudo o que ele fizera até agora foi me dar apoio silenciosamente, e eu literalmente o escorracei da minha casa, na noite anterior, além de tentar tratá-lo com frieza, até aqui.

Ele merecia provar um pouquinho da forma seca como me tratou, mas eu também não fui totalmente honesta com ele, precisava admitir.

Ou, sei lá. Talvez eu só estivesse buscando motivos para desculpá-lo, mas depois de Luana e o pai dela, com quem mais eu poderia contar, mesmo como amigo?

Além disso, o jeito que ficou comigo no hospital, não era o “*agente*” cuidando de mim, era o Leonardo por quem me apaixonei antes e continuava apaixonada.

Será que, depois de tudo o que houve, poderíamos ao menos tentar sermos amigos?

— Eu...

— Você... — disse ele, falando ao mesmo tempo que eu.

— Sinto muito por ontem — consegui dizer — Eu não estava exatamente brava com você. Quer dizer, eu estava chateada, mas no fundo eu sabia que não devia. Eu tive uma visita indesejada e um dia muito difícil. Então, acho que descontei na pessoa errada.

— Você não estava errada, Gisele. Pelo menos, em partes. Eu desconfiei de você no início e fiquei muito irritado, mais do que irritado, fiquei frustrado com toda a situação, querer você achando que era uma mentirosa — ele buscou a minha mão sobre a mesa, e dessa vez não me esquivei.

O toque dele tinha o mesmo efeito calmante que esperava que o vinho tivesse.

— E depois a raiva foi mais como um escudo para me ajudar a manter distância — confessou ele — Ficarmos juntos é uma coisa que fode com tudo.

Com a sua segurança. Com o meu trabalho. Mas quero que saiba que já tinha mudado de ideia sobre sua inocência antes da Érica me confessar isso, e estou sendo completamente honesto.

Pisquei os olhos marejados e passei meus dedos nos dele. Ouvir isso, que ele acreditava em mim, por mim, significava muito, mas isso não dizia muita coisa, pelo menos não sobre o nosso futuro.

— E agora? — afastei minha mão da dele — Somos ao menos amigos? Pelo menos enquanto durar isso.

Ele voltou a se ajustar na cadeira. O olhar firme e intenso focado em mim.

— Nós nunca vamos conseguir ser amigos — disse ele, e a declaração foi como uma bofetada em meu rosto — Porque nós somos mais do que isso.

Com Leonardo, eu me sentia em uma montanha-russa, subindo e despencando alto.

— Sempre fomos mais. E isso... — ele apontou para nós dois — O que eu sinto... O que nós sentimos, apenas cresce mais.

Não era exatamente como dizer “eu te amo”, pois ele se referia à atração que sentíamos um pelo outro. Atração que, desde o início, foi quente e explosiva. Mas eu sentia que caminhávamos para algo mais. Pelo menos eu estava completamente apaixonada por ele. E como ele havia afirmado há pouco, esse sentimento crescia um pouco mais a cada dia. A cada momento ao lado dele.

— Eu não sei como vai ser — disse ele, exasperado — Nem o hoje, e muito menos o amanhã. Mas eu sei que quero viver isso. E eu quero você, Gisele. Vamos dar um jeito em tudo. E vou tirar você dessa enrascada.

— Você quer ficar comigo? — perguntei, tão emocionada quanto incrédula.

— Eu vou ficar — disse ele.

Foi o suficiente para lágrimas silenciosas escorrerem pelo meu rosto. Irrefreáveis e carregadas de tanta emoção, que eu achava que era eu que precisaria de ajuda para respirar.

A garçonete retornou trazendo nossas bebidas, e aproveitei que ela havia quebrado nosso pequeno momento emocional para tentar me recompor. Leonardo ficaria comigo, como um casal, como também me ajudaria em tudo?

Era o momento de eu ser um pouco mais honesta com ele e tirar de entre nós o último segredo. Mas aqui não era o lugar. Era um restaurante tranquilo, mas havia outras pessoas em volta, para levantar o assunto. Eu iria explicar tudo com calma quando chegássemos em casa.

O restante do almoço seguiu tranquilo e um tanto surreal para mim. Eu ainda estava flutuando com a certeza de que tinha Leonardo comigo. O meu Leonardo, independente do que teríamos que enfrentar pela frente.

Ele pediu que falasse sobre a visita de Carla Borges e a suspeita de que o bebê que ela dizia ser meu irmão na verdade não era, e também o que eu sabia do meu advogado novo. Não que eu soubesse de muita coisa, além de que foi bem recomendado por tio Antônio.

O escritório do Dr. Serrano ficava em um prédio elegante, em Moema.

Serrano & Filho Advocacia. Claro, ele era o filho. O pai dele havia trabalhado em duas firmas importantes, antes de ele terminar a faculdade de Direito, e fazia apenas 5 anos que os dois trabalhavam juntos. Esse era o resumo que tinha descoberto com Antônio e Luana, além de uma breve pesquisa que fiz sobre eles, na internet.

O escritório deles estava crescendo, e me impressionava que Fabrício Serrano tivesse aceitado assumir o meu caso.

Estava nervosa quando entrei no prédio.

— Podem entrar — disse a secretária, após nos apresentarmos.

Ela era uma senhora de meia-idade, que possuía um sorriso acolhedor e simpático.

Ele era exatamente como eu havia visto, nas poucas fotos que consegui dele na internet. Achei que ele lembrava bastante Rodrigo Lombardi, um ator de novela brasileira. E estando frente a frente, a semelhança ficava mais forte. A única pequena diferença era que o nariz era um pouco menos proeminente. Ele conseguia ser ainda mais bonito que o ator.

— Srta. Alencar — ele se levantou, ajeitando o terno, e indicou uma cadeira para que eu sentasse.

Fabrício Serrano era o tipo de homem que a antiga Gisele teria sentido algum tipo de atração. Muito bem-educado, todo arrumadinho. O tipo de homem que falaria coisas bonitas e conversaria sobre política internacional, para mostrar a inteligência.

Esse perfil de homem não me atraía mais. Eu gostava agora de conversas descontraídas e sinceras. Podíamos falar sobre política ou o problema de segurança nacional no jantar, mas também do nosso dia a dia, como pessoas normais e reais. Sem máscaras. E, definitivamente, eu amava mais homens que me olhavam como Leonardo fazia. Como se quisesse me despir o tempo todo, e quando o fazia, quando me tinha em seus braços, olhava para mim como se eu fosse única. Como se eu estivesse onde exatamente eu deveria estar: nos braços dele.

Talvez aquela antiga Gisele nunca tivesse existido. Talvez ela passou tempo demais tentando ser outra pessoa, tentando se encaixar.

Após me sentar, procurei Leonardo às minhas costas. Ele estava parado, as costas apoiadas contra a parede, olhando sem um pinga de simpatia para o

advogado. Que ignorava o olhar ciumento dele, enquanto tirava e analisava alguns documentos de uma das dezenas de pastas em sua mesa.

O Dr. Serrano não percebeu que eu estive estudando-o com atenção e nem que Leonardo reagiu com ciúme a isso.

— Estudei o seu caso, pelo menos o máximo que consegui nesses poucos dias — disse.

— Está bem ruim, não é?

— Não posso mentir e dizer que não. Estamos falando de mais de 18 milhões, que seu pai conseguiu de forma ilícita. Dinheiro que ele investiu em propriedades, depois repassou a você — ele fez um resumo do que eu já havia descoberto pela imprensa e no dia que eu fiz meu depoimento à Polícia Federal — A maior dificuldade é provar que você foi, em uma forma leiga de falar, apenas uma laranja. Um meio de seu pai desviar a atenção do curso do dinheiro dele. Comprava propriedades e as colocava em seu nome, depois você vendia e o dinheiro ia para fora. Nada foi declarado como se devia, e ainda há o envolvimento dele com o crime organizado.

— Eu fui completamente cega, burra e tola sobre todos os documentos que assinei — sentia-me terrivelmente envergonhada por isso — Mas sobre as drogas...

Não consegui concluir minha defesa. Estava entre desolada e humilhada pelo que papai fizera, pelo caminho sujo que ele decidira ir.

— Como eu disse, essa parte é bem mais complicada — disse ele — E com o seu pai morto, sem o testemunho dele...

Eu precisava encontrar uma forma de me defender. Havia assinaturas comprovando que eu participei de transações comerciais ilegais. Quem acreditaria que eu não tinha envolvimento algum em relação ao mercado de drogas?

— E minha mãe?

— Mas ela está em coma, não é?

— Ela abriu os olhos hoje, por alguns segundos, apenas.

Fabrizio apenas assentiu, e não parecia tão empolgado com minha declaração. Isso era frustrante. Mesmo que minha mãe melhorasse a cada dia, não sabíamos como ela estaria quando se recuperasse.

— Eu vou adiantar tudo o que deve fazer inicialmente. Primeiro, pagar as dívidas em relação à sonegação fiscal. As contas que foram localizadas fora do país já estão congeladas pelo Ministério Público — ele me estendeu a pasta em sua mão — A melhor alternativa é usar alguns bens para saldar a dívida fiscal.

Eu perderia minha casa, carros, nossa casa no litoral. Conforme ele ia descrevendo, eu via tudo o que eu conhecia como meu mundo sendo-me

arrancado.

— A senhorita compreendeu tudo?

Assenti com a cabeça. Resumindo: mais interrogatório, perda de todos os meus bens e um mais que possível processo.

— Entendi — sussurrei, encarando minhas mãos, já que minha vergonha me impedia de olhar para qualquer um dos homens na sala.

— Eu preciso que seja sempre honesta comigo — alertou Fabrício — Não importa se errou, ou o que a levou a errar. Não estou aqui para julgá-la, mas o juiz vai. Tem alguma coisa que eu precise saber?

Eu possuía dois segredos. O código, que não tinha serventia alguma se eu não descobrisse em que ele me ajudava — além disso, queria falar sobre ele primeiro com Leonardo — e o segundo, era exatamente o Leonardo. Que eu poderia, de alguma forma, prejudicar sem nunca ter desejado isso.

— Não que eu me lembre.

Eu não sei se era uma péssima mentirosa, ou se Fabrício sabia muito bem como identificar um, porque após olhar de Leonardo e de volta para mim, não pareceu acreditar muito nisso.

Éramos tão evidentes assim?

— Bom, você está sob proteção da justiça, e isso é uma coisa boa — eu não conseguia ver onde havia algo bom nisso, mas se ele dizia... — Isso significa que as pessoas ruins estão contra você e que pode ajudar a polícia. Se todo resto der errado, haverá uma opção de acordo.

Se eu não sabia exatamente de nada, como poderia colaborar com a polícia, além do que já vinha fazendo, sendo seu animalzinho de estimação?

— Tudo isso é hipotético, no momento — disse ele, respondendo a minha pergunta silenciosa — Vamos resolver o seu caso no MP, primeiro. Por enquanto, tente se manter viva e em segurança.

Ele me dizer isso causou calafrios em mim, e não gostei nem um pouco dessa sensação.

A conversa com Serrano não me deixou tão esperançosa como achei que seria. Mas pelo menos eu tinha um plano a seguir, para tentar solucionar meus problemas, ou quase.

Quando chegamos à porta, Fabrício parou à minha frente e segurou minha mão, colocando-a entre as dele.

— Sei que parece difícil — disse ele, tendo calor em sua voz — Mas fique bem e em segurança.

— Isso sou eu que cuido... — rosnou Leonardo — Doutor.

Senti o peito de Leonardo encostar-se a minhas costas, e logo em seguida sua mão prender firmemente minha cintura, num gesto mais do que protetor, mas

possessivo e ciumento.

Nós iríamos precisar trabalhar sobre isso, também.

Eu esperei estarmos na segurança e privacidade do carro, para enfrentar Leonardo. Não estava realmente brava com ele pelo ciúme bobo, pois eu possivelmente reagiria com ciúmes e seria territorial se o visse perto de Érica, ou alguma outra mulher bonita e atraente. O problema era que ficar comigo colocava em risco sua carreira. E enquanto eu estivesse sob investigação e ele ainda encarregado de me proteger, nossa relação era publicamente proibida.

— O que foi aquilo lá dentro? — coloquei o cinto, e Leonardo começou a dirigir.

— Aquilo o quê?

Ele olhava para frente. Quem olhasse a distância, se conseguisse através do vidro escuro, diria que estava descontraído e concentrado na direção. Mas eu via claramente o maxilar rígido e os dedos apertando fortemente a direção.

Era uma dinamite prestes a explodir.

— Parecia que daria um murro no Fabrício a qualquer momento.

— Fabrício? — ele desviou o olhar da rua e olhou para mim rapidamente — Estamos evoluindo.

Bufei e respirei fundo, buscando paciência em algum lugar dentro de mim.

— Pelo amor de Deus, Leonardo! — Será que ele não conseguia ver como estava sendo absurdo? — Ciúmes dele?

Ele soltou um xingamento baixinho e levou o carro para uma rua menos movimentada e sem saída. A tarde começava a cair e o céu já exibia um tom alaranjado escuro.

— Por que não disse a verdade sobre a gente, quando ele perguntou? — Indagou ele, os olhos em chamas focados em mim.

— Sério? Que tínhamos transado?

Ele grunhiu e me puxou para o colo dele. Sua mão afastou meu cabelo, segurando meu rosto em seguida.

— Estamos transando — disse ele, um tom de desejo em sua voz.

Estremeci quando me acomodou melhor em seu colo e eu senti sua ereção. Como... Como ele podia ficar excitado, quando estávamos no caminho de uma discussão? E o mais surpreendente, como ele conseguia me fazer sentir tesão sobre isso?

— Mas nós...

— Transamos a última vez no meu apartamento? — Perguntou ele, esfregando o rosto no meu pescoço — Parece uma eternidade. Não teve um dia

em que eu não tenha sonhado em ter o meu pau novamente na sua boceta.

Ele arranhou meu pescoço com os dentes, e sua língua tocou em um ponto sensível em minha orelha. Era de homens como Leonardo que eu queria. Não... era Leonardo que eu precisava. Pura e simples espécie masculina. Às vezes até rude, mas que dizia sentir saudade da minha boceta, com a mesma naturalidade que Fabrício diria que meus olhos eram bonitos.

Era muito errado fazer comparações, ainda mais com um homem que eu nem conhecia, mas não conseguia evitar. Para mim, ninguém chegava aos pés de Leonardo.

— Também senti saudade — murmurei, quando ele abriu dois botões da minha blusa e, apressado, estourou o último.

Sua boca reivindicou meus mamilos. Pendi a cabeça para trás, dando-lhe mais acesso aos meus seios. A mão de Leonardo desceu pelo meu corpo, acariciou minhas pernas e foi se introduzindo pela minha saia até alcançar minha calcinha, onde ele friccionou os dedos em minha boceta, que ao seu toque e forma deliciosa que se fartava dos meus seios com a sua boca, começou a ficar molhada.

Eu me remexia em seu colo, gemendo, a respiração ofegante e completamente desnorreada. Embriagada no mundo de sensações que Leonardo despertava em mim.

Senti seus dedos entrando em minha calcinha, depois dois deles dentro de mim. Os movimentos começaram lentos e em seguida foram acelerando. Ele abandonou o meu mamilo que estivera chupando e foi à procura dos meus lábios.

Meus dedos enroscaram em seus cabelos, puxando seu rosto mais para mim, e logo estávamos em um beijo furioso e apaixonado. Leonardo fodendo minha boceta com a mão, e minha boca com sua língua.

Como eu sentira saudade disso. De me sentir desejada, amada, felina.

Desesperada, e com as mãos trêmulas, abri alguns botões de sua camisa. Passei a explorar o peito másculo e senti seu coração acelerado pulsando sob minha mão. Guiada por seus grunhidos, desci um pouco mais, delirando ao tocar seu abdômen trincado. Leonardo soltou um gemido rouco quando, após abrir o cinto e ter desfeito o botão de sua calça, peguei seu pau enrijecido em meus dedos, ansiosos por tocá-lo. Ficamos assim, acariciando um ao outro, trocando beijos apaixonados, até o desejo extrapolar os limites.

Ele tirou um preservativo do bolso. Peguei o pacote das mãos dele. Eu mesma queria fazer isso. Via algo de erótico no deslizar do látex pelo seu membro duro, que logo estaria dentro de mim, me dando o maior prazer do mundo.

Mordi o meu lábio antes de levar a embalagem à boca para rasgar o lacre.

— A gente não deveria fazer isso — murmurou ele, afagando os meus cabelos — Não me refiro ao sexo, mas aqui. Na rua.

— Por que não? — indaguei, segurando seu pau com firmeza enquanto começava a embalá-lo.

Leonardo acompanhou meus movimentos com um olhar afogueado.

— Não é seguro — disse ele, com uma voz abafada quando, após terminar minha tarefa, acariciei suas bolas, disposta a provocá-lo. Levá-lo ao limite.

— Mas foda-se! — Grunhiu ele, agarrando minha cintura, fazendo-me levantar.

Só teve tempo de ele afastar minha calcinha para o lado, antes de me ter deslizando pelo seu pau. Arfei ao sentir a cabeça inchada entrar, e logo estava empalada por ele.

Estava sentada de lado, em seu colo, minhas coxas unidas. A posição fazia com que minha boceta ficasse ainda mais apertada ao redor de seu pau rijo. Eu sentia cada centímetro de Leonardo dentro de mim, me fodendo.

Segurei o banco onde ele estava sentado, e ele cravou sua mão em minha cintura, impulsionando seu quadril contra mim, ajudando-me a cavalgá-lo.

— Aimm... — agarrada ao banco, impulsionava contra ele, que socava mais duro e forte dentro de mim — Leo...

Sentia seu pau deslizar gostoso, para dentro e fora de mim. Nesse momento, eu emitia gemidos e pedidos desenfreados e desinibidos. Desejava gozar, mas era tão boa a forma que ele me fodia, que parte de mim, uma parte insana, queria que essa sensação maravilhosa durasse para sempre.

Suas bolas batiam contra minha bunda, e ele me puxava para baixo com mais força. A cada estocada dura, meu prazer aumentava um pouquinho mais. Era enlouquecedor, quase no limite do insuportável.

— Quer gozar, gostosa?

— Quero! — praticamente implorei isso.

Levando-se em conta de como ele gostava de me provocar e prolongar meu prazer, fazendo uma pequena tortura deliciosa, não sei se foi bom admitir isso.

Leonardo agarrou minha perna, afastando-a uma da outra. Dobrando meu joelho, colocou o meu pé sobre o banco.

— Senta no meu pau! — Ele ordenou, em um pedido rouco.

Enquanto eu saltava em seu pau, os dedos dele caíram em meu clitóris e começaram a esfregar o pontinho duro, que começou a inchar. A outra mão apertava minha bunda, ajudando-me a me movimentar. Ele beijava meu pescoço e sussurrava como amava foder minha boceta.

— Ohhh... isso! — rugiu ele — Assim... Aí, caralho!

— Ai, Leonardooo... aaí... — eu já estava fora de mim, sentando em seu pau e gemendo, ensandecida — Eu vou gozar!

Seus dedos ficaram mais rápidos. Eu ia mais rápido. Sentindo o prazer começar a se construir e aumentar dentro de mim. Gemendo, choramingando, depois gozando muito.

— Ahhh... porra! — Ele gemeu, arremetendo mais forte.

Poderia me partir em duas, que não iria perceber.

Meus braços tremiam, minhas pernas tremiam, e parecia que o prazer apenas se intensificava, estimulado pelas carícias dele. Terminava um orgasmo e parecia que começava outro. Meu corpo soltava espasmos, até que, sem forças, caí sobre o dele. Estava completamente molenga quando ele finalmente liberou o próprio prazer.

Ficamos assim. Os corpos exaustos, suados, observando os vidros embaçados e o carro cheirando a sexo.

— Caramba — disse ele, beijando meu ombro — Gata, você é quente.

Apenas sorri, satisfeita.

— Tudo isso foi saudade? — Indagou ele, um tom um tanto arrogante em sua voz.

— Um pouco de saudade e algo mais.

Ele deslizou o nariz pelo meu pescoço, e sua mão atrevida se infiltrou em minha blusa, procurando meus seios.

— Sabe que eu te devo uma recompensa, por ter me perdoado?

Acariciou meu seio, depois o outro, e logo eu já estava a ronronar.

— Eu nunca fico devendo nada — murmurou ele, girando-me em seu colo.

Ele me inclinou contra o banco de passageiro, até que minhas costas estivessem acomodadas.

— Leonardo... — arregalei os meus olhos e me desesperei — Eu não consigo mais.

Eu havia gozado várias vezes em uma única trepada. Isso era raro. Na realidade, nunca me aconteceu antes, nem mesmo com ele. Toda a minha energia tinha ido embora.

Seja lá o que ele pretendia, eu sentia que não conseguiria ir além.

Mas seus olhos determinados, e principalmente safados, pareciam discordar de mim.

— Consegue, sim. Apenas relaxa e... — sorriu lascivamente para mim quando agarrou meus tornozelos, erguendo meus pés, encaixando-os sobre o banco dele — aproveita.

E só para me contradizer, bastou que ele tocasse em minha boceta, ainda sensível pós sexo, com os dedos, para meu corpo traidor reagir e tremular.

— A recompensa é sua. Mas o presente é meu — disse ele, curvando-se em minha direção, dando tapas em minha vulva inchada, o que fez a minha pele se arrepiar — Deus, eu amo essa boceta.

A combinação que ele fazia da sua boca atrevida, mal-educada e suja, com o que ele fazia com a língua em mim, era uma mistura explosiva.

Minha pele estava em chamas e sensível até mesmo ao toque suave de uma pena. Mas a mão de Leonardo e sua língua talentosa em meu clitóris seguiram implacáveis em mim. Eu literalmente me contorcia e me debatia a cada carícia dele.

Alternava entre chupadas e fodidas com os seus dedos e língua. Eu praticamente não tinha me recuperado do orgasmo anterior, e Leonardo me levaria a um novo a qualquer minuto.

Então ele encontrou o ponto sensível dentro de mim. Eu já havia me tocado antes, eu conhecia aquela zona rugosa que ele esfregava, fazendo meus olhos revirarem.

— Ahhh... — segurei o pulso dele, mas isso não o impediu de continuar — Leo... Leo...Leo...

O que esse homem fazia comigo?

A forma que me virava do avesso era muito difícil de explicar.

Ele continuou a chupar forte meu clitóris e metia seus dedos com habilidade. Eu buscava qualquer coisa em que eu pudesse me segurar. Mas era dentro de mim que tudo parecia ruir.

Caía cada vez mais fundo, gozando de novo, molhando seus dedos com o meu orgasmo explosivo. Tão potente e intenso quanto os anteriores.

Não deve ter durado mais que cerca de alguns segundos, mas pareceu ter durado horas.

Ainda tremia toda, quando meus olhos se abriram um pouco para encontrá-lo.

Ele buscou minha mão, mas o afastei.

— Não... — gemi, fraca. Mais uma dose como essa, e eu certamente teria algo como um derrame.

Não havia uma parte de mim que não estivesse sensível ao toque, acho que até meus fios de cabelo estavam sensíveis.

— Tadinha... — disse ele, antes de se inclinar para beijar os meus lábios — Acho que foi demais para você.

Demais?

O desgraçado, em uma hora, conseguiu recuperar todos os dias que passamos afastados um do outro.

Observei um sorriso pervertido surgir em seu rosto, e em seguida, ele

levar os dedos úmidos aos lábios.

Cretino!

Não havia nem um pouco de piedade em seus olhos. Na verdade, ele se divertia por ter me destruído.

— Vamos para casa — disse ele, me ajudando a sentar e a colocar o cinto.

Eu queria que, ao dizer casa, estivesse se referindo ao apartamento dele. Lá eu sentia como se fosse meu verdadeiro lar, mas esse era um sonho impossível, pelo menos por agora.

Leonardo acariciou meus cabelos e deu um beijo demorado em minha testa, antes de voltar ao seu banco para se arrumar.

Fechei os meus olhos, sonhando com o momento que poderíamos ser livres para viver nossa história intensa, mas repleta de amor. Pois não havia dúvidas, eu amava esse homem como nunca amei outra pessoa em minha vida.

— Leo? — Chamei, começando a sentir o sono e o cansaço me rondarem.

— Hum? — Ele respondeu, atento à estrada dessa vez.

— Eu te amo.

Não esperava uma declaração de amor de volta. E também não me envergonhava de estar admitindo isso para ele. E nem estava sendo cedo demais para dizer. Eu convivi com meu pai desde o nascimento, contudo, não o conhecia, não quem ele era realmente. Eu sentia que conhecia Leonardo, que com ele podia me sentir amada e protegida, e acima de tudo, ele nunca me faria mal.

Então, estava sendo completamente honesta com os meus sentimentos, e isso me deixava mais leve e feliz.

Sorri e peguei no sono sem perceber.

Capítulo 25



Leonardo Valença

Ela disse que me amava.

Eu só tinha escutado isso na adolescência, com as primeiras namoradinhas, e quando os sentimentos pareciam intensos demais.

Sabia que Gisele estava emocionada demais, levada pelo momento quando admitiu isso, mas a declaração fez algo dentro de mim se revirar. Sabia que era verdade. Meu peito inchou de contentamento.

Porra! Homens não deveriam reagir assim. Mas cada vez que a olhava dormindo, tão linda e alheia ao que a declaração dela fez em mim, ficava impossível não reagir como um babaca sentimental.

— Você está completamente ferrado, meu amigo — sussurrei.

A noite já havia caído e algumas estrelas despontavam no céu, quando estacionei na garagem da casa de Gisele.

Eu me permiti ficar um longo momento observando-a dormir. Comprimida contra a porta do carro, a mão apoiada no vidro e a cabeça contra ela.

Indefesa. Imersa em sua inconsciência. Alheia ao mundo cruel à nossa volta. Mundo do qual eu desejava protegê-la a qualquer custo.

Foda-se a Érica!

Foda-se meu emprego!

Foda-se meu chefe, quando descobrisse tudo!

Eu já não me importava mais. Havia me ligado a essa garota de uma forma que eu não conseguia entender, tampouco explicar às outras pessoas. Só sabia

que eu havia caído aos pés dela, em uma queda livre.

“Era loucura”, meditei.

Sorri ao passar os dedos em seus lábios. Tão pequena, mas detinha um poder sobre mim que ela ao menos imaginava.

Desconcertado, freei esses pensamentos melosos e saí apressadamente do carro. Dei a volta, e com cuidado, abri a porta, atento para quando inclinou o corpo em minha direção.

Ajeitei-a em meu peito. Gisele murmurou palavras desconexas, agarrando-se mais a mim como se eu fosse seu travesseiro preferido, ou um cobertor. A sensação de que tinha de protegê-la do mundo todo, se necessário, veio sobre mim de forma esmagadora.

— Santos — cumprimentei o policial na porta, que a abriu para mim — Queda de pressão — disse a ele, para justificar Gisele encolhida em meu colo.

Se ele acreditou? Isso pouco me importava. Sua única função era dar reforço à segurança dela.

— Senhor?

Estava próximo à escada, quando ouvi a governanta me chamar.

Droga!

— Oh, meu Deus! — ela carregava um cesto de roupa, que colocou no chão quando caminhou, apressada, até nós — Gisele? Ela está bem?

Bem? Podia dizer que ela estava maravilhosa, depois de vários orgasmos que teve no carro. Mas seria grosseiro para com a senhora. Então dei a mesma explicação que dei a Santos, na porta.

— Tadinha. Vem enfrentando tantas coisas — disse ela — Vou ajeitar a cama dela...

— Pode deixar que eu faço isso — a interrompi — Sei onde fica o quarto.

Rosana chegou a abrir a boca para protestar. Então olhou para Gisele, agarrada a mim, depois seu olhar encontrou o meu. Se fosse preciso jogar a real com a simpática senhora, então eu faria isso.

— Tudo bem — ela sorriu ligeiramente e voltou a pegar o cesto no chão, seguindo para onde ia antes de nos encontrar.

Subi as escadas, evitando movimentos bruscos que pudessem despertar Gisele. A governanta tivera razão. Gisele vinha passando por tantas coisas, mais do que qualquer jovem na idade dela conseguiria suportar. Recordei de quando perdi meu pai. O momento mais doloroso da minha vida. Ainda assim, a dor da morte foi tudo que enfrentei.

Coloquei-a na cama. Afastei as cobertas, e depois de tirar seus saltos e a saia, mas a deixando com a blusa que usava, a cobri com o lençol. Eu sabia que ela não vinha dormindo bem, devido às olheiras de cansaço em seus olhos, que a

maquiagem que usava pouco conseguia cobrir.

Em uma situação normal, eu deveria dar meu trabalho por encerrado ali. Aliás, eu nem deveria ter feito mais do que a ter colocado na cama, o certo era ter deixado que sua empregada cuidasse dela. Mas essa não era uma situação normal. Nada era normal com a gente.

Então tirei meus sapatos com os meus pés, liberei-me da calça e apaguei a luz, antes de me unir a Gisele na cama.

Abracei sua cintura, e ela procurou o meu corpo, apoiando a cabeça em meu peito. Inalei o perfume suave dos seus cabelos, e abraçando-a mais forte, fechei meus olhos.

Apenas por um momento, pensei.

— Não!

Não foi exatamente o grito angustiado que me acordou. Foi o soco no queixo, ou pelo menos o que acreditei ser um soco no queixo.

— Não, papai! — Olhei, atordoado, para Gisele, que se debatia em meus braços — Me diz... Não vá. Me diz o que é...

Ela resmungava e se debatia em meio ao pesadelo.

— Gisele! — a sacudi suavemente — Gisele, acorda!

Acendi a luz do abajur ao lado dela e voltei a sacudir o seu corpo, tentando acordá-la do pesadelo. Os olhos assustados focaram-se em mim. Levou alguns segundos para se dar conta de onde ela estava e com quem.

— Leo?

Foram poucas as vezes que ela me chamou assim, só agora me dei conta de como apreciava.

— Tudo bem? — passei a mão em seu rosto, afastando os fios de cabelo suados.

— Acho que sim — sussurrou ela, arrastando-se na cama para se sentar, apoiando as costas contra o travesseiro — Foi um pesadelo. Sonhei com o meu pai.

Assenti.

Eu a havia escutado murmurar pelo pai enquanto se debatia.

— Eu queria que ele me dissesse sobre o código. Que me desse uma direção — continuou ela, olhando para a parede em frente a nós — Mas ele apenas sorriu e foi embora.

— Tudo bem — afaguei o ombro dela — Foi só um sonho.

— Não foi só um sonho — ela olhou para mim, encabulada — Preciso te

contar uma coisa. Uma coisa muito importante.

— Espera um pouco — pedi, ao levantar da cama e caminhar até o interruptor de luz.

Agora estava melhor. Parecia que teríamos uma conversa importante. Voltei a sentar ao lado dela e esperei que estivesse pronta para se abrir comigo.

— Eu queria ter te contado logo que soube. Mas como estava muito irritado comigo, eu não sabia se...

Ela baixou os olhos, provavelmente procurando as palavras certas para não me chatear. Segurei o queixo dela com o dedo e a incentivei a erguer o olhar.

— Nada do que me disser vai me deixar bravo, Gisele — disse a ela — Eu sei que agi como um babaca, e você não tinha motivo algum para confiar em mim, mas agora eu preciso que você confie.

Ela suspirou, antes de concordar com a cabeça.

— Quando eu fui depor, exigi falar com o meu pai. Me deram alguns minutos com ele — iniciou ela — Ele pediu perdão por tudo que fez à minha mãe e a mim. Disse alguma coisa sobre ter alguém em minhas mãos, e quando me abraçou, sussurrou BRX-25AL. Ele disse que isso iria manter as pessoas ruins longe de mim.

— BRX-25AL? — indaguei — O que isso significa?

Gisele me encarou, desesperada.

— Eu não sei. Por isso fui naquele dia à AL. Pesquisei no computador. Olhei em todos os livros no escritório do meu pai. Depois no quarto deles e em cada canto desta casa.

— AL, sem dúvida, é a empresa. BR, é algo no Brasil — tentei destrinchar o código para ver se chegávamos a alguma solução — Pode ser uma conta. O código de um cofre. Um depósito. Caixa postal...

As possibilidades, infelizmente, eram inúmeras.

— O que quer que seja, papai não queria que ninguém soubesse — disse Gisele — Nem mesmo o advogado dele. Meu pai confiou apenas em mim.

— E é por isso que você corre perigo. Alguém quer manter escondidas sua identidade e participação nos negócios escusos que seu pai participava.

A merda era muito pior do que eu imaginava.

— Leonardo? — Ela me chamou, assustada — O que eu devo fazer?

Segurei seus braços e a puxei para o meu colo, mantendo-a colada contra mim.

— Você? Nada. — murmurei, apoiando meu queixo em sua cabeça — Eu vou descobrir o que é isso e quem são esses filhos da puta.

Ela tentou se afastar de mim, mas só permiti o suficiente para olhar em seu rosto.

— Você não pode contar isso para ninguém — ela me suplicou, os olhos começando a marejar — Meu pai não confiava na polícia, em ninguém, na verdade.

Mais do que ninguém, eu sabia que, para cada cinco policias “bonzinhos”, havia um ruim. O Torres era uma prova disso. Havia, sim, muita gente fardada trabalhando do lado inimigo. E quase nunca dava para confiar em ninguém 100%. Por outro lado, passar essa nova informação ao delegado Dias poderia colocar o processo em outra direção.

— Prometa que não vai contar nada a ninguém.

Era angustiante vê-la tão assustada. E isso, além de todas as outras coisas, explicava por que parecia tão exausta e vinha tendo tanta dificuldade para dormir.

— Você confia em mim, certo?

Ela secou as lágrimas banhando suas bochechas e balançou a cabeça em resposta.

— Eu prometo que nunca vou te colocar em perigo. Deixa que eu cuido de tudo.

Dizer que ela ficou tranquila com a minha resposta seria pedir demais. Contudo, o alívio de que eu não deixaria ninguém tocá-la e por finalmente conseguir se livrar desse peso sobre seus ombros, ficou evidente quando pulou em meu peito, me abraçando.

— Eu tenho medo — sussurrou junto a mim — Não quero que você se machuque.

— Não vou me ferir — abracei-a forte e alisei seus cabelos — E, principalmente, não vou deixar que ninguém machuque você.

Ouvi seu choro baixinho. Choro que dividia meu coração. Fiquei muito zangado comigo mesmo, por ter ficado tanto tempo irritado com ela e me mantido longe, deixando-a sozinha enfrentando tanta dor e preocupação.

— Também preciso te falar uma coisa — murmurei, quando o choro se transformou em um pequeno suspirar — Não quero que tenha nenhum segredo entre a gente. Sermos sinceros o tempo todo é o que vai manter você em segurança.

— O que é? — sua voz estava rouca, e mesmo com a seriedade do momento, não consegui evitar de notar como soava sexy e sensual.

Ela toda era sexy e sensual. Desde o rosto vermelho, por ter chorado, aos cabelos levemente bagunçados da agitação do sono. Mas não era o momento para pensar com o meu pau.

— Sobre a Érica.

Notei-a ficar rígida, e novamente tentou se afastar de mim.

— Não quero ouvir falar dessa mulher.

— Mas é necessário — garanti a ela — Como eu te disse antes, confessou que você não teve nada a ver com o plano de nos unir. Mas eu não te disse o motivo de ela fazer isso.

— O que a cascavel queria? — Ela perguntou, emburrada.

Era ciúme, com toda certeza, mas eu sorri ao ouvi-la tratar Érica como eu sempre pensava, como uma cobra peçonhenta.

— Me chantagear.

— Como? — Gisele praticamente pulou em meu colo — Quanto ela quer? Não se preocupe com isso. Eu possuo algum dinheiro no banco e...

— Não é dinheiro que ela quer, Gisele. Ela quer que eu passe informações para ela. Informações que possa publicar em seu jornal.

— Filha da puta! — Depois de xingar, ela saltou do meu colo e começou a andar pelo quarto, irritada — Vagabunda! Meretriz...

Meretriz?

Soava tão antiquado, mas era fofo.

Ainda rindo, joguei os meus braços atrás das costas, sobre o colchão, e fiquei olhando-a andar de um lado para o outro, sem conseguir deixar de sorrir.

— Como você pode achar isso engraçado, Leonardo? — Ela me olhou com fúria, e em seguida seus olhos ficaram marejados — Aquela maldita pode arruinar sua carreira só porque me odeia.

— Primeiro, ela não fez isso porque odeia você, mas para tirar informações de mim, o que tentou há muito tempo. Você só foi um meio para chegar até mim, já que nunca aceitei o dinheiro que me oferecia — disse, a uma Gisele ainda muito furiosa e que não parecia se acalmar com minhas explicações — Segundo, o que posso fazer? Está sexy pra cacete, tentando defender minha honra.

Ela cruzou os braços. Isso fez com que o decote feito pela camisa semiaberta evidenciasse ainda mais os seus seios e diminuísse o comprimento em suas coxas.

Hora de pensar com o meu pau, agora. Afinal, não havia nada que pudéssemos resolver às duas da manhã.

— E o que você pretende fazer? — Perguntou Gisele.

— Foder você.

Ela mudou o apoio do corpo de um pé para o outro, roçando uma perna na outra, e vi que minha resposta atingiu o ponto certo.

— Falo sobre a Érica. — murmurou, com a voz enrouquecida.

Ergui-me da cama e caminhei até ela.

— Por enquanto, o jogo é dela — quando cheguei à sua frente, afastei os cabelos de seu pescoço e esfreguei o nariz em sua nuca, depois dei uma leve

mordida em seu ombro — Henrique cuidará da Érica. Eu cuido de você. Fácil assim.

— Fácil assim? — Ela perguntou, a respiração levemente acelerada, quando introduzi uma mão por dentro de sua blusa e agarrei o seu seio.

— Gisele, sua única preocupação essa noite deve ser quantos orgasmos eu vou te dar — sussurrei em seu ouvido.

Ela ronronou quando suguei o lóbulo de sua orelha e passei a língua em um ponto sensível para ela.

— Leonardo... — gemeu o meu nome, apoiando as mãos em meu ombro.

— Fica parada — estourei o restante dos botões da blusa e em seguida joguei a peça aos seus pés — Mas pode gritar, se quiser.

Não foi exatamente um grito que ela emitiu, quando caí de boca em seu mamilo, mas foi algo bem próximo a isso.

Com a cabeça pendida para trás, as mãos agarradas aos meus cabelos, soltando alguns fios do coque que os prendiam, os gemidos dela preenchiam o quarto.

— Você é tão gostosa — abandonei meus brinquedos favoritos para encontrar os olhos dela — Delicada e gostosa. Uma mistura perfeita.

Afastei-me um pouco para olhá-la apenas com a calcinha de renda. Andei ao redor dela. Minhas mãos percorreram seu corpo, vendo sua respiração ficar mais pesada a cada carícia minha.

Quando parei de rondá-la, pressionei meu peito contra suas costas e a abracei. Então uma doce recordação veio à minha mente.

— Lembra o que me pediu, quando a levei ao meu apartamento, na segunda vez que estive lá? — beijei seu pescoço — Sobre não ser apenas sexo, mas...

Belisquei os mamilos duros e beijei mais uma vez o seu pescoço delicado.

— Sobre fazer amor? — Ela concluiu, com a voz embargada.

— Quer tentar?

Virei-a para mim e pude ver a emoção brilhar em seus olhos. Eu nunca fui muito bom em pensar e agir de uma forma mais emocional e romântica. Gostava de sexo, e sexo para mim era tudo igual. A gente fodia até gozar. Mas aquela vez foi completamente diferente. Apesar de ter sido mais comedido, os sentimentos estavam à flor da pele, foi tanto ou mais intenso do que as outras vezes em que praticamente nos atracávamos um no outro. Foi provavelmente ali que eu realmente me conectei a ela e que comecei a entregar o meu coração.

— É tudo o que eu mais quero — ela sussurrou, baixinho, tocando meu rosto com cuidado.

Segurei seu rosto com as duas mãos e tomei seus lábios em um beijo suave, mas apaixonado. Peguei-a no colo, e ainda nos beijando, fomos em

direção à cama. Nunca tinha sido só sexo entre nós, eu deveria ter notado isso, e via agora que caminhava para algo muito além.

Idolatrei seu corpo com meus lábios, mapeei cada cantinho com minhas mãos, ouvindo os gemidos baixinhos ganharem mais força.

Só quando deslizei suavemente para dentro dela, que notei que não havia barreira alguma.

Eu sempre fui muito cuidadoso, e até mesmo com Gisele, era a primeira vez que íamos sem proteção. E apesar de as coisas entre nós terem começado de forma intensa, não acreditava que foi promíscua antes de mim.

De qualquer forma, era tarde demais para recuar, a menos que ela quisesse.

— Confia em mim?

Ela abriu os olhos, que havia fechado quando comecei a deslizar para dentro dela, e tocou meu rosto.

— Sempre.

Gisele me amava, e confiança tinha muito a ver com amor.

Voltei a mexer o quadril, movendo-me lentamente. Um vai e vem delicioso que fazia meu corpo enrijecer.

— Haaf! — O soluço inebriado escapou dos lábios dela.

Suas unhas cravaram em meu braço, rasgando minha pele, mas era tão bom estar dentro dela que eu não ligava.

Ela gemia, choramingando meu nome, jogando a cabeça para trás. Eu impulsionei um pouco mais. E quando seu ventre começou a ondular, e seu corpo tremer sob o meu, e a boceta agarrar o meu pau, entregue ao prazer, deixei-me ir com ela. Quando a fiz minha, dei uma parte de mim também. Entreguei meu coração a ela, completamente.

Era meu jeito de dizer que a amava.

No dia seguinte, pedi que Henrique viesse à casa de Gisele o mais rápido que ele conseguisse. Por sorte, era seu dia de folga. Pelo trabalho extra cuidando dela, estávamos com nossa escala toda bagunçada, mas, nesse momento, isso contribuía ao nosso favor.

— Isso pode ser qualquer coisa — disse Henrique, assim que fiz um resumo a ele do que Gisele havia me contado.

— Sim, pode — concordei e procurei a mão dela sobre a cama — Mas eu concordo com Gisele. Se descobrirmos o que esse código significa, abriremos a Caixa de Pandora.

— E vamos contar ao delegado!

Isso seria o certo. Com mais gente investigando, a probabilidade de desvendarmos o mistério mais rápido, era muito maior. Acontece que uma coisa sobre o medo de Gisele tinha fundamento: também havia muito mais chances de termos um traidor entre nós e a informação vazasse.

— Por enquanto, não.

— Leonardo!

Henrique não parecia nem um pouco contente com a minha decisão. Eu conseguia entender, e não ficava nem um pouco chateado. Olhando pelo ponto de vista dele, ele estava certo. Com toda a equipe, eu possuía muito mais recursos para solucionar o problema logo. Só que, para mim agora, era mais do que um trabalho. Era mais do que uma garota importante para o nosso caso, a quem fui enviado para proteger. Agora eu cuidava de alguém importante para mim. A mulher que eu amava. Eu não colocaria sua vida em risco pelo sucesso da operação.

— Não posso deixar que a informação vaze, antes de descobrirmos o que é — puxei Gisele para o meu colo, abraçando-a — É a vida dela em jogo, Henrique. E nada, ou ninguém, pode tentar machucá-la.

Henrique não demonstrou surpresa com a intensidade de minhas palavras e a determinação em meu rosto. Ele tinha cantado a música em relação aos meus sentimentos por Gisele, antes mesmo que eu admitisse para mim mesmo.

— Entendi — disse ele, olhando de mim para Gisele em meu colo — Mas é mais trabalho para a gente, você sabe.

Sorri, agradecendo por ele entrar nessa comigo.

— E quando é que não tivemos sempre muito trabalho? — perguntei, sorrindo.

— Provavelmente nunca. Mas a gente tem que se organizar — disse Henrique — Eu cuido da... — ele pigarreou antes de continuar — jornalista e te ajudo a saber sobre essa nova pista.

Com a menção de Érica, senti Gisele se retrair em meu colo. Mas não havia como não trazer a desgraçada para a conversa. A mulher estava me pressionando.

— Você verifica aquele assunto do seu pai e também investiga sobre BRX-25AL.

Gisele girou em meu colo, com os olhos arregalados para mim:

— Seu pai?

Queria evitar esse assunto com ela, mas acertamos de não haver mais segredo entre a gente. E em parte ela já sabia, pois fora ao meu encontro com o ex-parceiro do meu pai. Não havia muito o que esconder.

— Eu coloquei um cara para vigiar um policial que suspeito estar envolvido

com a morte do meu pai — disse a ela, passando a mão em sua perna, esperando que isso a fizesse se acalmar — Desconfio que Torres esteja envolvido com um cartel de drogas. Se eu conseguir provar isso, consigo saber a verdade sobre o meu pai.

— Por que isso? Por que não deixa como está? — A angústia na voz dela era muito parecida com a da minha mãe.

Preocupação.

— Não posso, Gisele.

— Mas e se você descobrir que seu pai...

Ela não precisou terminar. Essa possibilidade passava por minha cabeça todos os dias, fazendo que eu perdesse o ar somente em pensar. Meu pai não teria traído toda uma corporação a quem ele havia jurado lealdade. Nem a um filho que o amava incondicionalmente.

— Acha que não pensei sobre isso? — Eu estava zangado, mas não com ela — Mas eu preciso saber. Escuta, você não quer provar sua inocência? Eu quero descobrir a verdade sobre o meu pai.

— Leonardo...

— Sei o que vai dizer, Gisele, os pais da gente às vezes nos decepcionam. Sei que amava o seu pai, mas eu idolatrava o meu.

Nós tivemos desentendimentos, como qualquer pai e filho, principalmente na adolescência, onde eu queria começar a me firmar. Mas eu amava e respeitava meu pai acima de tudo. E queria ter podido dizer mais vezes a ele o quanto o amava.

— Estou aqui hoje, fazendo o que faço, por ele. Que nunca quis que eu seguisse esse caminho, mas é a minha forma de me sentir mais conectado. E agora eu vejo que era porque deveria buscar a verdade. E vou atrás dela.

Ela soluçou, e comecei a secar as lágrimas caindo de seus olhos.

— Eu não quero ver você machucado.

O mais provável era que me visse morto, mas eu não iria destacar isso e assustá-la ainda mais.

— No meu trabalho, isso é quase que inevitável, meu amor — disse a ela, e abro um sorriso bobo — Ser mulher de policial é tão ruim quanto de um bandido fodão.

Senti o tapa arder em meu ombro. Preferia vê-la zangada comigo do que aterrorizada de preocupação. Gisele já tinha muita coisa para trabalhar em sua cabeça, não precisava das merdas que eu trazia na bagagem.

— Não brinca com isso, Leonardo!

Ainda rindo, busquei os lábios dela. O beijo despretensioso logo ganhou mais força e intensidade. E só me lembrei que Henrique ainda estava no quarto,

quando ouvi seu insistente pigarrear.

— Desculpe, Henrique.

Foi Gisele a se lamentar. Para mim ele deveria ter sacado a deixa e ter caído fora, nos dando privacidade.

— Então vocês estão...

— Juntos — concluí por ele.

— Certo... — ele balançou a cabeça e alisou o queixo com os dedos — Mas você sabe que ela ainda é filha do senador Alencar e todo o resto.

Todo o resto era: o pai dela foi um filho da puta corrupto, Gisele ainda estava sob investigação, fui designado para fazer a proteção dela e não fodê-la em sua própria cama, e se meu chefe descobrisse isso, eu estaria completamente ferrado.

— Eu ainda não sofro de amnésia — resmunguei.

— E o que vai fazer?

Olhei para Gisele. Acho que ela não iria curtir muito a minha sugestão, mas eu não conseguia ver outra solução imediata.

— Manter isso em segredo — levei a mão dela aos lábios antes de continuar — Não é que você seja meu segredinho sujo. Mas se descobrirem sobre nós, o mínimo que pode acontecer é me tirar da operação. E agora, mais do que nunca, eu tenho que estar a par de tudo.

Eu queria ter a liberdade de andar de mãos dadas com ela na rua e poder beijá-la quando e onde quisesse, mas manter Gisele segura e procurar as provas que poderiam inocentá-la de qualquer acusação contra ela, sem dúvida alguma era mais importante.

— Henrique poderia passar as informações necessárias, mas nessa altura, acho que teria o mesmo destino que eu.

— Eu entendo. Nunca quis, e ainda não quero prejudicar você — ela disse, sorrindo, depois olhou para Henrique — Nós vamos ser discretos.

— Principalmente perto do Miguel — ao ouvir Henrique citar o desgraçado, meu corpo já reagiu em protesto — Sério, Leonardo. Eu conheço você. Não dá bola fora bancando o ciumento.

— Quem disse que eu sou ciumento? — perguntei, ofendido — Ainda mais com o Miguel.

Ambos olharam para mim, com ar debochado e questionador. Ok. Talvez eu fosse um pouquinho possessivo, mas ciumento, não. Pessoas ciumentas eram pessoas inseguras. Eu só não gostava que tocassem no que era meu. E isso poderia ser taxado apenas de possessivo e egoísta.

— O Miguel me irrita e não confio nele — olhei de Henrique para Gisele — Isso não tem nada a ver com ciúmes.

— Ham-ham... Como vão fazer é trabalho de vocês — disse Henrique ao se levantar, e suas últimas palavras foram direcionadas a Gisele: — Controle o seu homem. Graças a Deus, eu posso passar esse fardo adiante.

Enquanto Gisele ria, eu procurava algo que pudesse arremessar contra ele, mas quando encontrei o travesseiro, Henrique já saía, e minha arma improvisada apenas atingiu a porta fechada.

— Eu não sei como consegui ser amigo dele por tanto tempo — disse, caindo na cama.

— Não tenho muita certeza — gracejou ela, deitando ao meu lado — Acho que pode ser porque você o ama.

Não havia como negar isso. Eu amava mesmo aquele imbecil.

A parte que eu mais odiava, em manter minha relação com Gisele escondida, era ter que deixá-la com Miguel. Isso fodia com a minha cabeça, principalmente quando eu me lembrava que ele tinha interesse nela. Talvez eu fosse mesmo um pouco ciumento, mas como eu poderia evitar, com o mané o tempo todo deixando claro que não perderia qualquer oportunidade de dar em cima dela?

Então eu tinha que fazer o impossível para me manter focado no trabalho e não pensar sobre os dois juntos, por dois longos e angustiantes dias. E foi um alívio ter recebido uma mensagem de Castor, pedindo que encontrasse com ele em seu escritório.

Percebi que a porta estava entreaberta, quando avancei no corredor, e notei que a sala estava em completa penumbra quando entrei. A única iluminação vinha da claridade da janela.

— Não posso mais fazer o que você me pediu — ouvi sua voz vindo das sombras, na mesa — Aqui está parte do seu dinheiro de volta e tudo o que consegui investigar.

— Eu não quero o dinheiro de volta! — esbravejei — Você quer mais grana?

Isso iria mexer com todas as minhas economias. Eu havia acabado de quitar meu apartamento e pretendia trocar de carro, mas gastaria cada centavo em minha conta para conseguir provar a inocência do meu pai e colocar Torres atrás das grades. Perder a ajuda do Castor agora ferrava com tudo. Gisele era o foco da minha preocupação agora.

— Não é nada pessoal, garoto — disse Castor, e acendeu a luz em cima da mesa dele — A operação foi comprometida. O cara é safo, me descuidei e ele

percebeu que o seguia.

Mesmo com a pouca iluminação, pude notar o rosto de Castor bastante detonado: o olho esquerdo quase fechado, o nariz inchado e os lábios destruídos. Fizeram um belo trabalho com ele.

— Não é nada pessoal, você pode ver — disse ele, em um tom amargurado — Eu teria um enorme prazer em te ajudar a pegar o desgraçado, mas agora me tornei inútil. Tem um cartão no envelope. É de um conhecido. Ele não é muito confiável, infelizmente. Vai para o lado que o paga mais, então, tenha mais cuidado dessa vez.

No começo, não fui muito bem com a cara do Castor. Mas agora podia notar que, embora trabalhasse fazendo as coisas de forma não muito legal, ele ainda guardava integridade dentro dele. Não conhecia sua história direito, mas sabia, por Henrique, que ele ajudava pessoas como eu a resolver seus problemas, quando não podiam contar com a justiça.

— Tudo bem — peguei o envelope em cima da mesa — Eu entendo, e obrigado.

— Se ajudar, eu não falei nada sobre você. Disse que fui contratado por um traficante rival ao que ele faz negócios, mas que eu não sabia quem era.

— Acha que ele acreditou?

— Não sei dizer. Sinto muito — murmurou ele — Tenho cuidado, sim?

Assenti e saí da sala dele. Esperei até chegar ao meu carro para abrir o envelope.

Havia relatórios, com fotos de cada passo de Torres. A que mais me interessava o mostrava em um beco, recebendo um pacote de um cara, que estava rodeado de outros homens com armamento pesado. Infelizmente, a noite e a falta de iluminação protegeram o rosto do homem que entregava o envelope, provavelmente contendo dinheiro para Torres.

Isso serviria para tentar abrir um processo contra Torres, mas ele poderia facilmente alegar que estava investigando algo. Eu precisava de algo mais concreto. E, no momento, a única coisa que eu poderia fazer era recuar. Se Torres descobriu que alguém estava investigando-o, sem dúvida alguma meu nome seria o primeiro em sua lista. Além de se recolher, o desgraçado ficaria no meu pé. E ficar no meu pé colocava minha família e até mesmo Gisele no radar dele.

Eu precisava agir para protegê-las.

— Tio Fábio?

Ele era irmão do meu pai. Se formou em Medicina, e como havia se casado com uma inglesa, passava um tempo na Inglaterra e no Rio de Janeiro, onde fixou residência após se formar. Ele e a esposa viviam engajados em ações

humanitárias e tinham acabado de retornar da África, onde participaram de uma missão do Médicos sem Fronteiras.

— Leonardo? Há quanto tempo! Tudo bem com você, garoto?

Sorri ao ouvir a voz dele ao telefone. Para o meu tio, eu sempre seria um garoto. Não importava que no ano passado houvesse subido um dos morros mais perigosos do Rio, para ajudar o amigo da mulher dele a resgatar uma brasileira, por quem ele era apaixonado, das mãos de um traficante.

— Estou bem, mas, tio, preciso da sua ajuda — raramente incomodava meu tio com alguma coisa, então o silêncio que se fez do outro lado da linha significava que ele entendia a gravidade do meu problema.

— Fala, filho.

Agatha e ele não tiveram filhos, então os dois sempre me trataram como um. Eu não queria levar esse problema a ele, mas ele possuía dinheiro e meios para deixar minha mãe e Íris seguras.

— Eu gostaria que mamãe e a Íris ficassem um tempo com você.

Ouvi seu suspiro profundo, antes de ele perguntar: — É por causa do seu trabalho?

— Por causa do meu pai.

— Tudo bem. Ajeite tudo e as mande para cá.

O legal do meu tio é que ele não ficava perguntando as coisas.

— Obrigado, tio. — Respirei, aliviado.

— Leonardo? — ele chamou, antes que eu desligasse — Toma cuidado, meu filho. Não podemos perder você...

Eu ouvia isso de todo mundo. *Toma cuidado, Leonardo*. Eu faria o possível para sair ileso de tudo, mas algumas coisas simplesmente não estavam em minhas mãos.

Agora, meu novo problema seria convencer mamãe e Íris a irem para a casa do meu tio, no Rio de Janeiro. Acontece que eu precisava, teria mais paz de espírito sabendo que elas estariam longe das ameaças que pudessem vir de Torres. Isso era uma grande reviravolta em meus planos. Mas era tudo o que poderia fazer agora.

Capítulo 26

Roberto Torres

O desgraçado do filho do Valença estava de olho em mim. O que ele não sabia, ou era burro demais para ter se dado conta, era que eu estava a um passo a mais na frente. Descobri sobre o projeto de detetive dele, depois que Josefa conseguiu implantar uma escuta na sala deles, sem que nem ele e seu amigo imbecil percebessem.

Ah, a querida Jô. Eu estava cansado de bancar o namorado apaixonado com ela. Não importava o quanto eu a embebedasse, a mulher simplesmente não abria a boca. Não para dizer o que realmente me interessava. Até cheguei a drogá-la, uma ou duas vezes, sem sucesso algum. Então tive que partir para medidas drásticas.

Levei-a até a casa de um amigo, que estava passando alguns dias fora da cidade, e com a ajuda de dois Zé droguinhas, que às vezes faziam trabalhos para mim, contei a real sobre mim e o porquê de ter me aproximado dela. Na real, deveria ter agido assim desde o início. Uma mulher apavorada era muito mais obediente que uma apaixonada. Teria economizado tempo para descobrir o que Leonardo pretendia comigo e que o filho da puta havia colocado um cara para ficar 24h no meu pé.

Claro que eu fingi acreditar que ele foi contratado por outra pessoa. O jogo de gato e rato consistia em caçar o inimigo e pegá-lo de surpresa. Deixaria Leonardo na dúvida, até poder dar o meu próximo passo. E já sabia como e quem me levaria até ele.

— Tem certeza de que quer apagar a mulher? — Indagou Cicatriz.

O cara tinha uma cicatriz, que ia do nariz à orelha. Era assustador até para mim. E a especialidade dele era arrancar o mal pela raiz. Eu raramente usava os serviços dele, por dois motivos: um, porque era caro, e outro, porque normalmente conseguia me livrar dos problemas antes de chegar a esse nível.

— Ela sabe muito.

Ele concordou, coçando a cicatriz.

— As crianças?

Seria muita crueldade deixar os remelentos, sem pai, órfãos de mãe também.

— Apaga todo mundo.

— Isso inclui mais 30% do acordado.

Eu já esperava por isso.

— Entrego o dinheiro na finalização do serviço.

Pelo olhar descontente que me deu, não ficou nada satisfeito com minha sugestão.

— Não é como se eu fosse fugir de você, porra! Ainda temos negócios a tratar.

— Ok. Você teria que ser muito burro para tentar me passar para trás.

Dar uma de esperto com Leonardo era uma coisa. O cara era idealista. Acreditava em justiça e toda essa coisa de ética. Tentaria sempre fazer tudo de forma limpa. Eu, no lugar dele, com sede de vingança, enfiaria uma bala na testa do infeliz e resolveria tudo. Essa era a diferença entre nós.

Agora, Cicatriz e o Portugal, chefe do cartel de drogas, eram pessoas que eu nunca me atreveria a tentar passar para trás.

— Cicatriz? — Chamei, antes que saísse do meu carro — Lembre que tem que parecer um acidente. Não quero a porra da Federal no meu pé.

— Sei muito bem como fazer meu trabalho.

O desgraçado sabia mesmo. Entre todos os assassinos de aluguel que eu conhecia, Cicatriz era um dos melhores.

— Depois disso, seguimos com o plano 2.

— Trazer a mulher até você — disse ele — Viva ou morta?

— Tanto faz. Só quero atrair o ratinho até a ratoeira.

O destino de Leonardo já estava escrito e assinado por mim.

Capítulo 27



Leonardo Valença

Tinha chegado o momento de confrontar minha mãe. Eu odiava ter que colocá-la nessa situação, de fazê-la lembrar de episódios doloridos de seu passado, mas não havia outro jeito. A vida dela e a da minha prima poderiam estar correndo perigo.

Estávamos em sua cozinha, os três. Íris preparando o café e minha mãe sentada à mesa, de frente para mim, a cabeça voltada para o chão. Não havia soluços ou murmúrios de lamentações, mas eu sabia que ela chorava de forma silenciosa.

— O que você sabe sobre o Torres, mãe?

Seus olhos marejados focaram nos meus. Eu não recuei, mesmo que por dentro minha vontade tivesse sido essa. Não. Eu já havia ido longe demais para desistir.

— Seu pai sabia que aquele homem não valia nada... — disse ela, com a voz trêmula — Eu nunca consegui gostar dele. A forma que me olhava...

Ela estremeceu. Saber que Torres tivera qualquer interesse em minha mãe me deixava enjoado. Aquele canalha nunca tocaria em um fio de cabelo dela, enquanto vivesse.

— Silvio o alertou para tomar cuidado com ele... — ela tentou enxugar as lágrimas que teimavam a descer pelo seu rosto — Roberto Torres estava envolvido com o crime organizado. Ele avisava o chefe do cartel quando e onde a polícia faria operações. Facilitava a entrada e saída das drogas e, bom, você deve saber esses detalhes melhor do que eu. O seu pai queria acabar com o

esquema dele, mas...

Não era preciso concluir. Torres tinha armado para o meu pai, e eu só queria saber se foi ele mesmo que apertou o gatilho.

— A gente tentou avisar, que fingir fazer jogo duplo com o Roberto Torres não daria certo. Quer dizer, seu pai foi honesto a vida toda, como do nada ele cairia nessa? Mas ele usou você como desculpa. Lembra que iria entrar naquele negócio, com seus amigos da faculdade?

Assenti, e tudo começou a clarear em minha cabeça.

— Seu pai nunca quis que você entrasse para a polícia. Ele queria que você tivesse outro futuro — continuou ela — Então ele usou isso para convencer o Torres. De como sentia orgulho de você. O filho engenheiro. Ele queria te ajudar a abrir essa empresa. A entrar no negócio...

— Mamãe, o papai não estava realmente pensando em aceitar esse dinheiro, estava?

Ela me encarou, horrorizada.

— Nós não demos duro a vida toda, para que tivesse uma boa educação, para que no final seu pai se corrompesse, Leonardo — retrucou ela, ofendida que eu colocasse em xeque a honestidade do meu pai — Seu pai nunca se venderia, nem mesmo por você. Ele só queria enganar o Torres. Fazer que confiasse nele. Achou que estava fazendo isso, mas o interesse do Roberto era outro.

— Estava em você?

— Deixou isso claro no velório do seu pai.

Filho da puta!

— Por que não me contou, mamãe? — exasperei-me.

Ela se encolheu, e tentei manter minha calma.

— Ele é um maluco desgraçado, que matou o meu marido. Me prometeu uma vida de luxo que seu pai nunca conseguiu nos dar. Como se eu me importasse com isso. Como se o que ele fez não tivesse importância — disse ela, entre soluços e novas lágrimas — Ele matou o homem que eu amava. E mataria o meu filho. Porque eu tenho certeza que você buscaria vingança, como deseja agora. Eu não podia te perder também, não suportaria. É tudo o que me restou, uma parte do seu pai que ficou comigo...

A minha vontade era erguer da cadeira e ir imediatamente até Roberto Torres e fazê-lo pagar por tudo o que fez, não só ao meu pai, como a toda a minha família. Fazer isso com as minhas próprias mãos. Mas isso seria pouco. Roberto merecia mofar na cadeia, até seus últimos dias de vida.

— Tudo bem, mamãe — caminhei até ela, abraçando-a — Não concordo por ter escondido a verdade de mim. Mas eu consigo entender. Só não me peça para parar, porque não vou. Roberto Torres terá o que ele merece.

Depois de acalmá-la, expliquei a ela e à minha prima que precisavam passar algum tempo no Rio, com meu tio Fábio, para a segurança delas.

Nenhuma das duas ficou contente com isso. Minha mãe, porque tinha a vida tranquila em Sorocaba, e Íris porque não queria se afastar do noivo. Mas ambas entenderam que, para eu ter paz de espírito e terminar o que havia começado com Torres, precisava ter certeza de que ficariam bem.

Ficou combinado que elas organizariam todas as coisas que precisavam antes de viajarem. O noivo de Íris as levaria até São Paulo, para que as duas ficassem comigo em meu apartamento, enquanto terminava de resolver tudo com meu tio e a esposa dele.

A parte mais insuportável nos turnos que fazíamos, pela segurança e proteção de Gisele, era quando eu tinha que dar lugar ao Miguel. Estava tentando manter a calma, para não levantar ainda mais as suspeitas dele, mas cada dia ficava bem mais difícil, principalmente agora que Gisele e eu tínhamos finalmente nos entendido.

— Aquele dia, no jantar, você disse que gostava de comida japonesa — disse Miguel, ao entrar na sala, que era onde estávamos aguardando a chegada dele, ela no sofá e eu no chão, com o computador nos joelhos — Ah, ainda está aqui, Leonardo?

Fechei o notebook, antes que o olhar dele caísse sobre o que estávamos pesquisando.

— Eu só posso ir embora quando você chega, não é mesmo?

— Bom, eu já cheguei e você pode ir — disse ele, me dispensando como se eu fosse algum garoto à mercê das ordens dele.

— Como estava dizendo... — ele sorriu e levantou as sacolas para Gisele — Comida japonesa.

Nem fodendo iria sair com o rabinho entre as pernas, enquanto ele teria um jantarzinho romântico com ela.

— Adoro comida japonesa — levantei, e para a surpresa de Miguel, peguei uma das sacolas em suas mãos.

Uma grande mentira.

Eu odiava a mistura doce com salgado, os molhos, peixe cru, então, nem sonhando. Sou mais do tipo que aprecia um bom churrasco.

— E a gente estava morrendo de fome — finalizei, sorrindo.

— Eu não me lembro de ter convidado você, Valença — bufou Miguel — Além disso, seu turno já acabou.

— Então... — cocei minha têmpora e fiz a melhor cara de inocente possível — Eu estava falando com a Srta. Alencar, agora há pouco. Assim, minutos antes de você chegar, não foi?

Olhei para Gisele que, diferente de mim, não parecia saber atuar muito bem.

— É... — disse ela, mexendo a cabeça com mais veemência do que o necessário, enquanto esfregava o pescoço, nervosa — A gente estava conversando, sim. Bastante, nós, é...

— Eu contei a ela o que aconteceu no meu apartamento. Poxa, cara, uma merda. Dedetização — olhei duramente para ele, antes de continuar: — Baratas.

— E o que eu tenho a ver com isso? — o descontentamento dele só parecia aumentar.

Eu queria rir, mas precisava manter a seriedade do momento.

— A Srta. Alencar gentilmente me cedeu um dos quartos de hóspedes, lá em cima. Eu disse que podia ir para um hotel, mas ela insistiu tanto— coloquei minha mão sobre o ombro dele, como um bom companheiro faria — Mas veja pelo lado bom. Você conseguiu reforço e vai poder ver TV à vontade, se quiser.

— E o Henrique? — ele rangeu os dentes — Por que não fica na casa dele?

— Namorada nova — disse a ele — E você sabe que o empata foda aqui não sou eu.

Peguei o restante das sacolas de um Miguel irritado, soltando punhais pelos olhos.

— Vou ajeitar na cozinha — disse, ao sair.

Se ele acreditou na minha justificativa, possivelmente não. A menos que, além de um grande babaca, ele fosse burro. E burro era algo que Miguel não era. Mas ele também não tinha como ou porque rebater a história que eu havia inventado, não sem levantar contenda. Então só restava enfiar o rabo entre as pernas e me aceitar ali.

— O que você está fazendo? — Gisele me encontrou assim que coloquei as sacolas na mesa.

— Ajeitando a comida — respondi, abrindo as embalagens de isopor para verificar se havia alguma coisa ali que eu pudesse comer, afinal, eu disse que adorava comida japonesa.

— Não seja idiota, Leonardo — senti o beliscão em minhas costas, um segundo depois — Que história é essa de dedetização? Sua mãe não chegava hoje?

— É. Eu até queria apresentá-la a você, mas o voo dela para o Rio sai amanhã de manhã.

— Contou a ela sobre mim? Sobre a gente?

— Não sobre tudo — não entendia o espanto dela, a surpresa seria se eu não falasse — Apenas que conheci uma garota problemática, que vive tentando me levar para a cama...

— Leonardo!

Sorri. Queria apagar a careta de braveza no rosto dela com um beijo, mas sem chance, com Miguel — provavelmente bufando — e descontente na sala. Então, apenas dei um rápido e leve aperto em seu queixo e uma bitoca rápida em seus lábios.

— Eu só disse que conheci uma garota e que logo iria apresentar a ela. Não fica chateada, mas minha mãe tem muita coisa na cabeça agora.

— Eu entendi, e não estou chateada. Vou adorar conhecê-la um dia — disse ela, sorrindo, mas o sorriso logo morreu quando se lembrou do motivo que a trouxe até mim — Por que mentiu para ele?

Espalmei a mão na mesa e olhei seriamente para ela.

— Está me perguntando isso mesmo? Um jantarzinho romântico, depois um vinho para encerrar a noite e...

— Ciúme, Leonardo? — Ela indagou, incrédula — Não acredito que não confia em mim.

— É nele que eu não confio! — abaixei o tom de voz, quando me dei conta que me exaltei — Se ele colocasse algo no seu copo?

De incrédula, ela ficou apavorada.

Não queria assustá-la, mas de Miguel eu esperaria qualquer coisa. Há drogas que a pessoa não lembra de nada do que fez no dia anterior.

— Acha que ele faria isso? — Sussurrou, alarmada — Mas ele é um policial.

— Tem policiais que conseguem ser muito piores do que muito bandido por aí, e...

Interrompi minhas palavras, quando ouvi alguém se aproximar.

— Vamos comer aqui? — Perguntou Miguel.

Eu poderia ser um bom ator, mas Miguel se provava um digno de Oscar. O tempo que demos a ele, enquanto estivemos conversando, foi suficiente para que voltasse a exibir um sorriso calmo e uma expressão descontraída.

— Se você não se importar — Gisele respondeu à pergunta dele.

Ela estava obviamente muito tensa em relação a ele agora.

Droga!

Deveria ter sustentado o motivo de querê-lo longe dela, apenas porque sentia ciúmes. Eu não queria deixá-la apavorada sempre que Miguel estivesse por perto. Por outro lado, eu não menti sobre as minhas desconfianças. Acreditava mesmo que Miguel seria capaz de algo como drogá-la ou embebedá-

la, para conseguir levá-la para a cama.

Eu já havia escutado que ele fizera algo como isso, com outras garotas, algumas até mesmo da repartição. E enquanto, para a maioria, eram só rumores, para mim, onde havia fumaça, havia fogo. Mas o cara era bom em esconder as próprias sujeiras. Ele seria outro, que um dia eu faria ser pego por tudo o que fazia.

Ninguém conseguia fingir o que não era por muito tempo.

— Se puder me acompanhar, eu vou mostrar onde fica o seu quarto — disse Gisele, algumas horas depois — E mostrar onde fica a roupa de cama.

Miguel resmungou algo, antes de dizer que faria uma ronda pela casa. Eu sabia que estava me arriscando, quando Henrique já me alertara para não fazer isso. Mas a vida era feita de riscos. E eu preferia lidar com a raiva e o despeito de Miguel, do que a dor na consciência de não ter evitado uma tragédia. Porque se Miguel tocasse em Gisele, seria um homem morto.

Miguel era um cara nocivo. Ainda não conseguia entender como meu chefe não enxergava a dubiedade na personalidade dele.

— Nesse armário, as cobertas — disse Gisele, quebrando a linha dos meus pensamentos quando chegamos ao quarto — E nessa gaveta, os lençóis limpos. Na outra, toalhas...

Coloquei-me atrás dela, e quando se ergueu, após fechar a gaveta, preendi seu corpo contra o meu, abraçando-a por trás.

— Deixe a porta aberta quando for dormir — murmurei em seu ouvido, e senti o seu corpo estremecer em meus braços.

— Meu guarda-costas disse que isso não é uma boa ideia — a atrevida teve a audácia de me provocar, lembrando-me sobre isso.

Foi algo que praticamente havia exigido que ela fizesse, sempre que fosse o Miguel cuidando da segurança dela.

As portas deveriam ficar sempre fechadas. As do quarto, do banheiro, da academia, ou seja lá onde ela estivesse.

— Mas a regra, de forma alguma, se aplica a mim — deslizei minha mão por dentro de sua blusa, até finalmente chegar ao seu seio — Concorde?

Acariciei seu mamilo até que ficasse duro. Gisele pendeu a cabeça em meu ombro, soltando um ronronar produzido pelo meu toque. Deixei uma trilha de beijos em seu pescoço, pressionando meu quadril contra sua bunda, esfregando meu pau para que sentisse minha excitação.

Seu corpo voltou a tremer, reagindo. Escorreguei minha mão do quadril para sua barriga e a enfiei por dentro de sua calça e calcinha minúscula. Esfreguei seu clitóris, depois deslizei meus dedos até sua boceta úmida.

— Leo... — gemeu, em um protesto fraco.

Arranhei seu pescoço com os meus dentes. Depois mordi seus ombros, passando a língua em seguida. Belisquei o mamilo duro e introduzi dois dedos dentro dela. A combinação de carícias fez Gisele se contorcer, cheia de tesão, em meus braços.

— Vai deixar a porta aberta? — Sussurrei em seu ouvido.

— Hum-hum — ela gemeu de volta.

— E essa boceta melada também?

— Leonardo...?

Eu a desconcertava quando dizia coisas assim, e era exatamente por isso que tinha tanto prazer em dizer.

— Vai? — insisti, meus dedos fodendo com ela, exatamente como meu pau gostaria de estar fazendo.

— Simm... aí, isso... assim!

Gisele comprimiu as pernas em volta da minha mão. Eu mexia os dedos no ponto exato que sabia que a levaria a gozar.

— Aiiiiii... — soltei rapidamente seu seio, levando minha mão à boca dela.

Continuei fodendo-a, abafando seus gemidos desesperados com minha mão, e no minuto seguinte, ela gozava lindamente, deixando-me ainda mais excitado.

Virei-a de frente. Seu rosto estava afogueado, os olhos embriagados e levemente sonolentos, e ela precisou se apoiar em mim para equilibrar o corpo. Levei os meus dedos à minha boca, lambendo um de cada vez, antes de abrir um sorriso satisfeito.

— Você... é completamente maluco — murmurou ela, sem conseguir segurar o sorriso também — Ele poderia ter entrado...

— É. Podia.

Ela olhou em direção à porta. Eu não desviei os olhos dela.

Sexy pra caralho, depois de gozar.

— Não sei se você tem excesso de confiança ou se tem sorte demais — disse ela, arrumando a roupa antes de caminhar até a porta — Mas obrigada.

— Por te fazer gozar?

— Por me fazer feliz — respondeu ela, com um sorriso tão lindo que, por alguns segundos, me desestabilizou — Por me fazer esquecer um pouco o mundo de merda que eu tenho.

Foi como levar uma pancada no estômago. Não estava esperando uma declaração como essa. Estávamos tão imersos, vivendo essa vida maluca e complicada, que às vezes eu esquecia que nada disso era natural. Gisele merecia uma vida tranquila e feliz, como qualquer garota da idade dela. Tudo o que ela possuía, no momento, era incerteza e medo.

Caminhei até ela em passos curtos.

— Não vai durar para sempre — afaguei o seu rosto — Eu prometo.
Comigo ainda segurando seu rosto, balançou a cabeça e beijou a palma da minha mão, antes de sair.

Acordei com uma mensagem de Henrique.

“Preciso falar com você.”

Droga!

Olhei para o relógio em meu pulso. 6h12. Eu precisava voltar ao meu apartamento para levar minha mãe e Íris até o aeroporto. O voo delas sairia às 9h30.

“Passo no seu flat quando sair do aeroporto.” Enviei a resposta a ele e saí da cama.

— Leo... — Gisele resmungou, ao procurar meu corpo e não o encontrar.

— Vou tomar um banho — beijei os cabelos dela e olhei em volta do quarto, procurando minhas roupas.

Tomei uma ducha rápida, e quando retornei ao quarto, Gisele continuava deitada, mas completamente desperta agora.

— Já vai?

— Tenho que levar minha mãe ao aeroporto — coloquei os sapatos, depois penteei os cabelos molhados com os dedos e preendi-os com o elástico em meu pulso — Além disso, Henrique disse que precisa falar comigo.

— Acha que ele descobriu algo? — Gisele saltou da cama e veio até mim.

— Não sei. Vou até o flat dele assim que puder — beijei rapidamente os lábios dela e segui em direção à porta, sua mão junto à minha — Vai para o hospital hoje?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu ligo para você depois — beijei-a novamente, só que um pouco mais demorado dessa vez — Se for voltar a dormir, tranque a porta.

Ela revirou os olhos, mas sabia que falava sério.

— Assim que souber o que Henrique tem a dizer, ligue para me contar — sussurrou ela, antes que eu saísse sorrateiramente do quarto.

Como previ, Miguel não estava no corredor. Também não estava na sala, e deduzi que estivesse na cozinha, amolando a cozinheira com o café da manhã.

Depois de deixar minha mãe e Íris no aeroporto, após uma despedida emocional das duas, cheguei ao flat de Henrique, quase duas horas depois. A cara dele de ressaca, ao abrir a porta, evidenciava que tivera uma noite bastante agitada, e não conseguia entender o que uma noite de farra para ele poderia

trazer de bom para mim.

— Quer café? — perguntou ele, assim que fechou a porta.

Depois de tomar o café da manhã que minha mãe havia feito, de jeito nenhum eu iria provar a meleca escura que ele chamava de café.

— Não. Qual era a urgência em falar comigo?

Ele indicou o sofá, enquanto se jogava na cama e pegava o celular em cima do travesseiro.

— Érica Gusmão — disse, estendendo o aparelho para mim — Problema resolvido.

Ele bocejou, e eu franzi a testa ao pegar o telefone.

— O que quer dizer?

— Abra o vídeo.

Fiz o que ele disse. As imagens, regadas a música alta e som desconcertante de gemidos — até mesmo para mim — ocupou minha atenção no minuto seguinte.

Soltei um assovio alto. Eu já sabia que Henrique gostava e visitava lugares como aquele, com, digamos, sexo exótico e bem pesado.

Agora, Érica Gusmão?

Isso, sim, era uma bela surpresa.

— Merda! — Joguei o telefone de volta na cama, quando ele apareceu na tela — Porra, Henrique, eu não quero ver o seu pau.

— Queria ver o de outro, ou tem medo de gostar do que viu? — Ele provocou, sorrindo — Sinto muito, mas esse lance de cortar para os dois lados não é comigo. Com todo respeito.

— Engraçadinho! — Resmunguei — Escuta, como você conseguiu isso?

No vídeo aparecia claramente ele fodendo Érica Gusmão. Se as fotos que ela tirou de mim e Gisele podiam ser descritas como eróticas, o pequeno filme que Henrique havia feito deles deixaria qualquer diretor conceituado de filme pornô se mordendo de inveja.

— A picada de cobra é curada com o próprio veneno — disse ele — Ou quem com ferro fere, com ferro será ferido. Poderia citar vários ditados.

— Está dizendo que vai usar esse vídeo para tirar a Érica do meu pé?

— Já tirei, Leonardo — ele pegou um cartão de memória sobre a cabeceira e o jogou até mim — Ela jurou que não há mais nenhuma cópia.

Eu não sabia se estava feliz ou surpreendido. Acho que os dois.

— Isso funcionou mesmo?

— Gusmão quer chegar à TV. É uma naja, mas é ambiciosa. Se isso vazar, adeus algum dia ser âncora de jornal.

Talvez gostar de alguém nos fazia ver as coisas de uma forma

completamente diferente. Não sabia se eu conseguiria ir tão longe por ele, como ele foi por mim.

A quem eu queria enganar?

Se não existisse Gisele e esse fosse o caminho para ajudá-lo, teria feito tranquilamente. Levei mulheres para a cama por muito menos. A diferença era que agora eu amava e respeitava alguém.

Inferno!

Eu havia me tornado o que mais temia, um apaixonado de merda.

— Você transou com ela...

— É. Transei.

— E está tudo bem sobre isso?

— Tranquilo — disse ele, abrindo um sorriso e cruzando as mãos atrás da cabeça.

— E tem certeza de que ela não tem mesmo outras fotos e que não vai tentar se vingar?

— Tem um lance sobre os pais dela, parece que são bem religiosos. O pai de Érica foi major. E ela sempre odiou a Gisele porque era bolsista na escola onde estudavam. No fim, era ambição com um pouco de inveja — disse ele — Érica faria qualquer coisa para chegar onde quer. Fui bem claro com ela: suas fotos vazam, o vídeo dela também.

Ainda estava meio atordoado quando ele entregou a tesoura e disse que eu tivesse as honras para destruir o cartão de memória.

— Você viu?

— Claro que não!

— Henrique?

— Tá, eu fiquei tentado, mas não olhei — ele revirou os olhos — Como se eu nunca tivesse visto uma mulher nua antes. Você precisa trabalhar esse ciúme, Leonardo.

Ignorei o que ele disse. Nenhuma terapia no mundo me convenceria de que era normal meu amigo ver qualquer parte íntima da minha garota.

— Você é maluco, mas agradeço pelo que fez. Será menos estressante correr atrás das outras coisas, sem Érica no meu pé. Aposto que ela ficou brava.

— Mais ou menos — ele riu, com um olhar sugestivo.

— Henrique, não vá se envolver com ela...

— Eu sou vacinado e tenho permissão para dirigir. Também tenho uma arma — ele olhou para o seu pau ao dizer isso — Duas. — Sou adulto, e sei muito bem como lidar com uma vadia como ela.

Bom, ele sabia muito bem que tipo de garota Érica Gusmão era. Diferente dela, que não fazia ideia nenhuma do cara com quem estava mexendo.

— Tenho outra notícia — disse ele — Falei com um amigo que tenho na MP. Passei o código para ele. Eu não disse exatamente o que era, e o cara está me devendo um favor. Antes que você surte, sabe que lá eles têm mais recursos que a gente.

Não dava para discordar sobre isso. Nós já fizemos o impossível para ter alguma informação sobre a pista que Luís Alencar deixara para a filha. Usamos todos os nossos recursos, e o tempo parecia correr contra nós.

— O que ele disse?

— Vai precisar de duas a três semanas.

— Tanto tempo?

— O cara está cheio de trabalho, mas vai fazer o possível, além disso, eu pedi discução. Isso deixa tudo ainda mais lento.

O que faltava, em todos os setores públicos, era mão de obra. Isso acontecia na educação, na saúde, no judiciário. Sempre havia mais trabalho do que gente, e isso sem contar os folgados que faziam corpo mole, porque fruta podre existia em qualquer lugar.

— E sua mãe?

— Deve estar chegando no Rio, agora. O que me deixa mais tranquilo para pensar no Torres.

— Vamos rever tudo o que descobrimos sobre ele e encontrar um jeito de colocar o desgraçado onde merece.

Se grande parte das pessoas tivessem o mesmo senso de justiça que Henrique e eu, o país teria grande chance de ser um lugar melhor.

Por enquanto, a gente fazia a nossa parte.

Capítulo 28

Gisele Alencar

— Você está dizendo que o guardinha transou com a Érica, só para livrar a sua barra e a do Leonardo? — Perguntou Luana.

Guardinha? Se tinha uma coisa que Henrique não era, seria “inho”.

— Fala baixo! — indiquei Miguel, caminhando no outro lado, na varanda.

Achava que não conseguia nos ouvir de onde ele estava, mas precaução nunca era demais.

Depois que Leonardo realmente abriu meus olhos sobre Miguel, eu não conseguia ficar sozinha com ele mais do que alguns minutos. Então eu perguntei a Luana se poderia passar a tarde e a noite na casa dela. É claro que eu não poderia sempre usar minha amiga para me proteger. Alguma hora ela poderia notar que havia algo errado, e a última coisa que eu queria era preocupá-la.

Na verdade, eu só queria ganhar tempo e pensar em alguma justificativa que convencesse o delegado a dispensar os serviços de Miguel, pelo menos no que se relacionava a mim. Algo que tanto Leonardo e Henrique não tiveram êxito ainda.

— Ainda não consigo acreditar, mas foi exatamente isso que Leonardo me disse — disse a ela — O importante é que acho que nunca mais vou precisar lidar com ela. Henrique a fez jurar ficar longe de mim por qualquer motivo.

— Que safado! — retrucou Luana, indo em direção ao bar.

Fiquei bastante tempo fora do país, e muito tempo mantendo minha amizade com Luana apenas através de mensagens de texto e ligações pelo celular. Mas de uma coisa eu sabia, ela não era do tipo que bebia a qualquer hora do dia.

— O Leonardo? — indaguei, quando sentou ao meu lado.

— Não! A menos que ele também tenha transado com ela.

— Bom... — eu odiava ter que admitir isso, mas Luana era minha amiga — Ele transou.

— Diga-me com quem andas e te direi quem é — ela virou o uísque garganta a baixo e começou a tossir, provando minha desconfiança de que Luana não era de beber se não fosse para se divertir na balada, e raramente escolheria algo como uísque — Amiga, você tem o dedo podre para namorados.

— Não. Isso antes de me conhecer. Eu já expliquei, que foi por isso que Érica quis armar para nós dois — defendi Leonardo de suas conclusões precipitadas — E por que você ficou tão zangada pelo que Henrique fez?

Ela balançou os ombros, começando a mexer nas linhas desfiadas do seu

short jeans.

— Porque ele é homem. Safado, como todos eles. Queria levar a vadia da Érica para a cama e só usou você e o Leonardo como desculpa.

— Pois eu achei muito corajoso da parte dele — defendi Henrique — A Érica provou do próprio veneno. O que ela fez com Leonardo, não comigo, porque eu não me importaria, poderia ter arruinado a carreira dele. Eles são como irmãos, e Henrique apenas fez o possível para defendê-lo.

E não era como se Henrique tivesse feito com ela, o que Leonardo alertou que Miguel poderia tentar fazer comigo. Érica havia ficado com Henrique porque quisera. Tinha chegado com os próprios pés na casa de swing, e foi a própria a escolhê-lo, pelo que me contou quando falei com ele ao telefone.

— Ai, Gisele, você não conhece nada dos homens.

— Ah, sim. Estou diante da especialista que nunca namorou com alguém mais do que duas semanas.

Em vez de ficar ofendida, Luana começou a rir.

— Por isso mesmo eu entendo dos homens mais do que você.

— Não entendo por que não gosta do Henrique.

Luana evitava me visitar sempre que sabia que era ele que estava lá. Eu havia notado uma animosidade entre eles desde o hospital, quando pedi que ligasse para ela.

— Ele deu em cima de você?

— Claro que não!

— Então é porque ele não deu em cima de você? Porque eu não estou entendendo você, Luana. Você sempre gosta de todo mundo.

Ela sempre foi mais descontraída, divertida e espontânea que eu. Achei que Henrique e ela se tornariam os melhores amigos do mundo assim que se conhecessem. Os dois eram leves e divertidos. Mas Luana estava sempre de cara fechada, nas poucas vezes que ficava perto de Henrique.

— Eu não gostava do Brian — disse ela.

Isso era verdade. Dizia que ele era sério e frio como uma pedra de gelo. Isso porque ela era da bagunça. E Brian fazia mais o tipo lorde inglês.

— É uma pena. Se você se permitir conhecê-lo melhor, verá que é uma pessoa muito divertida — fiquei animada com a ideia que surgiu em minha cabeça, como a gente fazia nos velhos tempos, tentando formar casais — E talvez...

— Nem vem. Prometi ao papai que levaria a faculdade a sério esse ano. Ele disse que troca o meu carro se eu fizer isso. Não posso ter alguém como Henrique como distração.

— Distração? — Abri um sorriso gigante.

— Eu disse que ele era safado — murmurou ela, emburrada — E não que era feio.

Se Luana achava Henrique bonito o suficiente para considerá-lo uma distração, poderia haver um pouquinho de esperança que ao menos uma amizade surgisse dali.

Seria tão bom se a minha vida fosse resumida a isso. Arranjar encontros amorosos entre os amigos. Falar mal das ex do namorado atual.

Uma vida normal, como todo mundo.

Mas eu tinha um policial de caráter duvidoso cuidando da minha segurança, minha mãe no hospital, criminosos que poderiam querer me matar, além de crimes, que eu não cometi, pesando sobre minha cabeça.

— E como está a sua mãe? — Luana mudou de assunto, e até fiquei grata por isso.

— Hoje eu a peguei com os olhos abertos. A médica disse que se continuar a melhorar, poderá sair da UTI ainda essa semana.

— Isso é uma ótima notícia, Gi — Luana segurou minha mão — Tudo vai se ajustar, você vai ver.

Foi mais ou menos o que Leonardo me disse, no dia anterior. Eu queria muito acreditar que eles estavam certos.

Capítulo 29



Leonardo Valença

Já havia se passado mais de um mês, e não tínhamos conseguido nada ainda. Parecia que andávamos em círculos, nunca chegando a algum lugar. Tudo que o contato de Henrique conseguira averiguar no MP era que a composição de letras e números não pertencia a nenhuma conta de banco, dentro e fora do país.

Eu andava tenso. E por mais que tentasse disfarçar, Gisele percebia isso. O meu maior temor era que, se não avançássemos logo, outra equipe poderia ser designada a ficar com Gisele. Outro programa de proteção poderia ser aplicado a ela. Então, para ficarmos juntos, seria muito mais difícil.

É claro que não disse nada a ela sobre esse assunto. Ela estava feliz que a mãe saíra da UTI, e embora não conseguisse falar nada ainda, o risco de morte ficava cada vez menor.

Eu tinha Torres para vigiar, que estranhamente vinha agindo como um policial perfeito. Minha mãe e prima já estavam cansadas das semanas de férias no Rio de Janeiro; não houvera nenhum avanço no que investigávamos; e ainda havia a minha aversão por Miguel, que apenas crescia, embora ele tenha maneirado suas investidas contra Gisele, pelo menos na minha frente.

Não era só ciúme, como Henrique costumava implicar comigo. Eu tinha um sexto sentido em relação a ele, e estava pensando seriamente se não deveria ser honesto com o delegado e contar tudo, mesmo que, com isso, colocasse meu cargo em risco. Talvez ele pudesse entender. Ou talvez ele me mandasse para o inferno, que era o mais provável, mas há alguns dias eu vinha pensando em arriscar.

Firmei minhas mãos no parapeito da janela e olhei para o céu carregado de nuvens. Não esperava que alguma resposta viesse dali, não desse céu visível aos meus olhos, mas quem sabe de outro. Um céu onde meu pai estivesse olhando para mim e pudesse me guiar.

“O que eu estou fazendo de errado, pai?”

Ouvi a porta do banheiro sendo fechada, e logo em seguida, senti os braços de Gisele em minha cintura, e o rosto dela contra as minhas costas, enquanto me abraçava forte.

— Além do normal... — murmurou ela, após um beijo em minhas costas — O que o preocupa tanto?

Segurei sua mão e a levei aos meus lábios. Não queria tocar no assunto, arruinar os poucos momentos de felicidade que ela vinha tendo, mas era preciso que estivesse preparada para as mudanças.

— Se não sairmos do mesmo lugar, você lembra do que o advogado disse? — virei para ficar de frente para ela — Depois de vender tudo, ele tenta um acordo para devolver o que o seu pai roubou. A outra parte servirá para enviar você e a sua mãe para outro lugar mais seguro. Podem até permitir que vocês mudem de novo. Faz parte do programa de proteção, e...

— Vamos ficar longe um do outro? — A voz dela saiu trêmula.

— Significa recomeçar, Gisele. Dar adeus a tudo isso.

— Essa casa, o dinheiro sujo do meu pai... — ela chorou, me abraçando de volta — Nada disso importa. Mas você importa. Você importa, Leonardo...

Empatia é se colocar no lugar do outro e tentar, mesmo que superficialmente, sentir a dor daquela pessoa. Amar alguém era, literalmente, sentir a dor e a tristeza dela na sua pele, como se fosse uma extensão de você.

Eu sentia a dor e a tristeza de Gisele, porque também eram minhas. Quando ela passou de uma simples conquista, com quem eu gostava de passar algumas horas na cama, para uma das pessoas mais importantes para mim, não sei ao certo dizer, mas assim que era agora.

— A gente vai dar um jeito... — ergui o rosto dela do meu peito e procurei os seus lábios, molhados pelas lágrimas.

— Promete?

O quarto estava na penumbra, mas eu conseguia enxergar a intensidade no seu olhar.

— Eu prometo.

Enquanto eu procurava seus lábios, meus dedos se enroscaram em seus cabelos úmidos, e as mãos de Gisele avançaram sobre os botões de minha camisa. Sôfregos, tiramos a roupa um do outro. Ainda com ela em pé, em frente a mim, admirei o corpo curvilíneo, banhado pelo brilho tímido da lua prateada

que vinha da janela. Eu aprendi a conhecer cada detalhe do seu corpo e reação aos meus toques.

Como a pinta atrás do pescoço, que beijei. O ponto sensível entre a curva da orelha e pescoço, que a fazia ronronar sempre que eu passava meus lábios.

Os mamilos ficavam rígidos mais rápido quando eu os chupava, do que quando acariciava.

— Leonardo...

E que ela, na maioria das vezes, sempre chamava meu nome antes de qualquer outra palavra que expressasse como estava excitada.

— Minha Gisele... — afaguei sua bochecha e a puxei para um beijo mais profundo e carregado de intensidade.

Peguei-a em meu colo. Ergui suas pernas, rodeando-as em minha cintura, e caminhei com ela até a cama, deitando-a nela. Beijei e mordisquei seus lábios e queixo, passando pelo pescoço que eu amava, até chegar aos seios e mamilos exigindo atenção. Provei cada um deles, sedento, faminto. Os gemidos saltando dos lábios dela eram como uma melodia para mim.

Corri minha mão pela lateral de seu corpo, depois com os meus lábios. Provei da maciez de suas coxas, minha língua fazendo caminho por uma delas, meus dedos cravados na outra, segurando firme.

Abri suas pernas, me encaixando nelas.

— Toque os seus seios, baby — pedi, e meu pau ficou ainda mais duro quando parei para observá-la fazer isso — Que tesão que é você!

Caí cheio de vontade em seu clitóris inchado. Inicialmente com longas e repetidas lambidas, depois mamando com vontade, a pressão e intensidade variando de acordo com os gemidos de resposta que Gisele me dava.

— Ahhhh... — as mãos dela caíram na cama e suas costas se arquearam, enquanto ela empurrava o quadril para mim.

Suguei mais forte e esfreguei minha boca nela, antes de soltar.

— Não para, não! — agarrei sua mão, colocando-a de volta em seus seios — Continue...

Era sexy demais, e a filha da puta fazia meu querer explodir de tanto tesão.

— Aiiii... ahhh... Leo...

Enfiei meus dedos nela. Socava com vontade e chupava seu clitóris ao mesmo tempo. Gisele já estava no limite, e eu já havia cruzado essa linha faz tempo.

Deitei sobre ela, meu pau esfregando em sua boceta, inchada e sensível. Nos beijávamos, enquanto meu pau deslizava, entrando e saindo de sua entrada quente, sem nunca a penetrar completamente.

Deslizando e saindo...

— Não! — ela choramingou quando saí mais uma vez, seu pé empurrando minha perna para que a penetrasse por completo.

Sorri e mordi os seus lábios, antes de me afundar um pouquinho mais e sair rapidamente. Era irresistível a necessidade de provocá-la.

— Leo...

— Quer? — Provoquei mais uma vez — Quer que eu te foda, Gisele?

— Quero.

Em uma arremetida firme, deslizei completamente para dentro dela. Socando duro, fazendo os seios saltarem a cada estocada que dava.

Como era quente...

Macia.

Agarrei suas coxas, passando as pernas em volta de mim.

Apertada...

— Isso. Caralho... — Gemi, quando sua boceta gostosa começou a pulsar em volta do meu pau — Ai, caralho!!!

E quanto mais forte eu socava, quanto mais rápido meu quadril se chocava no dela, mais longe eu queria chegar.

— Eu... — os espasmos dela se iniciaram, a respiração ficando cada vez mais acelerada e o rosto retorcido de prazer — Amo você... — seus pés enroscaram nos meus, e a vi gozar, a declaração escapando de seus lábios, como se fosse parte de todo prazer que o corpo dela liberava, e eu acho que era — Amo você, Leo. Amo.

Jorrei dentro dela, forte, irrefreável, intenso.

— Eu também sinto isso — apoiei minha testa na sua, ainda tremendo e tentando me recuperar — Amo você.

Foi tão fácil dizer. Tão certo. Tão cedo. E tão verdadeiro.

Eu a amava, e tinha deixado de ser assustador, para se transformar em algo incrível.

Já passava da meia-noite, no entanto, nenhum de nós conseguiu sequer cochilar ainda. A última vez que me senti tão angustiado, foram nos dias antes de meu pai morrer. Mas como qualquer pessoa alheia ao mal que estava prestes a acontecer, pensei que era apenas inquietação em relação ao novo projeto ao qual eu estava me unindo.

Mamãe dizia que eu era sensitivo. Não do tipo maluco, prevendo o futuro por aí, mas como aquelas pessoas que podiam dizer quando iria chover. No meu caso, eu sentia o perigo rondar. Na esquina, à espreita. Era só uma sensação, mas

muito ruim.

Gisele suspirou, me abraçando mais forte.

— Queria ter te conhecido antes — murmurei, era mais um pensamento meu do que uma confissão a ela — Em outro momento.

Quando as coisas eram mais tranquilas. Em que podíamos ser e viver apenas para nós dois.

— Eu acho que tinha que ser agora — seu dedo fazia um desenho em meu peito, enquanto falava — Antes, eu não teria me aproximado de você.

— Claro, a Patricinha e o Vira-Lata.

Ela se apoiou no cotovelo e olhou seriamente para mim.

— Não é isso. Não fala assim — vi que a chatee, então a puxei de volta para os meus braços — É que você é tão intenso. Acho que eu teria receio.

— Pois eu chegaria junto assim que batesse o olho em você, naquele vestidinho.

Naquela noite, eu não tivera a mínima ideia do que estava indo procurar, aquele dia no Casarão. Mas eu sabia que estava indo encontrar alguém como ela.

— Sou louco pela sua boca — passei os meus dedos sobre ela — Seus seios macios, sua bunda e sua boc...

— Leonardo! — Tapou minha boca, impedindo que minhas palavras sacanas saíssem — É por isso que eu teria fugido.

— Por quê? Nenhum cara já disse como gosta da sua...

— Não. Ninguém nunca disse... — ela me calou de novo, só que, dessa vez, cobriu o meu corpo, sentando sobre mim — Só você e essa boca sem freio.

Espalmei minhas mãos em suas costas, puxando-a mais para mim.

— Eu tenho outra coisa sem freio que você gosta...

Estava prestes a mostrar isso, quando nosso beijo apaixonado foi interrompido. O primeiro som veio como um pneu de carro estourando. Ou talvez eu tivesse pensado assim, porque estava envolvido com Gisele em meus braços, mas o segundo som foi alto e claro o suficiente para que conseguisse identificar.

— Espera! — afastei Gisele para apurar os ouvidos.

Bam!

Pulei da cama, vesti a cueca e passei rapidamente a camisa pelo pescoço.

Bam! Bam!

— Leonardo... — Gisele me chamou, assustada — São tiros?

Busquei a minha arma na mesa de cabeceira. Notando seus olhos arregalados de pavor, levei um dedo à boca, pedindo que fizesse silêncio.

Vieram mais sons de tiros, do lado de fora. Vários tiros, para ser mais exato.

Olhei rapidamente pela janela. Havia um carro preto. Acho que uma SUV,

estacionada de forma estranha do outro lado da rua. As árvores que protegiam a casa não permitiam enxergar se havia mais algum veículo.

Novos tiros. Olhei para baixo: a visão era igualmente ruim, mas dava para sacar que tentavam entrar, e os dois policiais que faziam a ronda estavam tentando impedir.

A troca de tiros corria solta, quando puxei Gisele da cama.

Eu precisava agir rápido. Não dava tempo de esperá-la se vestir.

Puxei o lençol:

— Se enrole nisso e fique atrás de mim.

Abri apenas uma fresta na porta e olhei ao longo do corredor.

— Olha só, preciso que fique calma e me escute — eu sei que Gisele podia ser corajosa e forte, mas fomos pegos de surpresa, e ao contrário de mim, ela não estava acostumada com troca de tiros — A gente vai ter que sair pelo corredor e descer as escadas...

— Não, Leonardo... — chorando, ela puxou meu braço para que ficássemos dentro do quarto.

Era uma reação normal. O medo, atrelado ao instinto de segurança, impelia a pessoa a correr dos tiros, e não caminhar em direção a ele.

— Amor, olha só... — falei mansamente, mas de forma firme — A gente tem que sair daqui. Eu não vou deixar nada acontecer a você, mas aqui dentro estamos presos em uma ratoeira. Quando chegar lá embaixo e disser para correr, você corre. Com ou sem mim.

Mas que inferno!

Eu jurei cuidar dela. Como eu podia ter falhado nisso?

Onde estava a porra do Henrique? O turno era dele, então em que inferno ele se enfiou?

— Eu tenho medo... — ela chorou baixinho.

Queria abraçá-la. Colocá-la em meu colo e garantir que sairíamos dessa, mas eu não podia. Por mais que doesse ver o desespero e as lágrimas transbordando dos olhos dela, para sua segurança, precisava agir friamente.

— Vamos!

Os estouros de tiros eram mais espaçados agora. O que não necessariamente significava uma coisa boa. Podiam ter conseguido invadir a casa, e se isso aconteceu, as chances de conseguir tirar Gisele daqui eram mínimas.

— Fique aqui — sussurrei, quando chegamos próximo ao topo da escada — Não olhe para baixo, até eu voltar.

Coloquei minha arma em posição. Olhei sorrateiramente para além da escada. Desci, semi agachado, degrau por degrau. A porta de entrada estava aberta, mas a sala estava limpa. Engatilhei minha pistola Glock e apurei os

ouvidos. Já não havia visibilidade na parede que ligava a escada ao corredor.

Porra!

Havia alguém a alguns metros de mim, podia ver pela sombra se projetando no chão. Soaram mais tiros, dessa vez vindos do outro lado da casa, provavelmente da área da piscina.

Só havia duas alternativas: retroceder e colocar Gisele em um dos quartos vazios e enfrentar o desgraçado lá em cima, o que não era uma escolha muito boa, pois ele estava perto demais, eu poderia ser pego pelas costas antes de pular dois degraus. Ou segunda, e mais perigosa alternativa: enfrentá-lo, já que ele não esperava por isso, e contar com a sorte, que meus dedos no gatilho fossem mais fortes que ele.

Era uma grande merda. Há apenas alguns meses, eu havia subido o morro de uma das favelas mais perigosas do Rio de Janeiro, cercada de traficantes armados até os fios de cabelo, e não havia temido nada daquilo.

Bom, a grande diferença era que eu agora tinha alguém, cuja vida era mais importante que a minha. Então eu preferia levar um tiro por ela do que ser alvejado sem ao menos ter tentado tirá-la daqui em segurança.

Respirei fundo e silenciosamente. Olhei para cima mais uma vez e saltei em direção ao homem.

— Caralho, Leonardo! — Henrique esbravejou baixinho, quando pressionei a arma em sua cabeça.

Fiquei aliviado e com uma puta raiva ao mesmo tempo. Eu podia ter atirado no filho da puta.

— Que merda, Henrique! — esbravejei, quando ele me empurrou para a parede onde estava — Onde você estava?

— Tentando dar cobertura aos outros — disse ele — Um carro lá fora. Três caras, até onde vi. Acertei um deles. O outro pegou o Santos quando estava pedindo reforços. Eles estão do outro lado.

Era ruim. Não tão ruim quanto eu imaginava, pois devido à quantidade de tiros que ouvi do lado de fora, parecia ter muito mais pessoas ao redor da casa. O problema era que não tínhamos a mínima ideia de quando o reforço policial iria chegar. Se é que Santos conseguiu falar com eles.

— Cadê a Gisele?

— Na escada — sussurrei, apontando para cima — Eu quero que você a tire daqui, Henrique.

Fiz um sinal para que ele subisse e ficasse de olho, tanto na entrada como no corredor que dava à cozinha e aos fundos da casa.

— Leo! — Gisele me abraçou, chorando.

Tremia tão forte que parecia um filhotinho assustado, temendo o mundo.

— Henrique vai te tirar daqui — disse a ela, esperando que isso pudesse acalmá-la um pouco, mas minhas palavras tiveram o efeito contrário.

Gisele se agarrou a mim, de tal forma que me surpreenderia se conseguisse me soltar dela.

— Você não vai? — Ela, sendo tão pequena e frágil, me era espantoso que tivesse tanta força nos braços e nas mãos — Eu não vou...

Segurei seu rosto com as duas mãos e beijei rapidamente seus lábios trêmulos. Não tinha mais tempo de discutir com ela.

— Ele vai te deixar em segurança, amor. Seja forte e corajosa... — olho firmemente nos olhos dela — Preciso saber que você estará segura e bem. Prometo que me encontro com vocês depois.

Quando se está envolvido emocionalmente com alguém, quando essa pessoa é uma parte muito importante da sua vida, não existe treinamento no mundo que nos faça reagir racionalmente.

— Leve-a! — Disse a ele — Eu vou dar cobertura.

O trabalho de Henrique era proteger Gisele. Eu sabia me cuidar, fui treinado para isso. Mas nessa vida de gato e rato, polícia persegue bandido, atira ou morre, tudo podia acontecer.

— Espera. — ele se agachou, tirando a arma extra em sua bota — Fica com ela.

Ele tinha a que empunhava em sua mão, então aceitei e agradei o reforço.

— Agora vão.

Observei-o levando Gisele, completamente desnorteada. Essa não era a última imagem que eu queria ter dela. Gisele saindo chorando, desconsolada, chamando baixinho por mim. O medo brilhando em seus olhos, enquanto meu amigo, igualmente triste, a conduzia para longe daqui.

É foda olhar nos olhos da mulher que ama e não ter certeza se algum dia poderá vê-la mais uma vez.

Se poderá dizer o quanto a amava. Podia ter sido cedo demais, confessar meus sentimentos por Gisele. Mas se eu não saísse vivo dessa, ao menos tinha declarado uma vez.

Eu te amo.

Capítulo 30

Gisele Alencar

Eu não queria morrer. E mais do que isso, eu não queria que Leonardo saísse ferido ou morto. Então eu tentei, tentei mesmo, me acalmar quando Henrique me arrastou para fora. Não por mim, mas por ele, por Leonardo.

Mal chegamos à porta, quando ouvimos novos tiros trovejarem. Henrique me forçou a agachar e continuar andando, sem nunca olhar para trás.

“Seja forte e corajosa”, dissera Leonardo.

Como eu conseguiria ser forte e corajosa, vendo o mundo literalmente desabar sobre mim?

— Ai, meu Deus! — soluzei, quando demos de encontro com o policial caído no chão.

Era o policial Santos. Não tive contato com ele, como tinha com os agentes da PF, mas não podia deixar de lamentar sua morte. Até porque, a vida dele foi perdida para garantir a minha.

— Vamos — sussurrou Henrique.

Nós continuamos a nos arrastar, sempre usando a parede como apoio e escudo, o que não era fácil de fazer, tendo apenas um lençol enrolado em mim, que mais atrapalhava do que protegia meu corpo.

— Vamos tentar chegar até o meu carro — disse ele — Se eu disser vai...

Eu tinha de correr.

Graças a Deus, o carro de Henrique não estava dentro da garagem, mas no momento não representava vantagem para a gente, pois ouvimos movimentos e vozes alteradas lá dentro.

Henrique fez sinal com a mão, para que eu ficasse em silêncio enquanto ele tentava ouvir. Como se eu tivesse capacidade até mesmo para me mover.

— Agora só somos nós dois, porque o Bob caiu — disse o mais exaltado deles — Nós não sabemos quantos ainda tem na casa e se eles vão conseguir reforço. Vamos embora, cara, a gente dá um jeito de pegar a garota outra hora.

A “garota”, sem dúvida alguma, era eu. Tudo isso era culpa minha. Esses homens estavam aqui porque queriam me levar. Não. A culpa era do meu pai, que nos colocou nisso.

— Não. — A resposta seca e fria que se seguiu fez cada pelo em minha pele arrepiar — Ele disse viva ou morta. Vamos terminar o serviço. Vá pela entrada...

Não consegui ouvir o final da conversa. Henrique puxou o meu braço, e começamos a recuar. Não que houvesse para onde fugir. Um deles estava vindo

em nossa direção. O outro circularia a casa e seríamos encurralados.

— Aqui — Henrique me puxou para a grama, onde havia uma lona escura que o jardineiro usava para cobrir a piscina — Se esconda aqui embaixo.

Deitei de bruços no chão, e a última coisa que vi foram as mãos dele me cobrindo. Ouvi os estalidos na grama e pressionei minha boca com as mãos, tentando impedir que meu choro denunciasse minha presença.

Eu pensava na minha mãe. Em quem cuidaria dela se eu morresse ou esses homens conseguissem me levar. Pensava em Leonardo, que não sabia se estava vivo ou morto. E em meio a todos esses pensamentos temerosos girando em minha cabeça, tentava notar algum sinal de Henrique.

— Quietos — ouvi que alguém manuseava uma arma, ou o que eu achava que pudesse ser uma.

Abri alguns centímetros da lona para olhar ao redor. Encontrei as botas de Henrique e os tênis que um dos bandidos usava. Depois o vi ser agachado na grama e apenas metade do seu corpo sendo arrastado em direção à garagem.

Logo depois, a lona foi afastada tão rapidamente, que não consegui evitar que um grito assustado escapasse de minha garganta.

— Vamos. — chamou Henrique.

— Mas, e o Leonardo? — Eu caminhava e tropeçava olhando para trás — A gente tem que ir buscá-lo.

Como aconteceu quando Henrique me tirou da casa, a pedido de Leonardo, ele não ouviu nenhum protesto vindo de mim, apenas me empurrou para o carro.

— Coloca o cinto.

Olhei com muita raiva para ele e agarrei a porta, que no segundo seguinte foi travada, impedindo que eu saísse.

— O Leo disse que era para tirar você daqui — disse ele, muito irritado — E é isso que eu vou fazer. Coloca a porra do cinto.

Lágrimas pesadas começaram a escorrer pelo meu rosto. Eu entendia que a única preocupação dos dois era salvar a minha vida. O que nenhum deles conseguia enxergar, ou compreender, era que minha vida perderia todo o sentido se eu perdesse o Leonardo. Essa dor, que começava a ganhar força em meu peito, nunca iria me abandonar.

— A gente tem que voltar, Henrique... — pranteei quando ele deu partida no carro — Por favor... a gente tem de voltar.

Não importava o quanto eu implorasse. Iríamos embora, deixando Leonardo para trás. Meu desespero ganhava medidas gigantescas.

— Se segura!

Muito tarde, eu percebi o que ele pretendia fazer. O carro bateu contra o portão, e com o impacto, meu corpo foi lançado para frente.

Salva pelo cinto de segurança.

— Caralho! — Esbravejou Henrique, batendo contra o volante do carro — Essas merdas só dão certo em filme.

Seria uma boa piada, se a gente não estivesse no limite do pânico. Ainda havia um cara dentro da casa, o que havia dito que me levaria, viva ou morta. Com toda certeza, ele tinha escutado e não tardaria a vir até nos.

De repente, tudo ficou escuro. Olhei para trás, em direção à minha casa. Todas as luzes foram apagadas, e não havia nada mais que a densa escuridão.

— Leonardo... — sussurrou Henrique.

Ele deu a ré, pegando muito mais distância agora, até acelerar. Eu me agarrei ao banco, dessa vez. O portão finalmente cedeu, e no instante seguinte, estávamos na rua, com Henrique dirigindo em alta velocidade. Provavelmente, no futuro, eu me perguntaria como o carro dele ainda conseguiu sair do lugar, levando-se em conta que a frontal estava praticamente destruída, mas eu estava muito mais destruída por dentro do que o carro dele.

— Aqui é o agente Ferreira. Houve um ataque à casa do senador Alencar, Avenida Manoel Franco, 102... — ele falava ao telefone ao mesmo tempo em que dirigia — Preciso de reforço policial. Urgente.

Depois de encerrar olhou para mim, em um mudo pedido de desculpa.

— A gente tem que voltar — pedi mais uma vez.

— Não posso fazer isso...

Eu estava encolhida no carro, como uma bola, enrolada em mim mesma, quando Henrique estacionou na garagem de um prédio. Eu não pedi sua ajuda para caminhar, mas precisava dela. Encontrava-me entorpecida.

Entramos em um flat. Acho que era dele. Os sinais de que um homem solteiro morava ali estavam em todos os lugares. Nas roupas largadas no sofá, que ele jogou no chão para que eu me sentasse, nos copos usados, esquecidos na pia, e nas latas de cerveja amassadas, empilhadas na lixeira.

— Você está bem?

Eu tinha parado de murmurar, suplicar e chorar para que Henrique voltasse. Minhas energias tinham se esgotado, assim eu pensei, até que ele me perguntou isso.

— Bem? — Olhei descrente para ele — Se eu estou bem?

Não era exatamente com Henrique que eu estava irritada. Era um daqueles momentos que você precisava jogar a culpa em alguém. Eu não podia desferir a raiva em meu pai, afinal, ele estava morto. Não podia jogar a culpa na minha mãe, estando ela no hospital, e nem sabia quem foi o desgraçado que enviou aqueles homens até mim. Mas eu podia desferir minha angústia no Henrique,

porque ele simplesmente poderia me deixar em algum lugar e voltar para ajudar o Leonardo.

— Você o deixou lá para morrer! — desferi um soco contra ele — Deixou-o sozinho...

Ele deixou que eu o atacasse. Até porque, meus punhos fracos nada podiam fazer contra ele. Mas Henrique deixou que eu liberasse toda a raiva e dor. Quando finalmente esvaiu-se toda a minha força, caí contra o peito dele, as lágrimas caindo silenciosamente.

— A Luana tinha razão — funguei, tentando enxugar as lágrimas saltando de meus olhos — Você não tem nada de um bom amigo...

Não havia nem um pouco de coerência em mim. No fundo, eu sabia disso, mas um lado irracional dentro de mim queria machucá-lo, queria que ele sentisse a mesma dor que eu sentia, porque eu precisava egoisticamente dividir com alguém, mesmo que de um jeito completamente errado.

— Eu fiz o que ele me pediu. O que ele me pediu, porra! — Ele se ergueu do sofá e começou a andar de um lado para o outro — E aquela Patricinha cabeça de vento não sabe nada sobre mim...

Eu deixei Henrique furioso, ao invés de culpado, por termos fugido sem olhar para trás.

— Nós somos treinados para situações como essa. Eu chamei reforços. Leonardo sabe o que está fazendo — disse ele, a voz em um tom cansado. — O Leo é mais do que meu amigo. Ele é meu parceiro...

Henrique levou a mão à cabeça raspada, esfregando-a.

— A gente confia um no outro — murmurou, olhando com tristeza para mim — A gente confia.

Ele caminhou até a janela, uma de suas mãos apoiada na parede. Dei-me conta de que não podia ter dito o que disse. Deveria ser muito difícil para Henrique agir racionalmente, quando tinha os sentimentos à flor da pele.

— Desculpe — soluzei, voltando a abraçar o meu corpo, como se isso fosse capaz de amenizar a dor dentro de mim — Eu sinto muito.

Enrolei-me ainda mais no lençol e permiti que as minhas lágrimas descessem, quentes e abundantes, pelo meu rosto. Não havia mais nada a fazer, além de esperar. Seriam os minutos e horas mais angustiantes da minha vida.

Quantas horas havia se passado? Uma? Duas? Várias delas?

Eu me sentia como que congelada no tempo.

— Toma... — ergui o olhar para a xícara que Henrique me estendia — Você

está precisando.

Também me estendia algumas peças de roupa, que coloquei ao meu lado, no sofá.

— Eu não quero — disse, empurrando a xícara de volta.

— Você me pediu desculpas — murmurou, mantendo a mão parada no mesmo lugar — Aceito, se você tomar o seu chá.

Aceitei a porcelana branca. O calor que vinha dela aquecia minha mão, quem dera tivesse o poder de fazer o mesmo com o meu coração.

— O banheiro fica ali — disse ele, indicando a porta fechada — Deve querer colocar uma roupa.

Isso era a última coisa que me preocupava, mas se algo fora do normal acontecesse de novo, não queria andar embalada apenas por um lençol fino.

— Obrigada — bebi um pouco de chá.

Alguns goles depois, larguei a xícara sobre a mesinha. Peguei o montinho de roupas e segui para o banheiro. A camiseta era grande o suficiente para servir como um vestido. E a calça, ou o short, que Henrique havia me dado, nadariam em minha cintura se não tivesse um cinto, o que obviamente ele esqueceu.

Isso me fez lembrar a manhã que Leonardo me convencera a correr no Ibirapuera com ele.

“Prendemos assim...”, dissera ele. “Agora fazemos um nó. Pronto. Está linda.”

Eu via exatamente o oposto do que ele falava, mas não importava, desde que o que eu via nos olhos dele fizesse com que me sentisse bonita.

— Ah, Leonardo... — sentei sobre o vaso, abraçando meu ventre.

Eu precisava ser otimista, mas cada minuto que passava sem ter qualquer notícia, fazia um pouquinho de mim morrer.

Estava inclinada contra o meu corpo, soluçando baixinho, quando ouvi o som da campainha tocar. Estaquei, ficando de pé, atenta a qualquer movimento fora do banheiro.

— Seu filho da puta! — Ouvi Henrique berrar.

Praticamente saltei até a porta. Tropeçando em um rodo, vassoura e mais coisas pelo caminho.

— Leonardo! — Caí em cima dos pés dele, quando abri a porta — Ah, meu Deus!

Ele me ergueu em seus braços. Agarrei-o com tanta força, que nem mesmo o maior exército do mundo conseguiria afastá-lo de mim.

— Eu estou bem — murmurou, suas mãos correndo pelos meus cabelos, enquanto soluçava desenfreadamente em seu peito — Shiii... estou bem.

Eu precisava, mais do que ouvir, comprovar isso com meus próprios olhos.

Afastei-me dele apenas o necessário para passar minhas mãos em seu peito e corpo, pelo seu rosto e braços, quando notei uma tira de tecido enrolada no braço dele.

— Está ferido?

Isso não era nem perto de bem.

— Só foi de raspão — disse ele, pegando minha mão e levando-me até o sofá.

— Vou pegar o kit de primeiros socorros — disse Henrique, acho que mais para nos dar um momento, sozinhos, do que preocupado com ele como eu estava.

Era difícil nivelar a alegria que estava sentindo em vê-lo, com a preocupação e medo de que algo ruim ainda viesse a acontecer.

— Como você... — passei minhas mãos nele, ainda sem conseguir acreditar que estivesse diante de mim — Como conseguiu...

Ele beijou os meus lábios. Inicialmente apenas pressionando minha boca na dele. Então, toda a tensão e o medo de que talvez não estivéssemos juntos de novo, transformou o beijo, carregado de saudade, em um beijo feroz e apaixonado.

Nós mal conseguíamos espaço para respirar, não que isso realmente importasse.

— No final, foi um contra um — disse ele, quando finalmente nos afastamos, a sua cabeça encostada na minha, enquanto segurava firme meu braço, temendo me deixar escapar — Jamais deixaria aquele desgraçado colocar uma bala na minha cabeça e me impedir de te ver de novo.

— A luz foi você?

Ele assentiu.

— Precisava desviar a atenção do cara de vocês — disse ele — Acabou que me ajudou também. Ele era bom, mas não melhor do que eu.

Ele sorriu, e eu sorri de volta.

— Tem agulha e linha — disse Henrique, ao retornar com a caixa vermelha — Acha que vai precisar, ou aguentar?

Leonardo enfrentara um assassino sanguinário e frio. Levar alguns pontos no braço não significaria nada.

Eu ainda tinha um milhão de perguntas, mas a prioridade era ele. E mesmo que o ferimento não fosse tão profundo como temia, precisaria de pontos. E como eu nunca havia cuidado de um ferimento a bala antes — na verdade, de qualquer ferimento que exigisse o uso de agulhas e linhas — e Leonardo foi veemente em dizer que não havia tempo ou necessidade de ir até um hospital, coube a Henrique fazer o trabalho.

E enquanto limpava o local da ferida e iniciava os pontos, Leonardo ia narrando tudo o que aconteceu desde que partimos. Confesso que não me concentrei muito nos detalhes. Depois de o pior ter passado, parecia que tudo não foi mais do que um pesadelo ruim. Ou eu ainda estava em choque, para entender a gravidade de tudo que vivemos.

—... ele era profissional, disso eu tenho certeza — concluiu Leonardo, e estremeci ao pensar no grande perigo que todos nós corremos.

— Acho que o delegado... — iniciou Henrique.

— Não! — Leonardo o interrompeu — A gente já fez as coisas do jeito dele...

— Do jeito certo — disse Henrique.

— Mas agora vai ser do meu jeito. Foi alguém da polícia que encomendou o serviço — afirmou Leonardo — O cara que você prendeu na garagem confessou isso para os policiais que chegaram, ouvi claramente. Eu não vou colocar a vida dela em risco de novo.

— Você já pensou que esse alguém da polícia pode ser o Torres?

Roberto Torres, o policial corrupto suspeito de ter matado e fabricado provas falsas contra o pai de Leonardo.

— Mas por que ele iria me querer viva ou morta? — indaguei, reticente — Não. Foram as mesmas pessoas que assassinaram meu pai e tentaram matar minha mãe. Querem saber o que eu sei.

— E o Torres andou silencioso desde que colocou o Castor para correr — concluiu Henrique.

— Mas nada o impediria de ter armado isso, não muito tempo depois. E se foi mesmo o Torres, como ele sabia que pegar a Gisele iria me atingir? — disse Leonardo — Para saber isso, ele teria que ter um informante.

— O Miguel? — Henrique e eu perguntamos juntos.

— Pode ser. Ele sempre desconfiou que nós estivéssemos juntos. Dinheiro, o Torres tem...

— E Miguel é babaca o bastante para se vender — concluiu Henrique.

— Mais um motivo de contarmos ao delegado onde ela está.

— Não enquanto eu não confiar em mais ninguém além de você, Henrique — enfatizou Leonardo — Pode ser o Miguel, como pode ser outra pessoa.

— E o que você sugere fazer? Aqui ela não pode ficar. E que justificativa daremos ao Dias, para o desaparecimento dela?

E eu pensei que nada poderia ficar pior. Estávamos, os três, por nossa conta e risco, lutando contra bandidos que não mediam esforços para nos atacar.

Leonardo ficou de pé e colocou a camiseta limpa que Henrique lhe dera.

— Preciso fazer uma ligação antes de te explicar — disse ele, pegando o

celular no bolso de trás da calça — *Mr. Stone? I need your help!*

Eles conversavam em inglês. Embora eu compreendesse o que Leonardo falava, só dava para pegar fragmentos do que diziam.

— *Yes... BRX-25AL... ok...ok* — continuou Leonardo — *I am waiting for you to get in touch.*

Ele encerrou a ligação e encarou o olhar questionador de Henrique.

— Lembra do cara que ajudei, no Rio de Janeiro?

— O que te ofereceu uma fortuna pelo que fez e você foi burro demais para não aceitar?

Eu queria saber mais sobre essa história, mas por motivos óbvios, teria que ficar para outro momento.

— Eu o ajudei a resgatar alguém importante para ele — disse Leonardo, olhando para mim — Agora é a vez dele de retribuir o favor.

— E quem é ele?

— Peter Stone — respondeu, abrindo o sorriso debochado que eu adorava tanto — Alguém tão foda quanto Henrique e eu.

Poderia até ser excesso de confiança, mas eu duvidava que outra dupla conseguisse me tirar da minha casa, viva e relativamente em segurança, como os dois fizeram.

Ele era foda, sim. Leonardo era o meu herói.

Capítulo 31



Leonardo Valença

A situação estava complicada. Mas eu acreditava, ou precisava acreditar, que com a ajuda de Peter poderíamos finalmente chegar ao fim dessa equação. Ele possuía recursos que eu não tinha, além do dinheiro e influência para chegar onde ele quisesse.

E eu até poderia ter usado esse trunfo na manga antes, como acusou Henrique, mas eu queria usar esse trunfo no momento certo. Esse era o momento certo.

No caminho até o flat de Henrique, eu tentei pensar nos mínimos detalhes. Não deixaria a vida de Gisele novamente aos cuidados de outros agentes da PF. Eu tinha um inimigo lá dentro, e não iria contar com a sorte de novo.

E existia uma grande possibilidade, a mesma que temi mais cedo, que se viesse a acontecer, nós seríamos substituídos. Ninguém irá nos separar. Então, mesmo que meu plano não fosse um dos melhores, era tudo o que tínhamos no momento.

— Deixa ver se eu entendi... — Henrique me olhou, descrente — Invadiram a casa, mataram dois policiais, mas eu me livrei de dois. Havia um quarto elemento, que levou a Gisele. Tentei segui-los, mas os perdi de vista ao perder o controle e bater meu carro em um poste.

— Isso explica o seu carro detonado.

— Em meio a tudo isso, eu entrei em contato com você? — Indagou Henrique.

— Que estava pela região. Cheguei há apenas alguns minutos antes da

equipe policial.

Não era a melhor história para contar ao delegado Dias, principalmente porque, se ele realmente cavasse os detalhes em nossa história, algumas pontas soltas poderiam ser descobertas. Mas não havia nada melhor do que isso.

— E as câmeras de segurança? — indagou ele.

Dei de ombros, antes de responder. Dessa parte ele não iria gostar.

— Eu dei um jeito nelas, antes que a polícia entrasse.

Nesse caso, eu tinha dado muita sorte de o reforço ter demorado um pouco mais a chegar.

— Destruíu as câmeras? — De incrédulo, Henrique ficou bem zangado — Elas eram provas, Leonardo!

— Provas de que invadiram a casa e mataram dois policiais? Os corpos estão lá, Henrique.

A pior parte de toda essa merda, eram as vidas inocentes que foram executadas. Homens de bem, que deram o seu melhor durante o serviço, exatamente como meu pai.

— Bom, o que está feito, está feito — ele lamentou — Mas e a balística? Sobre o cara que você apagou.

— Eu troquei tiros com o filho da puta. Depois eu tive que usar PT. E o outro cara, que você botou para dormir, não chegou a me ver antes da polícia. Você citou meu nome, quando pediu reforço?

Ele fez careta enquanto tentava lembrar suas palavras com exatidão.

— Não que eu me lembre — respondeu.

— Ele não disse — confirmou Gisele.

— Perfeito.

— Você sabe que esse é um plano de merda, não sabe? — murmurou Henrique — Mas é tão irreal que pode dar certo, pelo menos por enquanto. E você vai ter que correr contra o tempo, mais do que nunca. E se...

Não desse certo, eu estaria fodendo com a vida de todo mundo.

— Henrique, eu não posso tentar te convencer a fazer as coisas do meu jeito — busquei a mão de Gisele e a puxei para mim — Mas quando sairmos por aquela porta, será para deixá-la em um lugar seguro. Eu vou entender se só lhe restar contar a verdade ao delegado.

— Você tem um maldito plano B... — murmurou ele — Que deve ser ainda mais maluco do que o primeiro.

Ele era meu amigo, quase um irmão para mim, mas para tudo havia um limite, e eu realmente entendia se ele não quisesse colocar anos de profissão em risco.

— Ok. Se der merda, e sei que vai dar merda, você vai ligar para o Sherlock

Holmes aí. E na pior das hipóteses, vai conseguir algo que eu possa fazer com uma arma — disse ele, sorrindo — Acho que posso ser matador de aluguel ou qualquer coisa do ramo.

Não era bem assim que Peter trabalhava, eu preferia acreditar que não. Mas eu tinha certeza que, se tudo desse errado, ele encontraria uma forma de nos ajudar. Peter me devia, por ter ajudado a salvar a vida de Fabiana. Eu o encobri, quando ele deu o tiro que eliminou o traficante da vida deles para sempre.

E se alguém era capaz de entender toda essa loucura que eu estava fazendo, para manter em segurança a mulher que eu amava, esse alguém era Peter e os amigos dele.

— Feito — estendi minha mão para Henrique — Agora é melhor voltar à casa de Gisele e aparecer com o rabinho entre as patas.

— Eu só posso estar ficando maluco — ele resmungou.

— Só uma coisa — caminhei até ele, antes que chegasse à porta.

Meu punho fechado foi direto ao olho dele.

— Por que você fez isso? — dei outro mais leve em sua boca — Filho da puta!

— Não dá para ter um acidente de carro e sair desse jeito, Henrique.

— Desgraçado!

Ele saiu resmungando, limpando o sangue da boca.

— Precisava mesmo ter batido nele? — Gisele perguntou — Henrique jogou o carro contra o portão e não teve um arranhão.

— Pois é, mas ele quis — disse a ela — E aquilo poderia ter machucado você. Foi como matar dois coelhos com uma cajadada só.

Ela bufou, balançando a cabeça:

— Eu nunca vou entender como a sua mente funciona.

Puxei-a para perto de mim, colocando suas mãos sobre o meu peito.

— Você só precisa entender meu coração — declarei a ela — Eu daria a vida por você.

— Eu sei — seus olhos úmidos focaram-se em mim — Eu te amo. E eu tive tanto medo...

Eu a abracei forte. Seria impossível apagar das lembranças dela os momentos aterrorizantes que viveu. Mas faria o impossível para que esse inferno terminasse logo.

Capítulo 32

Gisele Alencar

A casa, que o amigo de Leonardo conseguiu para me esconder, ficava nos limites de uma cidadezinha do interior. A cerca de quarenta minutos da cidade. Não era tão grande quanto a minha, mas possuía três quartos, dois banheiros, sala, cozinha, um amplo quintal e, principalmente, muros altos que impediam qualquer pessoa de fora olhar o movimento na casa.

As chaves, com o endereço e dois celulares novos, chegaram dentro de uma caixa, através de um entregador. Nós partimos naquela mesma madrugada. À noite, como fugitivos, para que ninguém me reconhecesse quando me visse, afinal, eu estava sendo notícia em todos os jornais.

Henrique fizera um drama maior do que o normal sobre os seus machucados, então ele conseguiu alguns dias de licença, e os dois primeiros dias ele os passou comigo, já que Leonardo precisou continuar a serviço, para não chamar a atenção.

Agora a rotina era quase a mesma de quando os dois ajudavam a fazer minha segurança. Só que mil vezes pior. O cuidado para não descobrirem onde me mantinham escondida era redobrado, e via Leonardo apenas nas folgas dele.

Ajudava um pouco conversarmos pelo telefone que Peter nos deu, mas não era a mesma coisa. Sempre que Leonardo vinha me ver, o tempo que passávamos juntos nunca era suficiente, e a saudade que tínhamos um do outro nunca parecia ter fim.

E além de tudo isso, eu me preocupava muito com minha mãe. Ela saíra da UTI e agora estava no quarto. Não sabia o que poderiam ter ou estar dizendo a ela no hospital. Depois de quase duas semanas desaparecida, os jornais já não acreditavam que eu pudesse estar viva. Eu tentei convencer Leonardo e Henrique a ir até ela e dizer discretamente que eu estava bem, mas eles afirmaram que era melhor que ela não soubesse de nada.

— Não abra a porta para ninguém... — dizia Henrique, quando o acompanhei até sua moto no quintal — Não saia de casa...

— Não ligue e envie mensagens para ninguém.

Eles me diziam isso sempre que um saía para que o outro pudesse voltar. Os mesmos conselhos que já sabia de cor.

— O Leo deve chegar em uma ou duas horas — disse ele, e quando notou meu olhar triste, deixou o capacete na moto para me abraçar.

Eles sempre vinham de moto. Henrique com a dele e Leonardo com uma

que pegara emprestado com o noivo de sua prima. Diziam que era mais fácil de despistar qualquer pessoa que tentasse segui-los.

— Eu sei que está difícil, mas as coisas vão melhorar.

Também era uma coisa que eu ouvia muito, e essa eu fazia um esforço danado para acreditar.

Fiquei na varanda, olhando Henrique partir, mas antes de escurecer, retornei para dentro de casa. Leonardo não gostava que eu ficasse sozinha lá fora. Deitei no sofá para esperá-lo chegar, e já estava na minha cama, quando acordei.

O quarto estava escuro, mas não liguei a luz. Caminhei, descalça, pelo curto corredor, até me deparar com Leonardo caminhando na sala.

Ele falava ao telefone. Em inglês. Peter e ele sempre estavam em contato. Leonardo me contou a história dele com Fabiana. E, principalmente, a história dela me tocou. Sempre que pensava em tudo o que ela passou, antes de conhecer Peter, e que agora eram felizes juntos, renovava minhas esperanças de que nós também conseguiríamos sair vencedores de nossa provação.

— *Ok... righth* ^[4] — ele anotou algo em um papel, e era a primeira vez que o via animado desde que fugimos — *I'll go there tomorrow. Thank you so much, Peter.*

Quando ele me encarou, seus olhos brilhavam de excitação e contentamento.

— Uma pista realmente boa — disse, balançando a folha enquanto caminhava até mim — É um contêiner.

— Um contêiner? — indaguei, ainda sem conseguir entender.

— A pista. Podem ser números e códigos existentes nos contêineres. Servem para a identificação de cada contêiner, como se fosse uma carteira de identidade individual — explicou ele — Códigos BIC, BIC-Code Register ou Alpha-Códigos ISO Alpha-codes.

Ele me mostrou o papel que tinha o código que meu pai havia me falado e um endereço que Peter acabara de passar a ele.

— Olha só. BRX são as três letras que codificam a nacionalidade do contêiner — disse ele — 25, o número de identificação e AL de Alencar.

Eu olhei para o papel como se segurasse um cheque de um milhão de reais.

— Não consigo entender porque não pensamos nisso antes. — Um enorme sorriso se formou em meus lábios.

— Faltavam 11 elementos alfanuméricos que significam: o código do proprietário, o número de série e o dígito de controle.

— E o Peter descobriu tudo isso? — indaguei, espantada.

Ele deu de ombros.

— Eu tenho que admitir que ele é muito bom. Mas levou quase duas semanas para chegar a isso.

Não era difícil identificar o aborrecimento na voz dele. Homens, precisavam provar o tempo todo que um era melhor do que o outro.

— Bom, ele tem dinheiro — abracei-o pela cintura, querendo massagear o ego dele — Duvido que Peter faria o que você fez, e faz, com tão pouco.

Ele me abraçou de volta, mantendo as mãos em minha cintura, enquanto me beijava.

— Sei o que você está tentando fazer... — sussurrou, colado em minha boca — Massagear o meu ego, mas obrigado.

Era a primeira vez, em um longo tempo, que ficava nos braços dele sem temer nosso futuro.

— E quando vamos? — perguntei, quando separamos nossas bocas em busca de ar.

— Nós não iremos a lugar algum — disse ele, ao me soltar — Eu vou amanhã cedo. No máximo, Henrique irá comigo.

— Eu vou com você! — disse, com determinação.

— Você não vai, Gisele. Ficará aqui, quieta e segura. Se as provas que seu pai deixou estiverem lá, volto em seguida para pegar você.

— E o que diremos à polícia?

— O que já tínhamos combinado antes. Que você estava escondida na casa de alguns amigos, temendo ser atacada de novo.

Eu não gostava nem um pouco desse plano. Sentia que eu podia ajudar. Eu não era uma princesinha que precisava ficar no alto da torre, esperando o príncipe encantado chegar.

— Não quero ficar sozinha aqui — lamentei-me, praticamente chorando — E se você precisar de ajuda?

Ele sorriu gentilmente e afagou o meu rosto.

— Tenho Henrique para me ajudar — Leonardo passou o polegar pelos meus lábios — Não vou conseguir verificar nada, pensando em sua segurança.

Era plausível o que ele dizia. Mas meu coração se inquietava. Algo dentro de mim insistia em dizer que não era nada bom nos separarmos.

— Você lembra sobre o que me contou da Fabiana? — Eu queria muito que recordá-lo desse episódio o fizesse mudar de ideia — Ela fugiu para o Brasil sem dizer ao Peter, e as coisas quase acabaram de forma trágica.

Vi um brilho selvagem passar pelos olhos dele.

— É completamente diferente. Eu estou deixando você em um local seguro.

— Sim, mas...

— Não, Gisele — segurou com firmeza o meu rosto, e vi em seu olhar que não haveria nada que eu fizesse, ou dissesse, que o convenceria — Não.

Fiz a única coisa que ainda podia; comecei a chorar. Leonardo beijou cada uma de minhas lágrimas. E me beijou, até que meu pranto se tornou pequenos suspiros e gemidos excitados em seguida.

Quando ele me amava, eu conseguia esquecer todas as minhas dores, por um momento. Porque estar nos braços dele era muito próximo de encontrar o meu próprio paraíso.

Capítulo 33



Leonardo Valença

Esperei até que Gisele dormisse, para ligar para Henrique. Ela estava bem chateada com minha recusa em levá-la comigo. Acontece que eu não achava seguro. Era difícil Gisele conseguir compreender a gravidade de tudo, porque ela só tinha a mínima ideia do que Henrique e eu vínhamos enfrentando. Do que precisávamos fazer para nunca deixá-la sozinha. E de todas as mentiras que precisávamos contar. Mentiras que pareciam crescer cada dia mais. Escondíamos ao máximo como estávamos cansados, desgastados e no limite.

Talvez o meu erro tenha sido tentar protegê-la demais, mantendo-a alheia ao máximo de informações que vinham de fora. De fazer dessa casa uma bolha impenetrável e um tanto lúdica.

Acontece que eu acreditava que Gisele teve doses demais de realidade. Uma dura realidade da qual eu queria, sim, protegê-la. E que em meio a toda essa turbulência, ela tivesse o máximo de paz e tranquilidade que eu pudesse proporcionar.

— Leonardo? — Henrique atendeu no segundo toque — Algum problema? Fechei a porta do quarto e fui em direção à sala para respondê-lo.

— O Peter enviou uma informação quente.

— O que ele descobriu?

— Parece que é um contêiner — disse a ele — Vou até lá, amanhã cedo.

Em uma situação normal, eu iria imediatamente, mas essa não era uma situação normal. Eu não gostava de deixar Gisele sozinha, à noite então, nem pensar.

— Eu tentaria fazer isso por você hoje, mas... — ele se lamentou.

O delegado havia enviado Henrique e mais dois agentes para uma missão. Ficar na cola de um empreiteiro que estava sendo investigado e que havia suspeita de que tentaria fugir do país.

— Uma noite a mais não fará diferença — procurei tranquilizá-lo — Até porque, até algumas horas atrás, nós nem tínhamos ideia do que era a pista.

— Quer que eu vá com você, assim que eu for liberado?

— Não. Eu gostaria que você viesse até aqui, se puder. Você sabe...

— Não gosta de deixar Gisele sozinha por muito tempo — concluiu ele — Eu vou. Não se preocupe.

Isso me deixou aliviado. Desde que descobri quem era ela, me preocupar era tudo o que eu havia feito.

— Obrigado, Henrique — tentei desfazer o nó se formando em minha garganta com um pigarrear — Eu nunca vou esquecer tudo o que fez.

— Sei que faria o mesmo por mim, se fosse tolo o bastante para entregar meu coração a alguém.

Henrique sempre tinha uma forma idiota de desconstrair qualquer ambiente pesado.

— Um dia você vai — afirmei, tendo absoluta certeza do que eu dizia — Pode acreditar.

— Droga. Eu tenho que desligar — disse ele, com pressa — Boa sorte amanhã, e cara, cuidado.

Sorte era algo que não vínhamos tendo. Estava na hora mesmo da Dona Sorte começar a sorrir para nós.

“Boa sorte.” Recebi a mensagem de Gisele.

Saí antes de ela acordar. Quis evitar o desgaste de ter que explicar novamente os motivos de não levá-la comigo. Só nos deixariam estressados ou chateados um com o outro. E quando cheguei ao porto, tive a certeza de que havia tomado a decisão certa. O lugar era gigantesco. Mesmo tendo os dados do que poderia ser de um contêiner, existiam milhares espalhados pelo local. Eu levaria um bom tempo para localizar.

— Polícia Federal — disse a um homem, que seguia em direção a uma empilhadeira, e mostrei minhas anotações a ele — Sabe onde posso encontrar isso?

Eu não estava ali oficialmente, mas nem ele ou as outras pessoas com quem falei precisavam saber disso.

— Setor L., Rua 2 A — o homem tirou o boné e coçou a cabeça — Vire à

esquerda, depois à direita, pega a J, vira à direita de novo, esquerda, e estará lá.

Esquerda, direita, J, direita, esquerda.

Metade do lado esquerdo da Rua L continha contêineres da A. L. Cosméticos, que usava o porto para enviar e trazer produtos para fora do país. Provavelmente era daí que vinha o maior carregamento de drogas. Nós acreditávamos, ou nos levaram a acreditar, que o carregamento maior vinha por meio terrestre, dos caminhões que transportavam cargas adulteradas. Foram cinco caminhões apreendidos. Agora eu tinha absoluta certeza de que iria encontrar muita merda.

— Encontrei você! — sorri, dando boas-vindas ao meu novo amigo.

Saquei o meu celular e tirei uma foto da porta onde continha a identificação. Teria que arrombar os cadeados, mas isso não era problema para mim. Eu vim preparado para isso.

Arrombar cadeados, quebrar paredes falsas, entre outros, eram coisas que se aprendia a fazer. Criminosos escondiam provas e dinheiro nos lugares mais absurdos e inimagináveis.

Coloquei no chão a bolsa com os equipamentos que precisaria usar e dei início ao trabalho. Alguns minutos depois, pegava a lanterna, caso eu precisasse de mais luz do lado de dentro, em seguida abri a porta do que eu esperava ser a fonte de nossa salvação.

Havia dúzias de caixas espalhadas. Sacolas cheias de documentos. Duas bolsas de viagem empilhadas em uma das paredes. Em cima delas, uma câmera e uma caixa de sapatos ao lado dela.

Abri uma das caixas maiores que estava perto da porta. Pacotes pardos, lacrados com fita. Eu não precisava verificar caixa por caixa, para saber o que havia dentro delas. Era óbvio: quilos e quilos de drogas.

Documentei isso através de meu celular e fui em direção às malas. Chequei a câmera e caixa com cartão de memória, cabos, algumas fotos, cartões de contato e uma agenda. Verificaria cada item após analisar o que havia dentro das duas malas.

— Caralho! — Eu não deveria ficar surpreso, mas essa merda sempre me surpreendia — Que porra é essa?

Havia maços com notas de R\$50,00 e R\$100,00 reais. Não era preciso contar para saber que passava da casa dos milhões. Uma verdadeira fortuna escondida ali.

Nas sacolas, atas de reuniões contendo listas de nomes de grande parte das pessoas que eu já vi nos casos que investigamos. Transferências e compra de imóveis, de carros, contas fora do país, envios de dinheiro, que certamente foram dados como pagamento de propinas.

Cada um separado por pastas. Dezenas de provas que poderiam não apenas inocentar Gisele, mas que fariam muita gente, que nem havia sido investigada ainda, cair. Havia desde vereadores a ex-governadores, candidatos à presidência, alguns ainda em exercício do cargo. Empreiteiros e empresários. Advogados, juízes, pessoas infiltradas na MP... Policiais. De toda a lista, o último era o que realmente mais me interessava.

Abria a pasta, quando meu telefone tocou. Poderia ser Henrique, avisando que já estava com Gisele e para saber de notícias. Contudo, ao olhar para a tela, era um número desconhecido.

— Leonardo?

Olhei para a pasta em minha mão.

Polícia.

Foda!

— Miguel...

Nós ficamos de olho em Miguel. Mas não tivemos muito sucesso em investigá-lo. O cara não ficaria tanto tempo enganando todo mundo, se não fosse bom em esconder sua sujeira.

— Eu tenho umas imagens aqui, no meu celular — disse ele, em um tom animado — que tenho certeza que você vai adorar. E acho que vai ajudar muito no caso que está investigando. Um segundo...

Abri a primeira foto.

Que merda era essa?

Apoiei-me contra a parede de ferro, enquanto passava uma a uma as fotos que ele me enviou.

— O que você quer? Se você...

— Eu quero meter uma bala em sua cabeça — ele cortou meu aviso — Mas, infelizmente, não sou eu quem decide isso. Tem alguém que precisa falar com você.

— Leonardo? — Ouvi a voz que substituiu a de Miguel, e foi um baque terrível reconhecê-la.

Mas que porra!

Capítulo 34

Gisele Alencar

Como esperava, não encontrei Leonardo ao meu lado da cama, quando acordei. Era muito cedo para levantar, mas eu também não conseguiria dormir outra vez. E foi só quando afastei as cobertas, que notei um bilhete sobre o colchão.

Não tenha medo, Henrique deve chegar em breve.

Eu te amo.

Leo.

Procurei o celular na cabeceira e enviei uma mensagem para ele, desejando boa sorte. Depois tomei banho e fui preparar meu café. Embora não tivesse um pinga de fome, acreditava que Henrique chegaria faminto, ele sempre chegava.

Já eram quase dez da manhã, e eu me perguntava se deveria ligar para Leonardo. Tudo bem que ele não tivesse me levado para manter minha segurança, mas ele poderia me manter atualizada do que estava acontecendo.

Tentei me concentrar com um livro, mas ficar esperando no escuro me deixava muito ansiosa e nervosa. Então meu telefone finalmente tocou, e praticamente voei do sofá até a mesa da cozinha, onde o esqueci.

Nem ao menos olhei no visor. Apenas Henrique e Leonardo tinham o meu número novo.

— Leonardo? — Chamei, com a respiração acelerada — Onde você está? O que aconteceu?

— Srta. Alencar?

Primeiro eu fiquei em transe. Depois em pânico, tentando reconhecer a voz do outro lado da linha.

— Gisele, é você? Aqui é o delegado Dias. Se for você, por favor, responda.

Inspirei fundo e tirei o telefone do ouvido, fazendo o que eu deveria ter feito antes de atender a ligação: olhar o número na tela.

Era o número de telefone de Henrique. Ele nunca havia me ligado do telefone dele, e só faria isso se fosse de extrema necessidade.

— Gisele, é você? — Insistiu ele, e eu ainda me mantinha na dúvida se deveria responder — É você, não é? Graças a Deus você está bem! Quando Henrique afirmou, agora há pouco, que estava viva e bem, não consegui acreditar.

O que eu deveria fazer? Dias era o chefe dos dois. Eu nunca recebi qualquer aviso de que não podia falar com ele. A ordem era não falar com ninguém, nem

mesmo Luana ou minha mãe. Só que foi o delegado a entrar em contato comigo. Do telefone de Henrique.

— Olha, o Leonardo está em uma situação bem ruim...

Eu precisei segurar na mesa para conseguir me manter em pé. Luzes piscaram diante dos meus olhos. E me esforcei ao máximo para não deixar a escuridão me dominar.

— O que aconteceu com ele? — As palavras saíram trêmulas, e eu fazia todo o possível para não me desesperar.

— Foi o Miguel... — disse ele.

— Como? O que aconteceu? Onde está o Leonardo?

O que o desgraçado do Miguel fez com Leonardo? Então era ele mesmo que havia traído a operação?

— Como eu falei, em uma situação complicada — disse ele — Henrique está indo para dar suporte, mas estamos mesmo preocupados com a sua segurança.

Eu havia pressentido que algo muito ruim poderia acontecer. E minha insistência em acompanhar Leonardo não era por capricho ou teimosia da minha parte. Sentia o perigo nos rondando. Agora, a vida dele corria risco, e eu não tinha ideia do que fazer para ajudá-lo.

— Eu sei que você deve estar confusa e assustada. Mas não tenho tempo de explicar nada agora — continuou o delegado, em um tom carinhoso e calmo — Preciso tirar você daí antes que seja tarde demais. Se eu não fizer isso, Leonardo nunca irá me perdoar.

Solucei, levando minha mão aos lábios. Eu não queria dificultar as coisas para o delegado Dias, como fiz com Henrique, quando fugimos da minha casa. E também não queria atrasar o plano que eles poderiam ter feito para ajudar Leonardo.

— O que eu preciso fazer?

Basicamente seguir as mesmas orientações que Leonardo e Henrique sempre me deixavam. Não sair. Não abrir a porta até que ele chegasse. Não tentar entrar em contato com ninguém.

Cada minuto se arrastava de forma angustiante. Eu tentava desesperadamente não me descontrolar, não chorar e, principalmente, não entrar em pânico. Mas era muito difícil, quando dezenas de teorias passavam por minha cabeça.

E se Leonardo fora seguido?

O que estariam fazendo com ele?

Henrique conseguiria chegar a tempo?

E se ele já estivesse...

Não! Sequei o meu rosto, com raiva. Ele não estava morto. Não podia estar. Não quando tínhamos chegado tão perto.

“Por favor, Deus!”

Em meio a tanta angústia, tudo o que me restava a fazer era colocar meus joelhos no chão. E com as mãos fechadas sobre o sofá, meu rosto sobre elas, passei os minutos seguintes rezando e pedindo a Deus que não deixasse nada de mal acontecer a Leonardo.

Implorei até que minha voz ficasse rouca, meus joelhos doessem, minhas pernas e braços ficassem dormentes. Eu imploraria pelo resto da minha vida, se fosse necessário.

“Não o tire de mim”, murmurei.

Não o tire de mim...

Quando a campainha tocou, corri tropeçadamente até o portão. O delegado Dias foi o primeiro que vi, e por instinto, talvez desespero, aceitei seus braços estendidos para um abraço de conforto. Foi somente quando ergui minha cabeça, desejando ter mais notícias de Leonardo, que notei o homem surgir ao lado dele.

— O que ele faz aqui? — tentei me afastar, mas a mão do delegado fechou firmemente ao redor do meu braço, mantendo-me ainda contra ele.

— Vamos manter a calma — disse Dias. Senti algo duro contra as minhas costas, enquanto ele me forçava a retornar para o quintal — Não queremos ninguém machucado aqui.

— Pelo menos, por enquanto — finalizou o outro.

Encarei Miguel Ferreira com um olhar cheio de ódio.

— Onde está o Leonardo? — Exigi, conforme eles me empurravam em direção à casa.

Eu me sentia completamente desorientada e perdida.

Miguel Ferreira estava com o delegado Dias. E o próprio delegado havia me alertado ao telefone que o agente Miguel estava armando contra o Leonardo.

Então, por que ele estava com ele?

— Vocês estão juntos? — indaguei, quando finalmente fui solta e jogada sobre o sofá.

Olhei de Miguel para o delegado, recusando-me a acreditar no que meus olhos presenciavam. Dias suspirou e apontou a pistola em minha direção.

— Eu poderia te explicar, mas aí terei que contar toda a história para o Leonardo novamente, quando ele vier para resgatar você, e isso seria uma imensa perda de tempo — disse o delegado, em um tom debochado e irônico — Tempo é algo que eu não tenho, minha querida.

De tudo o que ele falou, a única coisa que me aliviava era saber que Leonardo continuava vivo.

— Vá pegar as coisas no carro, Miguel. Eu cuido da senhorita Alencar, enquanto isso.

Eu precisava manter a calma, disse a mim mesma.

Pensar com frieza, para encontrar uma forma de conseguir escapar. Mas só o que eu conseguia era ver como fui tola. Em nenhum momento, durante a ligação que ele me fez, questionei que o delegado pudesse estar mentindo para mim.

Tudo o que meu pai havia feito, todas as mentiras e enganações, pareciam não ter me ensinado nada. Eu continuava a acreditar nas pessoas erradas. Em me deixar enganar por pessoas ruins.

— Você é o policial corrupto que contratou aqueles homens para invadir a minha casa? Que queriam me levar viva ou morta.

— Infelizmente, não posso levar o crédito sobre isso — disse ele — Não tive nada a ver com aquilo. Foi o Roberto Torres. Sabe, o seu namorado tem a mania de mexer onde não deve e colecionar inimigos. Nada bom para ele.

— Por que você está fazendo isso, então?

— Longa história... — ele colocou o cano da arma em meu queixo, virando meu rosto para o outro lado.

As lágrimas arderam em meus olhos, mas respirei fundo, impedindo-as de cair. Eu não podia mostrar fraqueza, mesmo que só existissem medo e desespero dentro de mim.

— Aqui, delegado — Miguel retornou, trazendo cordas e uma fita adesiva.

Eu olhei furiosamente para ele, quando veio em minha direção. E apesar de saber que seria uma tentativa frustrada, tentei correr em direção à porta.

— Ai! — Meus olhos arderam devido à dor, por ter sido arrastada de volta pelos cabelos.

As lágrimas, que tentei a todo custo conter, agora escorriam pelo meu rosto. Enquanto Dias me mantinha imóvel, Miguel puxou meus braços para trás das costas e prendeu os meus pulsos com a corda.

Depois fui jogada de volta ao sofá.

— Não tente gracinhas, menina — disse o delegado, tornando a colocar a arma contra a minha cabeça — Se deseja ver seu namorado de novo, acho melhor colaborar com a gente e se manter bem calminha.

— Por que está fazendo... — não consegui concluir minha pergunta, minha voz foi silenciada quando o delegado passou a fita adesiva sobre minha boca.

— Pode tirar as fotos agora, Miguel.

— Eu daria tudo para ver a cara do Leonardo agora — disse Miguel,

exibindo uma felicidade incrível em poder afetar o Leonardo de alguma maneira.

Miguel nunca escondeu que sentia inveja e raiva de Leonardo. O que a gente nunca cogitou, era que ele pudesse ir tão longe.

— Olhe para a câmera, meu amor — disse Miguel, sorrindo.

Tentei abaixar a cabeça, mas Dias agarrou meus cabelos com força, obrigando-me a olhar para o telefone nas mãos de Miguel. Eu sabia o que eles fariam com essas fotos, e sabia o que aconteceria quando Leonardo se deparasse com minhas imagens, nessa situação. Eu odiava ser o instrumento do desespero dele. E que esse desespero o pudesse levar a fazer algo impensado e precipitado, apenas para salvar a minha vida.

— Isso mesmo, querida — Dias se inclinou, sussurrando em meu ouvido: — Chore bastante. Quanto mais você chorar, mais rápido o Leozinho virá até a gente. Um homem apaixonado, capaz de tudo para salvar a mulher que ele ama.

Eu deveria fazer exatamente o oposto do que ele dizia. Deveria emitir um olhar calmo e confiante através das fotos, dizendo a Leonardo que confiava que ele viria me salvar. Nos salvar.

Como eu queria ser tão corajosa como Fabiana Stone havia sido tantas vezes, mas a minha fé e esperança estavam abaladas. Eu havia suplicado aos céus que trouxessem Leonardo de volta para mim. Agora eu poderia estar guiando-o para o que poderia significar a sua morte.

As cordas começavam a machucar os meus pulsos, minha garganta estava seca e meus olhos inchados, provavelmente vermelhos também. Mas tudo isso deixou de ter importância, quando vi Leonardo entrar, acompanhado de Miguel e do delegado Dias.

Notei rapidamente que carregava duas bolsas de viagem e uma mochila caindo no ombro. Mas meus olhos se importaram mesmo foi com a tristeza que via em seu rosto e o pedido silencioso de desculpas em seus olhos.

— Agora, sim, o nosso time está completo — disse Dias, empurrando Leonardo para frente com o cano de sua pistola — Trouxe tudo o que eu pedi, Valença?

Leonardo soltou as duas bolsas no chão e entregou a mochila para Miguel.

— As pastas com as atas estão aqui — confirmou Miguel ao delegado.

— Veja se o dinheiro está na mala — instruiu Dias — E se os cartões de memória com as imagens também estão.

Enquanto os dois conversavam e verificavam o que haviam pedido para Leonardo trazer, o olhar dele ficou focado em mim. Nunca fui uma pessoa que

sabia mascarar as emoções. E tê-lo diante de mim, vivo e fisicamente bem, foi suficiente para abalar ainda mais o meu emocional.

— Não chora — disse em um tom angustiado, dando dois passos vacilantes até mim.

— Ainda não, rapaz. Vamos sentar e conversar um pouco — disse o delegado, impedindo que ele avançasse mais — Eu prometi à sua garota uma boa história. Acredito que ela esteja bem curiosa.

Tudo o que eu queria era que eles pegassem o seu dinheiro sujo, as coisas que havia na mochila e fossem embora, nos deixando em paz.

— Eu trouxe o que você pediu! — rugiu Leonardo — Deixa-a ir.

Dias andou ao redor dele, estalando a língua.

— Não é bem assim que as coisas funcionam, amigo — ele parou ao lado de Leonardo, colocou a pistola na têmpora dele e engatilhou.

Soltei um grito desesperado, que foi abafado pela fita presa em minha boca. Grossas lágrimas embaçavam meus olhos e caíam quentes sobre o meu rosto. Tentei levantar, mas Miguel me empurrou de volta ao sofá, com brusquidão.

— Olha só, Valença. Está deixando a garotinha assustada, e sabemos que você não deseja isso — eu odiava o cinismo que vinha acompanhado da voz carinhosa do delegado — Prenda bem as mãos dele, Miguel.

Impotente, observava tudo. Ódio e pavor crescendo quase na mesma medida, enquanto via Miguel, com um sorriso arrogante, continuar a provocar Leonardo.

Suas mandíbulas estavam rígidas. Eu sabia o esforço enorme que ele fazia para conter a fúria se agitando dentro dele. Mas quando olhava para mim, eu conseguia ver amor. E eu queria que meu olhar dissesse a ele o quanto o amava também.

— Tire a fita dos lábios dela, Miguel — disse o delegado, após voltar da cozinha carregando duas cadeiras, colocando uma contra a outra — Vamos tentar ter uma conversa civilizada.

Ele puxou a fita sem nenhuma delicadeza. Senti a pele dos meus lábios esfolar, e logo em seguida o gosto de sangue em minha língua.

— Filho da puta! — Vociferou Leonardo, com um olhar raivoso para Miguel — Eu vou acabar com você, está ouvindo?

— Claro que vai — o outro debochou.

Meus lábios ardiam e doíam tanto, que a vontade de me encolher e chorar era grande, mas eu não queria inflamar ainda mais a raiva de Leonardo, levando-o a fazer algo irracional e inconsequente. Contive minha dor e virei em direção a ele.

— Eu sinto muito! — soluzei, meu pranto se intensificando enquanto

olhava para Leonardo e era arrastada por Dias até uma das cadeiras — Desculpa.

Eu nunca deveria ter atendido a maldita ligação. Eu não deveria ter caído nas mentiras do delegado. E, principalmente, nunca deveria ter aberto a porta e permitido que os desgraçados entrassem.

Tudo isso era, sim, minha culpa.

— Não é sua culpa — sussurrou Leonardo, como se lesse meus pensamentos — Nada disso foi culpa sua...

Nosso contato visual foi interrompido, quando Miguel me arrastou para uma das cadeiras onde me obrigou a sentar.

— Como disse à Srta. Alencar, antes de você chegar, tempo é algo precioso — senti Leonardo sendo colocado na cadeira oposta à minha, nossos dedos chegaram a se tocar, e esse mínimo contato entre nós significava tudo para mim — Então vamos ter que interromper por um momento o interlúdio amoroso e ir direto ao assunto. Embora eu acho que você tenha entendido o mais importante, Leonardo.

— Como pôde ter feito isso, Dias? — Indagou Leonardo, suas mãos tateando as minhas — Como pôde ter traído e enganado toda a equipe? As pessoas que acreditavam em você. Burlando uma operação inteira por causa de um dinheiro amaldiçoado. Como a gente nunca viu isso?

— Primeiro, eu nunca traí vocês. Fui transferido para vigiar a operação de perto, logo que as investigações iniciaram. Sabe, Leonardo, eu já fui um jovem como você, cheio de ideais, que acreditava que iria mudar a porra do mundo e esse país de merda — iniciou Dias — Sentindo orgulho da farda, mesmo ganhando um salário ridículo. Prendendo bandido e o sistema soltando. Prendendo e soltando. Até chegar o dia em que você descobre que os verdadeiros bandidos usam terno e gravata. E são eles que mandam na porra desse país.

Infelizmente, era exatamente assim que funcionavam as coisas no Brasil.

— Você começa a questionar sua utilidade em tudo isso — continuou Dias — E aí, um dia, seu superior aparece em sua sala com uma boa proposta. Então, ou você cede ao sistema, ou ele descarta você. Todos os anos que me dediquei não valeram de nada. Nem as pessoas que você praticamente deu a vida para defender, dão valor ao seu trabalho.

Eu até acreditava que ser policial nesse país era algo muito difícil. E que, sim, devido a maus policiais, como ele vinha provando ser, uma parte da população era incrédula. Mas, para mim, nada justificava a falta de caráter, a corrupção e a desonestidade. E eu sabia que Leonardo pensava da mesma maneira. Mesmo o seu trabalho sendo difícil, ele nunca iria se corromper.

Eu sentia que a mesma decepção que tive com meu pai, ao descobrir que

ele era corrupto, Leonardo sentia agora, ao encarar o chefe dele.

— Tem gente envolvida por todos os lados, garoto. É inútil lutar contra isso. É no Ministério Público, nos Governos... No Supremo — disse Dias — São os doleiros lavando dinheiro, empreiteiros liberando propinas que movem os partidos. Os políticos são a maior gangue organizada que existe. Não tem essa de partido político de esquerda ou de direita. Estão todos no mesmo saco. E a imprensa? É só mais um mecanismo para deixar a população confusa e alienada.

Ele coçou o queixo com o cano da pistola.

— Todo esse tempo trabalhando nisso, e ainda fica surpreso? — Dias riu.

— Você é uma bactéria — acusou Leonardo, o desprezo em cada palavra que dirigia a ele — Como um vírus contaminando tudo. Mentiroso. Desonesto. Corrupto.

— Isso é uma questão de ponto de vista — disse Dias — O Miguel sempre pensou diferente de você. Por isso se tornou meu braço direito, não é mesmo, Miguel?

— Com toda certeza, delegado.

— Agora entendo por que sempre teve os olhos fechados sobre esse verme — disse Leonardo, continuando a mexer em meus pulsos — Vieram do mesmo esgoto sujo.

Quando compreendi o que Leonardo estava fazendo, mexendo na corda em meus pulsos, a esperança em mim se renovou, embora uma boa parte estivesse temerosa de que algo desse errado.

Dias bateu com a arma na cabeça de Leonardo: — Raciocina, rapaz.

— Ele sempre se achou esperto demais, delegado — provocou o agente, colocando-se agora ao lado do delegado, em frente a mim — Mas quem é o esperto agora, Valença?

As mãos habilidosas de Leonardo acalmaram-se por um tempo. De onde Miguel se posicionou, poderia notar o que ele estava fazendo.

— Vou esclarecer: são os caras de cima, as pessoas que realmente controlam e comandam tudo... — disse Dias, e fez uma pausa para me encarar — Não fantoches como o seu pai. Que acha que são espertos, mas só estão ali porque uma hora a bomba tem que estourar em alguém. Precisava ver no início, nas reuniões se achava tão superior. Veja onde o senador está nesse momento.

Começava a entender agora as últimas palavras do meu pai. De que ele havia passado a ser um brinquedo. Não que isso mudasse ou apagasse o fato de ele ter agido muito errado. Mas eu conseguia compreender um pouco onde ele queria chegar, quando falou que não havia como sair disso. De toda essa rede de corrupção. Papai nunca deveria ter se unido às pessoas que Dias nos descrevia.

— Acelerando o assunto... Eles precisavam de alguém confiável na

operação. Que não levantasse suspeita e alertasse se algo relacionado a alguém realmente importante pudesse vazar — explicou Dias — Por isso eu nunca traí você, Leonardo. Estive fazendo jogo duplo desde o início. Era muito dinheiro envolvido. Disseram que são milhões, mas o que você e a maioria não sabem, é que é muito mais do que isso. Estamos falando de bilhões de reais.

Ele indicou Miguel com sua arma.

— Assim como fiz com Miguel, tentei trazer você e Henrique para o meu lado, testando os dois, o tempo todo. E me foi prometido a superintendência, e um de vocês poderia assumir o meu lugar.

— Pensei que eu fosse assumir o seu lugar, delegado — disse Miguel, em um tom descontente.

Humm... Então havia problemas no paraíso deles, pelo visto.

— E será, Ferreira — repreendeu Dias — Estava falando do início. Não deixe seu despeito com Leonardo cegar você.

O deslize do delegado, ao falar de Leonardo, explicava muita coisa sobre a raiva de Miguel por ele. Sempre sentiu inveja porque, inicialmente, Leonardo e Henrique foram a primeira escolha de Dias para o seu esquema sujo.

— Mas, infelizmente, vocês não são como nós — disse Miguel, prepotente — Não têm a visão que nós temos.

— Então tudo isso se resume ao de sempre — murmurou Leonardo — Dinheiro e poder.

— É o que faz o mundo girar, não é mesmo? Ah, garoto, você é idealista demais — disse o delegado, e seu olhar voltou a cair sobre mim — Mas vamos resumir o assunto. Quando Alencar percebeu que poderia rodar, deu os seus passos para se precaver — ele apontou a mala no chão — Desviou o dinheiro. Fez cópias dos dossiês e roubou algumas atas, ele queria nos ter nas mãos para se proteger. O cara não era tão burro assim. E ninguém lá de cima queria ver isso acontecer.

— Então sabotaram o avião que ele estava e tentaram fazer o ataque à senhora Alencar parecer um assalto — concluiu Leonardo.

— Era para Gisele estar naquele carro, mas descobrimos depois que estava com você.

— Então você já sabia de tudo — constatou Leonardo — Sobre nós?

— Não no início. A ideia era que Miguel seduzisse Gisele e a levasse a confiar nele, contando onde o pai dela deixou o dinheiro.

— Só que eu saquei que tinha, ou estava rolando algo entre vocês — disse Miguel a mim — Era só pressionar um pouco para que dessem um passo em falso. Foi muito divertido.

— Eu nunca tive conhecimento desse dinheiro — me manifestei, após ouvir

os absurdos deles por tanto tempo — Nunca soube o que significava o código, nem onde meu pai escondia tudo isso.

— Soubemos disso depois. Mas você tinha uma pista, não é? — murmurou Dias, impaciente — E só precisávamos aguardar que o Leonardo resolvesse o problema. E esperar para agir no momento certo.

Tudo se encaixava tão perfeitamente, que era mesmo admirável termos sido enganados por tanto tempo. As pessoas que menos imaginávamos, nos traíram.

— Meu único empecilho nesse caso foi Torres, querendo tirar Leonardo da cola dele.

Então o ataque que sofremos em minha casa fora mesmo encomendado pelo policial que Leonardo odiava, pelo que fizera ao pai dele.

— E aquele inglês metido a esperto, para quem Leonardo pediu ajuda — disse Dias — Usar telefones frios para se comunicarem foi uma boa, Leonardo. Mas vocês não pensaram no telefone de Henrique. Bastou grampear a linha dele para ter algumas informações que eu precisava, para ter vocês no meu radar outra vez. Embora nunca dissessem onde Gisele se encontrava. Não que eu me importasse com isso, até agora.

Dias sorriu para mim e ergueu a mão em um sinal de desculpas.

— Não se ofenda, Gisele, mas só me interessava mesmo saber onde a pista nos levava.

— Você me ligou do celular do Henrique — disse ao delegado, foi só por isso que acreditei que Leonardo estivesse em perigo — O que fez com ele?

— Apenas o chamei à minha sala e deixei Miguel o entretendo, enquanto usava o telefone dele para falar com você, depois apaguei o registro da ligação, obviamente — respondeu Dias — E foi preciso dar um jeitinho na moto para o atrasar. O que me faz lembrar que precisamos finalizar nosso assunto.

O que Dias confessou, explicava porque havia acreditado na história que Leonardo e Henrique disseram sobre meu desaparecimento. E o porquê de ele nunca ter levado as investigações mais a fundo. Não era porque confiava cegamente nos seus dois melhores agentes. Tudo fazia parte de um plano sórdido, que o delegado tinha arquitetado com a ajuda de Miguel. No fim, tudo começava em meu pai e terminava em mim. Leonardo foi apenas uma forma de me alcançar.

— Infelizmente, meus amigos, agora vocês sabem mais do que deveriam saber — concluiu Dias — E precisamos resolver isso. Miguel, quer fazer as honras?

— Certamente, delegado.

A forma que ele nos olhou, o prazer diabólico que via em seus olhos, causou tanto pânico em mim, como se eu estivesse vendo o próprio demônio

encarnado em pessoa.

Capítulo 35



Leonardo Valença

Nada do que Dias dizia agora era surpresa para mim, não desde que encontrei a pasta com os arquivos que comprovavam que ele fazia parte de um esquema sujo de corrupção, e a ligação que fizeram quando estava revistando o contêiner.

Dias nunca foi o que imaginei. Um policial que um dia cheguei a respeitar e admirar. E pensar que inicialmente fui tão duro com Gisele. Que a fizera sofrer quando o verdadeiro inimigo se encontrava bem ao meu lado.

Mas eu não podia permitir que Dias e Miguel saíssem impunes sobre isso. Tive que ser rápido e pensar friamente. Sei que recorrer à ajuda de Peter fora o certo. O que o Dias não sabia, era que tirei fotos de tudo o que se relacionava a eles. Transferi as imagens do cartão de memória, pelo celular, para o e-mail de Peter, e entre as folhas na pasta que entreguei a ele, havia outras sem nenhuma importância.

Levei o dinheiro porque, sobre isso, não seria fácil enganá-lo. Mas a arrogância e o excesso de confiança de Dias e Miguel os levariam direto para uma das celas que eles costumavam conduzir criminosos. Porque era isso o que eles eram, dois criminosos sujando o distintivo policial.

Então só precisava mantê-los falando para que o Peter conseguisse salvar todas as provas que eu havia deixado para trás. E para que Henrique conseguisse chegar a tempo e me ajudasse a tirar Gisele das garras desses desgraçados. Tudo o que me importava era salvar a vida dela, mesmo que para isso tivesse que dar a minha no lugar.

Enquanto Dias e Miguel levavam as coisas para o carro, no lado de fora, aproveitei o breve momento para falar com Gisele.

— Gisele... — Chamei baixinho.

— Leo? — Os dedos buscaram os meus atrás das costas — Eu sinto muito...

Eu odiava ter de presenciá-la sofrer, odiava mais ainda que se sentisse culpada como se sentia.

— Meu amor, nós não temos tempo para essa conversa — por mais que eu quisesse tirar essa angústia do seu coração, salvar a vida dela vinha em primeiro lugar — Eu vou afrouxar um pouco mais a sua corda. Mas deve soltar só quando eu disser...

Miguel retornou para pegar a segunda mala de dinheiro e olhou para nós dois por alguns segundos.

— Palavras finais de despedida? — Debochou ele, ao encontrar meu olhar de ódio — Que tocante.

Ele saiu rindo. Eu não tinha tempo e energia para gastar com esse babaca, pelo menos não por agora.

— Quando eu disser para correr... — voltei a sussurrar baixinho — Você corre.

— Mas...

— Eu vou ficar bem, meu amor. Henrique deve estar chegando a qualquer minuto. Você tem que...

Os dois desgraçados retornaram, e só me restava esperar que Gisele tivesse entendido o que disse a ela e não hesitasse na hora de fugir.

— Prenda os pés dela também — disse Dias — Leve a moça para o carro primeiro, Miguel.

Um soluço, seguido de um pranto baixinho, escapou dos lábios de Gisele, e jurei que faria os dois pagarem pelo terror que colocavam nela.

Droga! Onde estava Henrique? Eu havia tentado atrasar Dias o máximo que consegui, mantendo-o falando, mas o engodo não duraria por tanto tempo. Aliás, parecia que nosso tempo estava escoando.

— Delegado, pode fazer o que quiser comigo — disse a ele, esperando ganhar mais tempo — Deixe-a ir. Gisele não dirá nada a ninguém.

Ele ergueu a pistola, apontando-a para a minha cabeça. Amarrado e desarmado, não havia muito que eu pudesse fazer, principalmente porque qualquer ação minha poderia custar a vida de Gisele. Em outra situação, eu tentaria atacar os dois, mas não me arriscaria tendo uma arma apontada para ela.

O mais sensato era continuar ganhando tempo, pelo menos até conseguir fazê-la escapar, aí sim arriscaria tudo e iria até as últimas consequências.

— Claro que ela não dirá nada. Morto não fala.

Sua ameaça fez o meu sangue ferver. Obriguei-me a manter a frieza, embora, por dentro, eu fosse um vulcão prestes a explodir.

— Você já tem o dinheiro, Dias, e as provas, não há nada que possamos fazer contra você.

— Leonardo, não me tome como um tolo — ele sorriu — Você me perseguiria até o inferno, se fosse preciso. Só que quem irá encontrar o diabo primeiro é você.

— Pronto, delegado — Miguel retornou.

— Levanta, Valença — disse Dias, ainda apontando a arma para mim — Faremos um passeio.

Isso significava que não tentaria nos executar aqui. O que era muito ruim, pois se saíssemos da casa, seria impossível de Henrique conseguir nos localizar. Por outro lado, ganharíamos mais um pouco de tempo e eu poderia pensar em novas formas de ajudar Gisele a escapar. Não era a melhor opção, mas a única que tinha.

— Amarre os pés dele, Miguel — instruiu Dias quando chegamos ao carro, a arma sempre apontada para a minha cabeça — Um belo lugar você escolheu para esconder sua amada, Leonardo. Tem até um belo lago aqui próximo. Já foram lá?

Ele sabia muito bem que não. Mantive Gisele escondida e protegida durante todo o período que estive na casa.

— Pois vão conhecer agora — disse Dias, em um tom animado — Conte a eles, Miguel, o que planejamos para os dois.

Senti um calafrio correr pela minha espinha, quando Ferreira terminou de amarrar os meus pés e me empurrou para dentro do carro, ao lado de Gisele.

— Acharmos que... — ele imitou um revólver com os dedos e estalou a língua, simulando um som de disparo — Colocar uma bala nas suas cabeças deixaria muita sujeira e pistas pelo caminho. Então vamos simplesmente jogar o carro no lago, com vocês e as provas. Comida para peixe e um serviço limpo.

Mas que porra!

Isso mudava tudo. Reagir agora era o mesmo que condenar Gisele a ter uma bala cravada em seu peito. Não fazer nada era condenar nós dois a uma morte por afogamento. Minha única chance era Henrique, mas não havia sinal dele.

Parecia que íamos mesmo em direção à morte.

O caminho que levava ao lago durou cerca de quase trinta minutos. Eu já

tinha pensado em todas as formas possíveis de fazer alguma coisa para nos tirar dessa situação, mas nenhuma parecia terminar sem que acabássemos com uma bala em nossas cabeças.

Primeiro, estávamos no banco de trás, com os pulsos amarrados atrás das costas e os pés igualmente em cordas. Segundo, apesar de Miguel estar na direção do veículo, Dias ficou de guarda, com a pistola apontada para mim e Gisele, atento até ao mais suave soluço dela. Estávamos nas mãos dos dois, e não havia nada que pudéssemos fazer.

O caminho feito de terra foi ficando mais íngreme e inclinado. Em certo momento, Miguel desligou o carro e desceu.

— Você está em desvantagem, Valença — alertou Dias — Não faça nenhuma idiotice, ou juro que torno a morte dela bem dolorosa, para ela e para você.

— O que eu posso fazer, amarrado e desarmado? — Urrei.

Dias sorriu. Eu queria ter a chance de um dia fazer esse sorriso cínico se apagar.

— Sei que você tentaria muitas coisas — disse ele — Admiro sua coragem, mas sabemos que está em desvantagem aqui.

Ele saiu do carro, e eu me virei em direção a Gisele. Ela não chorava mais, e para mim isso era muito pior. Era como se estivesse entregando os pontos.

— Lembra-se do que eu disse, sobre fugir quando puder? — sussurrei, atento ao movimento da dupla lá fora — Ainda não é seguro. Talvez só seja quando já estivermos na água...

Parei de falar quando Miguel passou ao lado de minha porta. Eles mexiam no carro, claramente sabotando-o para dificultar qualquer tentativa de fuga que pudéssemos ter.

— Você sabe nadar, não sabe?

— Sei, sim — tanto sua voz como a expressão no seu rosto pareciam cansadas — Leonardo, quero que você saiba que eu te amo...

— Não faça isso — a interrompi — Não é a porra de uma despedida, Gisele.

— Eu preciso dizer, por favor — insistiu ela, as lágrimas voltando a molhar o seu rosto, as minhas próprias lutando para escapar dos meus olhos — De tudo o que aconteceu, você foi a melhor coisa que surgiu na minha vida.

Isso não estava certo, nenhum de nós dois merecíamos esse fim. Nossa história não poderia acabar dessa forma.

— Tudo valeu a pena, porque no final, eu encontrei você — sua declaração tocava meu coração, e a dor contida em suas palavras tristes, as lágrimas que confirmavam seu coração em pedaços, quebravam o meu — Porque eu nunca

amei e me senti tão amada como você me fez sentir. Mesmo quando não queria me amar.

Eu havia lutado contra o que eu sentia por ela, mas esse sentimento, o amor que ela fez nascer em meu peito, sempre foi mais forte.

— Eu amo você, Gisele. Sempre vou amar, não importa como acabe essa história — declarei a ela. Jamais fui tão sincero com alguém, acho que nem comigo mesmo, como estava sendo com ela agora — Mas você irá sair viva daqui. Será feliz tendo uma vida plena. Filhos, uma família feliz e tudo o que você merece. Só me prometa que, quando estiver lá embaixo e puder fugir, fará isso sem olhar para trás.

— Eu não consigo... — o choro inconsolável interrompeu suas palavras.

— Me prometa, Gisele — o nó em minha garganta se intensificou — Prometa!

Ela sacudia a cabeça e chorava ao mesmo tempo.

— Gisele? — foi impossível continuar contendo as lágrimas que representavam também a minha dor — Por favor, prometa.

Ela me encarou, desconsolada.

— Eu prometo.

Uma parte de mim dizia que ela só afirmava isso para me deixar mais calmo. A outra parte possuía a esperança de que não fosse quebrar a promessa que acabara de fazer.

— Procure o Peter — disse a ela — Ele irá cuidar de você.

Ela ainda tinha uma chance, e eu desejava que, mesmo sem mim, Gisele pudesse um dia encontrar as sonhadas paz e felicidade. Que ela seguisse em frente.

Capítulo 36

Gisele Alencar

Eu prometi a Leonardo que lutaria pela minha vida até o fim, mas eu não podia fazer isso deixando-o para trás. Metade do meu coração eu dera a ele, e não haveria maneira alguma de continuar vivendo sem a outra metade de mim. Seria como a minha morte em vida.

— Bom, meus jovens — Dias retornou, limpando as mãos sujas em um pano que encontrou no carro — Chegou a hora de nos despedirmos. Nós soltaremos o freio e deixaremos o carro descer. No final do caminho, chegarão ao lago. Tenham uma excelente viagem.

Abri a boca para implorar por minha vida e a de Leonardo, mas eu sabia que não teria efeito algum, e esse homem já nos tinha torturado demais. Nenhuma lágrima minha mais seria voltada para ele. Se eu tivesse que chorar nos meus últimos momentos de vida, seria pela minha mãe, a quem eu não sabia qual destino teria e o quanto minha morte a faria sofrer, e por Leonardo, a quem eu amava profundamente.

Para ele eu daria meu último sorriso, se assim fosse nosso destino. E foi exatamente o que fiz: — Eu te amo.

— Trave as portas, Miguel.

O carro entrou em movimento, descendo lentamente em direção ao rio.

— Nós temos, talvez, menos de um minuto — gritou Leonardo — Vire de costas!

Fiz o que ele me pediu. Senti seus dedos baterem nos meus enquanto ele agilmente tentava desatar um pouco mais os nós, como havia começado na casa. Quando senti que minhas mãos poderiam passar pela corda frouxa, comecei a puxá-las com força.

— Consegui! — Gritei e chorei de felicidade.

O tempo era algo esquisito. Às vezes parecia que corria velozmente e trabalhava contra nós, e no mesmo momento, fazia com que nosso desespero em querer escapar se prolongasse ao máximo.

— Desamarre os seus pés — disse ele, e estava ao ponto de negar, quando Leonardo voltou a gritar: — Rápido, Gisele!

Obedeci, inclinando-me rapidamente em direção aos meus pés. Não havia tempo para discutirmos. Eu precisava ficar livre para ajudá-lo a se soltar também. E me livrar das cordas em meus pés foi mais fácil e rápido que com as minhas mãos. Só que quando me ergui novamente para ajudar Leonardo, nosso

tempo tinha se esgotado.

O carro deu um leve balanço quando chegou ao final da planície, e alguns segundos depois, mergulhávamos no lago. Eu mal tive tempo de compreender o que se passava. Foi só quando a água começou a entrar pela fresta aberta na janela, que meu instinto de sobrevivência retornou.

— Vou soltar você — disse a ele, pranteando em direção aos seus pulsos — Eu vou te soltar... eu vou te soltar...

Caíamos rápido. Eu não sabia qual o tamanho desse lago, mas parecia ser bem profundo.

— Droga! — meu choro se intensificou quando meus dedos se atrapalharam nos nós.

Eu não conseguia dizer se estavam realmente muito apertados ou se eu estava cada vez mais nervosa pela água subindo. Já passava de nossa cintura, e só via o verde da água nos rodear.

— Ah, meu Deus! — quanto mais eu tentava, mais as minhas mãos ficavam trêmulas e mais eu me atrapalhava — Por favor... por favor...

Nem quando atentaram contra os meus pais, quando invadiram minha casa tentando me matar, quando achei que Leonardo não sairia vivo, ou quando fugimos para a casa onde me mantive escondida, senti tanto medo. Eu nunca senti a morte tão de perto como agora, e ela esteve várias vezes nos rondando.

— Você consegue — disse Leonardo, para me encorajar e acalmar — Eu sei disso.

Nesse momento, a água passava dos ombros dele e batia em seu queixo. Eu tinha que mergulhar para ver o que estava fazendo. Inalei fundo e fui para debaixo d'água. Forcei os nós, até que a corda machucasse os meus dedos, mas consegui alguns centímetros para que Leonardo movimentasse os pulsos. Voltei à superfície, tendo agora poucos centímetros para respirar. Para isso precisava manter o rosto virado para o teto. Inalei fundo mais uma vez, voltando a lutar contra a corda. Não desfiz totalmente o último nó, mas Leonardo conseguiu libertar as mãos, contudo, seus pés continuavam amarrados.

Senti o leve baque do carro chegando ao fundo do rio. Voltei ao teto do carro, mas todo ele estava tomado pela água. Não haveria chance de conseguir respirar, se não saíssemos imediatamente dali.

Puxei a porta, mas estava travada. O desespero, a falta de ar em meus pulmões, o pânico da certeza que iríamos morrer, faziam com que insistisse em tentar abri-la. Senti dois braços me afastando da porta. Ainda com os pés amarrados, Leonardo chutou o vidro. Uma, duas vezes; na terceira vez, o vidro se rompeu.

Ele me guiou pela passagem aberta. Meu peito queimava de dor e já

começava a ficar desorientada, quando finalmente saí do carro. Olhei para dentro e vi que Leonardo seguia pelo mesmo caminho que eu. Ele fez um sinal para que eu nadasse para cima. Acenei com o pouco de energia que ainda me restava, nadando em direção à superfície e em busca de ar.

Quanto mais eu nadava em direção à claridade, mas ela parecia distante de mim. Não conseguiria chegar a ela, pensei. Havia lutado tanto para, no final, acabar morrendo afogada no rio. Então lembrei da promessa que fiz a Leonardo e de todos os motivos que tinha para continuar lutando.

Busquei forças onde achei que não possuía. E quando a luz do dia ofuscou meus olhos, mãos tocaram meus ombros, depois minha cintura, puxando-me mais para a superfície.

— Gisele!

Era Henrique. Apesar do alívio que sentia em ver seu rosto amigo, minha preocupação era Leonardo.

— Leonardo! — minhas pernas batiam na água, tentando me manter boiando — Leonardo!

Olhei para a água, mas não o via surgir de algum lugar.

— Onde ele está, Henrique? — desatei a chorar, cada vez mais em pânico — Onde ele está?!

— Não o viu emergir? — disse ele, aflito — Consegue nadar até a margem?

Eu não queria nadar até a margem do lago, queria voltar e encontrar Leonardo.

— Gisele!

Assenti ao seu chamado.

— Vou buscá-lo — disse Henrique.

— Traga-o para mim — supliquei, mas ele já havia mergulhado na direção de onde vim.

Chegar à margem do lago, apesar de não ser tão longe, parecia tão ou mais difícil do que ter nadado de volta à superfície. Isso porque eu já esgotara praticamente toda a minha energia.

Quando cheguei ao solo pastoso, me arrastando, olhei de volta para o lago e, com alívio e preocupação, vi Henrique nadar em minha direção, trazendo Leonardo, desacordado, com ele.

Fiquei petrificada, os observando se aproximar.

— Na minha jaqueta... Pega o meu celular — disse Henrique quando, quase sem fôlego, colocou Leonardo ao meu lado — Chame a ambulância.

Enquanto ele virava Leonardo de bruços, iniciando o socorro, engatinhei até onde sua jaqueta estava. Com as mãos trêmulas e a vista embaçada, tateei todos os bolsos até conseguir encontrar o aparelho.

O sentimento de pânico queria me envolver, mas minha consciência me alertava que cada minuto que passava, as condições de Leonardo poderiam piorar. Respirei fundo para manter a calma, e após a ligação ser completada, passei as instruções de onde estávamos e a gravidade do paciente. Depois corri de volta para onde Henrique se encontrava, seguindo com a massagem cardíaca.

— Não me deixe — ajoelhei ao seu lado, segurando sua mão — Eu amo você, Leonardo. Não se atreva a me deixar.

Nós não tínhamos passado por tudo isso para, no final, acabar assim. Eu não iria permitir que Leonardo partisse. Não iria aceitar.

— Volta para mim, por favor — minha lágrima caiu sobre a testa dele e me inclinei para colhê-la com um beijo — Eu te amo, meu amor. Eu te amo muito.

Cada minuto que se passava parecia uma eternidade para mim. Até que finalmente ouvi o som da sirene da ambulância ao longe — talvez por ser uma cidade pequena eles haviam chegado relativamente rápido, o motivo não importava — agradei muito a Deus. Tínhamos passado por essa. Estávamos vivos, e eu tinha a esperança de que Leonardo fosse se recuperar.

Henrique tinha algumas coisas para resolver com a equipe policial que havia chegado logo após ele, para dar reforço. Eu não prestei muita atenção no resumo que ele me fazia e nem o que relatava sobre o delegado Dias e Miguel. Toda a minha atenção se mantinha focada em Leonardo, o homem que eu amava, correndo risco de morte.

Só foi possível uma pessoa na ambulância. Eu fui com ele, sempre conversando e segurando a mão de Leonardo. Fui afastada uma vez quando ele teve uma parada cardiorrespiratória.

Fiquei aterrorizada quando o socorrista pediu que eu me afastasse. A onda de pânico em mim foi tão grande, que por um momento, acreditei que poderia desfalecer. Mas então lembrei que Leonardo precisava da minha força e incentivo. Eu tinha que estar ali por ele.

— Volta para mim, por favor! — Sussurrava sem cessar.

Foi difícil ter que me afastar dele quando chegamos ao Pronto Socorro, ver a sua mão se afastando da minha, enquanto o levavam para longe de mim.

Uma enfermeira surgiu depois, dizendo que eu também precisava de cuidados. Estava toda molhada, tinha os pulsos cortados, calcanhares esfolados e os lábios muito inchados.

Apesar de querer ficar na sala de espera, aguardando notícias de Leonardo, ela me disse que eu estava em choque e que não daria qualquer informação enquanto não fizesse os curativos e colocasse uma roupa seca.

Acabei cedendo e indo com ela, que pediu que eu preenchesse uma ficha para dar entrada no hospital, depois me guiou para a enfermaria. Depois de um

banho, ter colocado a camisola hospitalar, fazer os curativos e tomar anti-inflamatórios e analgésicos para dor, que só agora percebia sentir, fui levada para um quarto.

— E o Leonardo? — perguntei à enfermeira, que cuidava de mim desde que entrei no hospital — Como está o Leonardo? Posso vê-lo agora?

Ela me ajudou a subir na cama e ajeitou o acesso venenoso em meu braço, antes de responder: — Está sendo atendido. Logo o doutor Lima irá falar com você.

Eu não sabia se era devido ao estresse, cansaço das últimas horas agitadas e tensas, ou se era devido à medicação, mas assim que coloquei minha cabeça no travesseiro, meus olhos começaram a pesar.

— Mas ele está bem? — murmurei, com a voz fraca — Ele está bem...?

O quarto foi ficando escuro, até que eu perdi a consciência, caindo no sono.

Capítulo 37



Leonardo Valença

Antes que abrisse os olhos, senti a pressão delicada em minha mão. E quando os abri me deparei com o rosto emocionado e feliz de Gisele. Desviei o olhar dela por um segundo, para dar uma rápida olhada ao redor.

— Onde eu estou?

— No hospital Santa Tereza — ela respondeu.

Voltei meu olhar para ela e soltei um gemido, quando minha visão ficou menos embaçada.

— Seus lábios — estiquei a mão para tocar o rosto dela, que a segurou em sua bochecha — E os seus pulsos...

Ela sorriu, embora tenha ficado claro que o gesto causava desconforto.

Notei que, assim como eu, também usava uma camisola hospitalar.

— Eu estou bem — murmurou, e com os lábios feridos, beijou levemente a palma de minha mão — Você voltou para mim.

— Eu nunca te deixaria — alisei sua bochecha com meu polegar — Tentei fazer isso uma vez, e me arrependerei pelo resto da vida.

— Eu tive tanto medo... — disse ela, com a voz embargada — Medo de te perder.

Entrelacei os dedos nos dela e a puxei para mais perto de mim.

— Dia ruim?

Foi mais ou menos isso que eu disse a ela, quando nos conhecemos. Esse era como um recomeço para nós.

— Foi bem ruim, mas agora está perfeito.

— Eu preciso falar algo que deveria ter feito há muito tempo — disse a ela — Eu sinto muito por ter duvidado de você no início...

— Eu não...

— Eu tenho que falar — apertei a mão dela — Eu fui um completo babaca com você. E eu prometo que, no futuro, tentarei não tirar conclusões precipitadas e te ouvir e fazer essas coisas que os casais fazem.

Ela sorriu lindamente.

— As DR's? — Indagou, divertida, e eu fiz uma careta como se estivesse sendo torturado — Sei que vocês, homens, não curtem isso, e prometo não abusar delas.

Eu simplesmente não me importaria se isso acontecesse. Estive tão perto de perdê-la, que agora eu queria tudo. Os ônus e os bônus.

— Eu te amo. Sei que não digo isso com tanta frequência — levei sua mão até os meus lábios — E que nem sou um cara de gestos românticos, mas amo você.

— Ai, Leonardo — ela secou as lágrimas caindo no rosto com a mão livre, lágrimas dessa vez de felicidade — Você salvou minha vida duas vezes. Nas duas arriscou sua vida por mim. Existe gesto de amor mais lindo que esse?

— Se existir, eu vou encontrar — balbuciei de volta — Agora me conta. O que aconteceu enquanto estive apagado? Aliás, por quanto tempo fiquei inconsciente?

— Por alguns minutos, você nos deixou — disse ela, com a voz trêmula — Como é comum em casos de afogamento, teve hipotermia. Foram os desfibriladores e uma alta dose de adrenalina que o trouxeram de volta para nós. Isso foi ontem.

— Tanto tempo assim? — Indaguei, surpreso — Como eu saí da água?

— Henrique tirou você.

Eu só me lembrava de estarmos presos no carro. De ter pedido que Gisele saísse pela janela e que, quando tentei segui-la, a corda em meus pés havia se enroscado no cinto de segurança. Depois disso, era um completo vazio para mim.

— Então ele conseguiu chegar a tempo?

Ela assentiu, balançando a cabeça.

— Saiu há alguns minutos, para pegar um café na máquina aqui fora. Vou chamá-lo para que te explique melhor.

Gisele pegou minha mão e a passou no seu rosto, como um gatinho fazendo carinho em seu dono.

— Eu já volto — ela alisou meus cabelos antes de sair.

Algo como fúria se agitou dentro de mim, quando a observei caminhar

mancando levemente. Encontraria alguma forma de fazer Dias e Miguel pagarem por tudo que fizeram a ela.

Por Gisele, para não preocupá-la em me ver tão agitado, esfriei meus ânimos, e me encontrava espantosamente calmo quando Henrique entrou no quarto.

— Eu não sei se agradeço por você estar vivo, Leonardo — disse ele, vindo até minha cama — ou se mato você com as minhas próprias mãos.

— Chega de pessoas querendo me matar por um tempo, Henrique — estava muito feliz em poder ver meu amigo de novo — Obrigado por ter salvo a minha vida.

— Nos deu um susto e tanto, meu amigo — disse ele, fazendo o possível para segurar a emoção — Pensei que não conseguiria te tirar vivo. Depois que não conseguiria mantê-lo vivo até o resgate chegar. Sério, me deve alguns cabelos brancos.

— Que cabelos? — ri.

Henrique vinha mantendo a cabeça careca e lisa.

— Agora me conte o que aconteceu com Dias e Miguel.

Henrique puxou uma cadeira, e Gisele voltou para a mesma que estava quando eu acordei. Ela buscou minha mão, e mantive a dela junta à minha, enquanto esperava Henrique começar a falar.

— Eu tive problemas com a minha moto...

— Sim, Dias teve o prazer de nos contar sobre isso.

— Eu tive que pedir que meu primo emprestasse a dele. Então, depois você enviou a foto de Gisele e disse que Dias e Miguel fizeram aquilo com ela e que eu precisaria chamar reforço, mas que fosse cauteloso.

Eu tive receio de que outros agentes comandados por Dias estivessem no mesmo esquema de corrupção que ele.

— Consegui falar com Peter e ele procurou o delegado Donati, que foi quem iniciou a operação. Sentíamos que podíamos confiar nele para encontrarmos uma forma de resgatar vocês dois — disse ele — Depois de tudo planejado, eu iria tentar me infiltrar na casa primeiro, conhecia melhor, e veria como estava a situação dentro. Só que, quando cheguei, Dias estava colocando os dois dentro do carro. Mandeí o alerta a Donati, que esperava com sua equipe algumas ruas antes da casa, e segui vocês.

Ele encolheu o ombro, resignado.

— Sinto ter demorado tanto para agir, mas esperei ter o momento certo para isso. Quando saquei o que Dias e Miguel pretendiam... — ele balançou a cabeça

— A sorte que a equipe estava chegando, quando eles entraram no carro deles. Desci o morro até a margem do lago, mas não cheguei a tempo. Foi um alívio e desespero ver Gisele emergir. Contudo, você ainda estava debaixo d'água... foi foda. Eu sinto muito, Leo.

— Tudo bem, Henrique, eu não sei se teria feito diferente — disse a ele — Esperei até o último minuto para tentar Gisele do carro. Às vezes, a gente precisa fazer escolhas difíceis.

A nossa profissão nos fazia tomar decisões difíceis.

— Então, Dias e Miguel foram presos?

— Foi esperto de sua parte tirar as fotos das provas contra Dias — disse ele — Donati conseguiu com o juiz Melo um mandado de prisão. O Miguel ainda tinha no celular as fotos que tirou de Gisele, e bem... foi pego com as malas com milhões de reais, além do que fizeram a vocês.

Então os desgraçados finalmente encontrariam o que mereciam, por tudo que fizeram a Gisele, a mim e à nação.

— E o contêiner?

Havia provas lá que colocariam outros bandidos de terno atrás das grades.

— Os ninjas do Peter conseguiram limpar o lugar — disse Henrique — Tudo será enviado ao delegado Donati.

— Fico aliviado. Um dos mais interessados na morte do pai de Gisele era o vice-presidente. Quando essas provas forem expostas, acabará com suas chances de eleição. Sem esquecer de ex-governadores, senadores, deputados... É uma lista bem extensa. Todos querendo calar o senador Alencar e qualquer pessoa da família dele — concluí, antes de buscar Gisele com meu olhar — Você não corre mais perigo agora. O que tentavam esconder, eles já não podem mais.

— Enquanto eu também tiver você, nunca terei medo de nada — disse ela, fazendo meu peito inchar.

— Eu sempre vou cuidar de você, meu amor.

Gisele se inclinou para beijar os meus lábios, e só lembrou que os seus estavam feridos quando a dor a incomodou. Afastei minha boca da dela, beijando seu queixo, descendo pelo pescoço. O carinho a fez ronronar, e só não segui adiante porque o pigarrear insistente de Henrique me refreou.

— Agora que sei que vocês estão bem e fora de perigo — disse ele — Vou voltar para São Paulo, para cuidar de alguns detalhes.

Antes que ele fosse, precisava conversar com Henrique sobre a última pedra em meu sapato. Mas não queria Gisele envolvida nisso, quando acabara de sair de uma situação traumática.

— Amor, estou com muita sede — disse a ela, esperando que a desculpa para tirá-la do quarto desse a mim e a Henrique alguns minutos de privacidade

— Poderia encontrar alguma enfermeira e pedir que me traga água?

— Claro que sim — murmurou ela — Eu já volto.

Assim que a porta fechou atrás dela, coloquei meu olhar em Henrique.

— Dias disse que foi o Torres que atacou a casa da Gisele — informei a ele

— Agora, mais do que nunca, eu tenho que pegá-lo, Henrique. E eu sei como vou conseguir isso.

— Vou ter um prazer muito grande em ajudar você — disse Henrique — O que precisa que eu faça?

— Aqui não. Eu não quero que Gisele fique preocupada. Assim que eu receber alta, conversaremos no seu flat.

Ele concordou com a cabeça. Iríamos pegar o Torres, e assim como aconteceu com Dias e Miguel, ele se arrependeria amargamente por mexer com quem eu amava e era importante para mim.

Três dias depois, eu recebi alta. Por mim, teria saído no mesmo dia que acordei, mas Gisele bateu o pé para que isso só acontecesse quando teve certeza de que eu estava completamente recuperado.

Ela foi comigo para o meu apartamento. Eu não tiraria os meus olhos dela. Com Torres solto, querendo me tirar do caminho, minha atenção e cuidado sobre ela precisavam ser redobrados. De qualquer forma, ela não queria voltar para a casa dela e jamais permitiria que ela ficasse sozinha em um quarto de hotel.

— Bem, não é tão luxuoso quanto a casa onde cresceu — disse, colocando a bolsa que continha algumas roupas dela no chão, ao lado da cama — mas ...

Ela interrompeu meu discurso, colocando a mão sobre minha boca.

— Sabe o que eu pensei, na segunda vez que estive aqui? — Indagou ela, exibindo um sorriso sincero — Esse apartamento parece um lar. E que eu queria fazer parte dele. Eu queria muito ser parte da sua vida. Uma vida real.

Eu realmente não tinha muito a oferecer a uma garota criada no luxo, como Gisele. Mas eu ofertava meu amor, carinho, respeito e cuidado, esperava que isso fosse suficiente. Porque Gisele tinha tudo o que eu precisava em uma mulher para me fazer feliz.

— Tem outra coisa que também é muito real — dei a ela um sorriso cheio de intenções.

— E o que seria? — Ela se aproximou mais.

Agarrei sua mão em meu peito e a desci pelo meu abdômen, até chegar à minha calça. A pressionei na minha virilha, esfregando-a em meu pau até que ele começasse a enrijecer.

— É muito, muito real — disse ela, em um tom rouco.

Eu via Gisele como uma garota forte, mas de aparência frágil e delicada. Eu queria muito foder com ela da forma apaixonada que geralmente fazíamos amor. Só que ela ainda se recuperava de seus machucados, então eu tinha que acalmar o tesão rondando nós dois de uma outra forma.

— Tire a roupa — disse a ela, que rapidamente afastou a mão de mim, para me atender — Agora sente na cama, vá até a cabeceira e deixe as pernas bem separadas.

Eu gostava de ter o controle e Gisele amava que eu a guiasse. Henrique diria que ela seria uma submissa, em uma dessas casas que ele frequentava. Não poderia dizer se isso era mesmo real. Nunca tiraria a prova. Pensar em levar Gisele a um lugar como esse estava fora de cogitação. Ela era só minha. Eu não queria nenhum outro cara vendo-a de forma tão íntima, mesmo que fosse apenas ao meu lado.

Sim, eu era ridiculamente ciumento, egoísta e possessivo em relação a ela, pelo menos nesse aspecto.

— Sua boceta é minha — disse, dando voz ao meu pensamento primata — Certo?

Seus olhos brilharam, e ela cravou os dedos no lençol.

— É sua.

Levei menos de um minuto para tirar minha roupa e agarrar o meu pau, que começava a crescer e inchar.

— Sabe o que eu gostaria de ver? — indaguei, caminhando para trás, indo até a parede onde apoiei minhas costas — Você se tocar.

— Leonardo! — Vi suas bochechas ficarem rubras, e meu desejo por isso se intensificou.

— É a fantasia de todo homem — disse a ela, deslizando minha mão pelo meu pau — Isso e ter duas mulheres se tocando.

Se bem que acho que até uma garota beijando e tocando nela iria me incomodar.

— Mas como isso não será possível, quero ver você.

— Não! De jeito nenhum.

— Sim. Por favor.

Eu via que brigava com o desejo que inflamava nela e a timidez. Embora não visse sentido em Gisele ficar envergonhada, conseguia entender. Dar prazer a si mesma é algo íntimo, autoconhecimento. Nem sempre é fácil compartilhar. Algumas mulheres não se atreviam a fazer isso, nem mesmo sozinhas.

— Ok. Só se me disser o que tenho que fazer.

— Você não sabe? — Abri um sorriso lascivo, quando vi que ela entrava no jogo.

— Claro que sim — murmurou, passando as mãos lentamente pelas coxas, sem desviar de mim o olhar — Mas gosto quando as rédeas estão nas suas mãos. Meu sorriso morreu. A declaração foi suficiente para colocar fogo em meus olhos.

— Toque seus seios — iniciei as instruções.

Gisele preencheu as mãos com os seios empinados.

— Agora esfregue e aperte os mamilos até ficarem duros.

Vi sua respiração começar a mudar, enquanto acariciava os mamilos como eu costumava fazer, até eles incharem.

— Passe a ponta da língua, se conseguir.

Nesse momento, meu pau estava duro feito aço. Falava com ela e continuava a foder meu pau com a minha mão.

— Abra mais as pernas — exigi, meus olhos se deliciando com a boceta rosada sendo completamente exposta ao meu prazer — Leve sua mão até ela.

Gisele desceu a mão pelo ventre, e quando chegou à boceta, esfregou suavemente e seus olhos semicerraram ao apreciar a sensação de prazer que lhe causava.

— Esfregue devagar, depois vá aumentando a pressão, lentamente — disse a ela, amando a forma que se mexia, seu corpo reagindo ao tesão que começava a consumi-la — Enfia dois dedos agora. Isso, amor, fode como gosto de foder você.

— Ahh... — Gisele gemia e se contorcia, de olhos fechados.

Continuei a dizer o que ela deveria fazer, enquanto continuava a me masturbar.

O rosto afogueado e alguns fios de cabelo começando a emaranhar no rosto contorcido, pelo prazer que proporcionava a si mesma, eram estimulantes. Me causava um grande frenesi ver Gisele tocando em si mesma, e apesar de ser erótico pra caralho, não conseguia mais me manter apenas olhando.

Arrastei-me até a cama, deitando ao lado dela, mas em sentido contrário.

— Traz essa boceta pra mim — minha voz saiu áspera, causada pela excitação.

Formamos um 69. Lambi com vontade sua boceta molhada. Chupando e esfregando minha boca na vulva inchada.

Senti a boca de Gisele deslizar pela cabeça do meu pau, e agarrei seus braços.

— Só com as mãos! — Grunhi, fazendo-a se afastar.

— Mas eu quero... — ela choramingou, decepcionada com minha recusa.

— Só com as mãos, Gisele.

Eu sentia um desejo do caralho que ela chupasse meu pau, enquanto eu a

levasse a gozar com a minha boca. Mas não queria ferir seus lábios, ainda sensíveis, vendo-a tomar meu pau até sua garganta. O bem-estar dela sempre viria em primeiro lugar. Meu prazer maior não era apenas enfiar meu pau dentro dela e gozar. Meu prazer também consistia em fazê-la gozar tanto quanto eu. Era assim que um homem de verdade deveria pensar e agir.

— Fode ele, fode!

Normalmente eu demoraria mais para gozar assim. Mas Gisele e eu tínhamos uma conexão tão incrível, uma química tão forte e perfeita, que até suas mãos delicadas, fodendo meu pau, eram o paraíso.

Para recompensá-la, meti minha língua em sua boceta quentinha. Lambendo e provando o creme levemente salgado molhando minha boca. Lambi meu dedo indicador, lubrificando-o, e massageei seu ânus, forçando a entrada. Ainda com minha língua na boceta dela, continuei a chupá-la.

— Aiii... — ela se contorceu, soltando um gemido alucinado — Aiii... Leo.

Introduzi meu dedo completamente nela e mais dois dedos em sua boceta. Socando-os juntos. Aumentando a força e velocidade conforme seus gemidos saíam.

— Eu quero gozar... — ela pranteou, mexendo mais a cintura — Humm...

Afastei minha mão de sua boceta pulsando e dei uma leve batida em sua bunda, que ficou rosada imediatamente.

— Então goza, filha da puta!

Eu nunca seguraria minha boca suja com ela. Não no sexo. Sabia que isso a excitava muito.

Tornei a fodê-la com meus dedos em seu cu e sua boceta. Alternando a posição dos dedos para acariciar seu clitóris duro. Era tanto tesão vê-la se entregar como fazia, que mesmo sua atenção em meu pau sendo mínima, me deixava maluco.

— Ahh... isso... isso... ai, fode... fode... — ela pedia, gemendo, agora socando meu pau com a mão.

— Aiii... Caralho! — Urrei, fodendo-a o mais forte e rápido que conseguia, meu próprio orgasmo se aproximando.

Quando suas pernas começaram a tremer e Gisele desabou sobre mim, ronronando enquanto gozava, ejaculei em sua mão, gozando gostoso pra caralho.

Levamos um tempo considerável para nos mexer.

— Eu sinto muito... — murmurou, envergonhada, ao notar os sinais de seu prazer em minhas mãos e na cama.

Eu me arrastei na cama até deitar ao lado dela, abraçando-a de forma que ficasse de costas contra o meu peito. Posicionei meu pau semiereto entre suas

coxas, impulsionando o quadril contra o dela.

— Você estava muito excitada — murmurei e posicionei meu pau semiereto entre suas coxas — É completamente normal.

Era raro uma mulher se excitar a esse ponto, mas não era impossível. Isso era mais uma das coisas que me deixava fascinado por Gisele, a forma que ela se entregava a mim.

— Por que eu sou tão louco em você? — murmurei, impulsionando o quadril contra o dela, esfregando o meu rosto em seu pescoço — Tão viciado?

Continuei a impulsionar meu quadril, até ter meu pau deslizando para dentro dela. Mexendo para dentro e para fora. A posição fazia com que sua boceta comprimisse ainda mais o meu pau, causando ainda mais prazer a nós dois. Eu sentia seu interior começar a pulsar em volta de mim.

Busquei sua mão e a levei até seu clitóris, incentivando-a a se tocar.

Nessa altura, estava novamente excitado e duro. Fodendo, deslizando suavemente em sua boceta quente. O prazer aumentando, até me ver enterrado mais fundo dentro dela. Gozamos um em seguida do outro, os gemidos ecoando no quarto quase como sussurros.

Quando finalmente nossas respirações normalizaram, trouxe-a de frente para mim. Meus lábios tocaram os dela, quase que com a mesma leveza que uma pluma.

— Descansa — sussurrei, ao abraçá-la.

Seria uma noite longa.

Voltar ao trabalho não seria algo muito fácil. Enquanto eu andava pelo corredor, sentia os olhares das pessoas caírem sobre mim. Parecia que eu estava nos dias estressantes de quando estava sendo assediado pela imprensa, sendo chamado de o “Hipster da Federal”.

Só que, desta vez, o motivo de tanto interesse era bem diferente daquela época. Eu havia ajudado a colocar um de nós em uma cela. Nosso chefe, para ser mais exato. Levaria algum tempo, até que as coisas voltassem a se normalizar.

— Como andam as coisas por aqui? — perguntei a Henrique, assim que entrei na sala que dividíamos.

— Exatamente como você viu. Aliás, te devo um pedido de desculpas — disse ele — Agora entendo como era para você, na época que estava sendo assediado.

Tendo me ajudado em tudo em relação a Dias e as provas que encontramos, Henrique recebia os mesmos olhares curiosos que eu. Claro que nem se

comparava em ter o rosto estampado em capas de revistas e programas de TV. Mas ele podia sentir um pouco o quanto a história do “Bonitão da Federal” me incomodou. Eu não era um artista à procura de reconhecimento e sucesso. Aprender a lidar com a fama momentânea, da noite para o dia, foi complicado.

— E já temos um substituto para o Dias?

— Por enquanto, ficaremos sem delegado — disse ele — Até que transfiram ou venha do concurso que irá abrir em alguns meses.

— Você deveria prestar — sugeri a ele — Tem todos os requisitos, e seria bom ter alguém realmente honesto entre a gente.

— Eu não sei — ele coçou o queixo — Preciso pensar.

Esperava que Henrique realmente considerasse. Seria muito ruim, porque perderia mais do que um colega de trabalho, perderia um parceiro em quem confiava cegamente, mas eu realmente acreditava que a PF precisava de pessoas como ele, íntegras.

— Dias e Miguel ainda estão aqui?

Ele me olhou, carrancudo:

— O que você quer com eles?

— Apenas trocar algumas palavras — escorei-me em minha cadeira, movimentando-a.

— Leonardo!

— Eu tenho direito a isso, Henrique — disse, com firmeza — Se coloque um minuto em meu lugar. Se fosse uma de suas irmãs? Ou a mulher por quem se apaixonou?

Eu toquei em um ponto delicado. A família de Henrique era intocável para ele.

— Tudo bem — disse ele — Mas não vá fazer merda. Lembre de Gisele e que você é o suporte dela agora.

Henrique havia adotado Gisele como eu um dia o adotei como um irmão. Ele a colocou debaixo de suas asas, e eu sabia, por conhecimento de causa, que se fosse preciso, a protegeria até de mim.

— Prometo não fazer nada tão estúpido.

— Nada tão estúpido? — ele riu, e fomos em direção às carceragens.

Antes de seguirmos para as celas onde estavam o Dias e Miguel, passamos na sala onde ficava o monitoramento das câmeras de vigilância.

— E aí, Raul? — Henrique cumprimentou o agente, responsável pelas câmeras, com um toque de mão estalado — Como vai?

— Assistindo filmes chatos, como sempre — disse ele, se referindo às celas — Se bem que os novos inquilinos movimentaram minha sala por um tempo.

As pessoas deveriam estar entre chocadas e excitadas para visualizar o ex-

delegado ocupando uma cela para onde já conduziu criminosos antes.

— Onde estão o Dias e o Miguel? — perguntei, olhando todas as câmeras rapidamente, até encontrar um deitado na cama e outro andando pela cela.

— Dias está na cela 6 e Miguel está na 9.

— Tem como dar um pequeno defeito nas câmeras delas? — disse Henrique — Meu amigo aqui quer fazer uma visitinha a eles, e é meio tímido com as câmeras.

Raul olhou dele para mim. Claro que a história já deveria ter sido contada e recontada de inúmeras formas diferentes. Ele sabia que minha visita aos prisioneiros não era nem um pouco cordial.

— Pois é. Eu já avisei que esse sistema precisa ser renovado — disse, mexendo nas câmeras em questão, que logo ficaram escuras — Nunca me escutam. Vejam essas aqui. Acho que levo uns 15 minutos para conseguir arrumar.

Saquei muito bem o recado dado e saí imediatamente em direção à carceragem. O primeiro que vi foi o ex-delegado Dias, deitado em sua cama minúscula, folheando uma revista velha.

— Soube que conseguiu sobreviver — disse ele, colocando a revista de lado, sentando na cama — Você demorou em aparecer.

— Não por minha vontade. Teria acertado minhas contas com você assim que acordei, mas você não vai a nenhum lugar, não é mesmo, delegado? — fiz uma careta, como se me lembrasse de algo — Esqueci que você não é mais o delegado. É só mais um criminoso de merda que passará muitos anos em uma cela como essa.

— Como essa, não — ele olhou em volta, depois voltou a me olhar com um sorriso debochado — Eu tenho curso superior, e por serviço à polícia, tenho direito a uma cela especial, mesmo após ser julgado.

Era foda que existisse esse dispositivo na lei, mas Dias estava certo, tanto ele como Miguel poderiam solicitar tal privilégio. Eu os queria sofrendo em uma cela comum.

— Uma gaiola, mesmo que de ouro, nunca deixa de ser uma gaiola — disse a ele, antes de abrir a porta da cela — Não verá seus filhos casarem. Os netos nascerem. Até sua esposa, um dia, colocará outro homem em sua cama. Estará velho demais quando sair da cadeia.

Ele foi recuando na cama, conforme eu ia me aproximando dele. Via medo em seu olhar, embora quisesse demonstrar coragem.

— Se tocar em mim, Valença, eu vou denunciar você — disse ele, buscando algum lugar na cela minúscula para onde pudesse escapar.

Abri um largo sorriso, quando comecei a arregaçar as minhas mangas.

— Você sabe que a palavra de um bandido e nada valem a mesma coisa — respondi, indo para cima dele — Além disso, sabe tão bem quanto eu, que existem formas de eu te dar uma lição sem deixar rastros.

Depois de Dias, eu cuidaria de Miguel. Eles sentiriam na pele cada minuto do terror que causaram a Gisele.

Capítulo 38

Gisele Alencar

Estava ansiosa para rever minha mãe. Embora soubesse que ela estava se recuperando bem, os primeiros dias dela no hospital foram angustiantes, com a incerteza se ela sobreviveria ou não.

— É melhor você entrar sozinha — disse Leonardo, quando paramos em frente à porta do quarto — Acho que precisam conversar.

A médica relatou que mamãe estava bem e consciente de tudo à sua volta, mas só conseguia dizer poucas palavras. Ela precisaria da ajuda de um fonoaudiólogo e também de fisioterapia, para ajudar a recuperar as funções motoras. Então eualaria mais do que teria alguma resposta. Mas eu entendia o que Leonardo queria dizer. Precisava atualizar minha mãe sobre os assuntos relacionados ao meu pai. O que acontecera comigo durante o tempo que fiquei ausente e tudo sobre o meu relacionamento com Leonardo.

— Você tem razão — murmurei — Vai me esperar aqui?

Ele pegou minha mão, levando-a aos seus lábios: — Não irei a lugar nenhum sem você.

Uma enfermeira arrumava o travesseiro de minha mãe, por isso ela não me viu quando entrei, mas assim que a jovem se afastou, liberando seu campo de visão, os olhos dela caíram, arregalados e emocionados, sobre mim.

— Gi-giee-le... — ela tentou dizer o meu nome, e uma lágrima rolou por sua bochecha.

Ela ergueu um pouquinho a mão direita em direção a mim, pois todo lado esquerdo dela sofria sequelas do ferimento a bala. Corri a curta distância que nos separava. Além de agarrar sua mão frágil, inclinei-me sobre o corpo dela, abraçando-a forte.

Inicialmente, ambas apenas choramos. Eu tentei me recuperar o mais rápido possível, porque não sabia o quanto da carga emocional que emitíamos poderia ser prejudicial a ela.

— Senti tanta saudade, mamãe — toquei seu rosto, contorcido de dor e desespero — Mas estou muito feliz de vê-la melhor.

Ela havia errado em ter ignorado as coisas erradas que meu pai fazia. De ter sido conivente com a forma como o dinheiro sujo chegava às mãos dele, por ter medo de perder a vida fácil que tinha, mas ela era a minha mãe. Sempre se dedicou a mim, me dando amor e carinho. Ela errou como mulher e como cidadã, mas como mãe, não.

— Perdoaa... — disse ela, segurando firme minha mão — Perdoaa...ilha.

Passei as mãos pelo rosto, secando-o, e ocupei a cadeira ao lado da cama dela. Apesar de meu coração estar dolorido por vê-la nessa situação, sentia um alívio muito grande em ver que minha mãe estava arrependida.

— Não tenho que perdoar a senhora — disse a ela — Mas tem que saber que as coisas que papai fez foram muito graves.

Eu a atualizei sobre o que provavelmente ela não sabia ainda. Sobre o contêiner, as provas contidas nele, os políticos de quem meu pai tinha medo e tentou se proteger. Os milhões que tentou desviar. Por fim, de Leonardo, que me aguardava do lado de fora do quarto, sobre o ataque à nossa casa, o tempo que eu permaneci escondida e todo o resto.

— Você... — ela passou a mão no peito, onde batia o coração dela, depois apontou para a porta fechada.

— Se eu o amo?

Ela assentiu com um leve movimento de cabeça.

— Eu o amo, mamãe — a verdade em relação aos meus sentimentos por Leonardo ficou evidente em cada palavra que disse — Amo muito.

O sonho da minha mãe era me ver casada com um magnata importante ou um lorde, como Brian. Se nada disso tivesse acontecido conosco e levássemos uma vida normal, ela teria ficado horrorizada se eu apresentasse um namorado como Leonardo a ela. Só hoje, minha mãe era capaz de entender que o que importava não era a quantidade de dinheiro que você tem, mas o que vai dentro do seu coração. E Leonardo podia não pensar ou agir como um playboy, ostentando riquezas, mas ele era um homem decente, honrado, com valores, que me amava e cuidava de mim. Acima de tudo, ele me fazia a mulher mais realizada e feliz do mundo.

— Você quer conhecê-lo?

Ela sorriu e balançou a cabeça, dizendo que sim.

Pela primeira vez, depois de dias terríveis, consegui realmente acreditar que nossa história teria o merecido final feliz.

— Ela gostaria de te conhecer — disse a ele, quando abri a porta — Faria isso por mim?

Uma coisa era eu esquecer e perdoar minha mamãe, outra era Leonardo aceitar e se convencer do arrependimento dela.

— Ela pode ter agido mal, mas é a sua mãe — disse ele, segurando meu queixo, fazendo carinho em meu rosto com o polegar — A melhor coisa que fez foi você, e isso compensa todo o resto.

Meu coração colocou sapatilhas de balé e saiu rodopiando em meu peito com a declaração dele.

— E você diz que não é romântico — sorri, toda boba.

— A mulher certa faz maravilhas ao homem, mesmo que seja um pouco rústico, como eu.

Acho que ambos destacávamos o que havia de melhor um no outro. E eu passei a acreditar em almas gêmeas, porque a minha alma gêmea era ele.

— Mamãe, esse é o Leonardo — disse, quando entramos no quarto, com ele abraçado à minha cintura.

Para minha surpresa, após analisá-lo inteiro, mamãe sorriu e fez uma tentativa de piscar o olho direito para mim.

Não era da noite para o dia que tudo iria começar a melhorar para mim, mas começava a se ajustar, pelo menos era o que dizia meu advogado. Estava sozinha na sala dele, porque Leonardo só pôde me deixar no prédio, pois ele precisava trabalhar. Mas Luana viria me buscar assim que ligasse para ela.

Apesar de termos passado pelo pior de tudo, Leonardo não achava seguro que eu andasse por aí sozinha, sempre havia alguém comigo, me levando e buscando dos lugares. Acredito que seja por causa do policial Roberto Torres e o medo de que ele tentasse algo contra mim novamente.

Ele não me contava nada, mas eu sabia que ele voltara a investigar o policial corrupto e que só descansaria quando esse também tivesse o castigo que merecia. Eu temia pela vida de Leonardo, mas eu também sabia que só teríamos paz, que só viveríamos em paz, quando esse homem estivesse longe de nossas vidas. Então, o melhor era deixar que Henrique e ele cuidassem das coisas à sua maneira, e cabia a mim dar apoio a ele quando se sentisse estressado e rezar para que nada de ruim viesse a acontecer.

— Bem, seu nome não aparece em nenhuma ata, nem nas imagens e nas conversas gravadas — disse Fabrício, trazendo minha atenção de volta para ele e me atualizando de como se encaminhavam as acusações contra mim — Assim como, graças ao seu curso na Inglaterra, você tem um álibi seguro para todos os encontros e reuniões que teve.

Eu sentia grande alívio de que, no final de tudo, conseguiria provar que eu fora usada como laranja pelo meu próprio pai.

— Mas você ainda terá que esclarecer algumas coisas, principalmente no que se refere à Receita Federal. Como eu disse antes, com acréscimos de juro e correções, o melhor caminho é se desfazer de imóveis e outros bens — continuou ele — Falamos em torno de 73 milhões de reais. Lamento dizer que não restará muita coisa.

Os únicos bens que nos restariam era um apartamento que meu avô tinha

me deixado em São Paulo e as joias que minha ganhou nos primeiros anos de casamento com o meu pai, nenhum deles provenientes de nada ilegal.

Até mesmo os valores que possuía no banco, acumulados durante o tempo que estudei fora, seriam restituídos à Receita. Eu não queria nem um centavo desse dinheiro sujo e amaldiçoado.

— E a minha mãe?

— Não é um caso muito diferente do seu — disse ele — E o fato de colaborar com a justiça sobre algumas pontas soltas, denunciando os verdadeiros culpados, irá contar em muita coisa.

— E em relação à Carla Borges? — perguntei a ele.

Ele havia conseguido que a criança fosse submetida a um exame de DNA, para sabermos se o menino poderia ser, ou não, filho do meu pai.

— Deu negativo — disse ele, ao me estender um envelope — Sei que não deve ser do seu interesse, mas a senhorita Borges acabou de ficar noiva de um deputado. Não voltará a perturbar você e sua família.

Então o grande amor que dizia sentir pelo meu pai havia morrido junto com ele. No fim, as únicas pessoas que realmente o amaram, que lamentaram sua morte e que de alguma forma sentiriam falta dele, éramos eu e minha mãe. A família que papai nunca soube valorizar.

Levar uma vida mais simples tinha suas vantagens e desvantagens. Os pontos positivos é que estava sempre aprendendo uma coisa nova, e eu ficava realmente feliz quando elas davam certo, tipo cozinhar, por exemplo. A desvantagem era que a pia de louça não sumia como em um passe de mágica. Mas Leonardo era um namorado atencioso, nós dividíamos as tarefas. E claro, eu sempre o recompensava no fim.

Ainda não havia conhecido a mãe dele. Ela e a sobrinha estavam com o tio dele, no Rio, mas conversamos algumas vezes por telefone. Às vezes eu ficava entre nervosa e ansiosa, para conhecer Íris e Madalena.

— Tudo dará certo — passei a mão no espelho e encarei a minha imagem refletida nele.

Quando saí do banheiro, fui surpreendida por Leonardo sentado na cama. Seus cotovelos estavam apoiados sobre as pernas e suas mãos estavam entrelaçadas, apoiando o queixo. Ele parecia ter os pensamentos bem longe, tanto que não me viu me aproximar.

— Leonardo? — parei à sua frente.

— Eu tenho que te confessar uma coisa — iniciou ele — Algo que não te

contei antes, apenas porque não queria te preocupar. Eu não quero que fique brava comigo, por ter mantido isso em segredo.

Sabia que ele estava se referindo a Roberto Torres. Eu não estava zangada e nem ficaria chateada com o que ele tivesse que me contar.

— Comecei a investigar pesado o Roberto — disse Leonardo — Da forma certa, fazendo denúncia, conseguindo autorização para quebras de sigilo telefônico e bancário, e obtendo uma ordem judicial.

Eu ficava mais tranquila por ele ter iniciado isso da forma mais segura possível. Não suportaria que ele arriscasse sua vida mais uma vez, ou fosse ferido no processo.

— Nós vamos armar uma emboscada essa noite e...

— Emboscada?

— É, Gisele, não foi só o Roberto que investiguei, mas todos os envolvidos no tráfico de drogas com quem ele fazia negócio — explicou ele — Ele quer se aposentar do negócio. Vinha preparando outro cara, que será apresentado por ele hoje. Nós vamos pegar todos eles essa noite.

— Vocês implantaram o cara? — perguntei, receosa.

— Não, fizemos um acordo. Se ele ajudar a pegar o Roberto Torres em flagrante, terá redução na pena.

— E você precisa mesmo ir... — minha voz ficou falha.

— Preciso.

Eu tinha que me conformar. A vida de Leonardo era assim, ter que lidar com a parte mais suja da humanidade. E embora eu sentisse pânico cada vez que ele saía de casa, temendo que a qualquer momento algo de ruim pudesse acontecer com ele, Leonardo era meu herói sem capa. Era um dos muitos heróis que ajudavam e protegiam a vida das pessoas todos os dias e que nós não víamos.

— Tudo bem — disse, desfazendo o nó em minha toalha.

Seus olhos ávidos correram pelo meu corpo nu e imediatamente o brilho de desejo surgiu neles.

Passei minha mão em seus cabelos e puxei o elástico que prendia seu coque samurai. Eu nunca pensei que acharia cabelos masculinos sexy, mas Leonardo era tão seguro de si, que nada tiraria a masculinidade dele.

— Então eu vou te dar um motivo... — disse, ajudando-o a se livrar de uma das camisetas preta que sempre usava para trabalhar — para incentivá-lo a voltar bem rápido para casa.

Passei minhas mãos pelo seu peito nu, e quando as dele prenderam minha cintura, subi em seu colo, minhas pernas envolvendo as dele.

— Você nunca deixa de me surpreender, Gisele — murmurou ele, antes de

tomar meus mamilos, já excitados, em sua boca.

Tombei a cabeça para trás, oferecendo meus seios ainda mais a ele, que não titubeou em devorar cada um. Suas mãos desciam e subiam por minhas coxas, enquanto eu me esfregava em cima dele.

Leonardo fez uma suave massagem em meu clitóris, deslizou os dedos um pouco mais, levando-os em seguida à sua boca.

— Adoro o gosto da sua boceta — disse ele, mordendo minha boca, puxando levemente meus lábios com os dentes — Porra, eu adoro.

Estremeci com sua boca maliciosa, e minhas mãos sôfregas buscaram o botão e o zíper da sua calça jeans, liberando seu pau, e o acariciei até que ficasse duro em minhas mãos.

— Quero você — implorei, com um gemido — Agora!

Ergui meu quadril o suficiente para encaixá-lo em mim, então deslizei sobre ele.

Um arrepio gostoso correu pelo meu corpo, quando Leonardo me puxou mais para baixo, preenchendo-me inteira. Comecei a me movimentar, apoiando os joelhos na cama para me impulsionar sobre ele, que preencheu suas mãos com os meus seios. Às vezes acariciava os mamilos com os dedos, outras vezes se inclinava, beliscando-os com os dentes.

Eu gostava dessa posição, porque praticamente me dava o controle. E eu sempre era ansiosa na busca pelo prazer. Por isso cavalgava rápido e forte no pau dele. A construção do meu orgasmo vinha em pequenas ondas, pulsando, queimando, crescendo.

— Ohhh... — gemeu ele, e seus dedos cravaram em minha cintura, ajudando a me mexer — Porraa!

Seu rosto se contorceu em uma careta tão sexy, que foi o suficiente para eu me descontrolar.

— Leo... — soluzei.

Meus olhos se fecharam involuntariamente, enquanto os espasmos faziam meu corpo tremer junto com o dele. Gozamos quase que ao mesmo tempo que o outro.

Visivelmente destruída, caí molenga sobre Leonardo que, após um beijo suave em meu rosto, deitou na cama, me levando com ele.

— Não deu nem tempo de tirar o resto da minha roupa — disse ele, mostrando a calça embolada em suas coxas.

Passei a mão sobre os gominhos no abdômen dele.

— Podemos corrigir isso — murmurei, com um sorriso lânguido.

Capítulo 39



Leonardo Valença

Gisele era como uma caixinha de surpresas para mim. Acreditei que ela ficaria furiosa, por não ter compartilhado com ela sobre Torres. Mas além de entender as razões que me levaram a isso, me deu todo o apoio que precisaria essa noite. Isso me fez ter ainda mais certeza de que ela era a mulher perfeita para eu dividir a minha vida. Haveria outros casos no trabalho, outras missões que exigiriam sigilo e foco da minha parte. Eu sei que ela seria capaz de compreender.

Aprendia a admirar Gisele cada vez mais. Admirava os esforços que fazia para se adaptar à nova vida. Admirava a dedicação que sempre dispensava à mãe. Que sempre pensasse nas pessoas ao redor dela, como os empregados de sua antiga casa, que mesmo tendo que dispensá-los, conseguiu, com a ajuda de Luana e do pai dela, ajeitar cada um em seus novos empregos. Eu admirava o coração sensível e enorme que ela tinha. Que mesmo tendo crescido no luxo, cercada de conforto e coisas caras, por dentro era uma linda garota.

Eu a amava, e esse sentimento crescia e se fortalecia a cada dia. Além disso, o sexo com ela era sempre perfeito. Gisele me completava por inteiro. E eu fazia de tudo para que os momentos de tristeza e dor fossem apenas lembranças amargas, de um passado que iríamos esquecer.

Por isso, finalizar meu assunto com Torres, hoje, era primordial. Eu queria que ela vivesse em paz e sem medo. Jamais conseguiríamos isso com a sombra dele nos espreitando por aí.

Ajeitava a minha arma, quando a campainha soou. Saí do quarto

rapidamente, porque não queria que Gisele acordasse. O rosto sorridente de Luana surgiu assim que abriu a porta.

— Obrigado por ter vindo, Luana — dei espaço para que ela entrasse.

Ela olhou em volta da sala, depois caminhou até o sofá, onde deixou a bolsa.

— Onde está a Gi?

Eu havia combinado com Renato, um amigo do trabalho, que ele ficaria de guarda na frente do meu apartamento, só para que eu me sentisse mais seguro enquanto estivesse fora. E pedi a Luana que fizesse companhia a Gisele, impedindo que ela ficasse nervosa, até eu retornar.

— No quarto, dormindo. Ela...

— Não! Não me conte nada — disse Luana, fazendo uma careta engraçada, enquanto levantava as mãos — Uma boa amiga nunca sente inveja da outra. Mas faz tanto tempo que não sei o que é desabar na cama de exaustão, sem ser por causa dos livros, que é melhor eu não saber de nada.

Luana era uma moça bonita, e se estava sozinha, era por opção. No momento, se dedicava a concluir o último semestre do curso de Direito, para agradar ao pai. Mas Gisele afirmava que, na verdade, ela estava amadurecendo. Por todas as vezes que esteve ao lado de Gisele, no momento que muitas pessoas viraram as costas, a forma que sempre a ajudou e deu suporte a ela, acreditava que Luana era bem mais do que a garota avoada que deixava os outros pensarem dela.

— Eu não ia contar que passamos as últimas quatro horas gastando muita energia no quarto — disse, para provocá-la — Só que Gisele ficará feliz de acordar e ver você.

— Vou cobrar esse desaforo, com juros e correção — ela tentou jogar uma almofada em mim.

Novamente a campainha tocou. Dessa vez era Henrique, acompanhado de Renato, na porta.

— Por que não avisou que a cabeça de vento estaria no seu apartamento? — Resmungou Henrique, assim que entramos em meu carro.

— Acho que a cabeça de vento a quem se refere é Luana — disse, dando partida — Ainda não entendo sua implicância com ela.

— Topetuda. Acha que todos os homens devem se curvar à realeza.

Não enxergava Luana assim. Ela até era mais espevitada que Gisele, mas no fundo, era uma boa garota.

— Vai ter que aprender a aceitá-la. Ela é a melhor amiga de Gisele e você é o meu — o adverti — Serão nossos padrinhos de casamento.

— Pediu Gisele em casamento? — Perguntou, surpreso.

— Ainda não, mas farei isso assim que as coisas se acertarem.

Henrique assoviou. Poderia ser cedo demais para ele, ou para qualquer pessoa que nos conhecesse, mas eu não via motivo para esperar. Nós tínhamos passado pela morte várias vezes. A vida era frágil e inesperada, e não queria perder tempo esperando por um momento ideal. Eu a amava e queria construir uma família com ela. Acho que tinha pressa em viver.

— Vamos fazer logo o que precisamos fazer — disse a ele — Quero voltar logo para casa.

Voltar para Gisele.

O encontro entre Roberto Torres e o traficante que pagava a ele pelas informações e facilitação no tráfico de drogas, e Osvaldo Perez, outro policial corrupto, que supostamente iria ocupar o lugar de Torres, seria feito em um galpão abandonado, onde outrora existira uma zona industrial.

A nossa equipe já estava no local. Policiais à paisana, disfarçados e infiltrados entre moradores de rua e usuários de drogas. O furgão que servia como nossa base, equipado com os equipamentos de gravação e escuta, encontrava-se estacionado em uma área escura e estratégica, alguns metros dali.

Perez já estava no local, esperando os outros dois chegarem. Optamos por fazer um acordo com Osvaldo, para que nem Torres e o traficante suspeitassem de algo, se tentasse infiltrar alguém de nós. Tinha de ser bandido traindo bandido.

— O Perez parece nervoso — disse Henrique, ao retornar ao furgão — Não será nada legal se ele der para trás.

Tinha sido ele a dar as últimas instruções ao policial-bandido e ter colocado as escutas de forma que não levantassem suspeitas dos demais.

— Ele não vai voltar atrás — disse a Henrique, meu olhar focado em qualquer movimento na entrada do galpão — Já me certifiquei disso.

Eu havia feito uma visita quase que cordial a Osvaldo, no dia anterior, certificando a ele que trair a operação, ao pensar em desistir de nos ajudar a encurralar o traficante e Torres, seria muito ruim para ele. Eu tinha muito a perder, e seria capaz de fazer o impensável para proteger isso.

— Eu não vou nem perguntar o que você fez — resmungou Henrique, ocupando seu lugar ao meu lado.

Roberto finalmente apareceu, e alguns minutos depois, Portugal, como era conhecido o traficante, surgiu acompanhado de três soldados que faziam sua segurança. A conversa estava indo para o caminho que a gente esperava. Apesar de ansioso para que terminasse logo, Osvaldo estava conseguindo que Torres e o

traficante falassem o suficiente para levantarmos provas contra eles.

Mas era insuficiente para mim. Eu não queria que Torres pagasse apenas pelos crimes atuais. Eu desejava que ele despejasse a verdade sobre o meu pai.

— Mantenha a escuta, Henrique — disse a ele, ao conferir a que camuflei em minha roupa — Não deixe a equipe invadir até que eu peça.

Ele me olhou levantar, sem entender, por alguns segundos. Eu estava fugindo completamente do combinado que era: gravar a conversa, depois invadir o local e prender os criminosos.

— O que você vai fazer, Leonardo?

— Fazer aquele desgraçado falar — respondi, antes de abrir a porta — Encurrale o Portugal mais adiante.

Na minha conversa com Osvaldo, o havia atualizado em relação a algumas alterações no plano inicial. Isso, de certa forma, colocava em risco a emboscada de hoje, mas por nada no mundo deixaria o maldito do Torres sair ileso dos crimes contra meu pai. Por isso pedi que Osvaldo encontrasse algum jeito de segurá-lo no local, assim que o traficante e seus homens saíssem.

Assim que achei seguro me aproximar, afastei-me do carro e circulei o galpão, entrando pelos fundos.

— Eu não sei muito bem se quero entrar nessa, Roberto — ouvi Osvaldo se lamentar com ele — Você acha mesmo que esse traficante irá deixar você sair assim? Eu não quero acabar como o Valença.

Ouvi-lo citar o meu pai fez meu sangue gelar. Era uma manobra para fazer Roberto começar a abrir o bico, mas isso também fazia que a fúria reprimida dentro de mim começasse a ferver.

— O caso de Pedro Valença foi completamente diferente — disse Roberto — O Portugal sabia que estava sendo investigado por ele. Nós estamos fazendo negócios.

Saquei minha arma e me aproximei devagar, buscando uma melhor visão dos dois. Osvaldo estava de costas para a direção de onde eu vinha e Roberto Torres de frente a mim.

— Eu sempre soube que tinha seu dedo na morte do meu pai — a surpresa em me ver ali e o fato de estar com a pistola direcionada para o peito dele, impediram que Torres conseguisse alcançar a tempo a própria arma — Você armou tudo, não foi?

— Ainda me seguindo, garoto? — questionou ele, dando alguns passos em minha direção — Foi mais cauteloso dessa vez, deveria ter imaginado. O problema é que agora não tenho mais a desgraçada da Josefa para dizer o que você faz. Não deveria ter pedido para dar um fim a ela.

Então ele foi culpado pela morte da Jô? O que ficamos sabendo era que

uma tragédia terrível acontecera na casa dela. Havia dormido com o gás ligado, ninguém havia amanhecido vivo. Não era surpresa que Roberto tivesse encomendado a morte dela, depois que não servia mais para ele, mas me chateava que Jô estivera de conluio com ele para me prejudicar.

— Fique onde está — com a arma ainda apontada para ele, olhei rapidamente para Osvaldo — Você, saia. Meu assunto é com Torres.

Osvaldo não precisou de um segundo pedido, para sair correndo como um covarde que era.

— Depois do que aconteceu com o seu chefe, acreditava que iria parar de mexer onde não deve — disse ele, dando alguns passos cautelosos para o lado.

Eu entendia bem o que Torres fazia: tentava ganhar tempo para achar o momento certo para me desestabilizar. O que ele não via, era que eu fazia a mesma jogada, só que desta vez o xeque-mate estava comigo.

— Só que o Dias foi preso e você também irá — abaixei um pouco a minha arma, dando a ele uma falsa sensação de distração — Pelos crimes do passado e de agora.

Roberto sorriu e apoiou as mãos na cintura. A mão esquerda muito próxima de onde mantinha seu revólver. Ele só precisava que eu vacilasse um momento para sacar.

— Igualzinho ao seu pai. Muito coração no trabalho, pouca racionalidade. Vocês não podem salvar o mundo.

— Mas podemos livrá-lo de ratos como você — murmurei, olhando friamente para ele — Achou mesmo que deixaria a morte de meu pai impune e aquela mancha na memória dele, enquanto você caminhava livremente por aí? Achou que iria atacar a mulher que eu amo, para me fazer recuar? Não sou um covarde como você.

— Não, você é ainda mais insuportável do que o seu pai. Por que tanta revolta? Não foi do meu revólver que saiu a bala que o matou.

— Você o traiu.

— Pedro estava tentando me incriminar.

Como sempre, eles distorciam os fatos. A culpa era do sistema. O país que era uma merda, entre outras coisas, para justificar o fato de serem criminosos, como qualquer outro que conduziam a uma cela.

— Ele queria achar a verdade e encontrou, por isso o entregou ao traficante, não foi?

— Pedro sabia o que fazia, quando fez jogo duplo com Portugal. Quanto às provas contra ele, foi só dizer algo aqui e outra ali, implantar outras coisas — ele deslizou a mão um pouco mais em direção ao revólver, e eu me preparei em uma posição de defesa — Sinto muito, rapaz, eu não iria pagar o mesmo preço que o

seu pai. E nem vou deixar que você tente comigo o mesmo que ele.

Foi tudo muito rápido, em seguida. Roberto ergueu o revólver, e eu disparei rapidamente, acertando no lado do ombro em que ele empunhava a arma. Ele ainda tentou atirar contra mim, mas passou longe. Avancei a distância entre nós, enquanto ele caía, a mão manchada de sangue sobre a ferida.

Eu o desarmeí, chutando sua arma para longe, e o mantive ajoelhado, agarrado pelo colarinho, enquanto socava seu rosto, com toda fúria que reprimi contra ele. Policias invadiram o local. Henrique surgiu, liderando-os.

— Eu vou gastar até meu último segundo de vida para que pague pelo que fez — olhei friamente em seus olhos, antes de desferir o murro que o fez apagar de vez.

Era muito pouco por tudo que ele havia feito. Meu pai estava morto. Eu quase havia perdido Gisele, quando enviou seus capangas atrás dela. Eu tinha todo o direito à retaliação que eu desejasse.

— Chega, Leonardo — Henrique me separou dele — Roberto já está tendo o que merece.

Contra a minha vontade, ele me tirou dali, enquanto os outros policiais socorriam Roberto e conduziam-no algemado para a ambulância. Eu tinha cumprido o papel ao qual fui designado. Agora eu queria voltar para o lado de Gisele, de onde nunca deveria ter saído.

Dispensei Renato por uma mensagem de celular, assim que nos aproximamos do meu prédio. Não havia mais perigo, agora que Roberto fora detido e passaria alguns dias no hospital, antes de ser jogado em uma cela até seu julgamento acontecer.

— Trabalho encerrado? — perguntou Henrique, assim que chegamos à garagem do meu prédio.

— Até o próximo filho da puta que precisarmos deter.

Não éramos apenas mais dois agentes de inteligência da Polícia Federal; éramos dois homens sedentos por justiça. Roberto, Dias, Miguel, Portugal, eram apenas fatias do bolo.

— Será que pode me fazer um último favor, Henrique?

— Claro.

Não conversamos absolutamente nada durante o retorno para casa. Henrique entendia que eu precisava digerir tudo o que havia acontecido essa noite.

— Acompanha a Luana até a casa dela?

Agradecia que Luana tivesse ficado fazendo companhia à amiga, mas precisava ter meu momento sozinho com Gisele.

— Certo — a cara dele dizia que não curtia muito o meu pedido, mas ele faria mais esse sacrifício por mim.

Talvez fosse até bom para os dois, passarem um tempo juntos, para tirarem a má impressão que ficou um do outro.

— Leonardo! — Gisele pulou do sofá, correndo até mim, assim que abri a porta — Ah, graças a Deus...

Eu a abracei forte, como se temesse que alguém pudesse arrancá-la de mim.

— Você voltou — sussurrou, passando as mãos pelo meu peito, meio que para se certificar de que eu estava realmente bem.

— Eu disse que voltaria — sorri e beijei seus lábios, entre uma palavra e outra — E tinha um ótimo motivo para voltar... você.

Ouvi a porta sendo fechada às minhas costas, mas meu foco estava todo na mulher em meus braços.

— Como foi?

— Conseguimos pegar o desgraçado. Não precisa ter mais medo, agora.

Gisele sorriu, passando a mão em meu rosto tenso.

— Eu tinha medo, mas sempre soube que iria me proteger — seus lábios tocaram os meus levemente — Porque é isso o que você faz. Por isso, entre outras coisas, que eu te amo, Leonardo.

— E porque eu te amo muito, prometo sempre voltar — peguei-a no colo e ela enroscou as pernas em volta da minha cintura.

Sobre uma coisa que Roberto Torres disse, ele tinha razão. Eu colocava muito sentimento no meu trabalho, e isso era um risco. Tentaria ser mais frio, agora. Porque me manter vivo era uma das coisas para garantir o sorriso e a felicidade de Gisele. E eu faria qualquer coisa por ela, inclusive brigar e vencer a morte, sempre que me visse de frente a ela.

— Eu te amo mais — sussurrou ela, voltando a unir nossos lábios.

Fomos assim para o quarto, continuar os momentos apaixonados que iniciamos mais cedo.

Capítulo 40

Gisele Alencar

Prendi o cabelo em um coque rosquinha, depois mudei de ideia, iniciando uma trança, desistindo do penteado na metade, enquanto emitia um suspiro frustrado diante do espelho.

— Por que está tão nervosa? — Indagou Leonardo, que estivera um tempo me observando sem que eu percebesse — Falou várias vezes com a minha mãe pelo telefone.

Com Roberto Torres não representando mais perigo a nós, Leonardo achava que já era seguro, para sua mãe e prima, retornarem para casa e normalidade de suas vidas. Nós estávamos indo até o aeroporto para buscá-las.

— Não é a mesma coisa — respondi, olhando-o através do espelho — E se ela me odiar, quando souber...

Ele não tinha contado nada à mãe sobre tudo que passamos, para não preocupá-la. E, de qualquer forma, não eram coisas que podiam ser reveladas por telefone.

— Isso não irá acontecer. Vocês irão se dar muito bem — ele se aproximou, abraçou minha cintura e apoiou o queixo na minha cabeça — Além disso, você é a mulher que eu amo. A minha mãe só quer a minha felicidade.

Soltei um suspiro, quando as palavras dele começaram a me acalmar. Se pelas razões que eu destaquei a Leonardo, a mãe dele viesse a me detestar, faria o possível para conquistar o respeito e carinho dela.

— Vamos?

Coloquei a escova no balcão e decidi ir com os cabelos soltos.

Meus medos foram completamente infundados. Assim que Madalena nos viu, depois de abraçar e beijar o filho, dedicou o mesmo carinho a mim.

Enquanto Íris — de quem gostei ao primeiro olhar — e eu nos ocupamos na cozinha, fazendo um bolo que Leonardo amava, ele foi para o quarto com a mãe, contar tudo o que havíamos enfrentado com Dias, Miguel e Torres.

Senti grande apreensão quando Madalena saiu do quarto, acompanhada de Leonardo, cerca de uma hora depois. Os olhos e rosto vermelhos indicavam que havia chorado.

— Oh, minha querida — ela veio até mim, me abraçando forte — Sinto muito pelo o que aconteceu. Com seus pais. Com você. Com tudo isso.

Ela não me culpava, como temi. E quando meus olhos procuraram Leonardo, vi que ele sorria com a minha surpresa. Ele estivera certo. Madalena amava o filho e só desejava a felicidade dele. A nossa felicidade.

Os dias passaram voando. Minha mãe finalmente teve alta do hospital e passou o primeiro mês com a gente. Nós cedemos o quarto para que ela tivesse mais comodidade, assim, dormíamos na sala, o que não nos deixou muito confortável com a situação. Então acabamos por vender o apartamento que recebi de herança do meu avô e comprei outro menor para ela, próximo a mim. Eu não me importava nem um pouco em cuidar dela e nem Leonardo se aborrecia com isso, mas ela insistiu que tinha que dar espaço e privacidade a nós dois.

Ela também vendeu as suas joias e aplicou parte do dinheiro que conseguiu em um rendimento, e com a outra parte contratou Rosana, para fazer companhia a ela, enquanto se recuperava. Eu estava feliz que minha mãe estivesse determinada a mudar e se tornar uma pessoa melhor do que antes, que encarasse a vida menos luxuosa com coragem. As coisas poderiam ter acabado bem piores. Ela poderia ter morrido ou sido presa.

— Como estou? — perguntei a Luana, girando o corpo para que pudesse me analisar.

— Linda, como sempre — respondeu, sorrindo — Você sabe o que essa noite significa, não é?

Leonardo havia informado, dois dias atrás, que teríamos um jantar romântico no apartamento e que ele cuidaria de tudo, minha única preocupação seria ficar bonita e que me arrumasse na casa da Luana.

— Acho que sim — sorri, empolgada e um pouco envergonhada também — Só não quero criar expectativa.

Estávamos morando juntos e sabíamos que o que sentíamos pelo outro era verdadeiro, mas isso não significava que Leonardo pretendesse fazer o pedido. Talvez a noite seja apenas o que ele falou que seria, apenas uma noite romântica. E ele havia prometido que tentaria ser mais romântico do que demonstrava.

— Ah, meu Deus! — Luana retornou ao quarto, algum tempo depois — Você está preparada?

Como ela sorria e abanava as mãos, descartei qualquer possibilidade de ser algo ruim e acalmei meu coração.

— É melhor você ver... — disse ela — Seu homem chegou.

Parecia que era nosso primeiro encontro. Na verdade, acho que era, pois não podia classificar a primeira vez que nos vimos na boate como um encontro. E depois daquilo, aconteceram tantas coisas em nossas vidas.

— Anda, garota! — Ela bateu em minha bunda, fazendo-me pular para o corredor.

Comecei a descer a escada que terminava na sala de estar, mas parei no meio do caminho.

Leonardo estava parado, em frente à porta que dava para a varanda. Examinei-o de cima a baixo, e meu coração disparou ainda mais no meu peito.

Ele usava um conjunto de terno elegante, azul escuro, as mãos nos bolsos da calça que evidenciava ainda mais o traseiro perfeito que ele tinha.

Leonardo de terno era de tirar completamente o fôlego. Será que Luana estava correta e...

— Oi. — disse ao se virar para mim, quando sentiu a minha presença.

Senhor! Eu quase me abanei como Luana havia feito no quarto, quando ele se aproximou de mim. Mesmo todo elegante, ele emanava um ar felino, como uma pantera se aproximando.

— Você está linda — elogiou, olhando-me de cima a baixo.

Eu usava um vestido tubinho em um tom rosa nude, justo dos seios à cintura, mas com a saia levemente rodada e bufante. Luana havia prendido meus cabelos em um coque trançado, e a maquiagem estava leve e romântica.

— Você também está... Uau! — sorri, pegando a mão dele.

Leonardo também sorriu e beijou minha testa, depois meus lábios, antes de me conduzir para fora. Conversamos um pouco de como foi o dia dele e o meu, durante o percurso até o nosso apartamento.

— Eu poderia te levar para jantar em um restaurante elegante — disse ele, olhando-me de cima a baixo, quando paramos em frente à porta — Mas, sendo bastante egoísta, não queria dividir você com ninguém.

Ele era ciumento, cada dia um pouco menos, pois estávamos construindo uma relação à base de confiança, mas eu também era. E ele estava incrível essa noite. Também não queria presenciar outras mulheres revirando os olhos para ele, pelo menos não essa noite, então conseguia entender o que Leonardo queria dizer. Era uma noite especial nossa. Independente se eu fosse ou não ter um anel no dedo, quando ela acabasse.

A luz se achava apagada quando entramos, mas a sala não estava totalmente escura. Havia velas iluminando a mesa de jantar, e outras espalhadas em alguns pontos da sala. Também havia pétalas coloridas espalhadas no chão.

— É lindo — voltei meus olhos marejados para ele — Está tudo perfeito.

Acreditava que tinha alcançado o limite máximo da minha paixão por Leonardo, mas me enganei.

— Vou colocar uma música — disse ele, se afastando.

Não era do feitio de Leonardo fazer coisas melosas, ele era mais o tipo

intenso e sexy, por isso era totalmente compreensivo e fofo, que ficasse sem jeito com a minha reação.

— A melhor parte do meu dia — ele me puxou para os seus braços — Esperei ansiosamente por ele.

A voz suave e levemente rouca de Norah Jones começou a soar, cantando uma de minhas músicas preferidas “Come away with me.” Falava tanto sobre nós e de como eu me sentia com ele.

Dançamos em silêncio, uma música após a outra. Leonardo passando a mão em meus cabelos, outras vezes em minhas costas. E me sentia um pouco lânguida e muito feliz nos braços dele. Quando finalmente nós decidimos ir para a mesa, jantar, ele confessou que Íris o ajudou com a maior parte das coisas.

Podíamos não estar em um restaurante caro e elegante, mas a refeição não deixou nada a desejar. Desde a escolha perfeita do vinho, do prato principal a base de camarões, até a sobremesa feita de chocolate, fizeram meus olhos quererem se revirar.

A música continuou tocando baixinho, enquanto conversávamos. E foi como ter um restaurante cinco estrelas apenas para nós dois.

E quando eu pensei que a noite iria encerrar, sendo apenas uma noite romântica, vi-o se levantar e ajoelhar em minha frente.

— Gisele... — ele pegou minha mão, a dele estava fria — Sei que prometi tentar ser mais romântico...

— Eu não preciso que seja mais romântico — encarei-o com o olhar carregado de carinho — Preciso que seja apenas você. O Leonardo por quem me apaixonei.

Ele sorriu, balançando a cabeça.

— De qualquer forma, tentarei a cada dia ser e dar o meu melhor — disse ele, olhando-me docemente — Mas desejo também mais do que isso. Eu já te entreguei meu coração, agora quero entregar todo o resto. Não dividir a minha vida com você, mas somar a sua vida com a minha. Eu quero uma família. Filhos. Que nossos filhos nos deem lindos netos. Eu quero ver nossos cabelos ficarem grisalhos juntos. Eu quero você comigo até o meu último dia de vida...

Eu era uma pessoa que se emocionava muito fácil. Então, não foi surpresa alguma que, diante da declaração apaixonada dele, eu estivesse praticamente me afogando em minhas lágrimas.

— Quer se casar comigo? Fazer de mim o homem mais completo e realizado do mundo, e com isso, fazer cada um dos meus dias, ao seu lado, feliz?

— Eu quero — soluzei, entregando-me completamente às emoções que me dominavam, enquanto ele deslizava o anel em meu dedo — Sim, eu quero muito.

Ele se levantou, erguendo-me do chão com o seu abraço, girando feito

bobos, mas estupidamente felizes.

— Eu te amo — disse ele, quando parou para me beijar.

— Eu te amo mais — respondi em seus lábios.

Passamos por tantas coisas, em tão pouco tempo. Coisas que poderiam ter nos separado, mas acabaram nos unindo. Porque nosso amor foi, e era, mais forte que tudo.

Nem eu e nem Leonardo queríamos um noivado longo. Então, após visitarmos a mãe dele e contarmos à minha, marcamos a data para um mês depois. Eu também preferi um casamento discreto e simples. Contando apenas com a família e nossos amigos mais íntimos, que seriam os padrinhos.

O casamento também seria realizado em uma paróquia pequena, mas muito delicada e bonita. Eu não tive como não pensar no meu pai, instantes antes de entrar sozinha na igreja. Eu queria que as coisas tivessem sido diferentes. Que ele não tivesse feito nada do que fez e que pudesse ter me conduzido ao altar.

Mas esse era um dia de felicidade para mim, Leonardo e todas as pessoas presentes que nos amavam. Assim, no mesmo momento que esses pensamentos tristes vieram, os mandei para longe e segui em direção à nave. Em direção ao homem que eu amava.

O homem marrento, ciumento, às vezes um pouquinho possessivo, mas que me fazia sentir a mulher mais amada do mundo. O homem que desejava nada menos do que a minha felicidade e todos os dias buscava isso. Que construiria uma família comigo e seria um pai honrado e amado.

Caminhei em direção a Leonardo. Vendo amor em seus olhos. Unindo minhas mãos as dele, fazendo os votos que cumpriríamos enquanto vivêssemos.

— Está feliz, meu amor? — Leonardo perguntou, enquanto me conduzia na música dedicada somente a nós dois.

Desviei meu olhar do seu sorriso lindo, para olhar ao redor do salão de festas, fitando as pessoas que acompanharam de perto nossa trajetória até aqui e o quanto lutamos para ficarmos juntos.

— Eu nunca fui tão feliz em toda a minha vida — respondi, voltando a olhar para ele.

O homem que eu amava.

Que me amava e me protegia.

Meu marido. O agente foda da federal. Meu herói de todos os dias.

Capítulo 41



Gisele Valença

O dia do meu casamento foi muito importante para mim, mas hoje era o dia em que estive mais ansiosa para que chegasse. Após oito meses vivendo no escuro, suportando os pedidos e até mesmo chantagem emocional de Leonardo, para que Íris revelasse, finalmente iríamos saber o sexo do nosso bebê.

Quando Íris e Luana sugeriram, durante o churrasco que fizemos para anunciar minha gravidez, que mantivéssemos o sexo do bebê em segredo, inicialmente achei absurdo, tampouco que iria conseguir segurar minha ansiedade e curiosidade. Mas a ideia foi fomentando em mim, e quando a médica perguntou se queríamos saber, acabei dizendo que não.

Eu queria a surpresa. Queria que meu bebê soubesse que eu o amava, independente de como era. O que deixou Leonardo, inicialmente, maluco. Mas ele fazia quase tudo para me agradar, e enquanto a gestação progredia, seus cuidados comigo beiravam ao extremo. Então ele evitava me contrariar em qualquer coisa, para que eu ficasse sempre tranquila e bem. Às vezes, eu abusava. Acho que toda grávida tirava vantagem de uma coisinha e outra, pelo menos era isso que eu dizia, quando minha consciência me acusava.

Foram oito meses de encantamento, de medo vindo de nós dois.

Seríamos bons pais?

Sim, porque já amávamos nosso pequeno presente mais que tudo no mundo.

Teríamos mais filhos?

Com certeza. Amava cada dia mais ver o meu ventre crescer, ver todas as

mudanças que a gravidez proporcionava, e Leonardo dizia que eu conseguia ficar ainda mais linda. E realmente eu me achava. Além disso, eu era filha única. E Leonardo, apesar de ter crescido com a presença da prima, era filho único também. Queríamos ter, pelo menos, quatro.

— Amor? — virei para a porta, de onde Leonardo me chamava — Está se sentindo bem?

Sorri para a minha barriga e passei a mão sobre ela.

— Estou ótima — disse a ele, vendo-o se aproximar da poltrona onde estava sentada — Só queria uns minutinhos, antes de sabermos a resposta. Além disso, gosto de ficar aqui, vendo como tudo ficou.

Como a nossa família crescia, acabamos vendendo o apartamento para comprar uma casa maior. O quarto, que decoramos em tons de branco e amarelo, ficou exatamente como descrevi que queria a Leonardo. Eu não me cansava de passar um tempo ali, sonhando com a chegada do nosso bebê.

— Nesse caso... — iniciou ele, ajudando-me a ficar de pé — Podemos, por favor, apressar as coisas?

— Ansioso, papai? — sorri, divertida.

Acho que, de nós dois, sem dúvida alguma ele era o mais angustiado para saber o sexo do nosso filho, depois para finalmente tê-lo nos braços.

— Muito — Leonardo passou a mão em minha barriga, depois se agachou para sussurrar algo que só ele e o bebê escutaram.

Ele fazia muito isso. Dizia que era o momento deles e sua forma de se conectar.

— Então, vamos lá — disse, quando ele se reergueu, aceitando a mão que me dava — Também estou muito ansiosa para saber.

Fomos recebidos com festa, quando nos dirigimos para a mesa onde estava o bolo feito por Íris, a única que sabia se seria menino ou menina, pois a cor do recheio do bolo iria nos revelar.

— Anda logo, Gi! — Luana gritou, animada, de sua mesa — Diga a todos que a minha afilhada está para chegar.

— É um menino! — Henrique retrucou do seu lugar — Nosso afilhado.

Assim como foram padrinhos do casamento, nós os tínhamos intimado a serem os padrinhos do bebê. Mas queríamos mesmo era dar mais um motivo para que parassem de agir como gato e rato e comesçassem a se entender.

— Então... — Leonardo colocou-se às minhas costas, abraçando a mim e minha enorme barriga redonda, e perguntou assim que fiz o primeiro corte no bolo: — qual dos dois ganhou a aposta? Henrique ou Luana?

Olhei para o recheio do bolo, emocionada.

Não importava qual dos nossos amigos havia vencido.

Eu tinha, dentro de mim, uma prova de quão grande era o amor entre mim e Leonardo. Um amor que, outrora meio bandido, se transformou em um lindo conto de fadas, com direto a um lindo *felizes para sempre*.

Conheça também....

Epílogo

Leonardo Valença

Eu mal fechei a porta de casa, quando meu celular vibrou. Era uma mensagem de Peter, no WhatsApp. Eu nem precisava entrar no grupo para saber o que era, mas acabei fazendo de qualquer forma.

— Do que você está rindo? — ergui o olhar para Gisele, que trazia com ela o maior presente da minha vida.

— Papai! — os passinhos vacilantes correram, desajeitados, até mim — *Vinhão!*

— Peter enviou uma mensagem no WhatsApp de novo — respondi a Gisele e ergui minha princesinha no ar, fazendo com ela o avião que me pedia — O cara está simplesmente babando e mandando-me uma foto por cada suspiro que o bebê dá.

— *Vinhão, papai!*

Victoria pediu novamente, quando comecei a abaixá-la.

— Ele só está feliz — justificou Gisele — É o primeiro bebê deles. Lembro muito bem como você ficou.

Eu não podia refutar. Tinha ficado bastante insuportável quando nossa filha nasceu. Mas só mostrei a foto de nossa menininha, a todo mundo que via, durante sua primeira semana de vida. A criança de Peter já entrava para o terceiro mês. O cara era um pai mais do que babão.

— Papai, *pincesa* e *vinhão*. — disse Victoria, toda animada — Tio Pepe! *Pincesa! Vinhão...*

Desde que soube que iríamos voar de avião, para visitar a Disney, conhecer as princesas, visitar o tio Peter e ver o bebê deles, ela passou a semana toda animada com isso.

— Sim, amorzinho. Nós vamos ver as princesas, tio Peter e andar de avião.

— Ela está tão animada com essa viagem — disse Gisele, quando a abracei do outro lado e seguimos para o quarto do nosso pequeno vulcão — Simplesmente não fala em outra coisa.

Dei um olhar cheio de amor para minha filha, em seguida para Gisele.

Sentia muita admiração pela mãe maravilhosa e esposa incrível que era. Além de orgulhoso da mulher talentosa, independente e segura que ela vinha se tornando.

Depois de ter ajudado Fabiana com a versão nacional do livro que escreveu sobre a vida dela, a carreira de Gisele, como tradutora e revisora de livros, começou a deslancar. Gostaram tanto do trabalho dela na editora, que agora

recebia muitos trabalhos freelancers para fazer.

— E você? Está animada?

— Bastante. Quero rever a Fabi para conversarmos sobre o livro novo.

O laço com os Stones havia se fortificado ainda mais, depois que Peter fora fundamental em me ajudar a encontrar as provas que inocentaram Gisele. Não devíamos mais nada um ao outro, mas uma amizade sincera se formara. Mesmo que estivéssemos tão longe, sabíamos que podíamos confiar um no outro.

Havia pessoas ruins no mundo. Eu lutava contra elas todos os dias, mas havia pessoas boas, decentes, honestas. Pessoas como Henrique e Luana. Amigos de verdade, que estando perto ou longe, zelavam um pelo outro.

— O que você está pensando? — Indagou Gisele, quando me viu perdido em meus pensamentos filosóficos.

— Que essa viagem seria uma ótima oportunidade para tentarmos o número dois — pisquei para ela, meu olhar animado dizendo tudo.

— Dois? — Victoria indagou, interessada — *Vinhão*?

— Bebê, meu amor — Gisele explicou, sorrindo — Mais um bebê.

Vinhão, Pepe, pincesa e bebê, realmente saltavam dos lábios dela, quando a coloquei no chão. Ela era uma mini Gisele, cheia de alegria e vida, que fazia meus dias ainda mais felizes.

— O que você acha? — puxei minha adorada esposa para os meus braços, enquanto nosso pequeno raio de felicidade pulava e brilhava em volta de nós.

— Penso que... Para que esperarmos mais um dia?

A voz do Coração

Série New York

Livro 8

Prólogo

Mamãe estava andando de um lado para o outro. Às vezes ela parava de andar e olhava fixamente pela janela. Afastava as cortinas, secava a mão no vestido e voltava a caminhar de um lado para o outro. Imaginei que estivesse brava. Não comigo, eu acho. Por via das dúvidas, resolvi ficar quietinho e brincar com o meu trenzinho e soldadinhos de chumbo.

Mamãe continuou andando e andando. Eu cansei de brincar, cansei de fingir que estava brincando. Às vezes ela olhava para mim e sorria, mas logo o sorriso ia embora e ela voltava para a janela, olhando.

Muito tempo depois, tempo suficiente para que eu já começasse a sentir sono no tapete onde estou, escutei a porta abrir com um estrondo. Meu pai surgiu, mas ele não me viu, e seu olhar era furioso. Eu me encolhi em um canto. Papai é bonzinho, mas quando fica bravo, tenho medo. Não queria que ele ficasse bravo comigo, ultimamente andava muito irritado com qualquer coisa.

Eu não lembrava de ter feito algo para deixá-lo irritado. Mamãe passou por mim, e também pareceu não me ver.

— Achou que eu nunca ia descobrir? — ele avançou até mamãe, sacudiu seus ombros, e ela começou a chorar — Achou que eu nunca ia descobrir?

— Willian, não é o que pensa...

— Meu melhor amigo e a vagabunda da minha esposa! Tudo o que tínhamos jogou na lama. Enfrentei tudo por você!

— Deixa eu explicar...

Eles brigavam, faziam muito isso nos últimos dias. Nos últimos dias eu tenho sido um menino bom. Não queria que meus pais brigassem por minha causa também. Mas eles continuavam gritando. O nome do meu tio Alef surgiu na conversa. Não sei do que eles falavam, apenas que meu tio é um traidor. Não gostava mais do meu tio Alef, ele fez meu pai brigar com mamãe. Ela estava chorando, papai estava chorando. Eu estou chorando.

— Eu te amei loucamente — o ouvi dizer a ela, com um olhar muito triste — Ainda te amo desesperadamente. De uma forma irracional. Não posso viver com você, mas eu também não sei viver sem.

— Willian, não faça isso! — ouvi mamãe berrar e segurar algo na mão dele.

Parecia com uma das armas que meus soldados de brinquedo possuíam.

— Pensa no Peter, pensa no nosso filho.

— Ele é meu filho? — a voz era dolorosamente amarga — Não tenho mais tanta certeza. Além disso, a criança merece algo melhor do que nós dois.

— Willian... — um som agudo me fez tapar meus ouvidos — Não...

Ouvi o pedido fraco de minha mãe, antes de ela cair aos pés do meu pai. O vestido amarelo foi ganhando uma tonalidade vermelha em seu peito. Como no dia em que eu derramei suco de morango em minha camisa, no jantar. A cor foi se espalhando e cobrindo tudo.

— Peter! — papai estava me olhando, chamando, de joelhos em frente a mim — Você nunca irá me perdoar e nem espero que faça isso. Eu sou alguém muito ruim. Alguém que o amor transformou em uma pessoa má.

Papai olhou para onde mamãe estava. Ele chora e chora, abraçando-a mais. A tinta na roupa dela começou a manchar a camisa azul que ele vestia.

— Não posso viver sem ela... não posso... — ele continuava a dizer, beijando seus cabelos, embalando o corpo imóvel em seu peito — Nunca ame ninguém assim. Nunca permita que alguém chegue tão perto, filho. Não seja fraco.

Ele apontou o metal em sua cabeça, e o ruído outra vez fez com que eu levasse minhas mãos até meus ouvidos. Papai caiu sobre minha mãe. Eu corri até eles. Tentei fazer o que papai fez com sua arma, de alguma forma eu sei que deveria fazer o que ele fez. Estavam indo a algum lugar, eu sentia, e queria ir junto com eles.

Não consegui arrancar a arma de sua mão, mas alguém me puxou do lado dos meus pais. Havia gritos, muitos gritos, vindos da minha garganta. Alguém me levava para longe.

Tudo parecia ruim. As coisas ficariam ruins.
Eu só não sabia o quanto...

Capítulo 1

Peter

Eu acordei mais pelo grito assustado da jovem ao meu lado do que pelo teor do sonho, se é que poderia chamar aquelas lembranças que tive assim, pois eram mais um pesadelo.

No chão, a morena escultural que tinha conhecido em uma casa noturna, na noite anterior, exibia um olhar assustado para mim, enquanto massageava um ponto dolorido em seu braço esquerdo, que não demoraria muito a ter uma cor arroxeada.

Rapidamente me dei conta do que aconteceu. Os pesadelos não apenas dominaram minha mente, também tomaram conta do meu corpo. Em algum momento, eu perdi o controle sobre mim e, mesmo sem querer, mesmo inconsciente, a machuquei.

Porra!

Aquilo já aconteceu antes. É por isso que eu evito trazer mulheres para a minha casa. É mais fácil irmos para a casa delas ou para um motel ter uma grande noite de foda, conversarmos por uma ou duas horas e, depois, seguirmos rumos distintos.

Não que eu seja um cafajeste, que pouco se fode. Embora uma ou duas mulheres com quem eu saí algumas vezes pensassem exatamente dessa forma. Não dá para transar com uma quantidade significativa de mulheres sem ter partido um ou dois corações no caminho. Eu compensava tentando ser o melhor amante possível. O prazer delas vinha antes do meu. E, talvez, esse possa ter sido o meu erro, no caso das apaixonadas.

— Sinto muito — eu realmente me sentia envergonhado ao estender minha mão para ela.

Ela me encarou com piedade antes de aceitar minha mão. Eu já vi esse olhar antes. Passava em sua cabeça que ela me entendia e conseguiria me ajudar.

Aquilo não era possível. Eu tinha a cabeça e a alma fodidas o suficiente para saber que jamais teria uma vida normal. Não uma que aquela jovem, cheia de boas intenções no olhar, acreditava.

E não apenas por ter visto meus pais morrerem na minha frente quando criança. Aquilo teria sido superado com amor e atenção. Mas eu não tive nenhum dos dois. Ao invés de amparo, recebi um avô que passou a maior parte do tempo me odiando e que não se preocupou em esconder isso. Ao invés de carinho, conheci o desprezo.

E o único ensinamento que tive de meu pai, e que se fixou em minha cabeça, foi que não deveria entregar meu coração nas mãos de ninguém.

— Você teve um pesadelo? — indagou a mulher, tocando meu peito que se movimentava com minha respiração acelerada — Quer me contar o que foi?

Afastei suas mãos de mim, e em um movimento rápido, joguei-a de volta na cama. Ainda estávamos nus, as roupas que foram arrancadas de forma frenética quando entramos no quarto continuavam espalhadas pelo chão.

— Prefiro fazer outra coisa — resmunguei, ao friccionar meu corpo contra o dela — Algo muito mais interessante.

Mordiscava sua orelha enquanto dizia todas as coisas que pretendia fazer com ela. De todas as formas que eu queria ter meu pau dentro dela e onde mais sentisse vontade.

Enquanto me vangloriava com as reações que minhas palavras começavam a causar em seu corpo, uni suas mãos cruzadas acima da cabeça e certifiquei-me de que as minhas a percorressem de cima a baixo. Tocando e explorando cada ponto ansioso pelo meu toque.

Desci meus lábios de seu pescoço, arranhando com meus dentes a pele em seu colo, e abocanhei um dos seios intumescidos com minha boca sedenta. Ouvi seus gemidos angustiados e sorri quando notei o corpo trêmulo arquear.

Deslizei a outra mão do vão entre os seios até suas coxas inquietas. Segurando firme, meus dedos cravaram na pele macia, abrindo-a um pouco mais para mim.

Testei sua excitação: deliciosamente molhada e pronta para me receber. Corri meus dedos úmidos pela fenda escorregadia, e não precisei de convite melhor para começar a fodê-la com os dedos, meu pau enrijecendo ainda mais com a cena erótica que desempenhamos juntos.

— Peter... — ela escorregou os braços, com a intenção de me tocar.

— Não! — soltei minha mão do seu seio e interrompi os movimentos que meus dedos faziam — Deixe onde estão.

Talvez tenha sido meu olhar determinado, ou a necessidade de entrega que a fez recuar, ao ouvir meu pedido. Fechou os olhos, completamente entregue a mim.

Não tenho problema algum sobre me tocarem, mas o foco nesse momento não sou eu. Na verdade, queria esvaziar minha cabeça e concentrar toda a minha atenção nela. Quero pensar e me concentrar em qualquer outra coisa que não seja em mim ou no meu passado fodido.

Voltei a dedicar minha atenção aos seus seios. Sugando, mordiscando, lambendo os mamilos sensíveis. Metendo dois dedos dentro dela, outra vez estimulei seu clitóris, equilibrando a intensidade de acordo com suas reações.

— Mais... — ela implorou — Peter...

Abandonei os seios onde estava me divertindo muito e dei suaves mordidas no ponto em que irradiava prazer. Coloquei o terceiro dedo, e o sincronizando com minha boca, ouvi os grunhidos desesperados ecoarem no quarto.

— Ahhh! — ela serpenteava na cama, as mãos agora agarrando o lençol — Isso! Isso, querido. Eu vou... eu vou. Humm...

Caralho.

Nada no mundo me alucinava mais do que presenciar uma mulher chegar ao clímax. Nada me deixava tão excitado.

Esperei que seus espasmos diminuíssem antes de começar a me afastar. Peguei uma de suas mãos e a fiz tocar em si mesma, massageando aquele ponto sensível que lhe dava prazer.

— Continue — ordenei.

Enquanto rasgava a embalagem do preservativo e o deslizava pelo meu pau, observava-a se masturbar para mim. Seria ainda mais excitante se tivesse outra mulher fazendo isso por ela, concluí com um sorriso cínico.

Quando se tratava de sexo, eu deixava todos os pudores de lado.

Ajoelhei entre suas coxas e agarrei suas pernas, abrindo-as mais. Ela gemeu pela fricção de sua mão e a antecipação de ter meu pau duro mais uma vez dentro dela.

Estava tão excitada e molhada que deslizei rapidamente em uma única investida. Inclinei-me sobre ela, minha boca em seu seio, minha mão no outro. Meu quadril investindo contra ela sem qualquer tipo de piedade.

Eu amava foder. Eu amava sexo. Amava ter uma mulher gritando meu nome enquanto proporcionava prazer a ela. Amava quando as coisas ficavam selvagens. Existia aquela fera dentro de mim que precisava ser liberta.

— Vire! — ordenei, no mesmo momento que a girava, fazendo-a ficar de quatro — Segure na grade.

Antes mesmo que ela pudesse tocar as grades da cama, dei uns dois tapas em sua bunda e voltei a estocar fundo. Uma mão em sua cintura comandando nossos movimentos e outra ao redor do pescoço. Segurando firme, tão firme como cada investida minha.

O quarto recendia a puro sexo e suor.

Era quente.

Nós dois fodendo feito loucos, de um jeito animalesco. Eu não sabia ser sensível ou delicado, não era meu estilo.

Soltei o pescoço avermelhado pelo meu agarre firme e segurei os cabelos longos, enroscando as mechas em meu punho, depois puxei levemente sua cabeça para trás. Passei a fodê-la duro. Senti uma urgência crescendo dentro de mim. Uma necessidade de tomar mais, exigir mais, mas nunca me dar mais que o suficiente.

Os gemidos de prazer que escapavam dos lábios dela passaram a ser pequenos choramingos desesperados, que indicavam que estava perto de gozar de novo. E quando senti que ela desfalecia em meus braços, entregue ao prazer, permiti que meu corpo encontrasse o dele.

Lori ainda dormia quando saí do meu quarto. Deixei uma recado para que batesse a porta quando saísse, meu sistema de segurança cuidaria do resto.

Embora já tivéssemos saído algumas vezes, seu nome e o fato de que nos esbarrávamos em bares e casas noturnas algumas vezes eram as únicas informações que tinha dela, e isto estava bom para mim. Eu não bancava o babaca que levava uma mulher para a cama sem ao menos perguntar ou lembrar o seu nome no dia seguinte.

Mas eu deixei bem claro, antes de irmos ao meu apartamento, que seria apenas uma foda, talvez algumas, se fôssemos tão compatíveis como parecíamos ser. O problema era que dificilmente existia alguma que não me achasse compatível na cama.

Sexo era sexo. Nós tiramos a roupa e fodemos até cansar. Bem, tirar a roupa nem sempre era necessário. O fato é que eu adorava as mulheres. Podiam ser altas, baixas, magras, cheinhas, loiras, negras, asiáticas, mais novas ou mais velhas do que eu. Bastavam me dar bola e entenderem que romance não era comigo.

Sinceramente, eu não queria ver nenhum coração partido. Podia beirar à arrogância, mas sou assim, e minha incapacidade de me entregar verdadeiramente tornava esse cuidado essencial.

Eu sempre sou honesto com todas elas. Aquela coisa “*o problema sou eu, não você*”, se encaixava mesmo comigo. Era foda que realmente fosse verdade. Eu nunca ameie alguém em meus trinta e quatro anos de vida. Claro que já senti afeição por algumas mulheres e até achei que algumas delas poderiam ser a minha outra metade. Durou até ambos estarmos infelizes e até a próxima gostosa cair na minha cama. Perdi algumas possíveis amigas e não gostei da experiência de ter uma garota com o coração partido por minha causa. Não, isso não inflava meu ego.

Bom, admito ser um cínico com sérios problemas de relacionamento, pelo menos é isso que meu médico costumava falar, mas não sou um completo babaca e cretino. Até acredito que existam bons relacionamentos, eu só não acho que um dia funcionaria para mim. E ser honesto sem nunca iludir ninguém com falsas promessas, apenas no intuito de esquentar minha cama, me trazia vantagens.

As mulheres viam que as respeitava, não importava se fossem fudas de algumas horas ou semanas. O que me faz ganhar alguns pontos e noites bem divertidas. Mulheres não querem apenas o príncipe encantado montado em um cavalo branco. Às vezes, elas só querem uma boa transa de uma noite, sem que o cara as encare no outro dia como uma vagabunda. Eu nunca as via assim. Trocávamos experiências. Era melhor assim. Levar uma vida simples e descomplicada.

Então, por que essa porra passou a me incomodar tanto agora? Por que deixava de ser tão divertido para parecer o mesmo do mesmo? E por que os malditos sonhos voltaram?

Poderia atribuir isso à tensão sobre o que aconteceu a Jennifer e Neil. Mas agora, com Konrad preso e Jennifer solta, não fazia sentido que as lembranças continuassem a me atormentar.

Eu precisava de respostas.

— Dr. Parker?

— Peter? — ele atendeu com uma voz preocupada.

Após alguns anos de terapia, eu só o procurava se algo realmente estivesse errado comigo.

— Será que poderíamos conversar?

Era uma sorte que o médico que tinha me tratado da adolescência até boa parte da idade adulta tivesse se casado com uma americana e vindo morar nos Estados Unidos. Mesmo que ele morasse em Washington.

— Claro.

Então, depois de um voo de quase uma hora, estava em Olympia, em um restaurante próximo ao seu novo consultório em Washington.

— Dr. Parker, eles estão voltando — informo, incomodado com o que sou obrigado a admitir — Quer dizer, nunca foram realmente embora, mas agora voltaram a ser frequentes.

— Seus pesadelos?

Anuí com a cabeça.

— Imagina o que pode estar trazendo-os de volta?

Cocei a cabeça, sem jeito. Havia pensado muito sobre a questão e, sinceramente, não estava gostando

nem um pouco das prováveis justificativas.

— Acho que é um pouco louco... — murmurei, inseguro.

— A mente humana é bem complexa, Peter — disse ele, naquele tom de professor universitário — O que pode parecer loucura para você, às vezes não é.

— É que... — olhei em volta, para ver se estávamos sendo observados por alguém, para então me inclinar em direção a ele — Os meus amigos... — pigarreei, sentindo-me um pouco mais desconfortável — Eles têm essa coisa... — movi a mão enquanto falava e fiz uma cara de nojo — Eles estão apaixonados.

Pronto. Era isso. Consegui colocar em palavras o que me atormentava há dias.

O Dr. Parker me encarou com genuíno interesse desta vez.

— E você quer algo assim para você — Não era exatamente uma pergunta. Estava mais para uma observação médica.

— É claro que não! — falei, nitidamente horrorizado — O amor deixa as pessoas idiotas e *fracas*, e eu não sou mais assim.

Já presenciei o suficiente o que cada um dos meus amigos tinha passado por causa da palavrinha com “A”. Definitivamente, eu não quero isso. Mesmo que eles pareçam agora enjoativamente felizes.

— Você sabe que tem problemas de relacionamento, não sabe?

Outra vez o doutor Parker com isso. Anos de terapia, e era a única coisa que ele conseguia me dizer.

— Doutor... — fiz a melhor cara debochada que eu conseguia — Fodi com uma mulher bem gostosa antes de vir até aqui. Não acho que eu tenha problemas em me relacionar com as mulheres. Ou homens, se essa fosse a minha opção.

— Sexo e amor são coisas completamente diferentes, até você sabe disso, Peter — disse ele, nem um pouco amedrontado com o olhar raivoso que dei a ele — Usar o sexo como escape ou para suprir outras necessidades nunca é saudável.

— Não sou viciado em sexo! — grunhi, irritado, e abaixei o tom diante de seu olhar irônico — Não tanto.

— Como acabou de dizer — continuou Parker —, seus amigos estão em um relacionamento e estão apaixonados. Não é vergonhoso ou surpreendente que deseje o mesmo.

Certo; sexo e amor eram coisas completamente diferentes. Qualquer idiota sabia disso. Mas se eu tenho a opção de escolha, fico com o sexo, sujo e quente.

— Mas eu não quero me apaixonar — repeti, e me senti uma criança birrenta se recusando a comer legumes.

Mas que inferno, doutor!

Era ele que estava me provocando. Eu não tinha nada contra o amor, quantas vezes precisava repetir isso?

Eu só não precisava ou queria esse tipo de complicação na minha vida.

— Eu não posso — afirmei sem titubear — Não sou bom nisso. Já tentei, e você sabe no que deu.

— Não pode chamar o que teve com Rose de relacionamento. Eram dois jovens perdidos fazendo muita merda.

— Eu a deixei morrer, exatamente como meu...

— A morte dela não foi sua culpa, Peter — Agora ele parecia irritado comigo. Anos de terapia, e sua afirmação ainda não me convencia. Sempre me senti responsável em relação a isso — Ela fez a escolha dela.

Que fosse. Ele nunca conseguiria entender, então deixei para lá.

O doutor Parker permaneceu calado, aguardando que o garçom nos servisse, e olhou seriamente para mim. Talvez eu tenha visto o mesmo olhar que Lori me deu, mais cedo.

Pena?

Com a mesma rapidez que surgiu, a expressão desapareceu. Eu não desejava a pena do Dr. Parker e de mais ninguém. Por que era tão difícil as pessoas acreditarem que eu era feliz como estava?

Eu tinha um trabalho que mantinha minha cabeça ocupada boa parte do tempo. Amigos e uma vida social ativa. Não me faltava nada.

Nada mesmo.

— O que acha de retornar à terapia?

— E alguma vez eu abandonei? — rebati, com ironia.

— Conversas esporádicas por telefone e encontros como esse não são terapia, Peter — ele suspirou, esfregando o rosto — Deveria ter escutado meu conselho e procurado um médico em New York.

Procurar outro médico significava ter que me abrir com outra pessoa. Sinceramente, eu não estava disposto. Já havia contado coisas demais ao Liam.

— Falei algumas coisas para o Liam — disse, na esperança de que tivesse alguma coisa positiva nisso.

— Seu amigo médico? — Ele ponderou sobre a minha afirmação — Mas ele não é cirurgião?

— É, e intrometido também — resmunguei, quando me lembrei de sua insistência e a breve conversa que tivemos em meu apartamento, há algumas semanas.

Obviamente revelei apenas o que quis revelar. Sobre como meus pais morreram. Foi o suficiente para sair do papel *“o solitário que não precisa de ninguém”* para o *“pobre menino órfão”*.

Era melhor que toda aquela merda e o que viera com ela ficassem apenas em minha cabeça e no passado. Somente Neil sabia mais sobre mim, isso porque dividimos o mesmo médico. Foi no consultório do Dr. Parker que nos conhecemos, anos atrás.

— Então? — perguntou o Dr. Parker, tirando-me dos meus pensamentos — O que me diz?

Parando para pensar, foi somente depois que tive aquela conversa com Liam que os sonhos voltaram com toda força a me atormentar. A princípio eram esporádicos, mas agora, com muito mais frequência.

— Sobre o Liam?

— Engraçadinho. Falo sobre voltar à terapia.

— Não acha que viajar de New York até Olympia para jogar conversa fiada seja um pouco demais, não?

Parker me encarou com a mesma paciência de um monge budista.

— Pode consultar alguém em New York, tenho várias indicações a oferecer.

Olhei duramente para ele antes de responder:

— Nem fodendo, doutor. Sabe — eu sorri com deboche — Olympia parece ser uma cidade maravilhosa.

Se fosse preciso que viajasse até Washington, para ter aqueles malditos fantasmas longe da minha cabeça e evitar acordar qualquer dia com um corpo esquarterado em minha cama, devido a uma reação incontrolada, seria exatamente isso que eu faria. Mas ninguém mais iria invadir minha mente fodida, procurando respostas que eu não queria dar.

Foram longas horas pensando no que o meu médico falou. Ainda tinha os conselhos dele fervilhando em minha cabeça, quando me joguei sobre o sofá. Mal liguei a TV, quando meu telefone tocou. O número era do meu contato na delegacia. Eu tinha pedido uma conversa com Konrad para segunda-feira. Provavelmente estavam ligando para confirmar.

— Stone?

— Myers?

— *Desculpe ligar a essa hora, mas você pediu que eu entrasse em contato caso alguma novidade surgisse.*

— Não se preocupe — disse, desligando a TV — Algum problema?

— *Depende do ponto de vista* — disse Myers — *Para a conclusão das investigações, não, mas talvez para os seus amigos, acredito que encerra a história.*

— O que quer dizer?

— *O Sr. Bauer está morto.*

— Morto? — levantei-me, impactado com a informação — Como assim, morto? O que aconteceu?

— *Ele se suicidou em sua cela, enforcado.*

O fato de Konrad ter sido preso não colocava ponto final em todo tormento que Neil e Jenny enfrentaram. Para mim, havia muitas pontas soltas ainda. Coisas que Konrad poderia enterrar junto com ele.

Meu sexto sentido dizia que algo estava muito errado naquela história.

— Estou indo até aí, Myers.

As poucas informações que colhi com a polícia não me ajudaram em nada. Aparentemente, ninguém visitara a cela de Konrad, além de alguns guardas. A morte dele tinha sido considerada suicídio, e embora parecesse ser mesmo verdade, algo para mim não se encaixava.

Não levou muito tempo para eu descobrir o que era.

Capítulo 2

Fabiana

Eu sempre acreditei que anjos tinham rostos suaves e adoráveis cabelos encaracolados, como nessas imagens que vemos em cartões de Natal. Por isso, acho que eu deveria estar em qualquer lugar, menos no céu. Porque o homem que me encarava, sob a cortina de fumaça que nos envolvia, poderia ser descrito de muitas formas, mas jamais como um anjo carregado de candura.

A verdade é que já faz algum tempo que eu deixei de acreditar em paraíso e anjos. Eu só poderia estar no meu purgatório. Tenho vivido ali por muito tempo, conheço-o muito bem.

— Eu vou te tirar daqui — a voz dele saiu firme e decidida.

Uma voz forte, que tinha o poder de me intimidar. Na verdade, o homem inteiro poderia me intimidar. Mas não foi apenas a segurança que ele exalava, além do corpo assustadoramente musculoso e intimidador que me fez encolher por dentro, como uma garotinha perdida em uma floresta escura.

Foi o seu olhar. Olhos castanhos caramelados. Ardiam tanto quanto o fogo que já deveria ter devorado a casa inteira e que não demoraria muito até chegar ao porão.

Eu sabia que deveria fugir dali, mas aqueles olhos... aqueles olhos que só poderiam pertencer a mais um carrasco enviado do inferno daquela casa, pareciam me enxergar de um jeito muito, muito diferente dos outros homens que encontrei no cativeiro.

Não via a pobre menina que, a qualquer momento, poderia ser subjugada, dominada e ferida. Aqueles olhos pareciam me ver de uma forma completamente diferente. Eles me acalentavam e assustavam ao mesmo tempo. Assustavam mais do que qualquer malfeitor, que deixara em mim inúmeras marcas.

Perdi a fé, a dignidade, a esperança, mas achava que ainda tinha intacta a minha alma. Tinha muito mais a perder agora. Havia uma ameaça nele que me alertava.

Fique longe!

Meu medo apenas intensificou quando o observei se afastar um pouco e tirar a camisa, mas ele apenas a amarrou em meu rosto antes de voltar a falar comigo.

— Coloque as mãos em meu ombro e proteja o rosto em meu peito — ele se ajoelhou ao meu lado e me colocou em seu colo, onde literalmente eu me senti desaparecer — Segure firme.

Não faça isso! Não confie nele, não confie em ninguém. Não cometa o mesmo erro, Fabiana! A voz gritava insistentemente em minha cabeça.

Mas minhas mãos simplesmente tiveram vida própria, enroscando-se no pescoço largo. Talvez, depois de tantos tapas, gritos e xingamentos, eu finalmente tenha aprendido a obedecer. Como uma escrava acostumada a seguir ordens, encostei minha cabeça no peito musculoso e fechei os meus olhos. Estava desistindo. Estava cansada de lutar ou de continuar lutando. Eu só queria fechar os meus olhos e encontrar a paz.

— Porra! — O silvo raivoso fez com que abrisse os olhos outra vez — Que droga!

O fogo parecia controlado, pelo menos estava melhor do que imaginei, mas havia um buraco no teto, em uma parte ainda em chamas, bem no local onde precisaríamos passar. Nós definitivamente estávamos indo em direção ao inferno ou tentando sair dele. Pouco conseguia ver com a fumaça espessa nos envolvendo, mas pude notar que o fogo não demoraria a chegar à escada onde tínhamos que passar para sair dali.

— Olha, não se preocupe, vou tirar você daqui. Terá que confiar em mim, ok? — Ele me olhou firmemente, aguardando minha resposta — Você confia?

Eu sabia que não deveria. Era um erro, como um dos muitos que havia cometido. Confiei em Nathan, e ele havia se provado o pior dos carrascos. Não conhecia mais o significado daquela palavra, confiança, mas balancei a cabeça positivamente, antes de uma forte onda de tosse tomar conta de mim.

Minha cabeça, olhos e nariz ardiam dolorosamente, e eu não tinha ideia de quanta fumaça já tinha inalado.

— Tudo bem — ouvi-o sussurrar baixinho — Quando eu disser três, nós vamos.

No um, ele me apertou contra o seu peito. No dois, enrolei-me como uma bola de pelo naquela

imensidão de massa e músculos. No três, preendi a respiração o máximo que pude e rezei para que ele conseguisse cumprir a promessa de nos tirar daquele tormento.

A casa estava completamente destruída. Embora eu estivesse com medo, de certa forma estava aliviada. Certamente, aquele homem estaria me levando para minha nova prisão, mas essa... essa casa em que vivi os piores momentos da minha vida, os momentos mais infelizes, que poucas pessoas no mundo seriam capazes de suportar, ficaria para trás.

Enquanto avançávamos, observei o teto sendo consumido pelo fogo. Uma parte dele caiu a meio metro de nós, levantando uma parede incandescente que o fez recuar. Outra parte caiu ao nosso lado. Estávamos assustadoramente sendo cercados pelo fogo.

Observei, em pânico, quando uma tora em chamas atingiu o braço do meu salvador — era assim que quis acreditar que ele fosse naquela hora — precisava acreditar nisso. Aquela era uma sensação estranha. Por dias e noites intermináveis, eu desejei estar morta e que, assim, tivesse fim o meu sofrimento, mas agora que estávamos diante dela, da morte, queria e desejava muito viver.

Uma segunda chance. Uma segunda chance de viver e recomeçar minha vida.

“Droga, eu juro que vou tirar a gente daqui”, ouvi a promessa enquanto tentava fazer com que meus olhos e corpo cansados não perdessem a briga contra minha fraqueza.

Vi quando alguns homens uniformizados entraram em nosso campo de visão. O homem que me carregava avançou para onde eles acenavam. Ele me protegia com o seu corpo o máximo que podia, deixando que o corpo dele fosse beijado pelas chamas, agora um pouco mais tímidas, em volta de nós.

Bombeiros começaram a lidar com o fogo, e rapidamente saímos da casa. Permiti finalmente voltar a fechar os meus olhos. Não me entreguei à escuridão, ainda sentia medo. Medo de abrir os olhos e ver que tudo não passou de minha imaginação e que, na verdade, ainda estava naquele porão esperando a morte.

Senti a brisa fresca sobre minha pele. Acho que já estávamos lá fora. Ainda me recusava a abrir os olhos. O homem que me segurava pareceu vacilar, mas me manteve equilibrada em seus braços.

— Pode me dar a garota agora, senhor — alguém tocou em meu braço, e encolhi o meu corpo.

Era estranho que eu me sentisse confortável com o homem que me carregava, mas tivesse aversão que outra pessoa me tocasse ou chegasse muito perto.

— Não! — o ouvi grunhir.

Ele realmente grunhiu como um cachorro de rua próximo ao ataque.

— Ela está... — reconheci a voz de Neil.

Uma espécie de alívio começou a tomar conta de mim. Se ele estava ali, significava que eu ficaria bem.

Eu estava a salvo agora.

— Viva — ouvi meu salvador responder a ele, enquanto me apertava ainda mais contra o seu peito.

— Senhor, pode me entregar a garota — o outro homem voltou a insistir.

Apertei os ombros dele, um pedido mudo de que ele não me abandonasse.

Estava tão fraca que achava que ele sequer havia sentido meu toque.

— E por que eu faria isso? — Ele rosnou outra vez, quase me fazendo sorrir em agradecimento — Não sei se nós podemos confiar em você.

Acho que eu era uma pessoa muito difícil de entender mesmo. Há poucos minutos estava verdadeiramente assustada com aquele homem, e agora, tudo o que eu não queria era que ele me deixasse.

— Porque ele é o paramédico, Peter? Porque ela inalou muita fumaça e precisa de cuidados?

Eu quis dizer alguma coisa, mas então me dei conta de que não poderia. Precisava me comunicar com Neil de alguma forma e dizer que estava tudo bem. Não queria estar nas mãos de estranhos outra vez. Estava segura onde eu estava.

Aquele homem. Peter. Ele arriscou a própria vida e segurança para me salvar. Ele nem me conhecia, mas fez muito mais por mim do que outras pessoas que conheci a vida toda.

Para me contradizer, uma tosse incontrolável tomou conta de mim antes que pudesse tentar fazer qualquer tipo de comunicação com eles.

— Está tudo bem — ele murmurou, tentando me acalmar — Você vai ficar bem.

— Senhor — o paramédico voltou a se manifestar, deixando-me muito irritada.

— Peter! — insistiu Neil.

E eu só queria que todos eles calassem a boca. Por que Peter não me tirava logo dali? Tudo o que queria era ir embora.

— Está bem! — Ele esbravejou, vencido, mas em vez de me entregar ao homem com os braços entendidos para mim, me colocou em uma maca — Mas vou ficar de olho em você — disse ao paramédico, com um olhar que só poderia ser denominado como assustador.

— Peter, eu adoraria discutir sobre isso. O que deu em você agora? — Neil tentava chamar a atenção dele, mas seus olhos estavam focados em mim. Dessa vez, eles não me assustavam. Havia muita ternura neles — Eu tenho um homem louco na minha casa! Com minha esposa e meus filhos. Depois você desconfia de tudo e todos à sua volta!

O homem louco a quem Neil se referia só poderia ser seu irmão gêmeo, Nathan. O pânico voltou a me dominar. Agarrei a mão de Peter e fiz uma súplica muda para que não me deixasse.

Neil estava voltando para proteger a esposa e seus filhos, mas quem iria me manter longe daquele louco do Nathan?

— Ei, vai ficar tudo bem — ele se inclinou e acariciou meus cabelos — Nunca mais ele irá chegar perto de você. Nem que eu mesmo tenha que dar um fim nele com minhas próprias mãos. Aquele verme não pode mais tocar em você.

Eu queria acreditar nele. Queria acreditar na promessa que ele me fazia, mas Peter não conhecia o Nathan, não como eu conhecia.

— Prometo que vou voltar — ele sussurrou, antes de beijar minha testa — Acho melhor cuidar bem dela — disse ao paramédico.

Senti as lágrimas rolarem pesadas em meu rosto, ao mesmo tempo em que uma máscara de oxigênio cobria meu nariz e boca.

Observei Peter se afastar de mim, enquanto minha maca era conduzida para dentro da ambulância. As portas foram se fechando, me privando da visão dele, e meus olhos finalmente cederam ao cansaço.

Talvez ele fosse mesmo um anjo...

^[1] A placa fria possui um número que não existe. Que o cidadão inventa, ou que retira de veículos que já foram baixados, ou seja, que já saíram de circulação.

^[2] A busca e apreensão é um procedimento que, como o próprio nome diz, desemboca dois atos, subsequentes um ao outro, interdependentes: procurar e apreender. O objeto da busca e apreensão pode constituir de pessoas ou coisas, art. 839. A medida será, respectivamente, real ou pessoal.

^[3] Intubado: uso de tubos respiratórios...auxílio na respiração.

Estubado: tubos retirados,respiração por conta própria do corpo

^[4] Ok. Correto. Eu irei amanhã. Muito obrigado, Peter.

Table of Contents

[Nota](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)